VANGA

A MAIOR PROFETISA DO SÉCULO XX

Tradução: Amadeu António

BORIS VADIMOVICH SOKOLOV

VANGA - A MAIOR PROFETISA DO SÉCULO XX

Boris Vadimovich Sokolov

Nota:

Esta é a primeira biografia crítica da famosa vidente búlgara Vanga (Vangelia) Gushterova (nascida Dimitrova). O autor procura estabelecer os fatos reais da sua biografia e compreender a natureza da sua enorme popularidade tanto na Bulgária como na Rússia. O livro analisa detalhadamente as profecias mais célebres de Vanga, incluindo aquelas que dizem respeito à Rússia.

PREFÁCIO

A famosa curandeira e vidente Vanga é uma figura absolutamente lendária. E não apenas porque muitos dos seus admiradores a consideram uma nova santa e uma profetisa inspirada por Deus. Muito mais grave é o facto de praticamente não existirem testemunhos documentais sobre a vida e a atividade de Vanga. Nem sequer podemos afirmar com certeza qual foi o nome que lhe deram no batismo, nem quando nem onde exatamente nasceu. Em vida de Vanga ninguém se deu ao trabalho de procurar documentos relacionados com a sua biografia.

Mas esses documentos também não apareceram até aos nossos dias, embora já tenham passado 18 anos desde a sua morte. E isso não surpreende. Aos fãs e seguidores de Vanga (e no mundo há muita gente que se apresenta como continuadora do seu ensino e que alega possuir as mesmas capacidades sobrenaturais) na verdade não interessam documentos sobre o seu ídolo. Preferem muito mais a lenda que se foi criando em torno do seu nome, lenda essa que começou pela própria Vanga e pelos seus familiares. Praticamente tudo o que sabemos sobre Vanga vem ou dela própria ou dos seus parentes.

A própria Vanga nunca escreveu nem publicou livros ou artigos, por isso os pormenores da sua biografia, as suas ideias filosóficas, bem como as receitas culinárias e os remédios de cura associados ao seu nome, só os conhecemos pelas palavras da sobrinha Krasimira Stoyanova, da irmã Lubka, mãe de Krasimira, e de um enorme número de admiradores que publicaram relatos das suas conversas com ela, além de descreverem inúmeros casos de curas milagrosas supostamente realizadas por Vanga e de profecias que se cumpriram. Claro que, neste processo, as palavras reais

de Vanga podem ser distorcidas na transmissão, mas para os fãs mais apaixonados isso não tem importância nenhuma. Eles preferem acreditar em cada palavra e não estão habituados a pensar criticamente no que Vanga dizia. A essas pessoas, repito, não precisam de provas das capacidades sobrenaturais do seu ídolo, tal como não precisam de pormenores documentais da biografia.

Contentam-se com aquilo que alimenta a lenda. Claro que também há céticos. Mas entre aqueles que se encontraram com Vanga ou que estudaram o seu fenómeno, esses são uma minoria esmagadora. Isso não significa que no mundo os admiradores de Vanga sejam muito mais numerosos do que aqueles que negam totalmente as suas capacidades sobrenaturais ou que, pelo menos, duvidam fortemente delas. Simplesmente as pessoas que rejeitam a telepatia, a previsão do futuro, as conversas com almas dos mortos e esse tipo de misticismo não destacavam Vanga de dezenas de profetas, videntes, curandeiros, clarividentes, telepatas e extrasensores semelhantes e não lhe dedicavam atenção especial. E, além dos negacionistas, existe ainda uma enorme quantidade de pessoas que são indiferentes aos temas místicos e para quem Vanga simplesmente não interessa.

Quanto aos céticos que investigaram a história de Vanga e tentaram desmascará-la, geralmente contentavam-se com o próprio ato de desmascaramento, sem entrar em pormenores biográficos. E há poucas hipóteses de que algum cético se dedique seriamente a escrever uma biografia crítica de Vanga. Simplesmente não lhes interessa. Mas também aos admiradores de Vanga não interessa a sua biografia real. Só os atrai o componente religioso e apaixonado da sua personalidade e do seu ensino. Por isso o estado real das fontes históricas sobre Vanga continua, ainda hoje, a deixar muito a desejar. E resta muito pouca esperança de que algum dia ser escrita uma biografia minimamente académica de Vanga. Até porque ela não deixou descendentes e, sendo cega desde criança, também não nos deixou qualquer arquivo.

E a educação da profetisa limitou-se a três anos de escolaridade numa casa para cegos. Aliás, por essa razão, são muito duvidosas as referências a autoridades filosóficas e a doutrinas religioso-filosóficas que lhe colocam na boca. Parece que os seus admiradores, muito mais cultos do que ela, simplesmente queriam reforçar com a autoridade dela as suas próprias construções filosóficas. Neste livro não me proponho apresentar uma

biografia fiável e completa de Vanga, até porque não existem fontes suficientes para isso. A minha tarefa é apenas refletir criticamente sobre o fenómeno, o ensino e a atividade de Vanga e do seu círculo, e tentar compreender que factos da história dela e da sua família foram claramente inventados e quais poderiam ter acontecido na realidade. Vou procurar também mostrar porque é que Vanga teve e continua a ter tantos admiradores e porque os milagres associados a ela não resistem à crítica nem do ponto de vista científico nem do simples bom senso.

Obviamente não vou conseguir convencer os admiradores de Vanga de que ela não era inspirada por Deus. Tal como também não vou conseguir influenciar o número considerável de opositores de Vanga, especialmente nos meios ortodoxos, que não negam as capacidades sobrenaturais da cega búlgara, mas estão convencidos de que elas vinham não de Deus, mas do diabo, e que multiplicavam não o bem, mas o mal no mundo. Mas vou tentar penetrar no mistério da personalidade de Vanga para compreender até que ponto ela acreditava naquilo que dizia, se enganava conscientemente os visitantes crédulos, se ela própria se iludia de boa-fé ou se era apenas um joguete nas mãos de quem a rodeava.

Vou tentar também dar aos leitores pelo menos algumas noções sobre a história da Bulgária e da Jugoslávia no período em que Vanga viveu e criou a sua própria realidade, conhecida apenas por ela. Isso ajudará a compreender melhor o seu fenómeno, a sua popularidade extraordinária e, a partir de certo momento, o evidente interesse das autoridades comunistas búlgaras na sua atividade. Eis o que escreve, por exemplo, a fervorosa admiradora de Vanga Lyubov Orlova: “O fenómeno da perceção extrassensorial da profetisa e clarividente cega Vanga não tem análogos. Antes dela o mundo não conhecia personalidades que dominassem em tal grau o DOM DA CLARIVIDÊNCIA.”

Dezenas de milhares das suas previsões, diagnósticos e receitas foram verificadas por cientistas e na esmagadora maioria revelaram-se verdadeiras. Vanga conseguia comunicar com os mortos, deslocar livremente a sua consciência no espaço e no tempo. Não é por acaso que escolheu como local de descanso e de sessões a zona de Rupite, junto à montanha que se ergue sobre o leito seco do rio Struma. Provavelmente era aquele o acumulador de que Vanga tirava as suas reservas de energia. Talvez a explicação do local onde Vanga viveu pudesse estar num horóscopo feito para o momento em que, segundo as suas palavras, “aqui

ardia um fogo terrível". Talvez assim também se tornasse compreensível o efeito da "rota das aves", ou seja, a passagem por cima daquele lugar de enormes bandos de aves que repõem energia antes de longas migrações. Muita coisa na personalidade desta mulher continua ainda hoje um mistério selado com sete selos.

E, no entanto, já hoje conseguimos explicar algumas coisas! Uma coisa é indiscutível: Vanga era uma pessoa perfeitamente terrena, com as suas qualidades e defeitos como qualquer um de nós, mas uma pessoa a quem a Razão Superior dotou de capacidades e possibilidades únicas. Não era dela aquela frase da profetisa: "Sobre nós vigia um enorme olho que observa todos os nossos atos. Ninguém nem nada pode esconder-se!"? Ela considerava-se representante dessa Razão Superior, considerava que era "a porta — para eles".

Como veremos mais adiante, o lugar onde Vanga passou as últimas décadas de vida foi escolhido de forma bastante casual e não tinha qualquer ligação com forças místicas. A divinização daquele local só começou depois de Vanga ter adquirido ampla fama como curandeira e vidente. O nome de Vanga há muito se tornou uma marca da moda. Publicam-se montes de livros de culinária com receitas supostamente de Vanga, extremamente úteis tanto para a saúde física como espiritual.

Vejamos um exemplo no relato da sobrinha Krasimira Stoyanova: "Um dos pratos preferidos de Vanga era a salada de inverno de legumes em conserva. Era tão saborosa e os legumes estalavam tanto nos dentes que todos os convidados se lembravam dela por muito tempo. Salada de inverno de legumes em conserva: pimentos verdes, tomates verdes, melancias verdes pequenas e melões verdes em quantidade à escolha, 5–6 maçãs, 2 raízes de rábano picado fino, colocar tudo em 4 potes de barro, juntar 1 colher de chá de grainhas de mostarda. Para 10 kg de legumes usávamos 2 chávenas de chá de sal grosso. Cozinhar os legumes, tapar os potes com um pano limpo e deixar 10 dias a salgar. Durante todo o inverno até abril tínhamos em casa legumes deliciosos."

Pois bem, temos aqui um prato perfeitamente comestível e provavelmente saudável da cozinha búlgara (macedónia) que, independentemente de Vanga, milhares de donas de casa preparavam e preparam, só não lhe chamam pelo nome dela. No lar de cegos Vanga aprendeu os básicos da culinária. Depois, ajudando o pai que ficara viúvo pela segunda vez, certamente se tornou muito mais habilidosa na arte de

preparar comida saborosa e saudável. E, como toda a boa dona de casa, sem dúvida introduzia algo de original nos receitas tradicionais. Mas as receitas "de Vanga" nunca teriam sido tão populares se por trás não estivesse a fama de grande curandeira e clarividente capaz de ver o passado e o futuro.

Muito frequentemente chamam Vanga de clarividente. Mas o que é, afinal, a "clarividência"? Uma resposta bastante detalhada a essa pergunta já era dada pelo Dicionário Enciclopédico de Brockhaus e Efron. Ele define assim a clarividência: "A clarividência abrange um vasto conjunto de fenómenos baseados na capacidade de perceção extrassensorial, ou seja, receber impressões do mundo exterior sem o auxílio dos órgãos dos sentidos, coincidindo nesse aspeto com a chamada telepatia (isto é, transmissão e leitura de pensamentos à distância sem recurso a meios audiovisuais. — B.S.).

Desde os tempos mais antigos existiu a crença de que certas pessoas especialmente dotadas conseguiam, graças a capacidades sobrenaturais ou com a ajuda de forças divinas ou demoníacas, adivinhar o futuro ou saber o que estava a acontecer naquele momento a grande distância delas; por outras palavras, conhecer fora das condições de tempo e espaço aquilo que é inacessível aos simples mortais, para quem o futuro está oculto e a perceção do mundo circundante se limita à esfera de ação dos órgãos dos sentidos externos, sobretudo a visão e a audição, e depois o olfato, o tato e o paladar.

Evidentemente, aqui fala-se apenas do conhecimento de circunstâncias concretas, e não de uma previsão que se baseie no pensamento abstrato. A este grupo de fenómenos pertencem os oráculos, os sonhos proféticos, os pressentimentos proféticos, enfim, todos os tipos de predição exata de acontecimentos futuros, por exemplo a morte de alguém num determinado dia; além disso, adivinhar pensamentos, diagnosticar a doença de uma pessoa ausente sem quaisquer dados reais sobre ela, ser capaz de ler através de um invólucro opaco, etc. Essas capacidades estão estreitamente ligadas à magia, à feitiçaria, ao ocultismo, enfim, ao dom de fazer milagres, que representa, no fundo, apenas a aplicação ativa das mesmas forças sobrenaturais em que se baseiam os oráculos e os clarividentes.

A realidade de tais fenómenos foi sempre rejeitada pela ciência positiva, e os factos apresentados como prova da sua existência reduziam-se em parte a invenções, em parte a fraude e auto-sugestão. Ainda hoje,

porém, os seguidores da visão mística do mundo (para não falar dos espíritas) insistem na sua realidade, admitindo um vasto conjunto de fenómenos ditos ocultos (obscuros, misteriosos), que não se submetem a explicação racional e que ocorrem ou graças à intervenção de espíritos, ou a uma força psíquica especial própria de certas pessoas (médiuns), ou a uma ação direta entre as almas humanas. Em particular, a clarividência tornou-se objeto de estudo por parte de cientistas e médicos em ligação com os fenómenos do hipnotismo, que no final do século XVIII, sob o nome de magnetismo animal, também estava rodeado de uma aura mística (ver Hipnotismo).

Nomeadamente, os sujeitos mergulhados em sono hipnótico por vezes entravam num estado peculiar, o chamado estado sonambúlico, durante o qual respondiam a perguntas e realizavam ações complexas diversas, obedecendo às ordens do hipnotizador e mostrando uma sugestionabilidade extremamente elevada. Quando, no final do século XVIII e início do XIX, as sessões hipnóticas (ou magnéticas) eram conduzidas por pessoas não preparadas para a análise científica e muitas vezes com a ideia pré-concebida de que no hipnose se manifestavam-se forças misteriosas, o estado especial do período sonambúlico levava muitos a admitir que os sujeitos hipnotizados, sobretudo mulheres (as sonâmbulas), possuíam capacidade de clarividência.

As sessões de magnetismo eram então especialmente populares em França, e as declarações sobre clarividência das sonâmbulas, os relatos das suas diversas capacidades maravilhosas surgiam de todos os lados com grande insistência, provocando grande agitação na sociedade e na imprensa. Em 1837 a Academia de Medicina de Paris instituiu um prémio de 3000 francos pela prova factual da clarividência. O prémio seria dado a quem conseguisse ler um texto encerrado num pacote opaco, sendo a verificação feita por uma comissão de sete membros da academia. Durante três anos várias sonâmbulas se apresentaram ao teste, mas nenhuma o passou, e em 1840 a questão foi retirada da ordem do dia.

Depois, nos anos 80 do século passado, a clarividência, juntamente com outros fenómenos ocultos (adivinhação de pensamentos, sugestão à distância, pressentimentos proféticos, aparições, etc.), foi objeto de investigação experimental por parte da Sociedade Inglesa para Pesquisas Psíquicas. Independentemente dela, o fisiologista francês Richet realizou na mesma época uma série de experiências com sonâmbulas, e também na

Alemanha, onde renasceu o interesse pelo ocultismo, se dedicaram à verificação desses fenómenos. As experiências sobre clarividência consistiam sobretudo em pedir à pessoa testada que desenhasse ou descrevesse verbalmente um desenho desconhecido para ela e encerrado num invólucro opaco. A comparação do original com a reprodução dava na esmagadora maioria dos casos resultados negativos, e apenas em casos raros se notavam indícios de uma vaga semelhança, que com muito esforço se poderia atribuir a perceção extrassensorial. Além disso, Richet testou a capacidade das sonâmbulas de diagnosticar a doença de uma pessoa ausente, sem descrição dos sintomas, apenas por um tufo de cabelo.

Também esses testes deram resultados totalmente negativos. Assim, deve reconhecer-se que as tentativas de fundamentar a clarividência em dados convincentes para a crítica científica se revelaram inviáveis". Portanto, Vanga estava longe de ser um fenómeno único. Teve uma imensidão de predecessores, do conde Cagliostro (Giuseppe Balsamo) a Wolf Messing, e da existência da maioria deles ela nem sequer suspeitava, tal como ignorava que a prova factual da existência da clarividência nunca chegou a ser encontrada. No prefácio da tradução russa do livro da sobrinha de Vanga, Krasimira Stoyanova, "A Verdade sobre Vanga", o conhecido escritor Sergei Mikhalkov afirmava: "Tive várias vezes a oportunidade de estar na Bulgária, onde conheci a clarividente Vanga de Petrich. Numa das minhas viagens a Sófia, conversando com Todor Zhivkov, mencionei o meu encontro próximo com Vanga.

— Vá lá sem falta — aconselhou-me Zhivkov.

— Eu próprio não acreditava muito no que contavam sobre ela até me convencer pessoalmente do dom extraordinário desta mulher cega. Na conversa comigo, ela lembrou-me algo que nenhuma alma viva no mundo, além de mim, poderia saber… As palavras de Zhivkov reforçaram ainda mais o meu desejo de ver Vanga o mais rápido possível. O nosso encontro aconteceu. Depois visitei-a mais algumas vezes. Aquilo que Vanga me predisse cumpriu-se ou está a cumprir-se.

Realmente inesgotáveis são as possibilidades humanas". Pois bem, bem-aventurado quem crê. O fenómeno Vanga está inteiramente construído sobre a fé e desmorona-se facilmente se lhe aplicarmos o mínimo de racionalidade. INFÂNCIA Vanga (Vangelia Pandeva Gushterova, nascida Dimitrova) nasceu na cidade macedónia de Strumica, então no Império Otomano (hoje Strumica faz parte da República da Macedónia do Norte), a

31 de janeiro de 1911, filha dos camponeses Pande e Paraskeva Surchevi. Eram macedónios, mas na época búlgaros e macedónios eram praticamente o mesmo povo, falavam a mesma língua, mas estavam separados por fronteiras estatais. Verdade que A.V. Nesterova afirma que, segundo testemunho dos familiares, o verdadeiro dia de nascimento de Vanga seria 3 de outubro de 1911. Aliás, com a mesma facilidade poderia ter nascido em qualquer outro dia, um ano antes ou um ano depois. Afinal, não se conservaram (ou não foram encontrados) quaisquer documentos sobre o seu nascimento.

De resto, no Império Otomano, do qual a Macedónia então fazia parte, o registo de nascimentos tanto de cristãos como de muçulmanos não era particularmente rigoroso, e sobretudo os documentos correspondentes não eram guardados com muito cuidado. Além disso, pouco depois do nascimento de Vanga, três guerras rolaram pela Macedónia, e Strumica mudou três vezes de soberania estatal: primeiro búlgara, depois sérvia, depois novamente búlgara e, por fim, jugoslava, o que de modo nenhum favoreceu a preservação dos documentos.

A menina nasceu de sete meses e muito débil, ainda por cima com defeitos congénitos: dois dedos fundidos numa mão e num pé e os lóbulos das orelhas colados à cabeça. A recém-nascida foi embrulhada num meio-pelico de lobo e colocada ao quente, bem perto do fogão. K. Stoyanova afirmava: «Ninguém sabia se a menina sobreviveria, por isso puseram a criança mais perto do fogão, embrulhada num estômago de boi e coberta com lã não lavada, na esperança de que chegasse ao nono mês. Numa das noites de março, a menina chorou alto, e as "avós" videntes disseram à mãe que, na verdade, a criança nascera exatamente naquele momento.» Em Strumica, as crianças só eram batizadas quando havia reais hipóteses de sobreviverem. No caso de Vanga, esperaram quase dois meses, porque ela estava demasiado fraca.

Queriam dar à recém-nascida um nome segundo o antigo costume búlgaro-macedónio: os familiares da menina deviam sair à rua e perguntar o nome que devia ser dado ao recém-nascido à primeira mulher que encontrassem (tratando-se de uma menina). Mas, dessa vez, o costume foi ligeiramente alterado. A avó da recém-nascida, mãe de Paraskeva, saiu de casa e da primeira mulher que encontrou ouviu o nome Andromacha. À avó não agradou esse nome e, por isso, a recém-nascida foi batizada com o nome da segunda jovem que encontraram — Vangeliya (ou Evangeliya,

que em grego (Ευαγγελία) significa «boa nova»). É possível que tanto a segunda jovem encontrada pelos pais de Vanga como a primeira fossem gregas, pois tanto Andromacha como Evangeliya são nomes gregos.

Em Strumica, como em toda a Macedónia da época, viviam mais gregos do que eslavos-macedónios, e turcos havia tantos quantos eslavos. Segundo os dados do recenseamento de 1895, nos sanjaks de Skopje, nos vilaietes de Bitola e de Salónica, viviam 2,5 milhões de pessoas, das quais 22 % eram eslavos, 22 % turcos, 40 % gregos, 5,5 % albaneses, 3,5 % aromenos e 3 % judeus. Já em 1888, o diplomata sérvio Stoyan Novaković declarara que a população eslava da Macedónia formava um povo macedónio distinto e não era nem búlgara nem sérvia.

Essa ideia destinava-se a impedir a união da parte eslava da Macedónia com a Bulgária e a justificar a sua anexação à Sérvia como coletora das terras sul-eslavas. Em 1902, em São Petersburgo, estudantes da Macedónia fundaram a Sociedade Científico-Literária Macedónia, que propagandeava, entre outras coisas, a ideia da originalidade da nação macedónia. Em 1903, Krste Misirkov, na sua obra «Sobre as questões macedónias», fundamentou a existência de uma língua macedónia própria e reconheceu que os macedónios tinham interesses políticos próprios. As ideias do macedonismo foram apoiadas na Sérvia, mas na própria Macedónia não encontraram um círculo minimamente amplo de aderentes: a maioria dos eslavos macedónios, e sobretudo a elite cultural e política, considerava-se, nessa altura, búlgara.

K. Stoyanova apresenta a seguinte biografia do pai de Vanga antes do seu primeiro casamento: «O pai de Vanga — Pande Surchev — era ainda muito jovem quando se alistou como voluntário e partiu para lutar contra o jugo otomano. Foi capturado, compareceu perante um tribunal turco, que lhe ditou sentença de prisão perpétua na prisão "Yedi-Kule". Ali sofreu tormentos terríveis e já quase perdera a esperança de salvação quando, de repente, em 1908, foi inesperadamente libertado. Os "jovens-turcos", que chegaram ao poder e proclamaram a Turquia monarquia constitucional, decidiram, por deliberação governamental, libertar os prisioneiros das cadeias. De regresso à terra natal, Pande Surchev percebeu que os destacamentos de voluntários — as chetas — ainda existiam e voltou a integrar-se na luta. Pouco depois, porém, as chetas foram dissolvidas e todos regressaram aos seus lugares de origem.

Pande voltou a Novo Selo, mas em casa não encontrou ninguém. Os pais tinham morrido e o irmão desaparecera algures. Passava os dias a vaguear sem rumo, sem saber o que fazer. E de repente soube por acaso que a comuna da cidade de Strumica dava casas e terras turcas abandonadas aos colonos e decidiu mudar-se para aquelas paragens.

Deram-lhe uma casa velha na periferia da cidade. Quase todas as casas eram velhas, de taipa, e o bairro parecia mais uma aldeia abandonada do que uma periferia urbana. As ruelas eram estreitas, sujas, e à noite não se via um palmo à frente do nariz. Os pequenos quintais cercados de vedações de canas albergavam o gado, que à noite era fechado nos rés-do-chão das casas ou então todos os donos dormiam juntamente com ele. Todos os colonos eram habitantes das aldeias vizinhas — camponeses, pequenos artesãos, comerciantes — e tinham-se mudado para a cidade empurrados pela miséria. O aspeto pitoresco da periferia, apelidada pelo povo de "Svetiko", pois as casitas se agrupavam em torno da igreja dos Santos Quinze Grandes Mártires, era completado por algumas ruidosas famílias ciganas e pela família de um hodja que não quisera emigrar para a Turquia. Todos o chamavam Gül-baba, porque tinha um jardim com as rosas mais belas de toda a região.

O novo colono passou a viver em paz e harmonia com os vizinhos. Tendo recebido um pouco de terra, começou a cultivá-la. Primeiro viveu sozinho, mas depois chamou-lhe a atenção a frágil, como uma miúda, expedita e alegre Paraskeva, e tomou-a por esposa.»

Nesta narrativa, muitas coisas suscitam grandes dúvidas. Pande, a julgar por tudo, nasceu por volta de 1886. Dificilmente terá entrado nos partisans antes de atingir os 18 anos, ou seja, antes de 1904, ou até mais tarde. Mas entre 1904 e 1908, quando, segundo Krasimira, Pande já teria sido libertado da prisão turca, não houve levantamentos antiturcos na Macedónia. O levantamento fora antes.

A 3 de novembro de 1893, a juventude radical macedónia fundou em Salónica uma nova organização secreta, que mais tarde recebeu o nome de «Organização Revolucionária Interna Macedónio-Adrianopolitana» (VMORO). Desde o seu surgimento, os líderes da VMORO tinham como objetivo final a anexação da Macedónia e da Trácia à Bulgária.

Paralelamente à VMORO, em 1895 surgiu na Bulgária outra organização macedónia — o Comité Supremo Macedónio-Adrianopolitano (VMOK, os supremistas). Ao contrário da VMORO, o VMOK baseava-se

sobretudo no apoio do governo búlgaro e da diáspora macedónio-trácia na Bulgária. Também tinha como objetivo a integração destas terras na Bulgária. Na sua estratégia, os supremistas apostavam sobretudo não num levantamento armado geral, mas em operações de pequenos destacamentos que atuavam a partir do território búlgaro, bem como em propaganda junto dos Estados europeus. As relações entre a VMORO e o VMOK eram bastante tensas. À frente da VMORO estavam democratas e revolucionários de esquerda, enquanto o VMOK se orientava pelo governo búlgaro. Em 1901-1902, as incursões das chetas supremistas e os confrontos dos destacamentos da VMORO com unidades do exército otomano e da autodefesa muçulmana (bashibozuks) transformaram-se numa guerra de guerrilha ininterrupta.

No início de novembro de 1902, o congresso da VMORO tomou a decisão de preparar um levantamento geral. Em janeiro de 1903, num congresso clandestino da VMORO em Salónica, decidiu-se iniciar o levantamento na Macedónia. O plano aprovado previa que o objetivo da luta não era derrotar a Turquia, mas que a Turquia não conseguisse derrotar-nos. Quanto mais prolongada fosse a luta, mais provável seria a intervenção das potências europeias. Era preferível que o levantamento, mesmo muito fraco, durasse o máximo possível a que um levantamento mais forte fosse imediatamente esmagado pelos turcos. Assim, a Turquia poderia declarar à Europa que a ordem estava restabelecida e que não havia necessidade de intervir…

Na primavera de 1903, intensificaram-se as ações terroristas da ala radical da VMORO, que provocaram represálias das autoridades otomanas. A 4 de maio, num confronto com gendarmes turcos, foi morto o líder da VMORO, Georgi Delchev. As potências europeias intervieram na situação, e sob a sua pressão Istambul aceitou começar a aplicar reformas na Macedónia, enquanto a Bulgária dissolveu o VMOK. Contudo, os confrontos prosseguiram. Em conformidade com a decisão da VMORO, no dia de Santo Elias, 2 de agosto de 1903, eclodiu na Macedónia um levantamento armado, que ficou na história como o Levantamento de Ilinden. O seu centro foi o vilaiete de Bitola. O levantamento propagou-se rapidamente pelo vale do Vardar e pelas regiões de Lerin, Kostur, Ohrid e Edessa. Os insurgentes tomaram várias cidades, entre as quais Kruševo, onde foi proclamada a República de Kruševo. Ao levantamento juntaram-

se também as chetas supremistas, bem como a população da Trácia de Adrianópolis.

Em apoio aos insurgentes, posicionou-se a Bulgária, mas sob pressão das potências ocidentais e da Rússia, que pretendiam manter o statu quo nos Balcãs, limitou-se a medidas diplomáticas. A VMORO também não conseguiu que se juntassem ao levantamento os torbeshes macedónios (eslavos-macedónios muçulmanos), albaneses, turcos, gregos e sérvios. Isso predeterminou o fracasso do movimento. Contra os insurgentes foram enviadas o exército otomano e destacamentos de autodefesa, que juntos contavam cerca de 250 mil homens, e que se puseram a reprimir o levantamento. Segundo dados incompletos, na Macedónia foram queimadas 201 aldeias e mortos mais de 4 500 cristãos. Pelo menos 30 mil macedónios fugiram para a Bulgária.

Após a repressão do Levantamento de Ilinden, sob pressão das potências, o Império Otomano aplicou na Macedónia uma série de reformas. Os destacamentos de bashibozuks foram dissolvidos, os cristãos passaram a ter acesso a todos os órgãos estatais, foi criado o cargo de inspetor-geral da Macedónia, cujos adjuntos eram nomeados pela Rússia e pela Áustria-Hungria. Em 1904 foi assinado um acordo búlgaro-turco segundo o qual os participantes no levantamento foram amnistiados e a Bulgária, por sua vez, proibiu a atividade da VMORO e do VMOK no seu território.

Assim, no ano em que o pai de Vanga deveria atingir os 18 anos, os confrontos tinham justamente cessado. Não se pode excluir que Pande tenha participado no levantamento ainda muito jovem, como adolescente de 15-16 anos, tenha sido preso e tenha saído em liberdade com a amnistia de 1904. Mas é igualmente provável que Pande só se tenha integrado no movimento chetnik depois de 1904 e tenha sido libertado da prisão já com a nova amnistia que o governo jovem-turco proclamou em 1908.

Hristo Matov, líder de uma das correntes revolucionárias macedónias, recordava mais tarde: «Em 1903 tivemos… um levantamento em massa. Após o esmagamento dos camponeses revoltados, desenvolveu-se o chetnikismo, cuja atividade preenche o quadriénio de 1904-1908. Sob a influência do levantamento e do chetnikismo, a Turquia viu-se obrigada a iniciar a reforma financeira na Macedónia… A diplomacia internacional começou a levar-nos a sério. Mas então eclodiu a revolução turca. O chetnikismo cessou. Porquê? Muitos dos ativistas macedónios acreditavam

que a constituição turca daria possibilidade de luta legal e pacífica por amplas reformas na Macedónia. Eu e os meus amigos mais próximos não acreditávamos nisso. Mas outros acreditavam… A maioria das chetas desceu das montanhas. Disse então a dois dos meus voivodas, Petar Acev e Petar Čaulev: "Voltem para as montanhas, mantenham os outros e conservem as armas nas vossas mãos". Eles subiram, mas já era tarde, tiveram de regressar também… De 1908 até à primavera de 1910, não existiu absolutamente nenhuma cheta na Macedónia. Os voivodas e chetniks entraram nos clubes ou simplesmente afastaram-se, à espera. Após uma pausa de 15 meses, voltámos ao antigo caminho: começámos a reforçar as organizações rurais e a reconstituir as chetas.

As formas de organização já tinham sido elaboradas na época anterior à revolução turca. Foi segundo esse modelo que construímos. Nas aldeias e cidades foram restabelecidos os bureaux comités, na medida do possível eleitos, pelo menos pelos melhores e mais fiáveis elementos da população. As eleições eram feitas de comum acordo com as chetas. Em alguns lugares foram também recriados bureaux judiciais, comissões de arbitragem — para resolver todo o tipo de mal-entendidos e litígios entre os próprios macedónios.

Até 1908, tais comissões existiam em todos os locais. E depois — em todas as aldeias, milícia: voivoda, sub-voivoda, 10-25 rapazes. Antes, todas as nossas milícias estavam armadas. Mas os jovens-turcos, como sabem, procederam ao desarmamento da população: a uns tiravam as espingardas, outros entregavam-nas voluntariamente. Por isso, havia dificuldades com as armas.

Ainda assim, conservaram-se distritos quase totalmente armados. Agora quanto às chetas. Em cada setor de kaza (distrito) 1-2-3 chetas. Norma para uma cheta: 5-10 homens. Mas nos últimos anos, muitos membros da nossa organização "legal" comprometeram-se perante as autoridades — uns fugiram para a Bulgária, outros juntaram-se às chetas. Teve de se alargar a composição das chetas. Os chetniks, claro, estavam todos armados…

Em 1910 foi feito explodir um comboio entre Kumanovo e Skopje; a linha foi destruída, os vagões ficaram de lado. Na mesma altura realizaram-se mais 3-4 atentados, mais pequenos. Em 1911 foi destruído, no inverno, um comboio perto de Dojran; em Kičevo foi feito explodir o hükümet

(edifício governamental), em Salónica — um banco; em Veles — a estação e outros alvos.

No verão de 1912 recomeça uma série de atentados. Entre Veles e Skopje foram destruídos 17 vagões; para restabelecer o tráfego, os turcos viram-se obrigados a construir uma linha paralela. Em Salónica foram destruídos: primeiro o correio austríaco, depois o depósito de elétricos. Em Kruševo — o hükümet. E assim por diante.

Acusavam-nos de que com os nossos atentados provocámos o massacre em Štip e Kočani, do qual, aliás, a guerra propriamente dita recebeu o seu último impulso. Na realidade, em Štip aconteceu o seguinte: um chetnik levava uma bomba preparada para explodir a uma hora certa no hükümet, mas o edifício estava fechado. O chetnik não sabia parar o mecanismo. Então levou a bomba para uma loja turca: "Pese este embrulho, diz ele, que eu vou já buscar o burro". Matou 3-4 pessoas, destruiu a loja. Daí veio o massacre.»

Pouco depois do nascimento de Vanga, começou a Primeira Guerra Balcânica. Foi precedida pela formação, a 13 de março de 1912, da Liga Balcânica entre a Sérvia e a Bulgária. A 29 de maio juntou-se a este aliança militar a Grécia, e no verão o Montenegro concluiu um tratado de aliança com a Bulgária. A Liga Balcânica era apoiada pela Rússia.

O principal objetivo dos membros da Liga Balcânica era a guerra com a Turquia. A Bulgária planeava unir todas as terras que tinham pertencido ao Segundo Reino Búlgaro, existente entre 1185 e 1396 e conquistado pelos turcos-otomanos. À Macedónia, além dos búlgaros, pretendiam-na também sérvios e gregos; a toda a Albânia pretendia-a a Sérvia, e à sua parte norte a Albânia.

A Sérvia e o Montenegro disputavam entre si o sanjak de Novi Pazar, e a Bulgária e a Grécia disputavam a Trácia. Todas estas contradições territoriais mútuas, bem como a distribuição entremeada, na parte europeia do Império Otomano, de gregos, macedónios, albaneses e turcos, e no sanjak de Novi Pazar de sérvios e montenegrinos, tornavam a Liga Balcânica muito frágil. Os seus membros estavam unidos apenas pela hostilidade à Turquia.

A 13 de outubro de 1912, a Bulgária apresentou um ultimato ao governo turco, exigindo que, no prazo de seis meses, fosse concedida autonomia à Macedónia e aos povos não turcos dos Balcãs, bem como a criação de escolas para gregos, búlgaros, sérvios e a desmobilização de

uma parte significativa do exército na parte europeia do Império Otomano. Os turcos rejeitaram o ultimato, e o exército búlgaro iniciou a ofensiva. A 19 de outubro, 100 mil soldados búlgaros entraram em território macedónio. Ainda antes, a 6 de outubro, o Montenegro atacara a Turquia. Entraram também em ação a Sérvia e a Grécia. Já no início de novembro, as tropas turcas estavam derrotadas, sobretudo pelos esforços do exército búlgaro, e recuaram para as posições de Çatalca, nos acessos a Constantinopla.

Strumica também foi ocupada pelas tropas búlgaras. A 19 de novembro, as tropas búlgaras passaram à guerra de posições, e nas suas fileiras começaram a grassar o cólera e o tifo. A 2 de dezembro foi concluído um armistício. Mas na conferência de paz que se abriu no final de dezembro em Londres vieram ao de cima contradições irreconciliáveis entre os países vencedores. A Grécia e a Sérvia queriam claramente resolver as suas divergências na Macedónia à custa da Bulgária. Depois de o armistício ter sido rompido e de, no início de fevereiro, as hostilidades terem recomeçado, os búlgaros tomaram Adrianópolis a 26 de março. Mas esse foi o seu último grande sucesso na guerra.

Embora a 30 de maio de 1913 tivesse sido assinado o Tratado de Paz de Londres, segundo o qual a Turquia cedia aos Estados vencedores quase todos os seus territórios europeus, os membros da Liga Balcânica teriam de dividir entre si, sem mediação estrangeira, as terras conquistadas. Mas isso revelou-se impossível, pois os gregos desejavam a união de toda a costa e ilhas do Mar Egeu numa única Grande Grécia, o governo búlgaro queria criar uma Grande Bulgária com a inclusão de toda a Macedónia e Trácia, os sérvios — acesso ao Adriático e a anexação de toda ou de grande parte da Albânia, bem como do sanjak de Novi Pazar, os montenegrinos — a anexação do norte da Albânia.

Nenhum dos Estados fundadores da Liga Balcânica ficou plenamente satisfeito com o resultado da guerra. A Sérvia não obteve acesso ao Adriático devido à criação do novo Estado da Albânia, o Montenegro não conseguiu ocupar Shkodër, e a Grécia não obteve a Trácia. A Bulgária estava descontente com as pretensões sérvias à Macedónia, e já poucos meses após a assinatura da paz com a Turquia começou a Segunda Guerra Balcânica.

A Sérvia e a Grécia uniram-se numa aliança contra a Bulgária para fazerem valer as suas pretensões à Macedónia já no dia seguinte à

assinatura do Tratado de Londres e acordaram dividir a Macedónia entre si, sem participação búlgara.

A propósito, foi precisamente sob a impressão dos êxitos dos povos eslavos na Primeira Guerra Balcânica que o compositor russo Vasily Agapkin escreveu a sua célebre marcha «O Adeus da Eslava», dedicada «a todas as mulheres eslavas». Mas a unidade eslava, aparentemente conquistada no fogo da Primeira Guerra Balcânica, durou apenas alguns meses.

Não sabemos se o pai de Vanga participou na Primeira Guerra Balcânica. Não se pode excluir que, integrado numa das chetas macedónias, tenha tomado parte na luta de guerrilha e depois se tenha juntado ao exército búlgaro.

O já mencionado Hristo Matov, no início da Primeira Guerra Balcânica, disse ao entrevistador Leon Trótski: «Agora estamos em guerra, a coisa passou a ser aberta, não tenho motivos para embelezar a situação real. E digo-vos: a população, na sua massa, saudou o renascimento do chetnikismo. As chetas, como já vos disse, não existiam há 15 meses, na lua de mel da constituição turca. E quando começámos a reconstituí-las, fizemo-lo com receio: como reagiria o povo? — E o que aconteceu? Os camponeses começaram a repreender-nos: "Porque vos escondeis? Por acaso nós somos traidores?"

Teve de se revelar aos olhos da população que éramos chetniks. Aliás, havia ainda outra razão. Em cada aldeia há 2-3 chorbajii que os camponeses revolucionários temem: que denunciem. Esses chorbajii têm de ser introduzidos à força na organização, ligados a ela por responsabilidade coletiva. Faz-se isso de forma simples: a cheta chega à casa do chorbajii e — queira ele ou não — passa lá a noite… Assim, num só mês, os chetniks deram-se a conhecer a quase toda a população…

Quando uma cheta chega temporariamente a uma aldeia, é recebida pela milícia local que, sob comando de um ou dois chetniks, monta guarda. Em caso de perseguição turca, a milícia tem o dever de lutar ao lado da cheta… Pensávamos que os camponeses, durante a pausa, se tinham desabituado de manejar armas. Afinal, não: nos últimos tempos houve casos em que uma milícia de 5-6 homens lutou com sucesso contra um destacamento turco inteiro, claro que em cobertura.

Diz-se que os camponeses sofreram muito com as chetas do ponto de vista material: os turcos queimavam aldeias por ocultação de armas, e as

chetas, dizem, impunham pesadas multas em dinheiro aos camponeses por entrega de armas aos turcos. Claro que houve de tudo. Contudo, é falso que as chetas se tenham tornado um peso para os macedónios. Pelo contrário: foram precisamente os interesses económicos que levaram os camponeses a procurar os chetniks. Antes da revolução turca, graças à organização, os nossos camponeses tinham-se tornado donos absolutos dos čifliks, ou seja, das propriedades dos bey turcos. Os bey fugiam em massa para as cidades, com medo pela vida. O que os camponeses declarassem como colheita ao bey, com isso ele tinha de se contentar. Mas depois da constituição e da extinção das chetas, os bey, na plena consciência dos seus direitos, voltaram aos čifliks e impuseram as suas regras. Em 1908, eu próprio observei um caso desses.

Na aldeia de Trubarevo (no distrito de Skopje) voltou um bey e passou a viver regaladamente; para se divertir, convidou para a aldeia músicos ciganos e ciganas com pandeiretas, e alojou-os nas casas dos seus camponeses. "Quando havia chetas — diziam-me os aldeãos —, o bey nem sequer aparecia aqui durante quatro anos; desapareceram as chetas — e ele trouxe os ciganos para se instalarem connosco."

O chetnikismo obrigava os bey a vender as suas propriedades — e a ninguém mais, por medo — precisamente aos seus camponeses.

Sob proteção das chetas, os camponeses muitas vezes resgatavam eles próprios o pesado imposto da dízima, pagando metade da soma que antes era imposta à aldeia.

O beglikčija, ou seja, o recenseador do gado miúdo, sobre o qual na Turquia incidia um imposto especial chamado beglik, tinha de registar tantas ovelhas quantas os próprios camponeses lhe indicassem.

A autonomia da Macedónia, para a massa camponesa, é um slogan abstrato. Outra coisa são as vantagens económicas e a proteção contra o arbítrio dos bey e da administração. E isso dava-lhes o chetnikismo…

Agimos em conjunto com o exército búlgaro. Não só no interesse dele, mas também sob comando dos seus oficiais.

Naturalmente, não seria do interesse da causa levantar revoltas em locais muito afastados do teatro de operações militares: isso não traria nada além de massacres. Nesses lugares, os milicianos, sob direção dos chetniks, limitar-se-ão a trabalho conspirativo e destrutivo: cortar fios telegráficos, onde for possível, remover carris, etc.

Nos locais onde se desenrolam operações militares, as chetas ficam diretamente às ordens dos comandantes. São inestimáveis para reconhecimentos, trabalhos destrutivos isolados e ações de guerrilha. Quando foi anunciada a mobilização, chetas entre a fronteira búlgara e Kočani destruíram duas pontes rodoviárias de importância vital para a artilharia turca. Antes da guerra já tinha sido destruída a ponte no desfiladeiro de Kresna, perto de Djumaja. De Kočani, o comandante de brigada enviou chetniks a Štip para cortar os fios. Isso atua de forma extremamente desmoralizadora sobre guarnições e destacamentos turcos isolados: cortados num só golpe dos seus quartéis-generais, muitas vezes entregam posições importantes sem combater. As chetas também cortarão os comboios turcos e serão uma ameaça constante para a retaguarda turca. À frente das formações de combate macedónias estão voivodas tão experimentados como Efrem Čučkov, Kristo Bulgarijata, Mišel Gerdžikov e outros. Estes nomes ainda os ouvirão muitas vezes durante a guerra.

A que aspiramos: à autonomia da Macedónia ou à sua união com a Bulgária? A pergunta é perfeitamente natural. E se ma tivésseis feito antes da guerra, eu não hesitaria em responder-vos. Mas agora, que lutamos em aliança com a Sérvia e a Grécia, peço licença para não responder à vossa última pergunta. É desejável a intervenção da Rússia? Também a essa pergunta acharia difícil responder-vos.»

Sabe-se com certeza que na Primeira Guerra Balcânica participou a Companhia Partidária do Opolchenie macedónio sob comando do célebre chetnik Hristo Černopeev. Nas suas fileiras pode ter combatido também Pande Dimitrov.

É muito provável que Pande tenha participado na Segunda Guerra Balcânica, que surgiu porque os aliados de ontem não conseguiram dividir pacificamente entre si a herança turca conquistada, desencadearam guerra uns contra os outros e, contra a mais forte Bulgária, se uniram Sérvia, Montenegro e Grécia, aos quais se juntaram pouco depois a Roménia e o inimigo de ontem — a Turquia. No exército búlgaro foi formado um inteiro Corpo Macedónio-Adrianopolitano composto por voluntários macedónios. Sófia indignou-se com o facto de ter começado uma violenta “serbização” na Macedónia Ocidental e no Kosovo ocupados pelo exército sérvio, onde eram afastadas da circulação as línguas búlgara e albanesa.

O pretexto para a nova guerra foi o chamado Levantamento de Tikveš, desencadeado pela VMORO a 15 de junho de 1913 contra as autoridades

sérvias, que abrangeu a planície de Tikveš na Macedónia e foi duramente reprimido pelo exército sérvio. Então o exército búlgaro iniciou a ofensiva contra os antigos aliados. A 29 de junho de 1913, às 3 horas da madrugada, as tropas búlgaras passaram ao ataque sem declaração de guerra no setor macedónio da fronteira e atacaram os sérvios. Os búlgaros queriam ocupar completamente a Macedónia para conseguir a sua anexação ao Reino Búlgaro pelo futuro tratado de paz.

Para a Sérvia, a ofensiva búlgara foi uma surpresa. Inicialmente os búlgaros tiveram êxito, mas depressa entrou em cena a Grécia, a Roménia atacou pela retaguarda e a Turquia, aproveitando a situação difícil dos búlgaros, também passou à ofensiva e recuperou Adrianópolis (Edirne). Já a 29 de julho de 1913 o governo búlgaro, percebendo a desesperança da situação, assinou um armistício. Para ajudar a Bulgária, a 9 de setembro de 1913 a VMORO desencadeou ainda outro levantamento contra a Sérvia — o de Ohrid-Debar —, que também foi esmagado.

Segundo o Tratado de Paz de Bucareste, assinado a 10 de agosto de 1913, a nova fronteira sérvio-búlgara a norte seguia a antiga fronteira pré-guerra. Junto à Macedónia, passava pela antiga fronteira búlgaro-turca, mais exatamente pelo divisor de águas entre o Vardar e o Struma. A parte superior do Struma ficou, porém, do lado sérvio. Mais a sul, a nova fronteira sérvio-búlgara ligava-se à nova fronteira greco-búlgara. Quase todo o território da Macedónia ficou dividido entre a Sérvia e a Grécia, mas a região de Strumica permaneceu com a Bulgária. Os búlgaros cederam também aos romenos a Dobrudja do Sul e, segundo o Tratado de Constantinopla de 29 de setembro de 1913, aos turcos a Trácia Oriental com Adrianópolis (Edirne).

Como resultado da Segunda Guerra Balcânica, desmoronaram as esperanças da Bulgária de se tornar o maior Estado eslavo da Península Balcânica e de unir todos os búlgaros. A maior parte da população eslava da Macedónia, etnicamente e linguisticamente praticamente indistinta dos búlgaros, ficou integrada na Sérvia e na Grécia, que se esforçavam por afastar a língua búlgara (macedónia) da esfera pública. Os resultados da Segunda Guerra Balcânica criaram um profundo antagonismo entre a Bulgária, por um lado, e a Sérvia (Jugoslávia) e a Grécia, por outro, e empurraram a Bulgária para o campo da Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial, uma vez que a Sérvia estava estreitamente ligada à Rússia e à Entente.

Desde muito cedo, Vanga distinguia-se pelo laboriosidade. A mãe morreu quando a filha tinha três anos. Segundo Krasimira Stoyanova, «do pai herdou a resistência física, o sentido de justiça e a compaixão pelos desamparados, e da mãe — o carácter alegre, o amor pela limpeza e pela ordem, elevado a culto».

Com o início da Primeira Guerra Mundial, Pande foi mobilizado em 1915 para o exército búlgaro, e a menina foi acolhida por uma vizinha turca chamada Asanica. A maior parte dos turcos, porém, após as duas guerras balcânicas, abandonara Strumica, como toda a Macedónia. Embora no início da Primeira Guerra Mundial Sófia tivesse proclamado neutralidade, a Bulgária acabou por entrar na guerra a 14 de outubro de 1915 ao lado das Potências Centrais, declarando guerra à Sérvia. A razão foi que a Alemanha e a Áustria-Hungria garantiam, em troca da participação, a entrega de toda a Macedónia sérvia e, no caso de a Grécia e a Roménia entrarem na guerra, respetivamente da Macedónia grega e da Trácia e da Dobrudja do Sul.

Essas promessas, bem como o fracasso da operação dos Dardanelos empreendida pela Entente, levaram os búlgaros a entrar na guerra. Mas mesmo no período de neutralidade oficial, os búlgaros estavam longe de ser neutros. Já em outubro de 1914, membros da VMRO, a partir do território búlgaro e com autorização do governo búlgaro, começaram atividades subversivas no território da Macedónia do Vardar sérvia. Em novembro de 1914, a atividade dos grupos de combate da VMRO na Macedónia sérvia intensificou-se ainda mais. Os chetniks búlgaros atuavam apenas no território da Macedónia sérvia, não na grega, para não dar pretexto à Grécia para iniciar ações militares contra a Bulgária. Não sabemos se Pande estava entre esses chetniks búlgaros.

Nessa altura, todos os estratos da sociedade búlgara, bem como a esmagadora maioria da população da Macedónia sérvia e grega, consideravam a Macedónia território ancestralmente búlgaro e desejavam a anexação da Macedónia do Vardar ao Reino Búlgaro. Em 1915, a atividade da VMRO na Macedónia sérvia intensificou-se ainda mais. Em abril, um destacamento de partisans turcos e combatentes da VMRO atacou, na zona da aldeia de Valandovo, polícias sérvios que guardavam a linha férrea. Esse incidente provocou protestos da Sérvia e dos representantes da Entente em Sófia. Em resposta, o governo búlgaro declarou que a Bulgária nada tinha a ver com esse ato e que se tratava, supostamente, de ação exclusiva de chetniks turcos apoiados pela população turca local.

Nesse momento, o governo búlgaro ainda não se decidira definitivamente de que lado entrar na guerra. A Entente oferecia devolver aos búlgaros a Trácia Oriental, claro, no caso de as Potências Centrais (países da Tríplice Aliança), incluindo a Turquia, serem derrotadas. Além disso, as potências comprometiam-se a iniciar negociações com a Sérvia sobre a possível cedência à Bulgária de parte da Macedónia do Vardar (sérvia) após a guerra e, no futuro, a tentar negociar com a Grécia a cedência à Bulgária de parte da Macedónia Egeia (grega) e com a Roménia a cedência de parte da Dobrudja do Sul. Promessas tão vagas não podiam inclinar o governo búlgaro para o lado das potências da Tríplice Entente. Só a entrega imediata à Bulgária da maior parte da Macedónia do Vardar poderia levar Sófia a declarar guerra às Potências Centrais.

Mas a Sérvia recusava-se categoricamente a fazê-lo, mesmo sob ameaça de inevitável derrota militar caso a Bulgária se juntasse à Tríplice Aliança. Depois de os aliados não terem conseguido tomar Constantinopla durante o desembarque na península de Galípoli e tirar o Império Otomano da guerra, e após o exército russo ter sofrido uma derrota na primavera e verão de 1915 e ter sido forçado a abandonar a Galícia, a Polónia, a Lituânia e parte da Letónia e da Bielorrússia, em Sófia convenceram-se de que as Potências Centrais venceriam a guerra e decidiram arriscar.

Depois de o exército búlgaro, em outubro de 1915, a ter atacado pela retaguarda, a Sérvia foi rapidamente derrotada. Na Bulgária foram mobilizados todos os súbditos búlgaros do sexo masculino dos 20 aos 46 anos, e o pai de Vanga foi um deles. Nesta guerra, os búlgaros tiveram de combater lado a lado com os seus inimigos jurados — os turcos. Curiosamente, na Bulgária os turcos e outros muçulmanos eram considerados pouco fiáveis, pelo que, em vez do serviço militar, lhes era permitido pagar um imposto militar durante 10 anos.

E depois de a Bulgária ter entrado na guerra ao lado das Potências Centrais, aos muçulmanos búlgaros foi permitido servir no exército turco. Quando, em agosto de 1916, a Roménia entrou na guerra ao lado da Entente, tropas búlgaras juntamente com turcas e alemãs invadiram a Dobrudja. Quando chegaram à foz do Danúbio, enfrentaram ainda divisões russas enviadas em auxílio dos romenos. Mas, no final, as Potências Centrais perderam a Primeira Guerra Mundial. Em setembro de 1918, os aliados lançaram uma ofensiva na frente de Salónica e os búlgaros foram derrotados. Strumica foi ocupada por tropas britânicas. Já a 29 de setembro,

a Bulgária assinou um armistício que era, na prática, uma capitulação. Pelos termos do armistício, o exército búlgaro tinha de abandonar imediatamente todos os territórios ocupados da Sérvia e da Grécia e proceder à desmobilização da maior parte das tropas. O território da Bulgária foi ocupado por tropas francesas, britânicas, italianas, sérvias e gregas. Segundo o Tratado de Paz de Neuilly, assinado a 27 de novembro de 1919 no subúrbio parisiense de Neuilly-sur-Seine, a Bulgária não só perdeu todas as conquistas da guerra como foi forçada a ceder à Grécia a Trácia Ocidental e à Sérvia, que formara o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos (a partir de 1929 — Jugoslávia), 2500 km² da Macedónia com 100 mil habitantes. Entre esses 100 mil macedónios forçados a mudar de nacionalidade estavam Vanga e o seu pai.

Os soldados búlgaros derrotados regressavam a casa. Entre eles vinha Pande, que tivera a sorte de sobreviver, ao contrário de quase 107 mil dos seus camaradas que morreram ou pereceram na guerra, quase 26 mil feitos prisioneiros e 155 mil feridos. Outros quase 100 mil civis morreram de fome provocada pelo bloqueio declarado pelos países da Entente.

De regresso da guerra, o pai de Vanga casou-se pela segunda vez. A nova mulher do pai tornou-se para a filha uma madrasta boa e carinhosa. A menina apascentava gansos, lavava roupa, varria — enfim, tudo fazia quase como adulta. A pequena Vanga, ajudando a madrasta nas lides domésticas, falava longamente dos seus estranhos visions, dos seres celestiais com quem conversava, a ponto de às vezes nem ela própria saber se eram sonhos ou realidade.

Strumica, onde vivia a família de Vanga, foi definitivamente tirada à Bulgária após a Primeira Guerra Mundial e incluída na Sérvia do Sul, renomeada em 1929 como Banovina do Vardar (província) no seio do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos. Além da Macedónia, incluía a parte sul da Sérvia e a parte sudeste do Kosovo e Metohija. A sua capital era a cidade macedónia de Skopje. Na composição da Bulgária, das terras macedónias ficou apenas a região do Pirin.

A intenção de criar uma Jugoslávia unida foi anunciada já a 20 de julho de 1917 na Declaração de Corfu, assinada pelo presidente do Conselho de Ministros da Sérvia, Nikola Pašić, e pelo presidente do Comité Jugoslavo, Ante Trumbić. Serviu de base à criação do futuro Estado jugoslavo. No preâmbulo da declaração afirmava-se que os sérvios, croatas e eslovenos eram «iguais pelo sangue, pela língua, pela cultura, pelo

sentimento de unidade, pela continuidade e integridade das suas próprias terras, bem como pelos interesses vitais comuns», mas a questão dos direitos dos macedónios (búlgaros), albaneses, húngaros e bosníacos não era de modo algum abordada. À frente da Jugoslávia pretendia-se colocar a dinastia sérvia dos Karađorđević, o que pressupunha o papel dominante dos sérvios no futuro Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos. Na Jugoslávia dominava a ideologia do apagamento das diferenças interétnicas e da serbização forçada dos restantes povos do reino. Por isso, todas as banovinas tinham população mista.

Em 1919, Pande casou-se pela segunda vez, com Tanka Georgieva, da qual teve mais três filhos (Vasil, Tome e Lyubka). Esta data, como todas as datas relacionadas com a vida de Vanga até aos anos 60, é aproximada. Evidentemente, até ao fim da guerra Pande não pôde casar-se. Regressou a casa o mais cedo possível — no final de 1918. E ainda teve de procurar noiva. Pois Paraskeva, a mãe de Vanga, morrera pouco antes da entrada da Bulgária na Primeira Guerra Mundial, e dificilmente Pande tivera tempo de procurar nova esposa antes de partir para a guerra. Por isso, não se exclui que o casamento de Pande e Tanka tenha ocorrido não em 1919, mas mais tarde — em 1920 ou até 1921. Pois o primeiro filho, o menino Vasil, nasceu, segundo todos os testemunhos, não antes de 1922. Infelizmente, ao dar à luz o quarto filho em 1928, também Tanka, a segunda esposa de Pande, morreu.

Krasimira Stoyanova afirmava: «Percebendo que não conseguiria tratar sozinho da filha e da casa, Pande decidiu casar-se pela segunda vez. Não tinha grandes hipóteses de sucesso, pois era pobre, viúvo e ainda com uma criança ao colo, mas inesperadamente depressa entrou em casa uma nova dona.

Tanka Georgieva era uma das raparigas mais belas da cidade. Tinha tranças tão longas que as prendia de pé numa cadeira. Tanka era noiva de um oficial búlgaro, mas o casamento iminente foi desfeito e os pais, temendo mexericos, casaram-na à pressa e sem alarido com Pande. Embora não se alegrasse com o seu destino, Tanka encontrou no marido um homem bom e trabalhador, e ele uma excelente dona de casa e mãe carinhosa para a filha.

Passaram-se dias de abundância e compreensão mútua. Pande era bom agricultor e dono cuidadoso, pelo que foi gradualmente comprando terra e depressa já possuía 10 hectares de lavoura própria. Na época alta, chegava

a contratar lavradores, e as pessoas começaram a tratá-lo respeitosamente por "chorbaji Pande".

Mas esta prosperidade durou pouco. Alguns dos mais "zelosos" partidários do novo poder não conseguiam perdoar a Pande o seu passado. E um dia prenderam-no e levaram-no. Depois tiraram-lhe toda a terra, apesar de estar precisamente na altura da ceifa. E a família antes próspera conheceu a miséria, que depois a acompanhou durante longos anos.

Regressado da esquadra, onde sofrera espancamentos e tormentos, Pande percebeu que tinha de se empregar como jornaleiro para sustentar a família, que nessa altura já se aumentara com um novo membro. Em 1922, Tanka deu à luz um menino, a quem chamaram Vasil. O pai contratou-se como pastor na aldeia de Voslovo e depois em Dabilya. Até ao fim da vida continuou pobre.»

Quanto a Pande ter sido um noivo assim tão desinteressante, pode discutir-se. Nas condições em que muitos jovens tinham morrido em três guerras, certamente os noivos escasseavam. E Pande, a julgar por tudo, ainda não era o camponês mais pobre da região.

Não é muito claro por que lhe tiraram a terra. Talvez porque não aceitasse a cidadania jugoslava (o que é pouco provável)? Talvez lhe recordassem a participação nas chetas macedónias e o serviço no exército búlgaro na Segunda Guerra Balcânica e na Primeira Guerra Mundial, quando combateu contra os sérvios? O facto é que os macedónios no Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos eram alvo de perseguições abertas por parte das autoridades sérvias.

A língua dos eslavos macedónios, praticamente indistinta do búlgaro, era oficialmente considerada um dialeto meridional da língua servo-croata. Contudo, esse dialeto meridional estava proibido no ensino e o seu uso em instituições oficiais era punido com multas. Na base da serbização estava a convicção da elite sérvia de que todos os eslavos do sul (croatas, bosníacos, montenegrinos, macedónios, bem como aromenos e albaneses) eram sérvios cujas línguas tinham sido apenas "estragadas" por influências linguísticas externas (turca, austríaca, húngara, búlgara, italiana, romena, etc.) e, por isso, deviam regressar à sua língua sérvia original, à identidade sérvia e ao modo de vida sérvio.

Contudo, os novos sérvios convergidos não queriam de modo algum tornar-se sérvios verdadeiros e resistiam por todos os meios, incluindo com armas na mão. O governo jugoslavo viu-se obrigado a manter tropas

permanentemente aquarteladas em Strumica e em toda a Macedónia do Vardar para combater os nacionalistas macedónios que lutavam pela anexação da Macedónia à Bulgária e que, no início dos anos 20, cometeram uma série de atentados terroristas contra funcionários, militares e polícias sérvios. Por isso, as autoridades do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos (e mais tarde do Reino da Jugoslávia) perseguiram milhares de macedónios suspeitos de colaboração com a Organização Revolucionária Interna Macedónia (VMRO), na qual se transformara a antiga VMORO.

Muito provavelmente, o pai de Vanga encontrava-se entre eles e, como castigo pela colaboração com a VMRO, tiraram-lhe a maior parte da terra, o que provocou mudanças substanciais tanto no seu destino como no de Vanga. Além disso, a maior parte dos macedónios, após a anexação ao Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, perdeu os seus lotes de terra porque os documentos de propriedade não eram reconhecidos pelas autoridades sérvias. Provavelmente, foi exatamente essa desgraça que aconteceu à família de Vanga.

A VMRO foi dissolvida pelo seu líder Ivan Mihajlov em 1934, após o assassinato em Marselha do rei Alexandre da Sérvia e do ministro dos Negócios Estrangeiros francês Louis Barthou. Nesse atentado suspeitava-se de nacionalistas macedónios. A dissolução da organização resultou da luta entre as suas frações direita e esquerda, na qual foram mortos muitos líderes dos revolucionários macedónios. Mas mesmo após a dissolução da VMRO continuou a luta dos macedónios contra as autoridades sérvias.

Note-se que na VMORO existiam duas alas. A esquerda tendia para os comunistas, enquanto a direita apoiava o governo czarista da Bulgária. Não sabemos com certeza se o pai de Vanga estava próximo dos direitistas ou dos esquerdistas. Embora, se for verdade que o filho Vasil morreu num destacamento partidário comunista, pode supor-se que também Pande tendesse para a esquerda.

Como já dissemos, Strumica, após a Primeira Guerra Mundial, foi tirada à Bulgária e passou a fazer parte do território do Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, onde reinava a dinastia real sérvia e os sérvios desempenhavam o papel principal. Agora os macedónios eram obrigados a falar e escrever em sérvio. Os sérvios não reconheciam os direitos da língua macedónia (búlgara).

Segundo os relatos dos familiares, Vanga era uma menina magra, de olhos azuis, cabelo louro e irrequieta. Desde pequena gostava que houvesse

ordem em casa e que cada objeto estivesse no seu lugar. Inventava ela própria vários jogos. Por exemplo, Vanga adorava brincar aos "médicos" — prescrevia ervas aos outros. Aliás, é um jogo bastante comum entre crianças de todos os povos, quando fingem receitar medicamentos uns aos outros e realizam vários procedimentos médicos. Vanga também inventava histórias interessantes que adultos e crianças ouviam com prazer. Só um jogo causava ao pai sentimentos desagradáveis. Vanga punha muitas vezes na rua ou em casa algum objeto, depois fechava os olhos e procurava-o às apalpadelas, como se fosse cega. E nenhuma proibição conseguia travar essa brincadeira, que Pande considerava de mau agouro.

Verdade que, segundo os familiares de Vanga, por vezes esse jogo trazia proveito. Alegadamente houve casos em que Vanga dizia ao pai que sonhara que determinada ovelha se perderia do rebanho e que poderia ser encontrada em tal e tal lugar. E no dia de São Jorge tirava do cântaro objetos deixados pelas raparigas e, com base neles, predizia o destino das suas donas. Estas primeiro riam-se das predições, mas depois descobriam com espanto e medo que tudo o que Vanga profetizara se cumpria. Ainda assim, nesses anos ninguém atribuía importância especial a esses "vaticínios", nem sequer a própria menina.

Parece-nos muito significativo que, nos relatos sobre Vanga, a vidente seja dotada de todas as virtudes que frequentemente se atribuem aos santos. Nunca fez mal a ninguém, procurava sempre fazer o bem, gozava sempre de autoridade entre os que a rodeavam, procurava sempre ajudá-los. E já desde a infância teriam surgido nela capacidades únicas, às quais nem os que a rodeavam nem ela própria davam ainda a devida importância. E ninguém relata nada de depreciativo, defeituoso ou sequer simplesmente ridículo sobre Vanga.

Temos diante de nós um típico mito positivo, com base no qual, na verdade, não é possível formar uma ideia minimamente fiável da vida de Vanga, especialmente na infância e juventude. É bem possível que, quando menina, Vanga gostasse de brincar aos "médicos". Isso encaixa perfeitamente no seu interesse pela medicina popular e pela composição de receitas curativas. Mas com igual razão pode supor-se que na infância Vanga brincasse a jogos completamente diferentes e que o interesse pela medicina tenha surgido muito mais tarde, já adulta.

A propósito, não é muito claro como Vanga se familiarizou com os fundamentos da medicina popular búlgara (macedónia) e com as

propriedades curativas de várias plantas. Pois, quando ficou completamente cega, ainda era analfabeta e só aprendeu a ler e escrever na casa dos cegos com o sistema Braille. O volume de livros para cegos que leu não deve ser exagerado, e dificilmente entre eles havia manuais de medicina popular.

Então, de quem aprendeu Vanga tudo isso? Para os seus fervorosos admiradores, esse problema simplesmente não existe. As suas capacidades curativas, tal como as proféticas, foram-lhe dadas do alto, talvez desde o nascimento, e por isso não precisava de perguntar a ninguém sobre as propriedades curativas das ervas ou das peles de ovelha. Pelo contrário, podia explicar a qualquer um, com grande detalhe, o que depois fazia nos seus herbários e livros de curas. E exatamente do mesmo modo, Vanga ainda criança podia indicar onde estava a ovelha perdida ou a panela de papa de aveia. Clarividente — é sempre clarividente.

Não é de admirar que nos relatos sobre Vanga quase não haja menções de que ela perguntasse detalhadamente a alguém sobre as propriedades das plantas medicinais. Esses pormenores tornariam imediatamente a imagem de Vanga profana, inadequada aos critérios de santa e médium. E, no entanto, pensando bem, Vanga tinha poucas pessoas a quem perguntar sobre medicina popular. A mãe biológica morreu quando ela tinha apenas três anos.

A madrasta também morreu bastante cedo. Claro que não se pode excluir que os fundamentos da cura lhe tenham sido transmitidos pelas avós paterna e materna, mas, a julgar pelo facto de Pande, ao partir para a guerra, ter deixado a filha aos cuidados de uma vizinha turca, pode supor-se que os pais dele e da esposa já tinham morrido nessa altura, assim como os pais de Tanka. Então o aparecimento de receitas curativas de Vanga pode explicar-se pela ajuda de pessoas do seu círculo, que replicavam receitas populares sob uma marca bem promovida.

Tragédia e guerra

Segundo os relatos de Vanga e dos seus familiares, a jovem esposa de Pande, que na altura do segundo casamento tinha cerca de 34 anos, tornou-se uma boa dona de casa e mãe carinhosa; o marido não a desiludia, era bom, atencioso e trabalhador. Tudo corria da melhor maneira. Na família reinavam, supostamente, prosperidade e harmonia. Graças ao labor e perseverança de Pande, a sua família, segundo os padrões locais,

prosperava. O terreno de Pande Dimitrov foi-se ampliando gradualmente até atingir dez hectares. Na União Soviética, e depois na Bulgária comunista, o pai de Vanga seria chamado kulak. Tanto mais que, na época alta, quando a família não conseguia semear e ceifar sozinha, Pande contratava trabalhadores sazonais, ou seja, jornaleiros. Na aldeia tratavam-no com respeito e consideração, e alguns, os mais pobres, certamente invejavam e guardavam rancor contra o vizinho próspero.

Muito depressa Pande sofreu perseguições por parte das autoridades sérvias, que lhe tiraram a terra. Talvez a causa tenha sido a recusa em aceitar a cidadania sérvia, ou talvez a sua ligação à VMRO.

Da difícil situação em que ficara a família de Pande soube o seu irmão Kostadin. Este, ao contrário de Pande, não tivera conflitos com as autoridades sérvias e ninguém lhe tirara a terra. Kostadin enriquecera, casara-se, só que não tinha filhos. Ao saber que a família do irmão passava privações, Kostadin propôs a Pande que se mudasse para sua casa. Esperava que a família do irmão tratasse do gado e tivesse um pão seguro. Pande decidiu aceitar a generosa proposta do irmão.

Aqui surgem imediatamente várias questões. Porque decidiu a família mudar-se para casa do irmão? Na verdade, se abordarmos este relato objetivamente, o irmão Kostadin parece menos um benfeitor do que um dono calculista. Na pessoa de Pande e da sua família ganhou, essencialmente, mão de obra gratuita, nada supérflua no seu grande negócio. E provavelmente gostava de crianças.

Segundo K. Stoyanova, «em 1923 a família mudou-se para Novo Selo, instalando-se em casa do irmão de Pande — Konstantin (Kostadin). Este enriquecera, casara-se, mas Deus não lhe dera filhos, e quando soube em que situação ficara o irmão, chamou-o para junto de si, para tratarem juntos do gado e não passarem necessidades em Strumica. Pande aceitou». Embora, provavelmente, não lhe agradasse muito a vida de parente pobre, quase jornaleiro, depois de ter sido recentemente um dono próspero.

A Vanga de doze anos também tinha o seu círculo de tarefas domésticas. Juntamente com o burro, ia aos currais fora da aldeia e trazia em dois odres leite de ovelha, com que se fazia queijo. Segundo a tradição familiar, um dia de verão Vanga regressava à aldeia com duas primas. Se isso for verdade, não é muito claro de quem eram filhas essas primas. Talvez Kostadin afinal não fosse sem filhos. As meninas quiseram ir à

fonte Khanska, que ficava no campo, não longe da estrada. Mas o que realmente aí aconteceu (se aconteceu) permanece envolto em trevas.

A sobrinha Krasimira Stoyanova descreve assim o incidente que mudou a vida da vidente: «…De repente desencadeou-se uma terrível tempestade. O céu escureceu, soprou um vento horrível que quebrava ramos de árvores, arrancava árvores jovens pela raiz e, juntamente com torrões de terra, atirava-os longe no campo. Do solo ao céu ergueu-se um enorme pilar de pó. Pó, torrões de terra, ramos e folhas misturaram-se num vórtice inimaginável que atirou ao chão, perto da fonte, as duas primas mudas de terror, e levou Vanga dois quilómetros campo dentro. Quanto tempo durou a tempestade, já ninguém se lembra. Mal encontraram Vanga no campo, coberta de terra, pedras e ramos. Parecia enlouquecida de medo, mas muito pior era a dor cortante nos olhos cheios de pó — não conseguia abri-los de modo algum.

Quando a trouxeram para casa, todos procuraram aliviar o seu sofrimento, lavaram-lhe os olhos com infusões de ervas, mas nada ajudava. Recorreram a curandeiros e médicos, deram-lhe água benta e encantada, fizeram compressas, untaram com bálsamo, mas nada trazia alívio. Ao fim do dia, os olhos ficaram injetados de sangue e depois a íris embranqueceu.»

Segundo a versão canónica, um furacão de força terrível ergueu-a no ar e levou-a longe para o campo. Encontraram-na debaixo de um monte de areia, pedras e ramos quebrados num dos lotes camponeses. Estava inconsciente de medo, mas o pior era que sentia uma dor intensa nos olhos, que não conseguia abrir. Recorreram a “avós e feiticeiras, deram-lhe a beber água encantada e benta”, fizeram compressas, untaram com pomadas, mas também nada lhe trouxe alívio. Pouco depois, Vanga perdeu completamente a visão.

Os médicos locais aconselharam que a levassem urgentemente ao hospital da capital e a operassem. Enquanto os pais procuravam dinheiro para a operação, a menina começou a ficar cega. Perdeu definitivamente a visão dois anos após o estranho acontecimento.

Assim, em 1923 Vanga, com o pai e a madrasta, mudou-se para a aldeia de Novo Selo, na atual República da Macedónia, de onde era originário o pai. Este território, após a Primeira Guerra Balcânica, entrara na composição da Bulgária e, após a derrota desta na Primeira Guerra Mundial, foi incluído no Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos (futura Jugoslávia). Pande levou a família para a pequena localidade de Khanska

Češma, para casa do seu irmão rico. O pai trabalhava como vaqueiro, e a Vanga de 12 anos transportava dos currais odres de leite.

Nisto é difícil duvidar, parece bastante verosímil. Mas tudo o que está ligado ao furacão que teve consequências fatais para Vanga lembra mais uma terrível fábula infantil do que um milagre.

Resulta que a Vanga de 12 anos perdeu a visão porque, de repente, no campo, se levantou um furacão inaudito para aquela região e a levou como uma penugem. Juntamente com torrões de terra, folhas e pó, o vórtice levou-a dois quilómetros para longe de casa. Quando encontraram a Vanga aterrorizada, todos se alegraram por ela não ter sofrido nada. Só os olhos estavam muito cheios de areia. Mas por mais que os lavassem com ervas, por mais pomadas que aplicassem, os olhos primeiro pareceram injetar-se de sangue e depois, embranquecendo, morreram.

O mais espantoso é que nenhum boletim meteorológico registou um furacão em todo o território da Bulgária e da Jugoslávia em 1923. Na melhor das hipóteses, houve vento forte, que, no entanto, de modo algum seria capaz de derrubar uma pessoa, mesmo uma adolescente, quanto mais levá-la dezenas ou centenas de metros. A história do furacão que levou uma menina para longe de casa lembra demais a história da menina Dorothy do livro do escritor norte-americano de literatura infantil Lyman Frank Baum «O Maravilhoso Feiticeiro de Oz», publicado pela primeira vez em 1900.

Aqui chegamos talvez ao mais interessante na história de Vanga. Até hoje não foram publicados documentos médicos sobre a cegueira de Vanga, e não há nenhuma certeza de que se tenham conservado até aos nossos dias. Pelo que se pode perceber dos relatos de pessoas que a conheceram, ela sem dúvida não era cega de nascença, mas cegou já na adolescência, mas sobre as verdadeiras causas da sua cegueira só podemos conjecturar.

A julgar por tudo, não houve furacão nenhum, e tornado ou vento forte na realidade não têm qualquer relação com a cegueira de Vanga. A julgar por todos os relatos, ela não cegou de um momento para o outro. Após o misterioso furacão, a visão foi-se deteriorando gradualmente até ficar completamente cega meio ano ou um ano depois. Pode supor-se que Vanga desenvolveu alguma doença ocular, inclusive com supuração. E quando os olhos de uma pessoa supuram, parece-lhe que tem areia debaixo das pálpebras. Como numa aldeia macedónia bastante isolada dificilmente haveria um oftalmologista, é muito provável que a doença tenha sido negligenciada, o que levou à cegueira.

Verdade que aqui surge uma contradição substancial. Evidentemente, numa aldeia macedónia bastante remota dificilmente haveria um oftalmologista. Mas tais médicos certamente existiam não só em Belgrado como em Skopje. Que custava levar Vanga lá? Nas versões canónicas da lenda afirma-se que os pais de Vanga não tinham dinheiro para tratamento dispendioso e viagens a médicos da cidade. Que os pais de Vanga fossem pobres, pode acreditar-se. Mas Pande tinha um irmão rico benfeitor, Kostadin! Porque não ajudou ele a sobrinha querida? Que lhe custava levar Vanga aos melhores especialistas de Belgrado. Ou não era assim tão rico, ou via o irmão pobre e a família deste apenas como mão de obra barata. Ou talvez a doença de Vanga que levou à cegueira fosse incurável com os meios de que dispunha a medicina da época? Pois, segundo alguns dados, fizeram operações aos olhos de Vanga, e mais do que uma. E o facto de Vanga cegar gradualmente ajudou-a a habituar-se a viver sem visão.

Ainda assim, apesar da tragédia da rapariga que repentinamente cegou na juventude, do ponto de vista da imagem de vidente a cegueira de Vanga acabou por ser vantajosa. Resultou que esta mulher, incapaz de distinguir pessoas e objetos com a visão normal, comum, em compensação via-os melhor do que ninguém com uma visão secreta, mágica, dada do alto. E o tornado enviado por Deus (ou pelo diabo, como dizem os opositores de Vanga), ao privá-la da visão comum, humana, ao mesmo tempo premiou-a com outra visão, extraterrena e maravilhosa, que permite saber sobre uma pessoa muito mais do que permitem os órgãos dos sentidos comuns.

Segundo a versão tradicional, depois de, em resultado do furacão e da entrada de pó nos olhos, Vanga começar a ficar cega, o pai ficou desesperado. Reprovava-se por ter sequer escutado o irmão e mudado a família para Novo Selo. Achava que, se Vanga não estivesse no campo junto à Khanska Češma, a desgraça não teria acontecido. Assim, a vida em casa do irmão não só não trouxe alívio à família de Pande como acrescentou novas provações a Vanga e a toda a família. Por isso, Pande decidiu supostamente regressar a Strumica e procurar lá ajuda médica.

Decisão, francamente, bastante estranha. O regresso a Strumica claramente não acrescentou dinheiro à família de Vanga. De que modo o regresso poderia aliviar o destino da menina doente é completamente incompreensível. E porque razão o irmão Kostadin, que antes chamara Pande para junto de si, agora de repente deixou de o ajudar. Talvez os irmãos simplesmente se tivessem zangado e por isso Pande se visse

obrigado a regressar a Strumica. Esse regresso pode não ter tido qualquer relação com a cegueira de Vanga. A menina pode ter começado a cegar tanto antes da mudança para Novo Selo como já depois do regresso a Strumica.

Alegadamente, a notícia do acontecimento maravilhoso e infeliz com Vanga espalhou-se imediatamente pela região. Conhecidos e desconhecidos procuravam ajudar como podiam: ofereciam ervas medicinais e pomadas. Não se percebe, porém, porque não encontrou em Novo Selo igual participação. Nem mesmo os mais velhos conseguiam lembrar-se de algo semelhante e não sabiam como ajudar Vanga.

O médico em Strumica, a quem recorreram em busca de ajuda, disse que a inflamação nos olhos de Vanga se agravava e que a situação da menina era muito grave. Ameaçava-a a cegueira total. Para salvar a visão, Vanga precisava de uma operação urgente. O pai fez tudo para juntar o dinheiro, que não era pouco, para o tratamento. Mas em parte alguma se diz que aqui o irmão rico o ajudou.

Em Skopje operaram Vanga, mas não houve melhoria. Era necessária, pelo menos, mais uma operação. Tendo em conta as condições materiais apertadas da família, fizeram a Vanga mais uma operação gratuitamente. Mas a visão não melhorou. Nos olhos de Vanga formaram-se cataratas.

Os médicos recomendaram fazer ainda outra operação, desta vez em Belgrado. Voltou a surgir esperança de cura e Pande aceitou. Marcou-se a data da operação, bastante dispendiosa. Naqueles anos, como agora, a cirurgia ocular custava uma fortuna. E o seguro médico na Jugoslávia praticamente não existia, sobretudo para camponeses pobres.

O custo da nova operação era uma soma considerável — 5000 dinares (cerca de 500 leva). Pande caiu em desespero, pois não sabia onde arranjar o dinheiro. Ele próprio era pobre e não tinha poupanças.

Mas então aconteceu novamente um milagre e o dinheiro apareceu. Ou melhor, só conseguiram juntar metade da quantia necessária, mas, inesperadamente, foi suficiente.

Primeiro, Pande lembrou-se de que, outrora, a avó de Vanga, mãe da sua primeira mulher Paraskeva, prometera deixar em herança à neta uma parte da sua terra. É verdade que, após a morte da mãe de Vanga, as relações entre a sogra e o genro não eram as melhores, mas Pande recorreu a ela pedindo ajuda e solicitou que vendesse o mais rapidamente possível o terreno para obter o dinheiro necessário à operação da neta. Mas nem

mesmo a desgraça de Vanga conseguiu derrubar a parede de afastamento que se erguera entre eles. A sogra recusou categoricamente vender a terra para ajudar a neta.

Entretanto, o dia da operação aproximava-se. Pande teve de vender tudo o que possuía de escasso património e de que pudesse dispensar-se. Da casa saiu a máquina de costura, única recordação da primeira mulher. Teve também de vender a única ovelha. No resto da casa já não havia nada de valor. Ainda conseguiu emprestar algum dinheiro dos vizinhos. Mas assim só conseguiu metade da quantia necessária.

Mas então Pande soube que um vizinho abastado se preparava para ir a Belgrado visitar o filho. Decidiu aproveitar a oportunidade e enviar com ele Vanga para a operação. De qualquer modo, não tinha dinheiro para a viagem a Belgrado. O vizinho aceitou de boa vontade ajudar o pai destroçado pela dor. Um dia antes da operação, chegaram com Vanga ao hospital de Belgrado. Ele encontrou-se com o cirurgião oftalmologista e entregou-lhe a quantia reunida por Pande. O médico ficou visivelmente irritado por um senhor tão distinto e bem vestido, claramente com posses, oferecer-lhe um honorário tão pequeno por uma operação tão complexa. O doutor pensou que o parente rico simplesmente queria livrar-se da menina pobre.

Sem dizer nada ao distinto senhor, à noite o médico chamou Vanga à sala de médicos e disse-lhe: «Menina querida, amanhã faço-te a operação, mas o dinheiro que o teu pai mandou só chega para metade, por isso só te farei "metade" da operação. Quando me trouxerem a quantia necessária, opero-te como deve ser!» Contudo, acabou por levar a operação até ao fim. Muito provavelmente, este episódio foi inventado pelos criadores da vangaelogia. É impossível imaginar um cirurgião que faça apenas metade da operação e deixe a outra para quando receber o honorário completo.

E o problema não está tanto no juramento de Hipócrates como no facto de, tecnicamente, ser simplesmente impossível realizar uma operação "a meias". Na pior das hipóteses, o cirurgião poderia adiar a operação até lhe trazerem o dinheiro pedido, tanto mais que a operação não era vital e um atraso de alguns dias não teria importância de princípio. Mas a ideia popular sobre os médicos, especialmente os médicos de cidade bem-sucedidos, que só tratam ricos e por muito dinheiro, este relato transmite-a muito bem. A um camponês não versado em medicina pode parecer que

uma operação médica, como qualquer outro trabalho, pode ser feita a meias, como, por exemplo, se pode lavrar apenas metade do campo.

Após a operação realizada em Belgrado, Vanga terá melhorado um pouco. Começou a ver, ainda que muito fracamente. O médico disse-lhe que, para a recuperação do organismo, precisava agora de alimentação calórica, limpeza e tranquilidade. Tudo isso era muito difícil de garantir numa aldeia macedónia remota, nas condições em que a família de Vanga continuava a viver na mais absoluta miséria. Embora seja preciso ressalvar que quão pobre era realmente a família de Vanga, rigorosamente falando, não sabemos com certeza. Pois a lenda de Vanga nasceu numa época em que o poder na Bulgária estava nas mãos dos comunistas, e a origem da heroína tornada de culto numa família camponesa pobre correspondia perfeitamente ao cânone então aceite.

Além disso, uma pobre órfã cega devia suscitar o máximo de compaixão e piedade no público que escutava os milagres de Vanga. Pelo contrário, um "kulak" Pande como pai da vidente não teria satisfeito nem as autoridades comunistas nem os entusiásticos admiradores da vidente com a sua habitual aversão aos ricos e abastados. Por isso, é perfeitamente admissível que Pande tenha continuado a ser uma pessoa bastante abastada até à própria morte e que talvez não tenha tido grandes problemas financeiros com o tratamento da filha (embora, mesmo para um camponês jugoslavo abastado, uma operação ocular complexa e cara fosse, provavelmente, naqueles anos, bastante ruinosa por si só).

K. Stoyanova dá-nos alguns pormenores do tratamento de Vanga. A sobrinha afirmava: «Um dia antes da operação, Vanga foi enviada para Belgrado com o vizinho de Pande, Payvanski, um homem abastado que ia visitar o filho. O pai queria muito estar ao lado dela nesse momento difícil para Vanga, mas ficou em casa para não gastar dinheiro.

Quando o vizinho, um senhor bem vestido, levou Vanga ao hospital, de fora podia parecer que um parente rico trouxera uma parente pobre e queria livrar-se dela o mais rapidamente possível. Foi exatamente essa a impressão que se formou no cirurgião que no dia seguinte devia fazer a operação. Ao ver quanto dinheiro lhe dava o acompanhante, irritou-se com a sua avareza, chamou Vanga ao seu gabinete e disse-lhe: "Menina, amanhã opero-te, mas o teu pai só mandou metade do dinheiro necessário; por isso só te farei metade da operação. Quando me trouxerem a quantia devida, opero-te como deve ser!"

De regresso a casa de Belgrado, Vanga passou a ver, embora muito debilmente. O médico disse-lhe que, para recuperar o organismo, precisava de comida calórica, limpeza e tranquilidade. Evidentemente, estes conselhos ficaram como um bom desejo; a vida da família não mudou em nada e decorreu na miséria e privações. Em 1924 nasceu mais uma criança — um menino, a quem batizaram Tome —, e Pande voltou a contratar-se como jornaleiro para garantir o sustento de uma família de cinco pessoas. A mulher, na medida das suas forças, trabalhava no campo, e Vanga tratava das crianças pequenas e das lides domésticas.

As duras condições de vida depressa se fizeram sentir. Novamente uma névoa cobriu os olhos dela, mas de nova operação não podia haver fala, e pouco depois a menina ficou completamente cega. Desta vez para sempre.

O desespero foi total. Noites inteiras Vanga chorava e suplicava um milagre que a fizesse voltar a ver, mas o milagre não se apressava a acontecer. Assim passaram vários meses, mas Vanga não conseguia resignar-se com a ideia de que era um peso para a família, de que estava inativa e não sabia como ajudar, como encontrar uma saída para a situação. Um dia disseram ao pai que na cidade de Zemun havia uma Casa dos Cegos e aconselharam-no a recorrer lá. Talvez a vida lá não fosse doce, mas a menina não passaria fome, porque naquele estabelecimento cuidavam bem das crianças.»

É preciso lembrar que já em 1924 a família aumentara e era composta por cinco pessoas. Nasceu a Vanga um meio-irmão, a quem chamaram Tome. Segundo a lenda canónica, Pande esforçava-se ao limite para, de algum modo, alimentar a família. Para isso, teve supostamente de voltar a andar pelas aldeias como pastor contratado. A mulher, nessa altura, trabalhava no campo, lavrando a terra e colhendo, e Vanga ficava como a mais velha em casa: tratava da casa e cuidava dos irmãos.

Havia muito que trabalhar. As condições de vida eram difíceis mesmo para uma pessoa completamente saudável, e para uma menina frágil que perdia rapidamente a visão revelaram-se simplesmente destrutivas. Pouco depois da última operação sobreveio uma piora. A névoa branca cobriu novamente os olhos de Vanga, e a menina ficou completa e irremediavelmente cega. Para toda a família isso foi uma verdadeira tragédia.

Vanga, que antes suportara estoicamente os seus sofrimentos e esperara a cura, caiu literalmente no desespero. Chorava noites inteiras e rezava na esperança de um milagre, de que Deus lhe enviasse cura e visão.

Mas o milagre não acontecia. Todo o mundo continuava para Vanga envolto em trevas. Os dias e os meses praticamente não se distinguiam uns dos outros. Vanga parecia completamente desamparada. Sofria muito por não poder ajudar o pai e a madrasta e por se tornar cada vez mais um fardo para eles. Os pais esgotavam-se de forças.

Em 1925, quando já estava completamente cega, Vanga foi enviada para a Casa dos Cegos em Zemun, na atual Sérvia (hoje Zemun é um dos bairros de Belgrado), onde passou três anos, aprendendo a cozinhar, a tricotar e a ler em Braille. Segundo uma das versões, foram os vizinhos da aldeia que indicaram aos pais de Vanga que na cidade de Zemun havia uma Casa dos Cegos e que lá os cuidados com os internados eram muito bons. Penso que é mais razoável supor que foram os médicos de Belgrado que falaram a Pande da casa-internato para crianças cegas em Zemun. E ele começou a tratar do assunto para que Vanga lá fosse aceite.

Pouco depois, da Casa dos Cegos de Zemun chegou a notícia de que estavam prontos a receber Vanga. Começava uma nova etapa da sua vida, se não a mais feliz, pelo menos a mais tranquila. No internato quase tudo era decidido por ela, e pela primeira vez na vida Vanga não tinha de preocupar-se com o pão de cada dia. A rapariga já tinha quinze anos e agora tinha de aprender a viver a vida de uma pessoa cega.

Na Casa dos Cegos reinava uma disciplina rigorosa, mas as crianças comiam até ficarem saciadas, vestiam-se decentemente e aprendiam a tricotar, a coser, a cozinhar. Com elas faziam música e leitura de livros escritos em alfabeto para cegos. Três anos Vanga passou longe da pátria, mas foram, talvez, os anos mais calmos e felizes da sua vida.

Na Casa dos Cegos, Vanga foi recebida com muita hospitalidade. Ela estava habituada a cuidar ela própria dos membros da sua família, a ajudá-los nas lides domésticas. Afirma-se que a existência miserável da família e a desgraça que sobre ela caíra não tinham permitido que se revelasse o carácter alegre de Vanga. Mas na Casa dos Cegos o seu carácter desabrochou finalmente por completo e ela pôde fazer amigos. No internato tudo era diferente do que em casa.

Vestiram Vanga, como lhe pareceu, com um uniforme escolar extraordinariamente bonito, composto por uma saia castanha plissada e

uma blusa com gola de marinheiro. Deram-lhe também uns sapatos bege maravilhosos. Claro que Vanga não podia ver todas estas coisas bonitas, mas apalpou-as cuidadosamente. Já aprendera a "ver" com os dedos, e a roupa nova agradou-lhe muito.

Os cabelos louros foram pela primeira vez na vida cortados por um cabeleireiro e elegantemente arranjados. Embora, infelizmente, já não pudesse ver-se ao espelho, apalpou e acariciou longamente os cabelos e o seu novo traje. Estava verdadeiramente feliz.

A vida no internato da cidade era muito mais interessante do que numa aldeia macedónia remota. Aqui era preciso obedecer a um horário rigoroso. Mas para Vanga nisso não havia nada de novo. Na época da ceifa na aldeia levantavam-se antes do amanhecer e deitavam-se tarde, e cada hora estava rigorosamente planeada. Na Casa dos Cegos as meninas aprendiam arte culinária, a arrumar a casa e também a tricotar sem ver. Para Vanga, tudo foi muito difícil no início.

Era preciso, por exemplo, determinar ao tato quanto de cada produto era necessário para preparar tal ou tal prato, mesmo o mais simples, uma sopa ou uma papa. Mas gradualmente aprendeu todas essas sabedorias e tornou-se uma cozinheira excelente. Vanga dominou também na perfeição a arte de "ver" com as mãos. Os seus dedos tornaram-se flexíveis e extremamente sensíveis. Ao tricotar, com as malhas e as agulhas não tinha problemas.

Vanga começou a conhecer o mundo circundante pelos métodos específicos dos cegos. Dominou o alfabeto Braille. Mas continuava a falar na língua macedónia, que os sérvios não entendiam. E nunca aprendeu bem o sérvio. Por isso, como tradutora servia a sua irmã Lyubka, que viveu com Vanga praticamente até à morte desta.

Na Casa dos Cegos, Vanga encontrou também o seu primeiro e, possivelmente, mais forte amor. Conheceu um rapaz cego de família rica e já se preparava para o casamento. Se esse casamento se tivesse realizado, o destino de Vanga poderia ter mudado radicalmente. Mas a vida decidiu de outra maneira…

Um dia, ao grupo das raparigas juntou-se Dimitar, um simpático rapaz louro, também cego, como todos nesse internato. Logo gostou da jovem Vanga, que contava de forma muito interessante vários prodígios. Gradualmente os jovens aproximaram-se e passaram cada vez mais tempo juntos.

— Que bonito és, Mitko! E tens os cabelos dourados, como uma espiga de trigo! — exclamava Vanga, tocando cuidadosamente com as pontas dos dedos na cabeleira de Dimitar.

— Ora essa! — embaraçou-se o jovem. — E como podes tu saber que cabelos eu tenho?

— Não, meu querido amigo, eu vejo e sei muito mais do que tu ou os outros habitantes desta casa. Sei, por exemplo, que a tua irmã mais velha é casada com um bêbado e arruaceiro, sofre com ele há sete anos inteiros, mas mesmo assim quer ter um filho dele. Por isso, transmite por favor aos teus: se ele deixar de beber, a criança nascerá; se não, ela continuará a andar "vazia".

Dimitar ficou estupefacto com o que ouviu: tudo era exatamente assim como Vanga dissera. A mãe e a irmã visitavam-no frequentemente e contavam-lhe como o marido da irmã, Boris, as atormentava com as bebedeiras.

Passados alguns meses, Mitko e Vanga tornaram-se inseparáveis. Vanga dominara na perfeição o tricot e a costura e até aprendera a tecer. Descobriu-se que tinha um ouvido musical excelente e tocava muito piano. Além disso, Vanga tinha uma voz bonita e, juntamente com Mitko, formaram um dueto bastante bom, que todo o internato se reunia para ouvir.

Esta amizade transformou-se gradualmente em amor, e Dimitar pediu a sua amada em casamento.

Dimitar comunicou aos pais a sua decisão; eles não se opuseram e até se alegraram. Compreendiam que agora o filho, muito provavelmente, teria de procurar noiva entre as cegos. E Vanga era uma rapariga extraordinária — inteligente, bonita, asseada e bondosa. Só era preciso uma coisa: comunicar o noivado ao pai e à madrasta da noiva e pedir a sua bênção. Parecia que tudo se arranjaria da melhor maneira. A rapariga já se imaginava de vestido de noiva, sonhava com uma família forte e feliz, filhos e longos anos de vida ao lado da pessoa amada.

Mas, como diz a voz popular, os sonhos que teve à espera da resposta da casa paterna foram maus. Os anjos, que normalmente lhe apareciam bons e transparentes, tornaram-se por alguma razão negros e falavam de forma triste e melancólica: «Não… não… não esperes…» E, como costuma acontecer, os sonhos foram proféticos. Em vez da bênção para o

casamento, Vanga recebeu de Pande um telegrama curto: «Larga tudo e vem imediatamente. Morreu a Tanka. Precisamos de ti aqui».

Os apaixonados ficaram desesperados, mas Vanga nem por um instante duvidou de que procedia corretamente. O seu lugar era na casa paterna, onde tinha de criar o Vasil de seis anos, o Tome de quatro e a Lyubka, ainda pequenina, de dois anos. A despedida da Casa dos Cegos foi breve, e Vanga partiu para casa. Com Dimitar separaram-se para sempre.

Tanka morreu no quarto parto, e Pande não podia passar sem a ajuda da filha mais velha, mesmo cega. A rapariga, sem uma queixa, pôs uma cruz no seu bem-estar pessoal e regressou ao pobre lar paterno. Costurava, tricotava, fiava, cozinhava e, o mais importante, substituiu durante longos anos a mãe aos irmãos e irmã mais novos — Vasil, Tome e Lyubka.

Pouco depois da morte de Tanka, em 1928, ocorreu o célebre terramoto de Chirpan, que atingiu também a região de Strumica. Aconteceu a 14 de abril. O epicentro do terramoto foi a cidade de Chirpan, situada na Bulgária Central, na região de Stara Zagora. O abalo foi bastante forte e a cidade ficou quase totalmente destruída. Mais de cem pessoas morreram, milhares ficaram sem abrigo. O terramoto de Chirpan causou também sérios estragos em Plovdiv e Borisovgrad. Sem abrigo, comida e trabalho ficaram 200 mil pessoas. O governo da Bulgária conseguiu disponibilizar apenas 50 milhões de leva. E o governo da Jugoslávia não disponibilizou absolutamente nada aos habitantes das cidades e aldeias macedónias fronteiriças também afetadas pelo terramoto.

Em Strumica, situada bastante longe do epicentro, felizmente ninguém morreu. Mas à família de Vanga, mais uma vez, a sorte não sorriu. A velha casa de taipa foi destruída pelo terramoto, e Pande e os filhos ficaram sem teto. Pande teve de construir urgentemente nova habitação. Em poucos dias, com a ajuda dos aldeãos, conseguiu erguer uma casa nova que, porém, não tinha comparação com a anterior em tamanho. Como material de construção serviram caules de cana, que por cima eram rebocados com barro. Obtinha-se adobe — tijolo de taipa. A casa nem sequer chegou a ser rebocada.

A família tinha poucos haveres, e a mudança foi rápida. A casita nova compunha-se de um alpendre e uma divisão. Mais tarde foi ampliada e rebocada, acrescentando-se uma cozinha com forno onde se cozinhava o pão e mais uma divisão.

Em 1934, quando fez oito anos, a irmã de Vanga, Lyubka, entrou na escola. Apesar da necessidade de ajudar o pai e os irmãos e irmã mais velhos nas lides domésticas, tornou-se a melhor aluna da turma. Vanga alegrava-se muito e orgulhava-se dos sucessos da meia-irmã. Já se convencera de quão útil era a instrução recebida na Casa dos Cegos.

K. Stoyanova escreveu o seguinte sobre a sua mãe: «Em 1934, Lyubka entrou na escola. Era a aluna mais dotada, mas ao mesmo tempo a mais pobre. Vanga alegrava-se muito com o gosto da irmãzinha pelo estudo, porque já lhe coubera experimentar a alegria de aprender, embora por pouco tempo, na Casa dos Cegos, e sabia que riqueza era essa. Apesar de Vanga manter as crianças na mais rigorosa disciplina e de elas lhe obedecerem sem discussão, não conseguiu convencer os irmãos a ir à escola. Para ser honesta, essa possibilidade nem existia, pois eles trabalhavam como jornaleiros, mas mesmo quando tinham tempo livre, os irmãos não queriam ir à escola. Vasil, esse, declarou diretamente que não aprenderia de maneira nenhuma.»

O pai, que passava o tempo todo a apascentar gado alheio, chegou um dia a casa abatido. Ainda não dissera uma palavra e já Vanga se inquietou e perguntou preocupada: — Pai, que aconteceu? Tens problemas?

Pande, como se já estivesse habituado à clarividência quotidiana de Vanga, não se admirou nada e contou que do seu rebanho desaparecera uma ovelha. Conhecendo o génio difícil do dono do rebanho, temia que o despedisse e ainda por cima não lhe pagasse.

— Ora, essa desgraça tem remédio. Não te aflijas, pai! Vai antes à aldeia de Monospitovo, procura lá o Atanas. E para não andares muito à procura, lembra-te: à esquerda do velho carvalho está uma casita de adobe, na vedação pendem quatro cântaros vazios de leite. Há um cão no quintal, mas não tenhas medo, não te morderá. Por isso entra sem receio e vai buscar o que perdeste.

Aqui Pande perdeu a fala de espanto. Nunca na vida estivera naquela aldeola e nunca conhecera nenhum Atanas. Mas decidiu que pior do que estava não ficaria e partiu para Monospitovo. Tudo era exatamente como Vanga previra — o carvalho, o cão e até os quatro cântaros na vedação.

E o mais importante: a ovelha estava realmente com Atanas, que há muito se dedicava ao roubo. Ao regressar, o pai perguntou à filha como soubera onde estava a ovelha desaparecida. Vanga respondeu que vira tudo num sonho.

Este relato parece demasiado uma fábula infantil com final feliz.

Segue-se, porém, o relato das agruras da vida de Vanga na Jugoslávia real.

Os dez anos seguintes foram para Vanga talvez os mais difíceis. Tricotava, cosia, fiava, apesar da cegueira, mas o dinheiro em casa nunca chegava. E então caiu sobre Vanga mais uma grave doença. Na véspera do Ano Novo de 1939, depois de passar vários dias descalça, de pé no chão de cimento, numa fila para receber um subsídio para pobres, Vanga apanhou um forte resfriado e caiu com uma pleurisia grave que lhe arruinou completamente a saúde, levou-a ao extremo esgotamento e chegou mesmo a um estado de morte clínica. Os vizinhos compassivos já começaram a angariar dinheiro para o funeral, mas então aconteceu um verdadeiro milagre: a rapariga curou-se instantaneamente, como se um espírito poderoso tivesse entrado nela.

A jornalista Boyko Tsvetkova, que entrevistou Vanga um ano antes da sua morte, conta: «Imaginem: o defunto que se preparavam para cantar de corpo presente levanta-se de repente, pega na vassoura e começa a varrer o quintal. Foi exatamente isso que, aos olhos de muitas testemunhas, aconteceu com Vanga. Na verdade, foi nesse momento que surgiu a nova Vanga, que começou a prever com absoluta precisão o futuro próximo e longínquo». E só depois deste milagre manifesto as pessoas começaram a compreender que Vanga estava marcada por forças luminosas. Começaram a acreditar que Vanga podia prevenir desgraças, indicar o noivo, apontar o lugar exato onde procurar um objeto ou animal perdido e, por vezes, até uma pessoa.

A própria Vanga só acreditou plenamente e tomou consciência de que estava dotada de capacidades sobrenaturais e do dom da clarividência na véspera da Segunda Guerra Mundial. Sonhou com um belo cavaleiro envolto num halo de luz divina, que lhe disse: «Não está longe a hora em que o mundo será virado do avesso e muitos morrerão. Tu preverás a vida e a morte. Não tenhas medo, estarei sempre ao teu lado e tu transmitirás às pessoas as minhas palavras…»

Eis como K. Stoyanova descreve a cura milagrosa de Vanga após a pleurisia: «Vanga não se queixava da saúde até 1939. Nesse ano adoeceu com pleurisia. E durante quase oito meses a sua vida esteve por um fio. A doença secou-a tanto que, nos dias de sol, Lyubka punha a irmã num alguidar e levava-a para o quintal como se fosse uma criança. Quando a

situação se tornou crítica, chamaram uma médica da estação antimalária. Esta, com ar de nojo, observou o quarto e pediu a Lyubka que tirasse o cobertor de cima da doente. Devido à longa imobilidade, o corpo de Vanga estava coberto de escaras, a pele nas feridas estava rasgada. A médica mandou o enfermeiro à estação buscar pó e solução desinfetante, chamou Lyubka ao quintal e disse-lhe que a irmã não duraria muito.

A notícia espalhou-se imediatamente pelo bairro inteiro e os vizinhos chamaram o padre para dar a comunhão à moribunda. No dia seguinte, quando os trabalhadores do monopólio do tabaco recebiam os seus míseros salários, um deles pôs-se à porta com o boné na mão e começou a pedir dinheiro para o funeral da pobre rapariga.

Dois dias depois destes acontecimentos, Lyubka foi buscar água à fonte, que ficava bastante longe de casa, e ao regressar abriu o portão e, de espanto, deixou cair o cântaro. Vanga, cuja morte esperavam a qualquer momento, varria o quintal com agilidade. Como se não fosse ela que acabara de estar no "leito de morte". Apenas estava mais pálida do que o costume, mas os movimentos das suas mãos eram firmes e fortes, como se diante de Lyubka estivesse uma pessoa completamente saudável. Ao ouvir a voz da irmã, disse: "Ajuda-me. É preciso varrer tudo bem limpo, porque daqui a pouco virá muita gente."»

K. Stoyanova contava: «Em Strumica foi criado um Clube de Esperantistas, frequentado por quase todas as crianças pobres. Vasil e Tome também se inscreveram nesse clube e começaram a ir lá regularmente, supostamente para aprender esperanto. Muitas vezes obrigavam Lyubka a distribuir pela cidade certos livros e a entregá-los a várias pessoas. Mais tarde descobriu-se que, sob a fachada de um estabelecimento para esperantistas, se escondia um clube comunista e que os jovens estudavam não tanto a língua como literatura marxista. Ambos os filhos do antigo chetnik Pande abriram naturalmente o caminho para a escola onde aprendiam a verdadeira verdade da vida. A isso os impeliu não só o sangue do pai e as convicções paternas, mas também o exemplo da sua vida…

O pai, que não conseguia fazer face às despesas, sonhava tornar-se caçador de tesouros e encontrar muito dinheiro. Um dia Vanga disse-lhe que sabia onde estava enterrado um tesouro e descreveu-lhe o lugar onde poderia encontrar moedas antigas. O tesouro repousava numa zona não muito próxima de Strumica. Outrora ali havia uma aldeia, hoje abandonada,

e perto dela corria um rio. Entre o rio e o bosque havia uma rocha, e era debaixo dela que estava enterrado o tesouro. O pai, admirado, tomou as palavras de Vanga com desconfiança e pôs-se a troçar, mas depois refletiu e lembrou-se de que tal lugar realmente existia. A aldeia chamava-se Rayantsi. Os habitantes abandonaram-na quando ali grassou a peste. E o rio chamava-se Rayanska. Sim, havia lá um bosque e uma rocha.

O pai perguntou a Vanga como sabia tudo isso, e ela respondeu que, enfim, lhe aparecera em sonho. Um dia o pai propôs irem a Rayantsi ver se Vanga lhes dissera a verdade. Foram a pé até à aldeia, mas Lyubka recorda que Vanga se movia na zona de Rayantsi com muita segurança, como se já lá tivesse estado muitas vezes, e tudo era exatamente como ela descrevera. O pai disse que um dia se organizaria e iria lá escavar debaixo da rocha, mas pouco depois caiu e partiu um braço. E assim nunca lhes foi dado enriquecer. Mais tarde construíram naquela zona um reservatório de água, e se lá estava mesmo enterrado um tesouro, ficou para sempre debaixo de água.»

É característico que esta seja uma das predições de Vanga citadas pelos seus admiradores e que nunca foi confirmada. Suspeito que, se realmente acreditassem no tesouro, a família teria vendido o último trapo para o desenterrar. Mas, pelos vistos, Pande e os filhos não mostraram grande entusiasmo na busca. Evidentemente, na verdade não acreditaram na vidente. Embora talvez toda esta história tenha sido simplesmente inventada para mostrar o desinteresse de Vanga e da sua família.

Quanto ao relato dos esperantistas-marxistas, parece verosímil. Na Macedónia do Vardar era influente a Organização Revolucionária Interna Macedónia (VMRO), muitos dos membros da qual se aproximaram dos comunistas. Tendo em conta que Pande, muito provavelmente, fora membro da VMRO, os filhos podiam muito bem ter seguido os seus passos. Como recordamos, formalmente a VMRO foi dissolvida em 1934. Contudo, algumas das suas frações locais sobreviveram.

Além disso, vários antigos membros da VMRO começaram a colaborar com os partidos comunistas da Bulgária e da Jugoslávia. Ao mesmo tempo, durante a ocupação búlgara da Macedónia do Vardar, muitos membros da VMRO apoiaram o exército e a administração búlgaros. E não se pode excluir que a versão do passado marxista dos filhos de Pande e irmãos de Vanga tenha surgido no período do domínio

comunista na Bulgária, quando a ligação aos comunistas antes da sua chegada ao poder era considerada um grande mérito.

K. Stoyanova afirmava: «O ano de 1939 decorreu sob o signo de novas agitações ligadas à campanha eleitoral. O governo da época seguia uma política reacionária, orientada para a aproximação à Alemanha hitleriana. Isso provocou protestos populares e uma onda de manifestações e greves. Começaram prisões em massa.

Foi preso também o pai de Vanga, que num lugar público declarara que a política do governo era funesta para o povo. E novamente na esquadra foi torturado. Nessa altura tinha 53 anos, mas quando regressou a casa parecia um velho acabado, porque na esquadra o espancaram até meio morto. As feridas sangrentas eram untadas com vários unguentos e cobertas com peles de animais esfoladas. Mal se pôs de pé, Pande voltou a andar pelas aldeias em busca de trabalho.»

Note-se que deste trecho é difícil ao leitor perceber em que país exatamente se passam os acontecimentos — na Bulgária ou na Jugoslávia. Nos leitores que sabem que Vanga viveu e morreu na Bulgária nos últimos decénios da sua vida, surgirá a sensação de que a ação decorre na Bulgária. Tanto mais que o governo búlgaro realmente, no início da Segunda Guerra Mundial, procurou aproximar-se da Alemanha nazi e tornou-se seu aliado, aderindo em janeiro de 1941 ao Pacto Tripartido.

Mas na verdade este fragmento refere-se à Jugoslávia, cujo governo também procurava a amizade de Hitler e aderiu em março de 1941 ao Pacto Tripartido, mas foi imediatamente derrubado pelos militares. Este golpe provocou o ataque de Hitler à Jugoslávia a 6 de abril de 1941. Quanto ao pai de Vanga, muito provavelmente agitava o povo não contra a aproximação de Belgrado a Berlim, mas contra o domínio sérvio na Macedónia. Não se exclui que as suas deambulações por várias aldeias da Macedónia estivessem ligadas à atividade clandestina da VMRO.

Durante as eleições parlamentares de 1939 na Macedónia intensificaram-se as manifestações antissérvias. Pela participação nelas foi preso o pai de Vanga. Passados alguns meses foi libertado.

K. Stoyanova afirmava: «No início de 1940, Lyubka adoeceu com meningite. Levaram a menina ao hospital da cidade de Štip, mas lá recusaram-se a aceitá-la por falta de camas. Contudo, o médico de serviço, ao saber da incrível pobreza da família, ordenou que a pusessem no corredor. Durante duas semanas Lyubka esteve entre a vida e a morte, mas,

pelos vistos, estava escrito no seu destino que sobrevivesse. E trataram-na com fome. Quando Lyubka regressou a Strumica, viu que Vanga se transformara em ossos vivos. Enquanto Lyubka estivera ausente, ninguém pusera os pés em casa delas, ninguém se lembrara de levar sequer água à rapariga cega. Mas Vanga suportou. Passava dias inteiros sem comer nem beber, mas nunca se queixou a ninguém. Vanga alegrou-se muito por a irmãzinha ter voltado viva e saudável.

Após a grave doença, Lyubka ficou anémica, e um médico militar que a examinou disse que a menina se curaria se comesse bem. Olhando para as irmãs esfarrapadas, acrescentou que à mais nova era preciso beber meio litro de leite de ovelha todos os dias.

Então o pai decidiu contratar-se como pastor na aldeia de Hamzali, numa exploração da BATA — empresa que fabricava calçado —, e levou consigo as filhas. Realmente, leite havia lá em abundância, e depressa Lyubka recuperou. Todos os dias as irmãs iam buscar água ao poço, que ficava bastante longe da aldeia, no campo. Enquanto Lyubka enchia os cântaros, Vanga sentava-se numa pedra e ficava longamente calada, indiferente a tudo. Sentava-se imóvel, como surda, e não reagia mesmo quando Lyubka exclamava: "Vamos, já tenho a água!" Num desses idas buscar água, Vanga estava especialmente estranha, Lyubka até chorou.

Petrtificada de medo, ficou longo tempo ao lado da irmã imóvel, quando de repente Vanga, como se sacudisse o torpor, disse: "Não tenhas medo, não há nada de grave, apenas estava a falar com uma pessoa. Era um cavaleiro, veio ao poço dar de beber ao cavalo. Disse-lhe que não ficasse zangado contigo, tu não lhe dás o lugar porque não o vês. O cavaleiro disse-me: 'Vês esta erva com florzinhas brancas pequenas que cresce junto ao poço? É "erva das estrelas", ajuda a curar muitas doenças'."»

A 8 de novembro de 1940, Pande Surchev, pai de Vanga, morreu com 54 anos (segundo outros dados, 55). Um dia caiu e magoou um braço. A ferida no braço começou a supurar. A infeção espalhou-se pelo organismo, atingindo também velhas feridas. Começou a gangrena. Todo o verão Vanga e Lyubka cuidaram do pai.

Num certo momento Pande melhorou e surgiu esperança de que se curasse. Só que Lyubka ouvia, de noite, Vanga chorar amargamente. Pressentiu que a vidente sabia que ao pai restava pouco tempo de vida. Em setembro a saúde de Pande piorou drasticamente. Os irmãos de Vanga regressaram a casa para se revezarem nos cuidados ao pai doente. A dor

uniu a família, que se reuniu novamente. A pobreza obrigava os irmãos a procurar trabalho longe de casa.

No início de novembro, Pande sentiu que ia morrer. Chamou os filhos e disse-lhes: «Filhos, eu morro. Vocês ficam a viver e hão de chegar ao dia em que esta nossa terra voltará a ser terra búlgara. Pena que eu não chegue a esse dia luminoso. Tenho um grande pedido a fazer-vos: quando vierem os búlgaros, chamem algum soldado búlgaro, que ele crave a baioneta na terra sobre a minha sepultura, e eu saberei que a Bulgária chegou! Sede honestos e trabalhadores e obedecei à Vanga. Agora ela será o vosso amparo!»

É muito característico que nas suas últimas palavras aos filhos, pode dizer-se no seu testamento espiritual, Pande falasse antes de mais que a Macedónia tinha necessariamente de tornar-se búlgara. Pelos vistos, por isso lutara até aos últimos dias da sua vida. Por isso não se pode excluir que na verdade tenha sido ferido não numa queda acidental, mas num tiroteio com a polícia. Convenhamos que é bastante estranho que uma pessoa com gangrena não seja internada num hospital. Outra coisa seria se a ferida tivesse sido provocada não por uma queda acidental, mas num tiroteio com polícias jugoslavos (sérvios); então não podiam de modo algum levar Pande ao hospital. Lá teriam imediatamente percebido que a ferida era de bala e entregariam o ferido à polícia. De um tiroteio, especialmente se nele tivesse sido morto ou ferido algum polícia, certamente se saberia amplamente. E então, se Pande caísse nas mãos da polícia, esperava-o a prisão ou a forca.

Eis como K. Stoyanova descreveu a morte de Pande: «O pai, estando em Strumica, caiu e partiu um braço. No lugar da fratura abriu-se uma ferida profunda. Esta depressa supurou, fizeram-se sentir também velhas feridas que lhe tinham sido infligidas durante espancamentos na administração e nas esquadras. A infeção espalhou-se por todo o corpo, começou a gangrena. Todo o verão as irmãs cuidaram do pai. Num certo momento Pande melhorou, surgiu uma tímida esperança de recuperação e todos pensaram que o pai conseguiria safar-se, mas de noite Lyubka ouvia Vanga derramar lágrimas amargas e pensava que a irmã chorava a sua sorte amarga, pois sabia que o pai morreria em breve e elas ficariam órfãs de todo. Em setembro o pai piorou muito. Chegaram também os irmãos para se revezarem junto ao pai. Pela primeira vez em tantos anos toda a família se reuniu, mas continuava a atormentá-los a fome. De manhã os irmãos iam

às filas de comércio — procurar trabalho. Vasil ficava de vigia junto ao edifício da administração comunal, a ver se alguém o contratava como carregador, e Tome passava o dia inteiro a lavar estômagos na matança, na esperança de que à noite lhe dessem um bocadinho de carne para levar para casa. Mas muitas vezes os irmãos tinham de regressar de mãos vazias.

Um dia, quando em casa não restava uma migalha de pão, o pai lembrou-se do seu amigo abastado Hristo Tudjarov e mandou Tome e Lyubka ter com ele para que lhes emprestasse algum dinheiro. "Dinheiro não se dá de graça — respondeu o "amigo" do pai —, amanhã vão ao campo colher o algodão que ficou. Por isso dou-vos dinheiro."

Na manhã seguinte, os filhos de Pande saíram para o campo e passaram o dia a apanhar algodão. Era outubro. Soprava um vento forte, cortante, que gelava até aos ossos. Parecia querer expulsar as crianças do campo, onde já não havia mais ninguém. As mãos delas ficaram roxas e gretadas do frio. À noite foram ter com o dono e entregaram-lhe um saco cheio, e este atirou aos pés de Tome dois leva e disse que Lyubka era muito pequena e não tinha direito a dinheiro, depois empurrou-os e fechou a porta, pois no ar começaram a cair flocos de neve.

Ao regressar a casa, as crianças choravam de dor e ofensa, as lágrimas caíam sobre o pedacinho de zapekanka que tinham comprado com o dinheiro ganho para levar ao pai doente.

No início de novembro o pai sentiu que o fim estava próximo, reuniu os filhos e disse: "Filhos, eu morro, vocês ficam sós. Sede honestos, trabalhadores e obedecei em tudo à Vanga. Agora ela será o vosso amparo!"

Em novembro de 1940, com 54 anos, Pande desceu à sepultura. O corpo do falecido, lavado e vestido com roupa nova, jazia sobre uma esteira diretamente no chão. O pope não veio cantar o defunto, e as crianças não sabiam como enterrar o pai, pois não tinham dinheiro. Passaram o dia inteiro e a noite inteira a sós com o corpo do pai morto.

No dia seguinte, o vizinho deles, que servia de sacristão na igreja católica, contou ao padre a tragédia dos pobres órfãos, e este ordenou que enterrassem Pande gratuitamente no cemitério católico.

Após o funeral, o padre, compadecido das crianças órfãs, deu-lhes algum dinheiro do cofre da igreja para comprarem pão.»

Que Pande tenha sido enterrado no cemitério católico permite supor que na verdade fosse católico. Verdade que os católicos na República da

Macedónia são muito poucos. Em 2005 contavam-se cerca de 14 mil (0,7 % da população do país), dos quais 11 400 pertenciam à Igreja Greco-Católica Macedónia uniata, e apenas cerca de 3500 macedónios eram católicos puros, mas estes, principalmente, croatas étnicos, aos quais o pai de Vanga claramente não pertencia.

E o relato edificante de como os filhos de Pande foram pedir ajuda ao rico "amigo" do pai e como isso terminou é demasiado literário para inspirar grande confiança.

Após a morte do pai, Vanga ficou como a mais velha da família. Se os irmãos já podiam ganhar o pão por si próprios, de Lyubka ainda era preciso cuidar.

E foi exatamente então, se dermos crédito à voz popular, que começaram a manifestar-se as capacidades sobrenaturais de Vanga. Pode até pensar-se que a presença do pai vivo de algum modo as impedia de se revelarem.

Todas as lendas ligadas a Vanga, as primeiras curas milagrosas e predições igualmente milagrosas, situam-se no período do início da Segunda Guerra Mundial. «Em 1940 Vanga caiu pela primeira vez num transe prolongado, e em 1941 começou de repente a falar com voz masculina alheia e a prever a todos o futuro ou a morte na guerra. Quase um ano inteiro não dormiu…» — contam sobre a vidente publicações ortodoxas. Eis como a própria Vanga falava das suas capacidades extraordinárias numa das entrevistas:

«Pergunta: Falas com espíritos? Vanga: Vêm muitos e muito diferentes. Alguns não consigo compreender. Mas aqueles que agora vêm e estão perto de mim, compreendo-os. Um vem, bate à minha porta e diz: "Esta porta é má, substitui-a!"

Pergunta: Lembras-te de alguma coisa depois de teres estado em transe? Vanga: Não. Quase não me lembro de nada. Depois do transe sinto-me muito mal o dia inteiro.»

Vanga recordava: naqueles tempos longínquos, no início dos anos 40, descobriu de repente, com espanto, que podia saber de antemão coisas de que os outros nem suspeitavam. Durante muito tempo não falou disso a ninguém. A rapariga tinha muito medo que as pessoas não acreditassem e a declarassem louca. E, no entanto, um dia Vanga não se conteve e disse às vizinhas que em abril começaria a guerra.

As capacidades invulgares de Vanga, se dermos crédito aos seus próprios testemunhos e às afirmações de pessoas do seu círculo, começaram a manifestar-se visivelmente para os que a rodeavam no início de 1941, quando tinha 30 anos. Exatamente a 6 de abril de 1941, no dia do ataque da Alemanha à Jugoslávia (a Bulgária disponibilizara o seu território para o desdobramento das tropas alemãs, e as tropas fronteiriças búlgaras, juntamente com elas, invadiram a Macedónia sérvia; nos primeiros dias da guerra, aviões jugoslavos e britânicos realizaram vários bombardeamentos sobre cidades búlgaras fronteiriças, provocando pânico na população local), Vanga foi visitada pela segunda vez pelo "alto, louro e misterioso cavaleiro de beleza divina", que lhe disse que estaria ao seu lado e a ajudaria a fazer predições sobre mortos e vivos. Pouco depois, "da sua boca começou a ouvir-se outra voz que designava com espantosa precisão localidades e acontecimentos, nomes de homens mobilizados que regressariam vivos ou aos quais aconteceria alguma desgraça…". Foi exatamente a partir desse momento que Vanga começou supostamente a cair frequentemente em transe, a receber cada vez mais visitantes, a encontrar pessoas e objetos perdidos e a falar com aqueles que já tinham morrido.

Após o início da guerra germano-jugoslava a 6 de abril de 1941, a Bulgária, aliada da Alemanha, ocupou a Macedónia jugoslava, que, com o acordo de Hitler, foi integrada no seu território. Os macedónios receberam os soldados búlgaros e alemães como libertadores do jugo sérvio. A 19-20 de abril de 1941, em conformidade com o acordo entre a Alemanha, a Itália e o governo da Bulgária, unidades do exército búlgaro cruzaram sem declaração de guerra as fronteiras com a Jugoslávia, que já capitulara a 17 de abril, e com a Grécia, que estava na iminência da capitulação, consumada a 26 de abril.

Os búlgaros ocuparam territórios na Jugoslávia e no norte da Grécia. Nas negociações de 20-21 de abril de 1941 em Viena foi estabelecida a linha de demarcação entre as tropas italianas e búlgaras na Albânia. Segundo esta linha, passavam para controlo búlgaro todos os territórios jugoslavos e quase todos os territórios gregos da Macedónia; só Salónica Hitler deixou na zona de ocupação alemã. E já em setembro de 1940, pelo Arbitragem de Viena, conduzida pela Alemanha e Itália, a Roménia fora obrigada a devolver à Bulgária a Dobrudja do Sul. Em resultado, no período de setembro de 1940 a abril de 1941, passaram para a composição

da Bulgária 42 466 km² de território com 1,9 milhões de habitantes. O país recuperou por curto tempo o acesso ao Mar Egeu e, por igualmente curto tempo, anexou quase toda a Macedónia. A família de Vanga finalmente reuniu-se com a Bulgária, pela qual o pai de Vanga e os seus irmãos lutaram toda a vida. Para a Macedónia sérvia e grega, esta reunião com a Bulgária durou apenas cerca de quatro anos e meio.

Após 9 de setembro de 1944, quando os comunistas e os seus aliados, com o apoio das tropas soviéticas, derrubaram o governo czarista da Bulgária e o país se juntou à coligação anti-hitleriana, os territórios macedónios tiveram de ser devolvidos à Jugoslávia e à Grécia. De todas as aquisições do tempo da aliança da Bulgária com as potências do Eixo, só foi possível conservar a Dobrudja do Sul. Mas para Vanga e a sua irmã Lyubka a reunião com a Bulgária foi para sempre, e a Bulgária tornou-se para elas a nova pátria.

Segundo afirmações posteriores, a ampla atenção pública Vanga atraiu-a pela primeira vez durante os anos da Segunda Guerra Mundial, quando pelas redondezas mais próximas da sua aldeia correu o rumor de que ela era capaz de determinar o paradeiro das pessoas desaparecidas na guerra, estivessem vivas, ou os locais da sua morte e sepultura.

Um dos visitantes secretos de Vanga terá sido o próprio Adolf Hitler! Em 1943, terá dito a Hitler num diálogo a sós: «Deixa a Rússia em paz! Vais perder esta guerra!» Diz-se que o Führer ridicularizou a vidente búlgara. E depois, claro, arrependeu-se, mas já era tarde.

Eis o relato colorido do visita do Führer por uma das admiradoras de Vanga: «A 2 de fevereiro de 1943, no auge da guerra, visitou-a o próprio Adolf Hitler. Era supersticioso e acreditava em presságios, predições e adivinhações. Como se sabe, a data do ataque à Rússia foi calculada por astrólogos e ele não duvidava do êxito da guerra. Só por precaução e para satisfazer a curiosidade decidiu ouvir a vidente cega. Esta visita teve caráter oficial e foi registada em documentos.

Mas para Vanga não existia divisão das pessoas por patente, idade ou pertença social. A todos tratava por "tu", falava com todos no mesmo dialeto macedónio, embora conhecesse outras línguas. E a um hóspede tão importante a vidente recebeu como a todos os outros: sentada num banquinho no quintal, com o habitual lenço preto na cabeça. Hitler, claro, não trouxe pedacinhos de açúcar (segundo a vidente, o açúcar cristalizava a

energia da pessoa e, pegando nele, penetrava no mundo interior do "paciente". — B. S.), mas apareceu com intérpretes e guarda-costas.

— Para que vieste? Ah, para saber como acaba a guerra? Pois eu digo-te: deixa a Rússia em paz, vais perder esta guerra e espera-te um fim inglório!

O Führer ambicioso enfureceu-se com tal resposta: — Que entendes tu, charlatã cega! Que podes tu saber de mim, o grande estratega? Em breve conquistarei o mundo inteiro, não só a Rússia. Não acredito em ti! Tenho poder para mandar fuzilar-te por um prognóstico tão absurdo, mas vá, deixo-te em paz…

Vanga, nada ofendida pela descrença, decidiu provar a Hitler que ele se enganava ao chamá-la charlatã. — Pois manda lá os teus escudeiros ao fim da aldeia. Ali está agora a parir uma égua do Hristo Vălčev. Que encontrem a casita com cerca azul, entrem no quintal e esperem que a égua dê à luz.

O Führer e os guardas ouviam a vidente com desconfiança. E ela continuou: — Pois bem, o potro será fêmea, preto, e no flanco e na testa terá manchas brancas. Nascerá saudável e forte, mas no casco da pata dianteira direita terá um pequeno defeito. Mas digam ao dono que não é nada grave, corrige-se facilmente.

Os alemães primeiro zombaram da profetisa, mas depois decidiram ir ao fim da aldeia. Regressaram atónitos e envergonhados: tudo era exatamente como ela previra.

Cumpriu-se também o principal: Adolf Hitler perdeu a guerra à Rússia. Dois anos e dois meses depois, a 30 de abril de 1945, às 15h30, suicidou-se no bunker da Chancelaria do Reich.»

Tendo em conta que Hitler nunca esteve na Bulgária nem na Jugoslávia, e que Vanga nunca saiu do território destes países, os leitores, espero, apreciarão o grau de veracidade da lenda do encontro de Vanga com Hitler. E muito menos teria o Führer ido ter com uma vidente búlgara desconhecida no dia da capitulação das últimas divisões do exército de Paulus em Estalinegrado. Por Deus, nesse dia tinha assuntos mais importantes.

Afirma-se também que um dos primeiros visitantes de alta patente de Vanga foi o czar da Bulgária Boris III, que a terá visitado a 8 de abril de 1942.

A 8 de abril de 1942, uma conhecida disse que ia a casa de Vanga, para consulta, um senhor muito importante, alto funcionário. O nome era mantido em segredo. E pouco depois a mulher trouxe o hóspede vestido à civil. Parecia cansado, algo obeso e calvo. Dirigiu-se à vidente quase com voz suplicante: — Poderia, profundamente respeitada Vanga, dedicar-me um pouco de atenção?

— Agrada-me que tu, o czar búlgaro Boris III, tenhas honrado a minha pobre morada. Mas não te posso alegrar com nada.

— Como assim, se o teu nome significa "a que traz boa nova"?

— Trago, sim, mas não para todos. Agora o teu reino é grande, mas prepara-te para que volte a caber numa casca de noz. E nunca esqueças a data 28 de agosto!

Exatamente um ano depois, a 28 de agosto de 1943, o czar Boris morreu. Mais abaixo contaremos em que circunstâncias.

O episódio com o czar é descrito por K. Stoyanova com base nas palavras da mãe, Lyubka: «Assim nasceu gradualmente a lenda de Vanga. Alguns temiam as capacidades proféticas de Vanga e acusavam-na de feitiçaria e bruxaria. Outros, que recebiam com entusiasmo os seus vaticínios, exageravam o que ela dizia, atribuindo-lhe "milagres bíblicos".

Mas todos estes casos diziam uma coisa: Vanga gozava do reconhecimento das pessoas comuns, porque elas sentiam nela uma protetora e amparo. Na verdade, respeitam-na infinitamente até hoje. Convidam-na continuamente para ser madrinha de recém-nascidos ou comadre em inúmeros casamentos na região de Petrich. Chamam-na também para festas familiares. As pessoas consideram que, se Vanga aceitar o convite e honrar com a sua presença, na casa reinarão amor e prosperidade.

"A 8 de abril de 1942 — conta Lyubka —, veio ter connosco a nossa velha amiga avó Tina e disse a Vanga que em breve a visitaria um hóspede muito importante. Não nos explicou quem era, só observou que em 1918 ele ficara hospedado em casa dela. Depois a avó Tina saiu e pouco depois voltou com um homem de estatura média, olhos cinzentos, bigode e calvo, vestido com um casaco cinzento e calças de golfe. Perguntou a Vanga se podia dedicar-lhe algum tempo. Perguntei à avó Tina quem era aquele homem e ela sussurrou-me que era o czar búlgaro Boris III. Fiquei estupefacta, pois nunca me passara pela cabeça que o próprio czar pudesse entrar na nossa choupana miserável. E Vanga sentou-se como sempre no

canto e, antes que lhe perguntassem o que quer que fosse, falou com voz muito severa: “Cresce o teu reino, espalhaste-te muito, mas prepara-te para voltares a caber numa casca de noz”. E repetiu: “Prepara-te!” Depois acrescentou: “Lembra-te da data — 28 de agosto!”

O czar não perguntou nada e retirou-se muito embaraçado. Morreu a 28 de agosto de 1943.

Após a sua morte vieram a nossa casa em Strumica três senhoras da Bulgária. Trouxe-as uma habitante de Petrich. As senhoras chegadas declararam que eram parentes dos regentes e pediram a Vanga que dissesse o que aconteceria à família real, e ela respondeu-lhes: “Quando regressarem, enfeitem o leito real com um laço vermelho-escuro. Tragam um vaso com uma flor e voltem a vir ter comigo, mas depressa!” “Não pode ser um laço branco ou cor-de-rosa?” — objetou uma das mulheres. “Não — acrescentou Vanga —, só vermelho!”

Claramente insatisfeitas, as mulheres partiram e nunca mais apareceram. Mas todos sabemos que a 9 de setembro sobre o palácio ondearam bandeiras vermelhas da vitória da revolução popular.»

Aqui é preciso notar que do suposto visita do czar búlgaro Boris III a Vanga só sabemos pelas palavras de pessoas do círculo da vidente, mas nenhum vestígio dessa visita foi encontrado até hoje nos papéis e documentos do penúltimo czar búlgaro.

O czar Boris, cujo nome completo era Boris Clemente Roberto Maria Pio Luís Estanislau Xavier de Saxe-Coburgo-Gota, subiu ao trono com 24 anos, a 3 de outubro de 1918, depois de o seu pai, o czar Fernando I, fundador da dinastia de Saxe-Coburgo-Gota, ter sido forçado a abdicar após a derrota da Bulgária na Primeira Guerra Mundial e uma revolta espontânea de soldados, que só foi reprimida com a ajuda de tropas alemãs. Era bastante popular no país, visitava frequentemente cidades e aldeias, falava com gente simples, procurava melhorar a situação do povo e tinha reputação de “czar do povo”.

Boris gostava de sublinhar que era um “czar republicano”, próximo das necessidades e preocupações do povo comum. Contudo, no sistema de governo da Bulgária que se formara após a abdicação de Fernando, o czar desempenhava um papel mais ou menos nominal. O poder real estava nas mãos do primeiro-ministro, que determinava a política externa e interna do país. Após o golpe militar de junho de 1923 que derrubou o governo de esquerda da União Agrária liderado por Aleksandar Stamboliyski e, em

setembro, a repressão da revolta comunista, o país foi assolado por uma onda de atentados terroristas organizados por comunistas e anarquistas, entre os quais havia muitos antigos membros da VMRO. A 13 de abril de 1925 foi assassinado o general reformado e deputado Konstantin Georgiev, amigo do czar. A 16 de abril, na catedral de Sveta Nedelya em Sófia, organizaram-se-lhe funerais de Estado, aos quais compareceram os principais políticos búlgaros, bem como oficiais militares e policiais. Os terroristas colocaram uma bomba na catedral. A explosão ocorreu durante a cerimónia fúnebre. Morreram 128 pessoas, entre elas o presidente da Câmara de Sófia, onze generais, vinte e cinco oficiais superiores, o chefe da polícia e uma turma inteira de liceístas presentes na cerimónia.

O czar Boris atrasou-se para o início da cerimónia fúnebre porque de manhã assistira a outros funerais e salvou-se por milagre. Após este atentado foi declarado estado de sítio no país; nas duas semanas seguintes foram presos 3194 suspeitos de ligações aos comunistas e anarquistas. Muitos foram executados. Após o golpe militar de 19 de maio de 1934, organizado pelo movimento direitista de oficiais "Zveno", tornou-se primeiro-ministro um dos líderes do "Zveno", o tenente-coronel reformado Kimon Georgiev. Proibiu a atividade dos partidos políticos e, sendo admirador de Mussolini, tentou construir a economia à semelhança do Estado corporativo fascista.

Reforçou a regulação estatal e introduziu monopólios sobre o álcool, o sal, o petróleo e o tabaco. Mas isso não levou a progresso económico e, a 22 de janeiro de 1935, o czar forçou-o a demitir-se. Agora Boris tornou-se o governante efetivo da Bulgária. Embora a Bulgária se tivesse tornado aliada de Hitler (Georgiev defendia a aliança com Inglaterra e França), o czar conseguiu evitar o envio de tropas búlgaras para a Frente Oriental.

A 15 de agosto de 1943, Boris, após uma visita de dois dias à Alemanha e um encontro com Hitler, regressou a Sófia extremamente abatido. No dia seguinte, o czar exausto partiu para a residência de campo nas montanhas Rila, onde permaneceu até 23 de agosto. Ao regressar à capital, queixou-se imediatamente de mal-estar e poucas horas depois, no gabinete de trabalho, enquanto revia papéis oficiais, perdeu os sentidos. O diagnóstico inicial foi uma grave doença hepática. Mas o estado de saúde não melhorou no dia seguinte e os médicos trataram mudaram o diagnóstico, constatando um enfarte agudo.

O czar Boris III morreu a 28 de agosto de 1943, com 50 anos. O relatório médico oficial, publicado a 30 de agosto de 1943, dizia: «A morte resultou de oclusão da artéria coronária esquerda (trombose), pneumonia bilateral, hemorragias nos pulmões e no cérebro». Não se exclui que o monarca se tenha constipado durante o voo de regresso. Circulou a versão de que o czar fora envenenado na sede de Hitler. Contudo, a maioria dos investigadores concorda que Boris morreu de causas naturais. Tinha realmente o coração fraco.

Um dos médicos búlgaros que trataram o czar recordava: «A morte de Boris III é um caso típico de enfarte. Quantas pessoas são vítimas desta doença súbita e inesperada, que surge sempre como consequência de excesso de trabalho, ansiedade, emoções fortes… O nosso diagnóstico clínico foi plenamente confirmado na autópsia. Não conheço veneno que se possa injetar de modo a atingir diretamente o coração e não deixar vestígios noutros órgãos.»

A 5 de setembro de 1943 o czar foi sepultado no mosteiro de Rila. Em 1946 os comunistas trasladaram-no para o parque palaciano de Vrana (perto de Sófia). Em 1949 a capela com os restos do czar foi dinamitada por ordem do líder comunista da Bulgária Georgi Dimitrov. Em 1989 uma comissão parlamentar ocupou-se da busca dos restos do czar, mas sem sucesso. Encontrou-se apenas um recipiente de vidro com o coração do czar Boris III. O coração fora conservado pelo professor Ivan Moskov durante o embalsamamento do corpo do czar após a morte. Em 1993 o coração do czar foi sepultado na sepultura restaurada no braço sul da igreja catedral do mosteiro de Rila. Antes do enterro, o coração foi examinado por médicos-legistas, cuja opinião foi unânime — o czar morreu de enfarte extenso.

Mas nos tempos comunistas a versão de que o czar Boris fora assassinado por ordem de Hitler era bastante difundida na Bulgária e as autoridades oficiais apoiavam-na. A antiga popularidade do czar, bem como as circunstâncias misteriosas da sua morte, levaram a que Vanga também registasse a predição da data exata no seu ativo.

Eis como Krasimira Stoyanova descreve a mudança que ocorreu com a tia após ter sentido o dom profético: «No quartinho pequeno, Vanga estava de pé no canto sob a candeia acesa e falava com voz sonora e forte. Estava muito magra, parecia excitada. O seu vestido desbotado, costurado e recosturado muitas vezes, já largo, não conseguia esconder a enorme tensão

do corpo. Dos olhos cegos emanava vazio, mas o rosto mudara tanto, tornara-se tão inspirado e elevado que parecia irradiar luz. E ela falava, falava… Da sua boca fluía outra voz que designava com espantosa precisão localidades e acontecimentos, nomes de homens mobilizados que ou regressariam vivos ou aos quais aconteceria alguma desgraça… Isso durou muitos dias e ela quase não dormiu durante um ano inteiro. O aspeto de Vanga impressionava tanto que as pessoas sentiam vontade de ajoelhar-se diante dela. Os homens de quem ela dizia que regressariam realmente regressavam no prazo por ela indicado.»

A partir daí, a fama de Vanga correu não só como excelente "curandeira", mas também como vidente. Quase não dormiu durante um ano, a ninguém recusava ajuda e chamava a si própria "porta para outro mundo". Quando lhe perguntavam donde sabia quem regressaria vivo da guerra e quem não, respondia que lhe sugeria as palavras necessárias uma voz. Ao mesmo tempo, abria-se na cabeça como que uma janelinha na qual, como num filme, se viam cenas do passado, presente e futuro da pessoa que vinha com uma pergunta.

Krasimira Stoyanova afirmava: «Quando as tropas búlgaras em 1942 entraram no Belomorie (Trácia Egeia), ela disse ao marido: "Cuidado com a água". E depois, dos que regressaram, soubemos que todos adoeceram com malária ou sofreram doenças hepáticas.»

A Trácia Egeia fora arrancada à Bulgária a favor da Grécia após a Primeira Guerra Mundial e devolvida à Bulgária após a conquista alemã da Grécia em 1941. Quanto à predição da água, a ligação com a malária é óbvia — os mosquitos transmissores da malária são realmente característicos de zonas húmidas. E que na Macedónia Egeia costeira a malária era muito difundida, em Strumica vizinha bem o sabiam.

A propósito, é muito possível que o marido de Vanga, Dimitar Gushterov, tenha participado na repressão brutal da revolta da população grega na cidade de Drama, que protestava contra a "bulgarização" forçada dos gregos. Na repressão da revolta foram mortos mais de 3 mil gregos. E até ao fim de 1941 mais de 100 mil gregos foram expulsos da Macedónia grega e da Trácia Ocidental ocupadas pela Bulgária.

Segundo os admiradores de Vanga, o seu talento de vidente e curandeira manifestou-se plenamente durante os anos da Segunda Guerra Mundial muito mais fortemente do que em tempo de paz. Não é de admirar que num período assim haja maior procura de videntes.

Segundo a versão tradicional, tanto da Bulgária como da Macedónia jugoslava acorriam a ela pessoas atormentadas pela incerteza. A umas consolava: «Não te preocupes, o teu filho regressará vivo», a outras comunicava com pesar a amarga verdade: «Deus quis levar o teu marido para junto de Si. Coragem! Só te posso indicar onde, após a guerra, poderás encontrar a sua sepultura». E, claro, ninguém recorda um único caso em que as profecias não se cumprissem. Verdade que às mães e viúvas de soldados búlgaros comunicavam tanto a morte do marido e do filho como o local da sepultura.

Embora, claro, algum conterrâneo de Vanga pudesse estar nas fileiras dos partidários comunistas de Tito, e aí realmente era fácil desaparecer sem deixar rasto. Uma pessoa fraca, após falar com a vidente, saía com asas na fé nas forças superiores e nas próprias, o desesperado readquiria esperança e o doente muitas vezes curava-se. Vanga tratava com meios da medicina popular — plantas, cera de abelha, argila —, e o tratamento dava, se não cura completa, pelo menos melhoria do estado. Rigorosamente falando, nestas curas não há nada de incrível.

Em primeiro lugar, a medicina popular não é só feitiçaria baseada em magia e tratamento com fatores naturais; os meios da medicina popular — plantas e ervas curativas — atuam como analgésicos e calmantes. Em segundo lugar, as doenças de origem neurótica tratam-se com sugestão psicológica ou hipnose, cujos fundamentos Vanga, muito provavelmente, dominava.

Para cada um tinha a palavra certa e a ninguém Vanga recusava ajuda. Era muito mais bondosa do que os médicos verdadeiros, que não se esforçavam muito por tratar pobres. «Eu lembro-me das palavras de Ioann e do cavaleiro, que tenho de cumprir a Missão, como hei de recusar àqueles a quem devo ajudar?» — dizia Vanga. Recebia os sofredores quase dia e noite: levantava-se ao amanhecer e só se deitava alta madrugada.

Um dia Vanga foi visitada por vários soldados de um regimento de intendência do exército búlgaro na Macedónia. Um deles estava muito preocupado e queria falar com ela a sós. Chamava-se Dimitar Gushterov e era natural da aldeia de Krăndžilița, no município de Petrich, na vizinha região de Blagoevgrad (era exatamente nesta região, situada no vale do Struma, que ficava a Macedónia do Pirin). Malfeitores tinham roubado e assassinado o irmão, que se dedicava ao comércio de gado. Após a morte dele ficaram três órfãos e uma viúva doente de tuberculose. Dimitar

convencia-se: «Tenho de encontrar os assassinos e vingar-me deles, não posso deixar o caso assim, tenho de levar isto até ao fim. O mal deve ser punido».

Nessa altura a fama da milagrosa vidente Vangeliya, que podia determinar o paradeiro de qualquer pessoa e dava sempre conselhos sábios, chegara também até ele. E o jovem foi ter com Vanga. Mas Dimitar era tímido, demorou muito a decidir-se a entrar em casa de Vanga e andava envergonhado pelo quintal. De repente abriu-se a porta — e no limiar Vanga. A profetisa dirigiu-se ao soldado pelo nome: «Dimitar, eu sei porque vieste. Queres que te diga quem matou o teu irmão. Talvez dentro de algum tempo possa dizer-te o nome dos assassinos, mas tens de prometer-me que não te vingarás deles, porque de modo algum deves fazê-lo. Hás de viver até ao dia em que serás testemunha do seu triste fim.»

Atónito e intrigado, Dimitar voltou para casa, mas os pensamentos sobre a vidente cega visitavam-no cada vez mais frequentemente. Refletia: «Que pretexto hei de inventar para voltar a vê-la? Ora, vá lá, vou, e no caminho hei de arranjar qualquer coisa.»

Ao chegar a casa de Vanga, Dimitar não encontrou nada melhor do que dizer: «Vanga, vim outra vez ter contigo. Desapareceu-nos uma vaca, não me ajudas a encontrá-la?»

«Não me mintas, Dimitar — disse Vanga severamente —, não vos desapareceu vaca nenhuma. Vieste só porque quiseste voltar a ver-me. Era exatamente isso que eu queria dizer com "dentro de algum tempo saberás tu próprio".»

E o soldado viu-se obrigado a confessar que não havia dia em que não pensasse em Vanga.

Bem, para perceber que o jovem inventara a história da vaca só para ter pretexto de voltar a encontrar-se com a rapariga de que gostava, não era preciso ser vidente. Bastava ter um pouco de experiência da vida e entender um pouco de psicologia humana.

Depois, Dimitar veio muitas vezes ter com Vanga, conversaram longamente sobre os mais diversos assuntos e ele não se cansava de admirar a inteligência e a sabedoria dela. E pouco depois o rapaz sentiu que não podia viver sem a amada e, passados seis meses, pediu-a em casamento. Vanga não se admirou nada (claro que previra tudo), mas ainda assim, por uma questão de forma, tentou dissuadi-lo. Talvez assim quisesse testar o sentimento do noivo. Recordou-lhe que era oito anos mais velha e,

sobretudo, cega. Mas o rapaz respondia que nem a diferença de idade nem a cegueira o incomodavam: não queria nenhuma outra rapariga.

Eis como Krasimira Stoyanova descreve o encontro de Vanga com o futuro marido: «Um dia vieram ter com ela soldados do 14.º regimento de intendência. Entre eles estava um rapaz moreno de 23 anos — Dimitar Gushterov, da aldeia de Krăndžilița, na região de Petrich —, que queria falar obrigatoriamente com Vanga a sós, porque a angústia lhe devorava o coração e estava completamente perdido. Não longe da aldeia de Sklave, malfeitores tinham assassinado e roubado o irmão, negociante de porcos. Ficaram três órfãos e uma mulher doente de tuberculose.

Vanga saiu ao limiar da casa e de repente chamou o jovem pelo nome e disse: "Sei porque vieste. Queres que te diga quem matou o teu irmão; talvez o diga, mas não agora. Tens de prometer-me que não te vingarás deles, porque não deves fazê-lo de modo algum. Hás de viver até ao dia em que verás com os teus próprios olhos o fim deles."

Vanga a ninguém permitia vingar-se, para não multiplicar o mal no mundo. Estava absolutamente convencida de que o homem nasce apenas para boas ações e deve tender para elas, pois nenhum mal fica impune. É punido da forma mais cruel; e se a punição não atingir o malfeitor, cairá inevitavelmente sobre os seus descendentes. Muitas vezes perguntei a Vanga por que assim acontece, e ela respondia sempre: "Para doer ainda mais!"…

Nessa altura, em Strumica, em 1942, Dimitar Gushterov ficou tão atordoado com o que ouviu que nem se lembrou de como saiu de casa dela. Não conseguia explicar donde Vanga sabia o nome dele e a dor do seu coração. Depois voltou muitas vezes a casa dela e conversaram longamente na salinha.

A 20 de abril Vanga disse à irmã que aquele jovem queria casar com ela e que por isso em breve ambas iriam viver para Petrich.

Nessa altura os irmãos não estavam em casa. Vasil prestava serviço militar em Dupnica e Tome fora levado para trabalhar na Alemanha (uma vez que a Bulgária, tal como as partes sérvia e grega da Macedónia que lhe foram anexadas, nunca foi ocupada por tropas alemãs — apenas um pequeno contingente guardava a linha férrea para a Grécia; trata-se, evidentemente, não de deportação, mas de recrutamento voluntário de jovens búlgaros, tal como de outros países balcânicos aliados de Hitler — Roménia e Hungria — para trabalhar na Alemanha. — B. S.).

A 22 de abril uma carroça pintada parou diante da casa de Vanga e dela saltou, elegante e emocionado, o futuro marido de Vanga. Cobrira o fundo da carroça com feno perfumado e por cima estendera tapetes tecidos em casa de cores vivas para que as irmãs viajassem confortavelmente. A notícia correu todo o bairro; de todos os lados acorreram vizinhos, parentes e conhecidos para se despedirem dela.

Alguns diziam que Vanga fazia mal em abandonar a terra natal, mas ela não os ouvia, pois deixava para trás recordações dolorosas, miséria e a dura sorte de órfã. Na verdade, o futuro também era incerto, mas os que partiam esperavam que no novo lugar tudo se arranjasse. O dote da noiva era simbólico — Vanga atirou ao ombro um xaile vermelho de lã tricotado por ela, levou um tacho de cobre e uma panela como recordação da casa paterna — e com isso terminaram os breves preparativos. Penduraram na porta um cadeado enferrujado e ninguém podia dizer com certeza se algum dia o abririam de novo…

A carroça pôs-se a caminho pela estrada irregular que levava a Petrich, e os três futuros parentes próximos viajavam em triste silêncio provocado pela despedida de Strumica. Nessa mesma tarde chegaram a Petrich, à rua Opălčenska, n.º 10. A carroça parou diante de uma casita térrea que outrora servira claramente de armazém. O beiral pendente parecia poder desabar a qualquer momento sobre as cabeças dos recém-chegados. E diante da casa estendia-se um grande quintal abandonado. Das janelas das casas vizinhas espiavam olhos curiosos, porque a fama de Vanga vidente correra há muito pela cidade e os habitantes de Petrich observavam-na dos pés à cabeça, exprimindo em voz alta dúvidas sobre se uma mulher cega conseguiria fazer os trabalhos domésticos e tratar da casa. Mas Vanga não prestava atenção às palavras deles.»

Assim, a 10 de maio de 1942 Vanga casou-se com Dimitar Gushterov, da aldeia de Krăndžilița, no município de Petrich. O marido, tal como ela, era macedónio e vivia naquela pequena parte da Macedónia que, após a Primeira Guerra Mundial, ficara na composição da Bulgária. Nos dias em que se preparava o casamento, quase todo o território da Macedónia sérvia, incluindo Strumica, estava ocupado e anexado pela Bulgária. Por isso, no momento do encontro viviam praticamente no mesmo país. Contudo, ao mudar-se para Petrich, Vanga ainda não sabia que trocava de país para sempre e que nunca mais regressaria à pátria. É que, após o fim da Segunda Guerra Mundial, a Macedónia sérvia, incluindo Strumica, foi devolvida à

Jugoslávia, enquanto Petrich, como antes da guerra, permaneceu na Bulgária. Da antiga pátria separava-a agora para sempre uma fronteira estatal.

Diz-se que por ordem categórica de certas "forças superiores" Vanga casou com Dimitar, apesar de ele estar então noivo de outra mulher, Mariya, sua conterrânea de Krăndžilița, o que confessou honestamente a Vanga. Pouco antes do casamento, Vanga mudou-se com o noivo para Petrich, onde depois, já após a guerra, adquiriu ampla fama, pode dizer-se não só búlgara, mas internacional.

Dimitar, pouco depois do casamento, foi enviado com o exército búlgaro para a Macedónia. Apesar de lhe ter sido predito do alto que o marido a protegeria tão fortemente como "a sombra da águia de asas abertas protege do sol", a vida conjugal de Vanga não foi muito feliz. Não tiveram filhos e Vanga sofreu muito com isso. E cinco anos após o casamento, em 1947, o marido adoeceu gravemente e, para aliviar a dor, começou a beber muito e morreu em 1962, com apenas 42 anos, de cirrose hepática. Aqueles que, entre os opositores de Vanga, a consideram sinceramente uma criação de forças diabólicas certamente pensam que foi ela que, como vampira, sugou todas as forças vitais do marido, enquanto ela própria, graças ao constante "alimento energético", viveu muito tempo.

Contudo, o alcoolismo entre os búlgaros, tal como entre outros povos balcânicos, incluindo os turcos europeus, é bastante difundido. Contribui para isso o consumo abundante de vinhos locais de uva e de aguardentes — rakia de fruta e mastika de anis. E de doenças provocadas pelo alcoolismo morreram não só o marido de Vanga, Dimitar Gushterov, mas também, por exemplo, o líder comunista da Bulgária e do Komintern Georgi Dimitrov, que a cirrose hepática levou em Barvikha, nos arredores de Moscovo, em 1949, já com respeitáveis 67 anos. Penso que Vanga não podia influenciar em nada o alcoolismo natural do marido.

Alguns anos após a morte de Dimitar, bateu à porta de Vanga um menino órfão que lhe substituiu o filho que nunca teve. Chamava-se também Dimitar. Mais tarde, Dimitar Volchev escolheu a carreira de procurador.

No início, a vida dos recém-casados não foi fácil. Assim, após o casamento, Vanga mudou-se para casa do marido em Petrich. Dimitar trouxe a noiva numa bonita carroça coberta de feno fresco. As laterais da carroça estavam pintadas com flores nunca vistas e o chão coberto com um

tapete tecido em casa. Alto e elegante, o belo Dimitar estendeu a mão a Vanga para a ajudar a descer. Os vizinhos observavam com curiosidade a rapariga cega. Parecia muito mais jovem do que os seus anos, asseada, esbelta, despertava simpatia. Mas era cega. E por isso podia facilmente tornar-se um peso para a família grande e pobre. O interesse dos vizinhos era ainda mais estimulado pelo facto de a nora dos Gushterov não ser uma rapariga comum, mas uma verdadeira vidente de quem corria boa fama por toda a região.

Contudo, Vanga caminhava com ousadia e segurança em direção à casa, sem prestar atenção aos comentários ociosos.

A sogra também não aceitou de imediato a nora e censurava constantemente Dimitar: — Onde tens os olhos, filho? Estás no teu juízo perfeito? Apressaste-te, oh, apressaste-te, nós arranjávamos-te uma noiva que fosse uma beleza, inteligente e jovenzinha, e esta…

— Mãe, gosto muito de ti, mas peço-te uma coisa: não digas nada de mal sobre Vanga.

Os jovens tiveram de viver em casa da sogra, onde, além deles, moravam a mulher doente do falecido irmão e os filhos dele, e mais dois filhos de outros irmãos. Não podiam deixar Lyubka sozinha, por isso, com permissão dos novos parentes, Vanga levou a irmã para a família deles. E depressa Vanga conquistou o coração da sogra porque adorava limpeza e era extremamente trabalhadora.

Fazia todos os trabalhos domésticos não pior do que os que viam, por vezes com destreza surpreendente. Não só lavava e tricotava para todos os membros da numerosa família. Juntamente com Lyubka, limpavam os tachos até brilharem, esfregavam o chão, lavavam as janelas. E depressa a casa reluzia de limpeza! Os vizinhos admiravam-se: «Ora vejam! Os que veem, em tantos anos, não conseguiram fazer o que a nora cega fez em poucos dias.»

A família de Dimitar e Vanga passou a viver como todas as outras: embora apertados e pobres, mas em paz e tranquilidade. Só que não havia filhos.

Mas a vida tranquila acabou quando os habitantes de Petrich souberam do dom extraordinário de Vanga e compreenderam que vivia ao lado deles uma vidente. E a guerra continuava, embora ainda longe da Bulgária. Em Petrich, como nas outras cidades e aldeias, predominavam as mulheres, porque os homens estavam mobilizados no exército. As esposas, irmãs,

mães e noivas queriam saber deles, se estavam vivos e se regressariam em breve. E queriam também respostas a uma multitude de questões puramente quotidianas. E um após outro começaram a dirigir-se à casita dos Gushterov os sofredores, cada um com os seus problemas. Segundo uma das versões, a vidente pedia aos visitantes que trouxessem um pedacinho de açúcar que tivesse estado debaixo da almofada uma ou duas noites antes da visita.

Dimitar amava e respeitava muito a mulher, mas encarava com cautela a sua atividade de predições e mais de uma vez lhe disse: — Agora és mulher casada, por isso deixa de adivinhar. Doravante o teu chamamento é a casa, o lar. Preciso de uma boa esposa!

— Meu querido marido, compreende-me: não posso recusar às pessoas, cada uma tem as suas dores e desgraças. E só eu as posso aliviar. Quem as ajudará se não eu? É o meu destino, assim me foi traçado do alto e não posso nem tenho o direito de mudar seja o que for no meu destino. Além disso, se eu não adivinhar, quem sustentará a nós e à tua família?

É preciso dizer que as adivinhações de Vanga já nessa altura se tornaram a principal fonte de rendimento da família Gushterov. Verdade que os camponeses, que também não eram ricos, na maioria dos casos pagavam à vidente não com dinheiro, mas com produtos. Mas isso permitia à família de Vanga e aos parentes deles viverem relativamente sem privações no duro tempo de guerra.

Segundo uma das versões, no momento do encontro com Vanga, Dimitar ainda não prestava serviço militar. Só após o casamento deles terá começado a mobilização de reservistas e Dimitar foi enviado para a Grécia. Despediram-no toda a aldeia e a mulher deu-lhe este conselho: «Cuidado com a água». Nessa altura ninguém entendeu bem, pensaram que Dimitar podia afogar-se no Mar Egeu ou num rio. E o que aconteceu foi que os soldados búlgaros na Grécia bebiam água podre de pântanos e, em resultado, muitos adoeceram com malária ou outras doenças. Dimitar regressou vivo, mas já muito doente.

Terá contraído malária e hepatite (icterícia) na Grécia. Vanga curou-o dessas doenças, mas Dimitar levou um ano inteiro a recuperar, durante o qual não pôde trabalhar. Entretanto, no quintal da casa deles continuavam a reunir-se pessoas que esperavam que Vanga as ajudasse. E ela predizia tudo com tanta exatidão e dava pormenores que nem os próprios clientes conheciam nesse momento. Se nesse momento não havia motivo para

alegrar a pessoa, Vanga dava um bom conselho que infundia esperança no futuro.

Aqui é preciso ressalvar que a versão de que Dimitar só foi chamado ao serviço militar após o encontro com Vanga não me parece convincente. Pois para a conhecer em 1941 teria de ir a Strumica — na prática, a outro país, embora ocupado pelo exército búlgaro. E a idade de recruta passara-a havia muito antes de 1942. Também não podia ter ido a Strumica como funcionário da administração civil búlgara, quer pela juventude quer pela falta de instrução. Por isso resta uma única possibilidade: foi a Strumica nas fileiras do exército búlgaro. E depois, antes do casamento, teve licença, após a qual, naturalmente, regressou à sua unidade.

Quanto à malária, é transmitida por mosquitos. Através da água parece impossível contrair esta doença. Já o médico britânico sir Ronald Ross, que trabalhava na Índia, provou em 1898 que certas variedades de mosquitos transmitem a malária às aves e isolou parasitas das glândulas salivares do mosquito. Conseguiu também encontrar parasitas no intestino de mosquitos que se alimentavam do sangue de doentes, mas não conseguiu acompanhar a transmissão dos parasitas dos mosquitos ao homem. E o italiano Giovanni Battista Grassi, em 1898, conseguiu infetar experimentalmente um homem com malária através da picada de mosquito, fazendo experiências em voluntários, incluindo em si próprio.

Provou também que só os mosquitos do género Anopheles são transmissores da malária em Itália e desenvolveu e implementou medidas de prevenção da malária. Contudo, em 1902 o Prémio Nobel de Medicina pela descrição do ciclo de vida do parasita da malária foi atribuído apenas a Ronald Ross. Os mosquitos da malária vivem em quase todas as zonas climáticas, exceto nas subárticas, árticas e desertos. Preferem locais húmidos e pantanosos. E para a infeção por malária, além dos mosquitos da malária, são necessárias condições para a sua rápida reprodução e transmissão do plasmódio da malária.

Por isso o risco de infeção é maior nas regiões onde não há baixas temperaturas, há pântanos e chove muito. Nesse sentido, a Macedónia Egeia costeira era o lugar ideal para contrair malária, mas para isso não era preciso beber água de pântanos. Evidentemente, a unidade de Dimitar estava estacionada numa zona pantanosa e ele apanhou malária. A ideia popular sobre a malária associava-a sobretudo à “água podre” dos

pântanos, não aos mosquitos da malária. Quanto a ter sofrido de hepatite, não se sabe ao certo. Na maioria das fontes menciona-se apenas malária.

Em 1947 Dimitar construiu uma casa nova. Parecia que a vida do pós-guerra se arranjava, mas o destino quis de outra maneira. Na construção da casa nova, o marido de Vanga levantava pesos demasiado grandes e fez-se mal. Começaram fortes dores de estômago e nem os remédios de Vanga nem os da medicina oficial traziam alívio.

— Toma lá um bocadinho de rakia, Mitko. Só tens de beber todos os dias, talvez melhore — aconselhou um amigo.

O conselho realmente ajudou: as dores acalmaram, mas em compensação Dimitar desenvolveu alcoolismo. As admoestações e lágrimas da mulher não surtiam efeito no bêbado, mas Vanga não repreendia o marido desgraçado. Compreendia que não o podia ajudar, o "dragão verde" dominava gradualmente o infeliz Dimitar. Portanto, assim estava predestinado do alto. Vanga sofria em silêncio. A ninguém, exceto aos mais próximos, confiava o seu segredo: não conseguiria salvar o marido do alcoolismo. Recordando os anos felizes anteriores do casamento, a vidente não abandonou o marido bêbado, enquanto outras mulheres muitas vezes abandonavam outros maridos.

— Para que o queres, não têm filhos, não te martirizes com ele, deixa esse alcoólico. Agora és uma pessoa conhecida, esse fardo não te serve de nada — aconselhavam-na vizinhos e conhecidos.

— Não, foi-me destinado por Deus e amo-o apesar de tudo. Está-lhe reservado exatamente esse caminho e não posso nem tenho o direito de interferir. É um bom homem e o meu dever é viver dignamente com ele até ao fim.

Digamos desde já que marido bêbado era e é coisa comum nas aldeias búlgaras e macedónias, tal como, aliás, nas russas. Claro que nem todos os bêbados eram alcoólicos. Mas um alcoólico de um bêbado comum distingue-se bastante facilmente. Se em circunstâncias "extremas", digamos assim, quando não tem acesso a álcool, a pessoa ao fim de algum tempo entra em *delirium tremens*, semelhante ao de um toxicodependente privado de droga, então temos diante de nós um verdadeiro alcoólico, para quem o alcoolismo é uma doença grave e incurável geneticamente condicionada.

Se a pessoa suporta perfeitamente uma abstinência forçada de álcool de vários meses, por exemplo numa ilha deserta, então é evidente que se trata de um bêbado comum que simplesmente gosta de beber quando há

oportunidade, por vezes bebe muito e frequentemente, muitas vezes não sabe a medida, mas suporta a abstinência do "dragão verde" com toda a tranquilidade.

A diferença entre alcoólicos e bêbados comuns ilustra-se bem pelo comportamento dos camponeses russos após a introdução da lei seca no Império Russo no início da Primeira Guerra Mundial. Os mujiques que eram bêbados comuns, na esmagadora maioria, simplesmente deixaram de beber durante algum tempo, não querendo dar-se ao trabalho de arranjar vodka de contrabando, líquidos com álcool ou fazer samogon. Já os verdadeiros alcoólicos sofriam tormentos reais com a lei seca e a todo o custo procuravam substitutos para a vodka estatal — samogon, politura ou álcool desnaturado.

Certamente a Vanga bastaram os primeiros cinco anos de vida com Dimitar para convencer-se de que ele não era um bêbado comum, mas um verdadeiro alcoólico. E, portanto, não podia curá-lo. Verdade que alguns alcoólicos, mas não todos, podem ser libertados temporariamente do seu pesado mal pelo chamado codificação por determinado período. E a codificação contra o alcoolismo é uma forma de hipnose. E Vanga, segundo os seus admiradores, possuía capacidades sobrenaturais, incluindo hipnóticas.

Porque não tentou curar o marido, nem que fosse por algum tempo? Aqui há duas possibilidades: ou Dimitar pertencia às pessoas que não são suscetíveis à hipnose e, portanto, à codificação, ou Vanga não possuía capacidades hipnóticas suficientes para esse fim. A propósito, não há relatos de que ela alguma vez tenha posto alguém em estado hipnótico.

Quando a cirrose hepática e a ascite que provocou deitaram completamente Mitko abaixo e ele jazia moribundo, Vanga passou muitas horas de joelhos diante da cama dele. Todo esse tempo corriam rios de lágrimas dos seus olhos cegos, sussurrava qualquer coisa, mal movendo os lábios. E assim que o marido abandonou para sempre o mundo terreno, Vanga adormeceu e dormiu até ao funeral. No sono falava com os seus frequentes interlocutores — os anjos —, pedia-lhes que cuidassem do marido para que ele estivesse bem no outro mundo.

Com o início do funeral acordou e pôs o lenço preto de viúva dizendo: «Pronto, acompanhei o meu destinado no último caminho». Na manhã seguinte ao dia em que conduziram o único homem da vida de Vanga ao último caminho, no quintal, como de costume, reuniu-se muita gente.

Lyubka saiu para as pessoas e, pedindo desculpa, explicou que não haveria consulta porque na família da vidente havia luto. Mas Vanga pediu à irmã que não mandasse embora os suplicantes. Precisavam de ajuda e ela não podia recusar-se a ajudar. E começou a consulta diária habitual. E o lenço preto de viúva nunca mais o tirou até ao fim da vida.

Krasimira Stoyanova recordava: «Em 1947 o marido de Vanga terminou a construção da casa e adoeceu gravemente. Já se sentia mal desde que regressara da Grécia e a casa levou-lhe as últimas forças (talvez no exército, com a sua disciplina, sobretudo em tempo de guerra, fosse bastante difícil a Dimitar entregar-se à bebida. Embora, por outro lado, haja testemunhos de que durante a guerra o alcoolismo grassava no exército búlgaro. — B. S.).

Dimitar começou a queixar-se de dores de estômago e um amigo aconselhou-o a beber um copinho para a dor passar. Dimitar começou com um copo, mas gradualmente viciou-se na rakia. Mudou muito. Fechou-se em si mesmo, passava dias inteiros sozinho no quarto a beber. Provavelmente vivia algum drama, mas a ninguém contava. Tanto os médicos como a própria Vanga pediam-lhe continuamente que mudasse de vida, que não bebesse, pois isso levava à morte, mas ele não ouvia ninguém. Vanga tornou-se como uma sombra, consumiu-se completamente de dor e chorava noites inteiras. Mais tarde contou à irmã que sabia do destino do marido, que ele não tinha salvação, mas guardava esse conhecimento bem fundo na alma, calava-se, na esperança de um milagre.»

O fluxo de pessoas à porta dela não secava. Vanga escutava todos, dava conselhos e receitas de cura todos os dias, e ninguém sequer suspeitava da tragédia que se desenrolava na sua própria casa.

Dimitar "tratou-se" com o "remédio comprovado" durante doze anos, até ficar completamente de cama. Vanga perdeu toda a esperança. Depois Dimitar foi internado no hospital: a cirrose hepática progressiva provocara ascite, o corpo enchia-se de água. Vanga quis estar com ele e passou quase uma semana sentada ao lado dele na enfermaria. Quando o médico de serviço chamou Lyubka e disse que queria comunicar algo a Vanga, esta respondeu que não era necessário, a irmã já sabia do fim próximo e pedia que deixassem o marido ir para casa.

Trouxeram Dimitar para casa, ele pareceu relaxar e adormeceu. No chão, aos pés do marido, Vanga caiu num sono pesado. Durante todos os seis meses da grave doença dele, Vanga não se afastara dele, como se

quisesse transmitir-lhe parte da sua força e da sua coragem, ou talvez fosse um doloroso e incessante adeus ao homem amado com quem vivera vinte anos.

Lyubka: «Quando Dimitar já estava em agonia, Vanga pôs-se de joelhos junto à cama dele, dos seus olhos cegos corriam lágrimas sem parar. Sussurrava qualquer coisa. Se rezava para prolongar a vida dele ou se despedia, não sei. Mitko expirou a 1 de abril de 1962, com 42 anos (nasceu em 1919 — B. S.). Logo depois Vanga parou de chorar e adormeceu. Fizemos tudo o que era preciso para preparar o defunto, as pessoas começaram a chegar, e ela continuava a dormir. Dormiu até ao funeral. Depois disse-me: "Acompanhei-o até ao lugar que lhe estava destinado".

Na manhã seguinte saí para as pessoas reunidas à porta dela, que não suspeitavam do que acontecera, e pedi que se fossem embora, porque Vanga enterrara o marido e não estava em condições de receber ninguém. Ela ouviu-me e gritou: "Não, não os mandes embora, eu recebo-os a todos. Precisam de mim!"

A partir desse dia nós, os filhos da irmã de Vanga, Lyubka — Krasimira, Anna e Dimitar —, os únicos sobrinhos de Vanga, somos testemunhas da sua dura e solitária vida de viúva, da sua tragédia pessoal e também da sua admirável e incansável atividade em benefício das pessoas. Pelos vistos, assim quis o destino: privada da felicidade pessoal, Vanga era feliz dando-a aos outros.»

Eis uma das predições milagrosas de Vanga. Logo no início da guerra desapareceu sem deixar rasto um conterrâneo de Vanga — Hristo Prčanov. A mãe e a noiva do jovem vieram ter com a vidente para saber do seu destino.

— Esperem, ele está vivo, mas regressará tarde! Mas tem cuidado, mãe, pode acontecer uma desgraça!

O coração de mãe estremeceu de alegria e a desgraça, parecia-lhe, não aconteceria; o principal era que o filho estava vivo! A noiva, porém, não acreditou na predição feliz e, após esperar algum tempo, decidiu: «Quanto tempo hei de esperar pelo regresso dele?! A juventude passa, e aparece um bom noivo.»

Pouco depois Pavlina casou-se com outro. Passado um ano, foi com o marido ao mercado por assuntos e… não acreditou nos próprios olhos:

vinha ao seu encontro Hristo! A jovem mulher desmaiou e a mãe, correndo para o filho, morreu ali mesmo de ruptura cardíaca.

Segundo Krasimira Stoyanova, «em 1944 um camponês da aldeia de Kromidovo, na região de Sandanski, soube que o filho fora morto pelos alemães perto da aldeia de Novo Selo, na Macedónia. No lugar indicado encontraram sete sepulturas, mas os corpos estavam muito desfigurados e era impossível reconhecê-los.

Perguntaram a Vanga e ela disse que a sepultura que procuravam ficava na margem do rio junto a um grande arbusto. Quando encontraram e abriram a sepultura, do bolso do casaco do morto caíram documentos e uma fotografia bastante bem conservada que ajudou a esclarecer que ali repousava o filho do homem de Kromidovo…»

Em junho de 1944 o irmão de Vanga, Vasil, disse que ia para Strumica e tornar-se-ia partidário. Nessa altura, no fim da guerra, formara-se na região de Strumica uma brigada partidária. Inscreveram-se nela muitos jovens para fazer frente ao exército alemão em retirada. Às escondidas de Vanga, Lyubka e Vasil combinaram ir juntos. Vasil tinha então 22 anos. Vanga ficou muito perturbada com a decisão do irmão e, com lágrimas nos olhos, suplicava-lhe que não partisse.

Disse-lhe: «Não vás, matar-te-ão aos 23 anos!» Mas o irmão respondeu que não acreditava nas predições dela e nesse mesmo dia, com Lyubka, partiram para Strumica, encontraram lá o irmão mais novo Tome e no dia seguinte os três tornaram-se partidários. (Note-se que Vanga não se opôs a que Lyubka e Tome fossem para os partidários: ela SABIA que a eles não ameaçava um fim trágico.)

Eis como Krasimira Stoyanova conta isso: «Em maio de 1944 o irmão mais novo de Vanga, Tome, regressou da Alemanha e instalou-se em Strumica. A 10 de junho o mais velho, Vasil, chegou inesperadamente a Petrich vindo da aldeia de Lahana (Grécia), onde prestava serviço militar. Disse a Vanga que iria até Strumica e lá se juntaria aos partidários.

Nessa altura, no fim da guerra, formara-se na região de Strumica uma brigada partidária e muitos rapazes entraram nela para perseguir o exército alemão em retirada. Às escondidas de Vanga, Lyubka e Vasil combinaram partir juntos. Vasil tinha então 22 anos. Ao saber da decisão do irmão, Vanga ficou muito perturbada e, com lágrimas nos olhos, suplicava-lhe que não partisse. Disse-lhe: “Não vás, matar-te-ão aos 23 anos!” Mas o irmão declarou-lhe que não acreditava nas predições dela e nesse mesmo dia

partiram com Lyubka para Strumica, encontraram lá Tome e no dia seguinte os três juntaram-se aos partidários.

Em outubro de 1944 Vasil, que era comandante de um grupo de sapadores, recebeu a tarefa de fazer explodir a ponte na aldeia de Furka, porque por ali passavam unidades do exército alemão em retirada. Vasil cumpriu claramente a tarefa que lhe fora atribuída, mas não reparou que, ao tirar do bolso da camisa os fósforos para acender o cordão detonador, deixara cair o documento de identidade. Após explodir a ponte, escondeu-se em casa de um amigo que vivia na aldeia e preparava-se para regressar ao destacamento nessa mesma noite.

Os soldados alemães que revistaram o local da explosão encontraram o documento e um lenhador turco, apanhado perto da ponte, confessou que vira o rapaz da fotografia na aldeia mais próxima. Todos os habitantes da aldeia foram imediatamente reunidos na igreja. Vasil, que ainda não sabia do que se passava, também foi detido. Os alemães deram ordem: se dentro de uma hora os aldeãos não entregassem o partidário, queimariam todos vivos na igreja. As pessoas sabiam que Vasil estava entre elas, sabiam que fora ele que explodira a ponte, mas calaram-se. Vasil, vendo a completa falta de saída, saiu do meio da multidão e declarou: "Fui eu que fiz explodir a ponte!"

Convencidos pela fotografia de que era realmente aquele que procuravam, os alemães arrastaram-no para o adro da igreja, tiraram os habitantes da igreja e, à vista de todos, começaram a torturar barbaramente o partidário: metiam-lhe ferros em brasa nos ouvidos, escarneciam dele e depois, quando ele quase perdera os sentidos, fuzilaram-no. Deixaram o cadáver desfigurado no adro como exemplo para os outros.

Vasil morreu a 8 de outubro, no dia em que completava 23 anos…»

Antes de analisarmos o destino do irmão mais velho de Vanga, é preciso contar o que se passava na Bulgária nos últimos anos da Segunda Guerra Mundial. No verão de 1943 a aviação anglo-americana começou bombardeamentos maciços da Bulgária, procurando sobretudo paralisar as infraestruturas de transporte. Estes raids deviam criar nos alemães a impressão de que os Aliados se preparavam para desembarcar nos Balcãs, quando na verdade já decorriam negociações de capitulação com o novo governo italiano que derrubara Mussolini, e as tropas anglo-americanas deviam desembarcar no sul de Itália.

Às 7 horas da manhã de 1 de agosto de 1943 os britânicos e americanos iniciaram a operação com o nome de código "Tidal Wave". 170 bombardeiros "Liberator" levantaram voo dos aeródromos na zona de Bengasi e voaram em quatro grupos para norte. A estação radar alemã situada a 15 km a sul de Sófia (no monte Černi Vrăh) detetou estes grupos e a informação foi transmitida ao posto de comando da força aérea búlgara. Supunha-se que se tratava de um raid sobre Sófia. Por alarme de combate, para proteger a capital búlgara, levantaram voo dos aeródromos de Vraždebna e Božurište (perto de Sófia) caças "Avia B-534" e do aeródromo perto de Karlovo 10 caças "Messerschmitt".

Contudo, os "Liberators" viraram para Ploiești, na Roménia, e os pilotos búlgaros não conseguiram alcançá-los. Duas horas depois, os aviões americanos, após largarem as bombas sobre os campos petrolíferos romenos, reapareceram no céu da Bulgária. Os biplanos búlgaros Avia voltaram a levantar voo para os intercetar. Para os pilotos búlgaros tais combates eram quase suicídio: os seus aviões obsoletos estavam armados com quatro metralhadoras de 7,62 mm, enquanto cada "Liberator" tinha dez metralhadoras de grande calibre.

Eis como um atirador americano recorda este confronto no céu: «Esfreguei os olhos de espanto — que guerra era aquela? A Primeira Guerra Mundial? Parecia que ocorrera um salto no tempo. De repente apareceram estes pequenos biplanos. Fiquei atónito ao ver que nos dispararam antes de voltarem a desaparecer.»

Apesar da superioridade armamentista, o grupo aéreo americano sofreu algumas perdas. Um esquadrão de caças búlgaros "Messerschmitt-109G-2", comandado pelo tenente Stoyanov, intercetou um grupo de 18 "Liberators". Em resultado do combate aéreo a norte de Sófia, dois bombardeiros foram abatidos e outros dois danificados saíram da formação.

As ações corajosas dos pilotos militares búlgaros foram reconhecidas. A 7 de agosto de 1943 o czar Boris III, três dias antes da sua morte, entregou pessoalmente ao tenente Stoyanov e ao subtenente Bonev medalhas de oficial "Pela Bravura".

No fim de outubro de 1943 os pilotos búlgaros no céu da Macedónia atacaram um grupo aéreo americano composto por 40 aviões e abateram um caça P-38. A 14 de novembro de 1943 os Aliados realizaram o seu primeiro raid maciço sobre Sófia, no qual participaram 91 bombardeiros escoltados por 40 caças. Agora os raids deviam manter nos alemães a ideia

de que os Aliados continuavam a preparar-se para desembarcar nos Balcãs, quando na verdade já se preparava o desembarque no norte de França. O raid maciço seguinte sobre Sófia ocorreu a 24 de novembro, no qual participaram 60 bombardeiros B-24 da 15.ª Força Aérea americana. Até ao fim do ano realizaram-se mais dois raids sobre a capital búlgara.

Os bombardeamentos causavam uma impressão deprimente no povo búlgaro. Os búlgaros sentiram pela primeira vez sobre si todos os horrores da guerra.

A 10 de janeiro de 1944 os búlgaros chamaram depois de "segunda-feira negra". Nesse dia a aviação anglo-americana empreendeu dois raids maciços sobre Sófia. Participaram neles 180 bombardeiros "Fortaleza Voadora". 70 caças búlgaros e 30 caças da Luftwaffe abateram 8 bombardeiros, mas isso não impediu os raids. Morreram entre 800 e 1000 civis, outros tantos ficaram feridos. Bombas de aviação destruíram mais de 1000 edifícios e outras construções, interromperam o abastecimento de água, a ligação telefónica e o fornecimento de eletricidade. Cerca de trezentos mil habitantes abandonaram a cidade e arredores, foram fechadas instituições estatais e escolas. Os bombardeamentos continuaram até agosto de 1944. No total, nos bombardeamentos morreram 2477 búlgaros, 99 % deles civis. Foram danificadas e incendiadas 12 657 casas.

A 12 de agosto de 1944, antes do início da ofensiva geral do Exército Vermelho na Roménia, o governo da URSS exigiu do governo da Bulgária que cessasse a ajuda ao exército alemão. A 26 de agosto, quando as tropas do 2.º e 3.º Frontes Ucranianos, na operação Iași-Chișinău, romperam a frente e a Roménia saiu da aliança com a Alemanha e passou para o lado da coligação anti-hitleriana, o governo búlgaro declarou a neutralidade total da Bulgária e exigiu a saída das tropas alemãs do país.

Unidades alemãs isoladas, em retirada da Roménia, entraram em território búlgaro, procurando retirar para o território da Macedónia jugoslava. No período de 26 a 30 de agosto os alemães, compreendendo que a Bulgária estava prestes a passar para o lado dos seus adversários, afundaram 74 dos seus navios de guerra que se encontravam em portos búlgaros.

A 2 de setembro chegou ao poder o governo liberal de Konstantin Muraviev, adversário da aliança com a Alemanha. Declarou amnistia política, da qual beneficiaram comunistas e aliados, incluindo participantes do movimento partidário. Foi também revogada a legislação que restringia

os direitos dos judeus e fora introduzida sob pressão da Alemanha nazi. Foi demitido o regente pró-alemão Bogdan Filov, mais tarde executado pelos comunistas. A 5 de setembro o governo Muraviev declarou guerra à Alemanha, mas a pedido do ministro da Guerra general Ivan Marinov a declaração foi adiada 72 horas. Nessa altura os militares, membros do "Zveno", antialemães e aliados aos comunistas, já tinham preparado o golpe. Marinov foi um dos ativos participantes da conspiração e queria que fosse o novo governo pró-soviético a declarar guerra à Alemanha. O governo da URSS, numa nota de 5 de setembro, considerou a atividade do governo Muraviev continuação da política externa das anteriores autoridades búlgaras e declarou guerra à Bulgária. Na nota afirmava-se que o número de tropas alemãs na Bulgária atingia 30 mil homens.

A 5 de setembro de 1944 as tropas do 3.º Frente Ucraniano, em cooperação com a Frota do Mar Negro, chegaram à fronteira romeno-búlgara na Dobrudja, transpuseram-na e começaram a avançar em território búlgaro. A 7 de setembro aviões soviéticos largaram sobre Sófia e outras cidades panfletos com o apelo do comandante do 3.º Frente Ucraniano F. I. Tolbuhin ao exército búlgaro e ao povo búlgaro. Dizia-se lá: «O Exército Vermelho não tem intenção de fazer guerra ao povo búlgaro e ao seu exército, pois considera o povo búlgaro um povo irmão. O Exército Vermelho tem uma única tarefa — esmagar os alemães e acelerar o advento da paz geral.» Não houve resistência.

Contudo, o Exército Vermelho na Bulgária sofreu perdas de 12 750 homens, dos quais 977 irrecuperáveis. Quase todos foram vítimas de acidentes ou doenças, e apenas poucos morreram em confrontos com reduzidos destacamentos alemães. A 8 de setembro o governo Muraviev publicou finalmente a decisão de declarar guerra à Alemanha; criou-se uma situação paradoxal — a Bulgária encontrava-se simultaneamente em estado de guerra com a URSS, EUA, Reino Unido e Alemanha. Mas esse estado durou apenas algumas horas.

Na noite de 8 para 9 de setembro os oficiais do "Zveno" realizaram o golpe e afastaram do poder o governo Muraviev, em cuja defesa não se levantou nenhum militar. Novo primeiro-ministro tornou-se um dos líderes da conspiração, o coronel Kimon Georgiev. Encabeçou o governo da Frente Patriótica, no qual o papel principal cabia aos comunistas. Nessa altura os líderes do "Zveno", adversários da aliança com a Alemanha nazi, colaboravam há muito estreitamente com o partido comunista. Ao exército

juntaram-se os bastante numerosos partidários comunistas; as ações de combate contra eles por parte do exército e gendarmeria tinham cessado já a 5 de setembro, desbloqueando as suas bases. O novo governo confirmou a declaração de guerra à Alemanha e aos seus aliados.

Em conformidade com a diretiva do Stavka do Comando Supremo, a partir das 22h00 de 9 de setembro de 1944 cessaram as ações de combate das tropas soviéticas contra a Bulgária. Nesse mesmo dia, na zona da cidade de Bitola, na Macedónia, unidades alemãs cercaram e desarmaram partes da 15.ª Divisão de Infantaria de Ohrid do exército búlgaro. Os restos desta divisão retiraram para a Bulgária, onde foram desmobilizados.

A 10 de setembro o governo da Frente Patriótica anunciou a dissolução da polícia e gendarmeria, o desmantelamento das organizações que considerou "fascistas" e a criação da milícia popular. O exército foi renomeado Exército Popular Búlgaro, no qual foram incluídos combatentes de destacamentos partidários e grupos de combate comunistas. A sua força atingiu 450 mil homens. Agora os búlgaros, juntamente com o Exército Vermelho, combatiam a Alemanha em território da Jugoslávia, Hungria, Checoslováquia e Áustria.

Entre 10 e 11 de setembro de 1944, na zona de Belogradčik, tropas alemãs afastaram unidades búlgaras da fronteira com a Jugoslávia e tomaram a cidade de Vidin, na Macedónia búlgara, para assegurar o caminho de retirada para a Sérvia e depois Bósnia, Herzegovina e Croácia. E entre 8 e 14 de outubro de 1944, na operação ofensiva na zona da cidade sérvia de Niš, unidades do 2.º Exército búlgaro, em conjunto com unidades do 13.º Corpo de Exército do Exército Popular de Libertação da Jugoslávia e do 57.º Exército do 3.º Frente Ucraniano, infligiram uma derrota à 7.ª Divisão de Montanha SS "Prinz Eugen", formada por volksdeutsche balcânicos. A 15 de outubro de 1944 passou à ofensiva na Macedónia o 4.º Exército búlgaro, que derrotou a 22.ª Divisão de Infantaria alemã, ocupou a 10 de novembro a cidade de Veles e a 13 de novembro a cidade de Skopje.

A 16 de setembro de 1944 tropas soviéticas entraram em Sófia. Nesse mesmo dia o antigo primeiro-ministro da Bulgária Aleksandar Tsankov anunciou em Viena a criação do Governo Nacional Búlgaro no exílio, apoiado pela Alemanha nazi, mas que na realidade já não representava ninguém. A 10 de outubro de 1944 a Bulgária concluiu a evacuação dos funcionários da administração civil do território anteriormente ocupado da

Grécia e a 11 de outubro começou a retirada de tropas do território da Grécia, concluída a 25 de outubro de 1944.

Agora tentemos projetar os acontecimentos do golpe de 9 de setembro e das ações de combate subsequentes na Bulgária e na Macedónia jugoslava sobre o destino do irmão de Vanga, Vasil. Na versão canónica da sua morte há demasiadas incongruências para se acreditar nela. De repente, em junho de 1944, Vasil vai de Petrich para Strumica para se juntar a um destacamento partidário local. Porque lhe ocorreu de repente essa fantasia não se explica de forma minimamente clara. E, no entanto, não lhe restavam parentes em Strumica. E se realmente quisesse juntar-se a um destacamento partidário, podia facilmente encontrar um mais perto de Petrich.

Pois na Bulgária não faltavam partidários próprios. O episódio da morte heroica, quando o jovem partidário se entrega aos algozes fascistas para salvar as pessoas feitas reféns, parece um belo mito pouco correspondente à realidade. Aos alemães, que em outubro de 1944 não tinham outro pensamento senão fugir o mais depressa possível da Macedónia, simplesmente não sobrava tempo para procurar quem fizera explodir a ponte. Na pior das hipóteses podiam fuzilar parte dos habitantes da aldeia próxima como reféns, mas dedicar-se a procurar os executores concretos certamente não fariam, se não os conseguissem capturar em quente.

Parece mais provável que em junho de 1944 Vasil tenha sido mobilizado para o exército búlgaro e enviado para prestar serviço de ocupação na Macedónia, onde, muito provavelmente, morreu ou desapareceu em combate com tropas alemãs em setembro ou outubro de 1944. Não se pode excluir que tenha morrido durante a ofensiva do 2.º Exército búlgaro sobre Niš, sobretudo se for correta a data tradicional da sua morte — 8 de outubro de 1944. Pois é o primeiro dia da ofensiva búlgara sobre essa cidade sérvia.

É muito possível que Vasil tenha sido chamado mesmo durante a mobilização anunciada a 19 de setembro de 1944, em resultado da qual a força do exército búlgaro aumentou para 450 mil homens. E a lenda de que Vasil fora para os partidários em junho de 44 pode ter sido necessária para provar que os parentes de Vanga participaram na luta contra o "regime monarco-fascista" ainda vários meses antes do seu derrube.

Caminho para o reconhecimento

Assim, foi precisamente durante os anos da Segunda Guerra Mundial que terá florescido plenamente o talento de vidente. A fila à porta da sua casa terá chegado por vezes a 200 pessoas. No período de 1941 a 1995 terá recebido mais de meio milhão de visitantes. Verdade que, como os registos de visitantes só foram feitos nos últimos anos de vida da vidente, ficamos privados da possibilidade de verificar até que ponto os dados sobre o número de visitantes correspondem à verdade. E nos jornais e outras fontes escritas da época não se conseguem encontrar quaisquer dados sobre a atividade da vidente de Petrich.

Afirma-se que muito mais raramente do que a pessoas privadas Vanga fazia predições a estadistas sobre o destino dos seus Estados. Teria receio de que as suas predições fossem interpretadas erradamente e trouxessem não salvação, mas desgraças aos povos. Ora, que a estadistas recorressem menos frequentemente do que a pessoas comuns para predições, pode perfeitamente acreditar-se. Os estadistas no mundo são muito menos numerosos do que as pessoas comuns e nisso não há nada de sobrenatural. E os chefes de Estado e de governo, que são os únicos que podem influenciar realmente a política dos seus países, nunca vieram ter com Vanga.

Terá previsto não só o curso da Segunda Guerra Mundial, mas também os acontecimentos em Praga, na Nicarágua e até a atual guerra civil na Síria. Só que o problema é que políticos estrangeiros de modo algum podiam ter visitado Vanga. Visitas de tal nível é praticamente impossível ocultar, sobretudo numa cidade pequena. E indicar como objetivo de uma visita oficial ou não oficial a outro Estado o encontro com a vidente Vanga, convenhamos, seria algo incómodo.

Segundo os admiradores de Vanga, o dom divino coube a uma mulher misericordiosa e sábia como recompensa pela sua piedade e por suportar sem queixas a desgraça que lhe coubera — a cegueira. Ao mesmo tempo, Vanga, manifestando verdadeira sabedoria e humanismo, procurava calar as desgraças e mortes que pressentia, dizia às pessoas a verdade amarga só até certo ponto, para não as desmoralizar. Pois de qualquer modo nada poderiam mudar. Pressentindo a entrada em transe, a vidente procurava estar rodeada apenas de pessoas próximas em quem confiava. E realmente, de que valeria uma profecia se, por exemplo, Vanga predissesse a alguém

que morreria inevitavelmente dentro de um ano e essa pessoa, para não sofrer à espera do fim inevitável, se suicidasse ali mesmo na presença dela. Interessante: considerar-se-ia então a predição cumprida?

Segundo as lendas existentes, após a vitória dos comunistas Vanga e a sua família quase sofreram repressões.

Numa das unidades militares, um estafeta, rapaz jovem da zona, perdeu um pacote com documentos secretos. A ele e ao chefe que o enviara ameaçavam grandes problemas. Ao estafeta esperava-o tribunal e fuzilamento, e ao comandante — demissão do serviço e expulsão do partido. O infeliz estafeta convenceu o comando superior a recorrer à famosa vidente cega. E por qualquer razão os militares tinham ainda ordem de prender Vanga, mas depois não a cumpriram.

— Bom, não temos nada a perder, e se ela não ajudar, fuzilamo-la à noite e não agora, como estava planeado — concordou o comandante.

E Vanga prestou aos militares, que combatiam do lado do governo comunista em Sófia, um serviço inestimável, indicando onde procurar os documentos desaparecidos. O cavalo do estafeta, no descanso, esfregara o flanco numa árvore, a saca com os despachos prendera-se num ramo e ali ficara pendurada. O estafeta, sem reparar, seguira caminho. E, claro, os militares encontraram a saca perdida com os documentos exatamente onde Vanga indicara.

Por isso decidiram por enquanto não tocar na vidente e até concordaram que ela podia ser útil ao poder popular. Mas as suspeitas contra ela terão permanecido, porque na direção dos órgãos de segurança búlgaros poucos acreditavam que uma mulher dotada de um dom extraordinário não representasse realmente uma ameaça para o poder.

Provavelmente, aqui influía o facto de Vanga ser natural da Macedónia jugoslava, que após a Segunda Guerra Mundial ficara além-fronteiras. Além disso, em 1948 começou o conflito aberto de Estaline com o líder comunista jugoslavo Josip Broz Tito, que irritava o chefe soviético com a sua independência, e a Bulgária tornou-se durante alguns anos a linha da frente do confronto dos países do bloco soviético com a Jugoslávia titista.

O conflito começou por causa da ideia, apoiada tanto por Estaline como por Tito e pelo líder comunista búlgaro Georgi Dimitrov, de criar uma poderosa união militar-política balcânica com a participação da Jugoslávia e da Bulgária. Esta união concebia-se como um Estado único —

Federação Balcânica com a inclusão da Jugoslávia, Bulgária e Albânia. Mas quanto às formas concretas de unificação e à distribuição de poderes entre comunistas búlgaros e jugoslavos surgiram imediatamente sérias divergências. Como recordava um dos então camaradas de Tito, Moše Pijade, «os búlgaros queriam uma federação em que tanto a Bulgária como a Jugoslávia fossem representadas cada uma como um todo. Tudo se construiria em base paritária. No governo e no parlamento a representação seria igual, ou seja, metade búlgaros e metade jugoslavos».

Na prática, os comunistas búlgaros propunham não uma federação, mas uma confederação, ou seja, um Estado dual, como a Áustria-Hungria que se desfizera relativamente pouco antes. Além disso, à frente de tal confederação, como se pensava em Sófia, devia estar não Tito, mas Dimitrov, que contava com o apoio de Estaline, dirigira durante muitos anos o Komintern e gozava no movimento comunista internacional de autoridade e fama consideravelmente maiores do que o marechal Tito. Assim Estaline queria ao mesmo tempo regular a questão macedónia entre a Bulgária e a Jugoslávia. Que a parte principal da Macedónia ficasse na composição da Jugoslávia, mas em compensação à frente da Federação Balcânica estaria um búlgaro.

Só que o problema era que Dimitrov passara toda a guerra em Moscovo, enquanto Tito pessoalmente encabeçara os partidários jugoslavos e criara o maior e mais famoso exército partidário da Europa. E o marechal Tito não queria submeter-se a ninguém. Por isso a variante com uma confederação, ainda por cima encabeçada por Dimitrov, não lhe convinha categoricamente. Partia de outra fórmula política. Segundo ele, dado que na composição da Jugoslávia entravam seis repúblicas federativas (Sérvia, Montenegro, Croácia, Eslovénia, Macedónia e também Bósnia e Herzegovina), a unificação devia ocorrer segundo o princípio de sete membros: às seis repúblicas jugoslavas devia juntar-se a Bulgária.

Formalmente todas as repúblicas seriam iguais, mas na prática Belgrado teria posição dominante, pois à frente de todas as seis repúblicas jugoslavas estavam partidários de Tito. Na prática, tal forma de federação era apenas um modo disfarçado de absorção da Bulgária pela Jugoslávia. No fim de janeiro de 1945 estas questões já foram discutidas em difíceis negociações em Moscovo, para onde chegaram representantes da Jugoslávia e da Bulgária. Os enviados de ambos os países foram recebidos pelo próprio Estaline. Contudo, as negociações não levaram à eliminação

das divergências das partes quanto à estrutura da federação: cada parte mantinha a sua posição. Então Estaline não aprovou os planos de absorção da Bulgária pela Jugoslávia, tendo em conta a incondicional lealdade de Dimitrov e a sua autoridade no movimento comunista mundial, criada com a ajuda da propaganda soviética.

Também contra o surgimento da união balcânica se pronunciaram os aliados ocidentais na Conferência de Yalta, aos quais chegaram ao conhecimento tais planos. Não lhes convinha a formação de um super-Estado único nos Balcãs completamente dependente de Moscovo. Em 1946 a direção soviética pediu a Tito que esperasse com os planos de criação da união com os búlgaros até à assinatura do tratado de paz com Sófia.

Estaline também estava descontente com a política de Tito em relação à Albânia, que o líder jugoslavo claramente queria absorver, mesmo deixando-a formalmente independente, mas com influência jugoslava predominante. Ao mesmo tempo, durante a guerra, a ajuda dos comunistas jugoslavos aos comunistas albaneses foi feita com o conhecimento e aprovação de Estaline. Também antes o líder soviético não se opusera à entrada da Albânia na República Federativa Popular da Jugoslávia, mas a sua posição mudou radicalmente devido, na sua opinião, aos passos demasiado independentes de Tito no desenvolvimento das relações jugoslavo-albanesas.

Com os albaneses, ao contrário da Bulgária, Tito estabelecera durante a guerra relações de plena confiança. O Partido Comunista jugoslavo desde o início patrocinara o Partido Comunista da Albânia, criado em 1941 e encabeçado por Enver Hoxha. Após o fim da guerra, o governo de Tito, a 28 de abril de 1945, foi o primeiro a reconhecer o governo popular da Albânia. E a 9 de junho de 1946, logo após a visita de Tito a Moscovo, foi assinado entre a Jugoslávia e a Albânia o Tratado de Amizade e Assistência Mútua. Em conformidade com este tratado, a Jugoslávia assumiu o compromisso de defender a independência da Albânia. No âmbito deste tratado, a pedido do governo albanês, a Jugoslávia decidiu enviar para o sul da Albânia uma divisão de infantaria além do regimento aéreo que já lá se encontrava para proteger a fronteira albano-grega.

Estaline recebeu tudo isto de forma bastante dolorosa, pois naquele momento não queria agravar a confrontação com o Ocidente na região dos Balcãs. O descontentamento do líder soviético foi também provocado pelo facto de Tito ter tomado novamente a decisão de concluir o tratado com a

Albânia sem coordenação prévia com Moscovo. Estaline rejeitou as explicações de Belgrado de que as tropas estavam lá para proteger a Albânia dos "monarco-fascistas" gregos e que tudo fora feito a pedido de Enver Hoxha. Só a visita do próprio Hoxha a Moscovo em julho de 1947 suavizou um pouco Estaline. Então o líder albanês ficou particularmente entusiasmado com a decisão de Estaline de fornecer a Tirana todo o armamento gratuitamente.

A 7 de agosto de 1947 foi publicado o comunicado sobre os acordos alcançados nas negociações búlgaro-jugoslavas entre Belgrado e Sófia. Estaline considerou que os camaradas jugoslavos e búlgaros se precipitaram, sem consultar Moscovo. Ao líder soviético também não agradou que o tratado tivesse sido concluído por tempo indeterminado, como prelúdio para a futura federação. Oficialmente, o Kremlin motivou o seu descontentamento com o facto de este tratado dar pretexto ao Ocidente para intensificar a intervenção na Grécia, onde decorria uma guerra civil, e a presença militar na Turquia.

Após os "pedidos de desculpa" de Dimitrov e o seu pedido a Tito para anular o tratado, este assegurou a Estaline que de modo algum quisera colocar Moscovo perante um facto consumado. Em resultado, a 27 de novembro de 1947 foi concluído um novo Tratado de Amizade e Cooperação búlgaro-jugoslavo, agora apenas por 20 anos.

A viragem radical para a política de confrontação com a Jugoslávia ocorreu em Estaline após tomar conhecimento das decisões da reunião do Politburo do CC do PCJ de 19 de fevereiro de 1948, onde a delegação jugoslava prestava contas da sua viagem a Moscovo. Nessa altura decidiu-se não aceitar a federação com a Bulgária agora imposta pelo Kremlin. Na reunião alargada do Politburo do CC do PCJ a 1 de março, a maioria dos dirigentes jugoslavos pronunciou-se pela defesa de uma posição independente no desenvolvimento da economia da Jugoslávia e na construção das forças armadas jugoslavas, não controladas pelos conselheiros militares soviéticos.

A ideia de criação de uma federação com a Bulgária foi chamada por Tito prematura, pois a influência soviética em Sófia era grande e a aliança com a Bulgária tornar-se-ia um meio de influência indesejada de Moscovo sobre a política jugoslava. Foi também confirmado o rumo para a predominância dos interesses de Belgrado na Albânia.

Em resultado, Moscovo retirou todos os seus representantes militares da Jugoslávia, explicando isso com a "atitude negativa" das autoridades jugoslavas. Também a 19 de março Tito foi informado da retirada de todos os especialistas civis soviéticos da Jugoslávia sob o pretexto de que a parte jugoslava se recusava a fornecer aos representantes soviéticos informações sobre a economia do país. Nesse mesmo dia, no departamento de política externa do CC do PCUS(b), foi preparada uma nota "Sobre as posições antimarxistas dos dirigentes do Partido Comunista da Jugoslávia em questões de política interna e externa".

Serviu de base à resolução do Bureau de Informação dos partidos comunistas com a condenação do regime de Tito e foi usada para responder à carta que o líder jugoslavo enviara a 20 de março. Tito não se arrependeu de nada e, pelo contrário, rejeitou educada mas firmemente as acusações de hostilidade à URSS e pediu razões mais concretas e fundamentadas para a retirada dos especialistas soviéticos da RPFJ. O resultado foi a carta de resposta de 27 de março de 1948, enviada em nome do CC do PCUS(b) e assinada por Estaline e Molotov. Nela criticavam-se as medidas das autoridades jugoslavas destinadas a reduzir em 60 % o número de representantes soviéticos, rejeitavam-se as acusações de chauvinismo grande-russo soviético e de tentativas de exploração económica da Jugoslávia. A direção jugoslava era acusada pelos seguintes pecados:

1. Ignorar a teoria marxista-leninista, e em particular, subestimar a classe operária como força principal na realização das ideias marxistas-leninistas, política insuficientemente radical em relação ao campo, admissão de elementos de liberdades mercantis-capitalistas, etc.
2. Manifestação de atitude incorreta e hostil à URSS e ao PCUS(b), descrédito do Exército Vermelho, vigilância sobre cidadãos soviéticos na Jugoslávia, sobre vários especialistas e representantes oficiais soviéticos, propaganda caluniosa sobre a degenerescência do PCUS(b) e da URSS, reação negativa à crítica do PCUS(b) à política da direção jugoslava, etc.
3. Subestimação das dificuldades da construção do socialismo na Jugoslávia, oportunismo em relação ao kulakato.

Afirmava-se que os dirigentes jugoslavos seguiam uma política incorreta no campo, ignorando a diferenciação de classes e considerando o campesinato individual como um todo único, contrariamente ao ensino

marxista-leninista sobre as classes e a luta de classes, contrariamente à conhecida posição de Lenine de que a pequena exploração individual gera capitalismo e burguesia constante e em massa. Condenava-se a recusa da nacionalização da terra e a admissão da sua compra e venda, a concentração nas mãos dos kulaks de parcelas de terra significativas, a aplicação de trabalho assalariado, etc.

Afirmava-se também que os dirigentes do Partido Comunista da Jugoslávia se desviavam do caminho marxista-leninista para o caminho de um partido camponês populista na questão do papel dirigente da classe operária, considerando que os camponeses são "a base mais sólida do Estado jugoslavo", contrariamente ao ensino de Lenine de que o proletariado, "como única classe até ao fim revolucionária da sociedade contemporânea, deve ser o dirigente, o hegemon na luta de todo o povo pela completa revolução democrática, na luta de todos os trabalhadores e explorados contra os opressores e exploradores".

4. Ausência de democracia intrapartidária no PCJ, de eleições, crítica e autocrítica.

5. Admissão de elementos de aventureirismo na avaliação das perspetivas futuras e na condução da política externa. Pretensões ao papel dirigente nos Balcãs e nos países danubianos.

A 29 de junho de 1948 foi publicada a resolução do Bureau de Informação "Sobre a situação no Partido Comunista da Jugoslávia". Depois disso foram interrompidos todos os contactos entre o Partido Comunista da Jugoslávia e os partidos comunistas dos outros países. Comunistas jugoslavos pró-soviéticos tentaram um golpe de Estado, mas foi facilmente reprimido. O líder dos golpistas, chefe do Estado-Maior do Exército Popular de Libertação da Jugoslávia, general Arso Jovanović, juntamente com outros dois generais, tentou fugir para a Roménia, mas a 12 de agosto de 1948 foi morto na fronteira romena e os seus companheiros presos.

Depois disso começaram repressões contra os partidários de Estaline na Jugoslávia. Mais de 16 mil deles foram enviados para campos de concentração. Por sua vez, Estaline iniciou um bloqueio económico-comercial contra a Jugoslávia e, no território da Bulgária, com ajuda soviética, foram criados grupos de sabotagem-terrorismo para infiltração em território jugoslavo. Por isso as relações entre a Jugoslávia e a Bulgária até à morte de Estaline permaneceram muito tensas. Por isso na Bulgária olhavam com suspeita todos os naturais da Macedónia jugoslava.

O Comité de Segurança do Estado búlgaro podia suspeitar que Vanga era espiã jugoslava. Além disso, os chekistas búlgaros podiam sentir a tentação de recrutar a vidente como informadora secreta. Afinal, à vidente cega as pessoas confiavam os seus segredos mais íntimos, por isso ela sabia, se não tudo, pelo menos muito não só sobre os vizinhos, mas sobre todos os habitantes da região.

O KGB tentou aproveitar uma possibilidade tão tentadora. Funcionários da segurança do Estado dirigiram-se repetidas vezes a Vanga com propostas: «Informa-nos sobre todos os que vêm ter contigo, quem são, o que dizem, o que pensam, e não impediremos o que fazes e garantiremos a tua segurança».

Contudo, Vanga recusou categoricamente tornar-se "dedo-duro" e, na prática, violar o segredo da confissão, o que provocou grande descontentamento dos funcionários da segurança do Estado. E em 1952 Vanga terá sido presa. Terá sido a causa da prisão uma predição imprudente da morte próxima de Estaline. Claro que não o disse ao próprio generalíssimo, que nunca esteve na Bulgária, nem aos seus próximos, que provavelmente estiveram na Bulgária, mas certamente não chegaram a Petrich. A vidente terá partilhado a terrível profecia com algum vizinho. Evidentemente, alguns deles estavam ligados à polícia e à segurança do Estado, porque imediatamente foi comunicado a quem de direito.

Em resultado, a mulher cega foi presa e passou meio ano na cela — até Estaline realmente morrer em março de 1953. Acompanhava esta predição um comentário como que de passagem: «Para esse mundo para onde irá Estaline serão abertas as portas também para outros poderosos da Rússia». A última frase, convenhamos, é bastante sem sentido, pois ninguém, mesmo sem Vanga, duvidava que os sucessores de Estaline cedo ou tarde teriam de mudar-se para o melhor dos mundos.

Todas estas fábulas sobre repressões a que Vanga terá sido submetida pelas suas predições não inspiram confiança. Mas dificilmente surgiram do nada. Pode supor-se que os órgãos da segurança do Estado búlgara realmente olhassem para a vidente cega com suspeita, mas a culpa disso foi, muito provavelmente, não tanto o dom que lhe atribuíam, mas a reputação da sua família, ligada ao movimento de libertação macedónio, e a situação complexa na Bulgária do pós-guerra.

É que, após a chegada ao poder dos comunistas que dominavam a Frente Patriótica, começou no país o terror vermelho. Os tribunais

populares emitiram 2680 sentenças de morte e outros 1921 pessoas foram condenadas a prisão perpétua. Além disso, os comunistas empreenderam a coletivização da agricultura e a nacionalização do comércio e da indústria nas cidades, o que provocou descontentamento de uma parte significativa dos camponeses e da população urbana.

Os rebeldes anticomunistas chamavam-se goryani ("gora" em búlgaro significa "floresta", por isso "goryani" pode traduzir-se como "irmãos da floresta"), e um dos centros do movimento goryani foi exatamente a Macedónia do Pirin, onde vivia Vanga. Os goryani lutavam contra a ditadura comunista e o terror, contra as repressões políticas, contra a coletivização e a nacionalização. Procuravam devolver o país à situação anterior ao golpe de 1934, quando havia liberdades democráticas e se desenvolvia a economia de mercado.

O número de rebeldes anticomunistas era pequeno — cerca de 2000 pessoas. Mas tinham cerca de 8000 ajudantes desarmados entre a população civil. Além disso, da Grécia, para onde os destacamentos de rebeldes se retiravam periodicamente para descansar, emitia em búlgaro a estação de rádio "Goryanin". No movimento goryani, cujos últimos destacamentos só cessaram a resistência em 1956, participaram, entre outros, membros da Organização Revolucionária Interna Macedónia e da organização de veteranos União dos Legionários Nacionais Búlgaros.

Esta última fora fundada pelo general Hristo Lukov, assassinado por partidários comunistas em fevereiro de 1943. Segundo a investigadora búlgara D. Gorcheva, no movimento rebelde participavam "camponeses, nacionalistas, antigos comunistas, antigos polícias e oficiais, trotskistas e anarquistas, membros da VMRO (nacionalistas macedónios)". A maioria dos partidários morreu ou foi presa. Alguns tiveram sorte e emigraram para a Grécia ou a Jugoslávia. Não se pode excluir que Vanga e a sua família, recordando o passado revolucionário do pai, fossem suspeitas de ligações com os goryani.

Afirma-se que Vanga não se enganou em muitos outros prognósticos políticos. Terá previsto o assassinato do presidente John F. Kennedy em 1963, o ferimento mortal do seu irmão, o senador Robert Kennedy em 1968 e a vitória nas eleições americanas de 1968 do candidato republicano, que foi Richard Nixon. Verdade que é preciso notar que a vitória de Nixon, vários meses antes das eleições, era prevista pela maioria das sondagens de opinião pública.

Em 1968 Vanga previu a tentativa de sair do controlo de Moscovo e a subsequente entrada de tropas soviéticas na Checoslováquia. Em janeiro de 1968, em transe, exclamou: «Lembrai-vos de Praga! Vejo: em breve Praga transformar-se-á num aquário onde loucos pescarão peixes!» Nessa altura, claro, poucos entenderam alguma coisa dessas palavras, mas em agosto do mesmo ano as tropas dos países do Pacto de Varsóvia entraram na Checoslováquia.

Quanto ao assassinato de John F. Kennedy, a versão canónica diz que no fim do verão de 1963 Vanga ou teve uma visão ou lhe sugeriu uma misteriosa "voz" que o 35.º presidente dos EUA seria assassinado. E quatro meses depois a visão profética cumpriu-se. O assassinato vil agitou o mundo inteiro: na televisão mostravam incessantemente imagens dos acontecimentos. Ainda maior interesse ao acontecimento deu o facto de que o acusado do assassinato de Kennedy, Lee Harvey Oswald, antigo fuzileiro naval e atirador de elite por qualificação militar, ter sido morto dois dias após a prisão por Jack Ruby, dono de um clube noturno em Dallas.

Afirmava-se que Vanga convidara repetidas vezes a viúva do presidente morto, Jacqueline, a visitá-la. Em particular, o empresário búlgaro Dimitar Gachev, hoje cidadão dos EUA, que durante muitos anos esteve muito próximo de Vanga, confirmou que Vanga transmitiu convite oral à senhora Jacqueline Kennedy através de um senador americano, explicando assim o método: «Não quero falar pela boca de outros, venha ter comigo você mesma, Jacqueline, e eu digo-lhe quem matou o seu marido». Supostamente os funcionários da segurança do Estado búlgara já estavam prontos a enviar a inconsolável viúva do presidente americano à vidente então famosa em toda a Bulgária e já no mundo inteiro.

O governo búlgaro até transferiu dinheiro para pagar a sua visita a Vanga — para estrangeiros a soma era 50 dólares. Mas eis o problema: a Guerra Fria em curso, a situação política geral da época não permitiram que Jacqueline Kennedy viesse à Bulgária. E, segundo outra versão, as pessoas que organizaram o assassinato de Kennedy fizeram tudo para impedir o encontro de Vanga e Jacqueline. Se por trás do assassinato do presidente estão forças tão poderosas que são capazes de impedir que a viúva do presidente vá onde deseja, então permitirão que as autoridades dos EUA revelem o segredo do assassinato do século? E só por isso nunca se conseguirá saber quem foi realmente o mandante do assassinato de

Kennedy. A grande vidente Vanga levou este segredo consigo para a sepultura.

Por alguma razão os autores desta lenda não pensaram por que razão o governo búlgaro pagaria a viagem de Jacqueline Kennedy, mulher do multimilionário Onassis, para visitar Vanga? Ou em Sófia consideravam a visita da viúva de Kennedy como visita de Estado?

E, claro, na predição de Vanga do assassinato de John F. Kennedy e nas suas interpretações refletem-se as ideias puramente populares sobre este crime. Segundo elas, contra Kennedy existiu uma conspiração dirigida ou pela máfia americana e cubana, ou pela CIA, ou pelo FBI, ou por outras forças misteriosas mas poderosas. E os disparos contra Kennedy, dizem, não foram três, como diz a versão oficial, mas quatro, cinco ou seis, e dispararam não só do edifício conhecido dos manuais escolares, mas de mais um ou dois lugares. Ao mesmo tempo, ninguém do círculo de Vanga leu os materiais da comissão Warren (por isso nas publicações dedicadas a Vanga aparecem afirmações de que Ruby matou Oswald apenas uma hora após a prisão deste).

Contudo, ninguém pensou que sincronizar disparos contra o cortejo do presidente, pelo menos de dois pontos, ou seja, fazer com que soassem simultaneamente, é praticamente impossível. Na organização de atentados acontece que se recorre a vários atiradores ou vários lançadores de bombas. Mas isso de modo algum implica que todos atuem simultaneamente. Simplesmente o cálculo é que, se o primeiro atirador, ocupando determinada posição, por qualquer razão não conseguir disparar, então algum tempo depois o fará o segundo atirador, quando o cortejo chegar à posição dele.

Se também o segundo atirador não conseguir, será a vez do terceiro, etc. A situação em que pelo menos dois atiradores de posições diferentes possam disparar simultaneamente (com diferença de dois ou três segundos) contra o objeto do atentado na vida real não pode surgir. Pois no momento em que as condições para o disparo forem ótimas para o primeiro atirador, certamente não o serão para o segundo.

Caracteristicamente, os conhecidos recordavam Lee Harvey Oswald como uma pessoa nervosa, fechada, difícil de se relacionar com os outros, inibida em público, secreta, arrogante, não sem inteligência, mas constantemente concentrada num objetivo único, pouco claro para os que o

rodeavam. Como se sabe, viveu algum tempo na URSS, onde pediu asilo político.

Os psiquiatras soviéticos que o examinaram após a tentativa de suicídio concluíram que era uma pessoa muito desequilibrada e não se podia dizer com certeza que fosse sequer psicologicamente saudável. Quando Oswald pediu autorização para regressar aos Estados Unidos, ficaram contentes por se livrarem dele. Não mantiveram com ele quaisquer contactos, exceto nas últimas semanas. Então apareceu de repente na embaixada soviética na Cidade do México e pediu visto para regressar à URSS, indicando que queria voar via Cuba.

A embaixada, como é costume, pediu instruções a Moscovo. No KGB, após consultar o dossiê dele, consideraram Oswald um fracassado inútil e ordenaram à embaixada que se livrasse dele. Pela mesma razão, a CIA, que também tinha os seus planos para Oswald, rapidamente desistiu da ideia de fazer dele seu agente.

Uma pessoa psicologicamente desequilibrada pode sempre comportar-se de forma imprevisível e fazer gorar qualquer plano mais cuidadosamente elaborado. Por isso a nenhum conspirador passaria pela cabeça envolver Oswald para o assassinato do presidente Kennedy. E que foi exatamente Lee Harvey Oswald quem matou John F. Kennedy não deixam dúvidas nem os dados das perícias balísticas nem os testemunhos de numerosas testemunhas.

A propósito, Vanga, como vidente, parecia que devia ter sentido alguma obsessão do assassino de Kennedy e refletir isso nas suas predições. Mas em nenhuma das versões das suas predições sobre Kennedy há nada disso. E isso explica-se facilmente pelo facto de a voz popular, na qual se baseiam todas as predições políticas de Vanga, não considerar Oswald o assassino de Kennedy. Por isso surge o misterioso "outro assassino" e certas forças obscuras por trás dele. Na realidade pode não haver dúvida de que Jacqueline Kennedy-Onassis nunca ouvira falar de Vanga e nunca pensou ir à Bulgária ter com ela. Na verdade, a popularidade de Vanga limitava-se principalmente à Bulgária e à União Soviética.

O que não é de admirar, tendo em conta que entre a URSS e a Bulgária, no âmbito do chamado "campo socialista", existiam as relações mais estreitas e amistosas. Não por acaso o líder comunista da Bulgária Todor Živkov se dirigiu duas vezes aos líderes soviéticos, Khrushchev e

Brezhnev, com o pedido de aceitar a Bulgária na composição da União Soviética como décima sexta república soviética. Nas duas vezes o pedido não foi recusado, mas também não foi satisfeito, adiando a adesão da Bulgária à URSS para um indefinido "futuro luminoso", ou seja, para as calendas gregas. Aqui surgiam dificuldades sobretudo de ordem internacional. E a integração de um país que nunca fora território do Império Russo na composição da União Soviética parecia uma questão muito complicada.

Contudo, a particular proximidade entre a URSS e a Bulgária não pode ser negada. Aqui desempenhava grande papel a memória da Guerra Russo-Turca de 1877-1878, que na Rússia chamavam guerra de libertação dos eslavos balcânicos do jugo otomano e em resultado da qual a Bulgária obteve a independência.

Não é de admirar que tenha sido exatamente na União Soviética que Vanga alcançou particular popularidade. Admirável é outra coisa. Na pátria de Vanga, em Strumica, no território da antiga Macedónia sérvia e hoje independente República da Macedónia, Vanga é praticamente desconhecida e não se lembram dela. Aqui, sem dúvida, influenciou o facto de as relações entre a Bulgária e a Jugoslávia não serem muito boas e os rumores sobre a curandeira de Petrich não atravessarem a fronteira. E sobre como supostamente honravam Vanga na sua Strumica natal contavam quase exclusivamente pessoas do seu círculo que viviam no Petrich búlgaro.

De outras predições políticas supostamente feitas por Vanga pode mencionar-se que em 1969 "viu" a morte de Indira Gandhi, e em 1979 — o início da perestroika e o colapso da URSS. E os habitantes de Kursk terão apenas rido da profecia de Vanga publicada em 1999 sobre o afundamento da sua cidade em agosto de 2000, cidade situada longe de grandes rios, lagos e mares. E quando no tempo indicado no Mar de Barents morreu o submarino "Kursk" ninguém, claro, riu. E então lembraram-se de que Vanga dissera: «Kursk ficará debaixo de água e o mundo inteiro o chorará».

O problema é que estas, tal como outras, predições de Vanga nesta área foram tornadas públicas apenas muitos anos depois de os acontecimentos previstos pela vidente já terem ocorrido, e no caso do "Kursk" — vários anos após a morte da própria profetisa. Por isso ficamos privados da possibilidade de verificar se Vanga realmente previu com

antecedência assassinatos, revoluções e catástrofes ou se lhe atribuíram tais predições, ou inventando-as completamente ou interpretando arbitrariamente o que ela dissera outrora.

Corria o tempo, a corrente de pessoas à sua porta não secava. Vanga escutava todos, dava conselhos e receitas de cura todos os dias, e ninguém sequer suspeitava da tragédia que se desenrolava na sua própria casa.

Dimitar "tratou-se" com o "remédio comprovado" durante doze anos, até ficar completamente de cama. Vanga perdeu toda a esperança. Depois Dimitar foi internado no hospital: a cirrose hepática progressiva provocara ascite, o corpo enchia-se de água. Vanga quis estar com ele e passou quase uma semana sentada ao lado dele na enfermaria.

Quando o médico de serviço chamou Lyubka e disse que queria comunicar algo a Vanga, esta respondeu que não era necessário, a irmã já sabia do fim próximo e pedia que deixassem o marido ir para casa. Trouxeram Dimitar para casa, ele pareceu relaxar e adormeceu. No chão, aos pés do marido, Vanga caiu num sono pesado. Durante todos os seis meses da grave doença dele, Vanga não se afastara dele, como se quisesse transmitir-lhe parte da sua força e da sua coragem, ou talvez fosse um doloroso e incessante adeus ao homem amado com quem vivera vinte anos.

Lyubka: «Quando Dimitar já estava em agonia, Vanga pôs-se de joelhos junto à cama dele, dos seus olhos cegos corriam lágrimas sem parar. Sussurrava qualquer coisa. Se rezava para prolongar a vida dele ou se despedia, não sei. Mitko expirou a 1 de abril de 1962, com 42 anos (nasceu em 1919 — B. S.). Logo depois Vanga parou de chorar e adormeceu. Fizemos tudo o que era preciso para preparar o defunto, as pessoas começaram a chegar, e ela continuava a dormir. Dormiu até ao funeral. Depois disse-me: "Acompanhei-o até ao lugar que lhe estava destinado".

Na manhã seguinte saí para as pessoas reunidas à porta dela, que não suspeitavam do que acontecera, e pedi que se fossem embora, porque Vanga enterrara o marido e não estava em condições de receber ninguém. Ela ouviu-me e gritou: "Não, não os mandes embora, eu recebo-os a todos. Precisam de mim!"

A partir desse dia nós, os filhos da irmã de Vanga, Lyubka — Krasimira, Anna e Dimitar —, os únicos sobrinhos de Vanga, somos testemunhas da sua dura e solitária vida de viúva, da sua tragédia pessoal e também da sua admirável e incansável atividade em benefício das pessoas.

Pelos vistos, assim quis o destino: privada da felicidade pessoal, Vanga era feliz dando-a aos outros.»

Eis uma das predições milagrosas de Vanga. Logo no início da guerra desapareceu sem deixar rasto um conterrâneo de Vanga — Hristo Prčanov. A mãe e a noiva do jovem vieram ter com a vidente para saber do seu destino.

— Esperem, ele está vivo, mas regressará tarde! Mas tem cuidado, mãe, pode acontecer uma desgraça!

O coração de mãe estremeceu de alegria e a desgraça, parecia-lhe, não aconteceria; o principal era que o filho estava vivo! A noiva, porém, não acreditou na predição feliz e, após esperar algum tempo, decidiu: «Quanto tempo hei de esperar pelo regresso dele?! A juventude passa, e aparece um bom noivo.»

Pouco depois Pavlina casou-se com outro. Passado um ano, foi com o marido ao mercado por assuntos e… não acreditou nos próprios olhos: vinha ao seu encontro Hristo! A jovem mulher desmaiou e a mãe, correndo para o filho, morreu ali mesmo de ruptura cardíaca.

Segundo Krasimira Stoyanova, «em 1944 um camponês da aldeia de Kromidovo, na região de Sandanski, soube que o filho fora morto pelos alemães perto da aldeia de Novo Selo, na Macedónia. No lugar indicado encontraram sete sepulturas, mas os corpos estavam muito desfigurados e era impossível reconhecê-los. Perguntaram a Vanga e ela disse que a sepultura que procuravam ficava na margem do rio junto a um grande arbusto. Quando encontraram e abriram a sepultura, do bolso do casaco do morto caíram documentos e uma fotografia bastante bem conservada que ajudou a esclarecer que ali repousava o filho do homem de Kromidovo…»

Em junho de 1944 o irmão de Vanga, Vasil, disse que ia para Strumica e tornar-se-ia partidário. Nessa altura, no fim da guerra, formara-se na região de Strumica uma brigada partidária. Inscreveram-se nela muitos jovens para fazer frente ao exército alemão em retirada. Às escondidas de Vanga, Lyubka e Vasil combinaram ir juntos. Vasil tinha então 22 anos. Vanga ficou muito perturbada com a decisão do irmão e, com lágrimas nos olhos, suplicava-lhe que não partisse. Disse-lhe: «Não vás, matar-te-ão aos 23 anos!»

Mas o irmão respondeu que não acreditava nas predições dela e nesse mesmo dia, com Lyubka, partiram para Strumica, encontraram lá o irmão mais novo Tome e no dia seguinte os três tornaram-se partidários. (Note-se

que Vanga não se opôs a que Lyubka e Tome fossem para os partidários: ela SABIA que a eles não ameaçava um fim trágico.)

Eis como Krasimira Stoyanova conta isso: «Em maio de 1944 o irmão mais novo de Vanga, Tome, regressou da Alemanha e instalou-se em Strumica. A 10 de junho o mais velho, Vasil, chegou inesperadamente a Petrich vindo da aldeia de Lahana (Grécia), onde prestava serviço militar. Disse a Vanga que iria até Strumica e lá se juntaria aos partidários.

Nessa altura, no fim da guerra, formara-se na região de Strumica uma brigada partidária e muitos rapazes entraram nela para perseguir o exército alemão em retirada. Às escondidas de Vanga, Lyubka e Vasil combinaram partir juntos. Vasil tinha então 22 anos. Ao saber da decisão do irmão, Vanga ficou muito perturbada e, com lágrimas nos olhos, suplicava-lhe que não partisse. Disse-lhe: "Não vás, matar-te-ão aos 23 anos!" Mas o irmão respondeu que não acreditava nas predições dela e nesse mesmo dia, com Lyubka, partiram para Strumica, encontraram lá o irmão mais novo Tome e no dia seguinte os três tornaram-se partidários.

Em outubro de 1944 Vasil, que era comandante de um grupo de sapadores, recebeu a tarefa de fazer explodir a ponte na aldeia de Furka, porque por ali passavam unidades do exército alemão em retirada. Vasil cumpriu claramente a tarefa que lhe fora atribuída, mas não reparou que, ao tirar do bolso da camisa os fósforos para acender o cordão detonador, deixara cair o documento de identidade. Após explodir a ponte, escondeu-se em casa de um amigo que vivia na aldeia e preparava-se para regressar ao destacamento nessa mesma noite.

Os soldados alemães que revistaram o local da explosão encontraram o documento e um lenhador turco, apanhado perto da ponte, confessou que vira o rapaz da fotografia na aldeia mais próxima. Todos os habitantes da aldeia foram imediatamente reunidos na igreja. Vasil, que ainda não sabia do que se passava, também foi detido. Os alemães deram ordem: se dentro de uma hora os aldeãos não entregassem o partidário, queimariam todos vivos na igreja. As pessoas sabiam que Vasil estava entre elas, sabiam que fora ele que explodira a ponte, mas calaram-se.

Vasil, vendo a completa falta de saída, saiu do meio da multidão e declarou: "Fui eu que fiz explodir a ponte!" Convencidos pela fotografia de que era realmente aquele que procuravam, os alemães arrastaram-no para o adro da igreja, tiraram os habitantes da igreja e, à vista de todos, começaram a torturar barbaramente o partidário: metiam-lhe ferros em

brasa nos ouvidos, escarneciam dele e depois, quando ele quase perdera os sentidos, fuzilaram-no. Deixaram o cadáver desfigurado no adro como exemplo para os outros.

Vasil morreu a 8 de outubro, no dia em que completava 23 anos…»

Antes de analisarmos o destino do irmão mais velho de Vanga, é preciso contar o que se passava na Bulgária nos últimos anos da Segunda Guerra Mundial. No verão de 1943 a aviação anglo-americana começou bombardeamentos maciços da Bulgária, procurando sobretudo paralisar as infraestruturas de transporte. Estes raids deviam criar nos alemães a impressão de que os Aliados se preparavam para desembarcar nos Balcãs, quando na verdade já decorriam negociações de capitulação com o novo governo italiano que derrubara Mussolini, e as tropas anglo-americanas deviam desembarcar no sul de Itália. Às 7 horas da manhã de 1 de agosto de 1943 os britânicos e americanos iniciaram a operação com o nome de código "Tidal Wave". 170 bombardeiros "Liberator" levantaram voo dos aeródromos na zona de Bengasi e voaram em quatro grupos para norte.

A estação radar alemã situada a 15 km a sul de Sófia (no monte Černi Vrăh) detetou estes grupos e a informação foi transmitida ao posto de comando da força aérea búlgara. Supunha-se que se tratava de um raid sobre Sófia. Por alarme de combate, para proteger a capital búlgara, levantaram voo dos aeródromos de Vraždebna e Božurište (perto de Sófia) caças "Avia B-534" e do aeródromo perto de Karlovo 10 caças "Messerschmitt". Contudo, os "Liberators" viraram para Ploiești, na Roménia, e os pilotos búlgaros não conseguiram alcançá-los. Duas horas depois, os aviões americanos, após largarem as bombas sobre os campos petrolíferos romenos, reapareceram no céu da Bulgária.

Os biplanos búlgaros Avia voltaram a levantar voo para os intercetar. Para os pilotos búlgaros tais combates eram quase suicídio: os seus aviões obsoletos estavam armados com quatro metralhadoras de 7,62 mm, enquanto cada "Liberator" tinha dez metralhadoras de grande calibre. Eis como um atirador americano recorda este confronto no céu: «Esfreguei os olhos de espanto — que guerra era aquela? A Primeira Guerra Mundial? Parecia que ocorrera um salto no tempo. De repente apareceram estes pequenos biplanos. Fiquei atónito ao ver que nos dispararam antes de voltarem a desaparecer.»

Apesar da superioridade armamentista, o grupo aéreo americano sofreu algumas perdas. Um esquadrão de caças búlgaros "Messerschmitt-

109G-2", comandado pelo tenente Stoyanov, intercetou um grupo de 18 "Liberators". Em resultado do combate aéreo a norte de Sófia, dois bombardeiros foram abatidos e outros dois danificados saíram da formação.

As ações corajosas dos pilotos militares búlgaros foram reconhecidas. A 7 de agosto de 1943 o czar Boris III, três dias antes da sua morte, entregou pessoalmente ao tenente Stoyanov e ao subtenente Bonev medalhas de oficial "Pela Bravura".

No fim de outubro de 1943 os pilotos búlgaros no céu da Macedónia atacaram um grupo aéreo americano composto por 40 aviões e abateram um caça P-38. A 14 de novembro de 1943 os Aliados realizaram o seu primeiro raid maciço sobre Sófia, no qual participaram 91 bombardeiros escoltados por 40 caças. Agora os raids deviam manter nos alemães a ideia de que os Aliados continuavam a preparar-se para desembarcar nos Balcãs, quando na verdade já se preparava o desembarque no norte de França. O raid maciço seguinte sobre Sófia ocorreu a 24 de novembro, no qual participaram 60 bombardeiros B-24 da 15.ª Força Aérea americana. Até ao fim do ano realizaram-se mais dois raids sobre a capital búlgara.

Os bombardeamentos causavam uma impressão deprimente no povo búlgaro. Os búlgaros sentiram pela primeira vez sobre si todos os horrores da guerra.

A 10 de janeiro de 1944 os búlgaros chamaram depois de "segunda-feira negra". Nesse dia a aviação anglo-americana empreendeu dois raids maciços sobre Sófia. Participaram neles 180 bombardeiros "Fortaleza Voadora". 70 caças búlgaros e 30 caças da Luftwaffe abateram 8 bombardeiros, mas isso não impediu os raids. Morreram entre 800 e 1000 civis, outros tantos ficaram feridos. Bombas de aviação destruíram mais de 1000 edifícios e outras construções, interromperam o abastecimento de água, a ligação telefónica e o fornecimento de eletricidade.

Cerca de trezentos mil habitantes abandonaram a cidade e arredores, foram fechadas instituições estatais e escolas. Os bombardeamentos continuaram até agosto de 1944. No total, nos bombardeamentos morreram 2477 búlgaros, 99 % deles civis. Foram danificados e incendiados 12 657 casas.

A 12 de agosto de 1944, antes do início da ofensiva geral do Exército Vermelho na Roménia, o governo da URSS exigiu do governo da Bulgária que cessasse a ajuda ao exército alemão. A 26 de agosto, quando as tropas do 2.º e 3.º Frontes Ucranianos, na operação Iași-Chișinău, romperam a

frente e a Roménia saiu da aliança com a Alemanha e passou para o lado da coligação anti-hitleriana, o governo búlgaro declarou a neutralidade total da Bulgária e exigiu a saída das tropas alemãs do país.

Unidades alemãs isoladas, em retirada da Roménia, entraram em território búlgaro, procurando retirar para o território da Macedónia jugoslava. No período de 26 a 30 de agosto os alemães, compreendendo que a Bulgária estava prestes a passar para o lado dos seus adversários, afundaram 74 dos seus navios de guerra que se encontravam em portos búlgaros.

A 2 de setembro chegou ao poder o governo liberal de Konstantin Muraviev, adversário da aliança com a Alemanha. Declarou amnistia política, da qual beneficiaram comunistas e aliados, incluindo participantes do movimento partidário. Foi também revogada a legislação que restringia os direitos dos judeus e fora introduzida sob pressão da Alemanha nazi. Foi demitido o regente pró-alemão Bogdan Filov, mais tarde executado pelos comunistas. A 5 de setembro o governo Muraviev declarou guerra à Alemanha, mas a pedido do ministro da Guerra general Ivan Marinov a declaração foi adiada 72 horas.

Nessa altura os militares, membros do "Zveno", antialemães e aliados aos comunistas, já tinham preparado o golpe. Marinov foi um dos ativos participantes da conspiração e queria que fosse o novo governo pró-soviético a declarar guerra à Alemanha. O governo da URSS, numa nota de 5 de setembro considerou a atividade do governo Muraviev continuação da política externa das anteriores autoridades búlgaras e declarou guerra à Bulgária. Na nota afirmava-se que o número de tropas alemãs na Bulgária atingia 30 mil homens.

A 5 de setembro de 1944 as tropas do 3.º Frente Ucraniano, em cooperação com a Frota do Mar Negro, chegaram à fronteira romeno-búlgara na Dobrudja, transpuseram-na e começaram a avançar em território búlgaro. A 7 de setembro aviões soviéticos largaram sobre Sófia e outras cidades panfletos com o apelo do comandante do 3.º Frente Ucraniano F. I. Tolbuhin ao exército búlgaro e ao povo búlgaro. Dizia-se lá: «O Exército Vermelho não tem intenção de fazer guerra ao povo búlgaro e ao seu exército, pois considera o povo búlgaro um povo irmão. O Exército Vermelho tem uma única tarefa — esmagar os alemães e acelerar o advento da paz geral.» Não houve resistência.

Contudo, o Exército Vermelho na Bulgária sofreu perdas de 12 750 homens, dos quais 977 irrecuperáveis. Quase todos foram vítimas de acidentes ou doenças, e apenas poucos morreram em confrontos com reduzidos destacamentos alemães. A 8 de setembro o governo Muraviev publicou finalmente a decisão de declarar guerra à Alemanha; criou-se uma situação paradoxal — a Bulgária encontrava-se simultaneamente em estado de guerra com a URSS, EUA, Reino Unido e Alemanha. Mas esse estado durou apenas algumas horas.

Na noite de 8 para 9 de setembro os oficiais do "Zveno" realizaram o golpe e afastaram do poder o governo Muraviev, em cuja defesa não se levantou nenhum militar. Novo primeiro-ministro tornou-se um dos líderes da conspiração, o coronel Kimon Georgiev. Encabeçou o governo da Frente Patriótica, no qual o papel principal cabia aos comunistas. Nessa altura os líderes do "Zveno", adversários da aliança com a Alemanha nazi, colaboravam há muito estreitamente com o partido comunista. Ao exército juntaram-se os bastante numerosos partidários comunistas; as ações de combate contra eles por parte do exército e gendarmeria tinham cessado já a 5 de setembro, desbloqueando as suas bases. O novo governo confirmou a declaração de guerra à Alemanha e aos seus aliados.

Em conformidade com a diretiva do Stavka do Comando Supremo, a partir das 22h00 de 9 de setembro de 1944 cessaram as ações de combate das tropas soviéticas contra a Bulgária. Nesse mesmo dia, na zona da cidade de Bitola, na Macedónia, unidades alemãs cercaram e desarmaram partes da 15.ª Divisão de Infantaria de Ohrid do exército búlgaro. Os restos desta divisão retiraram para a Bulgária, onde foram desmobilizados.

A 10 de setembro o governo da Frente Patriótica anunciou a dissolução da polícia e gendarmeria, o desmantelamento das organizações que considerou "fascistas" e a criação da milícia popular. O exército foi renomeado Exército Popular Búlgaro, no qual foram incluídos combatentes de destacamentos partidários e grupos de combate comunistas. A sua força atingiu 450 mil homens. Agora os búlgaros, juntamente com o Exército Vermelho, combatiam a Alemanha em território da Jugoslávia, Hungria, Checoslováquia e Áustria.

Entre 10 e 11 de setembro de 1944, na zona de Belogradčik, tropas alemãs afastaram unidades búlgaros da fronteira com a Jugoslávia e tomaram a cidade de Vidin, na Macedónia búlgara, para assegurar o caminho de retirada para a Sérvia e depois Bósnia, Herzegovina e Croácia.

E entre 8 e 14 de outubro de 1944, na operação ofensiva na zona da cidade sérvia de Niš, unidades do 2.º Exército búlgaro, em conjunto com unidades do 13.º Corpo de Exército do Exército Popular de Libertação da Jugoslávia e do 57.º Exército do 3.º Frente Ucraniano, infligiram uma derrota à 7.ª Divisão de Montanha SS "Prinz Eugen", formada por volksdeutsche balcânicos. A 15 de outubro de 1944 passou à ofensiva na Macedónia o 4.º Exército búlgaro, que derrotou a 22.ª Divisão de Infantaria alemã, ocupou a 10 de novembro a cidade de Veles e a 13 de novembro a cidade de Skopje.

A 16 de setembro de 1944 tropas soviéticas entraram em Sófia. Nesse mesmo dia o antigo primeiro-ministro da Bulgária Aleksandar Tsankov anunciou em Viena a criação do Governo Nacional Búlgaro no exílio, apoiado pela Alemanha nazi, mas que na realidade já não representava ninguém. A 10 de outubro de 1944 a Bulgária concluiu a evacuação dos funcionários da administração civil do território anteriormente ocupado da Grécia e a 11 de outubro começou a retirada de tropas do território da Grécia, concluída a 25 de outubro de 1944.

Agora tentemos projetar os acontecimentos do golpe de 9 de setembro e das ações de combate subsequentes na Bulgária e na Macedónia jugoslava sobre o destino do irmão de Vanga, Vasil. Na versão canónica da sua morte há demasiadas incongruências para se acreditar nela. De repente, em junho de 1944, Vasil vai de Petrich para Strumica para se juntar a um destacamento partidário local. Porque lhe ocorreu de repente essa fantasia não se explica de forma minimamente clara. E, no entanto, não lhe restavam parentes em Strumica. E se realmente quisesse juntar-se a um destacamento partidário, podia facilmente encontrar um mais perto de Petrich. Pois na Bulgária não faltavam partidários próprios.

O episódio da morte heroica, quando o jovem partidário se entrega aos algozes fascistas para salvar as pessoas feitas reféns, parece um belo mito pouco correspondente à realidade. Aos alemães, que em outubro de 1944 não tinham outro pensamento senão fugir o mais depressa possível da Macedónia, simplesmente não sobrava tempo para procurar quem fizera explodir a ponte. Na pior das hipóteses podiam fuzilar parte dos habitantes da aldeia próxima como reféns, mas dedicar-se a procurar os executores concretos certamente não fariam, se não os conseguissem capturar em quente.

Parece mais provável que em junho de 1944 Vasil tenha sido mobilizado para o exército búlgaro e enviado para prestar serviço de

ocupação na Macedónia, onde, muito provavelmente, morreu ou desapareceu em combate com tropas alemãs em setembro ou outubro de 1944. Não se pode excluir que tenha morrido durante a ofensiva do 2.º Exército búlgaro sobre Niš, sobretudo se for correta a data tradicional da sua morte — 8 de outubro de 1944. Pois é o primeiro dia da ofensiva búlgara sobre essa cidade sérvia.

É muito possível que Vasil tenha sido chamado mesmo durante a mobilização anunciada a 19 de setembro de 1944, em resultado da qual a força do exército búlgaro aumentou para 450 mil homens. E a lenda de que Vasil fora para os partidários em junho de 44 pode ter sido necessária para provar que os parentes de Vanga participaram na luta contra o "regime monarco-fascista" ainda vários meses antes do seu derrube.

Li Baudelaire, e ele escreve que há ervas que, quando fumadas, entorpecem o cérebro — aquela fina camada de autoanálise que impede de mergulhar no subconsciente. E quando filmavam a cena de clarividência de Kathleen, eu representava lá meio-sonho, transe, o além-túmulo.

E lá estávamos nós na Bulgária. Organizaram uma receção, fomos recebidos por Zhivkov. Fiquei ao lado dele, ele batia-me constantemente no joelho, dizendo que eu era boa atriz.

A cada pancada eu estremecia, mas decidi aproveitar a proximidade e pedir-lhe ajuda para conhecer Vanga. Ele ordenou aos assessores que organizassem a viagem:

Fui ter com Vanga com um filósofo, Lyuben (na altura escrevia os discursos para Zhivkov).

Como me tinham indicado na véspera, à noite pus um pedaço de açúcar debaixo da almofada. De manhã partimos para a cidade de Petrich, na fronteira com a Grécia, e nem mesmo à cidade, mas a um desfiladeiro onde Vanga vivia numa casa de verão. Pela multidão junto à casa percebi que ela estava lá. Entrámos.

Vanga estava na varanda aberta, ao redor da qual havia bancos corridos. Neles sentavam-se mulheres camponesas simples com crianças escrofulosas. Vanga contava-lhes precisamente como acabara de descansar no Mar Negro.

Voz segura, alta. Dona da casa! E, por qualquer razão, batia no próprio joelho. Lembrando-me de Zhivkov, decidi que talvez fosse um gesto búlgaro característico. De vez em quando tirava qualquer coisa do bolso e cheirava. Pensei que o açúcar não lhe interessava, mas aquilo que

agora cheirava era o doping que a ligava ao mundo místico. Mais tarde a secretária disse-me que era sabonete de banho comum, tinham-lho oferecido há pouco, simplesmente gostava do aroma.

Senti-me extremamente desconfortável e pensei: para que preciso disto, o que pode Vanga dizer-me que eu própria não saiba sobre mim? Mas já era tarde. Vanga já pegara no meu açúcar e perguntou alto se eu tinha pai. Assenti. Ela nem ouvira a minha voz e já repetia: «Sim, mas morreu, está aqui ao lado. E o pai tem um irmão Ivan?» Sim, havia vários irmãos, e Ivan também. E a voz dela: «Sim, mas também morreu, está aqui ao lado. E a mãe tem outro marido?»

Assenti. «Sim, mas também morreu, está aqui…» E todos os presentes ouviam também… Sussurrei a Lyuben que não queria que ela falasse do meu destino. Vanga como que sentiu e começou a falar com Lyuben sobre ele mesmo, sobre a sua ciência. Disse-lhe que não devia fazer política nem escrever discursos para outros, que devia trabalhar num livro de filosofia, e começou a usar termos filosóficos modernos que ela nem devia conhecer. Lyuben estava diante dela como um escolar.

E depois, sem mudar de assunto, falou de mim. Perguntou de repente por que me via de uniforme militar e descreveu o fato de Angelika do filme "Escudo e Espada". Não sabia que eu era atriz. Disse-lhe que era um papel, um dos papéis. Perguntou: «E o que fazes aqui?» — «Vim em tournée com o teatro». — «E vieram muitos?» — «Umas quarenta pessoas», digo. «Não, mais, vejo que são cerca de cem». Depois contamos, realmente era assim. «E que peça representam hoje?» — «O Bom Homem de Szechwan». — «Na tua opinião, há pessoas boas?» Digo, não sei, talvez haja. Ela: «Não, não há pessoas boas. Aliás, é brincadeira». Depois levantou-se, abraçou-me, disse coisas que pareciam não ter importância na vida, passou a mão pelas minhas costas e ordenou que não andasse de saltos altos, e tudo ficaria bem. A voz dela era sempre segura.

Quando saímos de casa de Vanga, Lyuben acendeu um cigarro, as mãos tremiam-lhe. E eu pensava que representara mal a cena de clarividência. Precisava de outra força de certeza e outra voz.

…Regressei a Moscovo completamente diferente, ninguém me reconhecia. Regressei uma pessoa mais calma. Já não tinha a pergunta do padre Sergiy — há algo lá, além da linha? —, tinha a resposta de Hamlet — sim, há.

De onde vem na psique humana a paixão pelo místico, pelo milagre? Talvez ressoe em nós, como atavismo, uma antiga tradição espiritual? Mas a nossa cultura é apenas a experiência espiritual coletiva da humanidade. Na cultura de todas as épocas sempre coexistiram razão e milagre, conhecimento e fé cega, pragmatismo e romantismo, racionalidade e intuição, ascetismo e sensualidade».

O encontro não passou sem deixar rasto na estrela do teatro e do cinema. Conta que regressou a Moscovo renovada, cheia de forças e completamente saudável. Tendo acreditado no dom misterioso de Vanga, a atriz dizia que o desconhecido e o além-túmulo realmente existem. E ainda — que não fazia o que devia. E passou ativamente a escrever livros de memórias. E donde Vanga obtinha pormenores da biografia dos seus clientes, incluindo pessoas conhecidas, diremos já.

O autor do mundialmente famoso romance policial "Dezessete Momentos de Primavera", tornado especialmente popular após a série televisiva homónima, o hoje falecido escritor Julian Semionov, recebeu de Vangeliya este conselho: «Escreve obrigatoriamente a continuação do livro e depois vão fazer mais séries do filme. Mas eu sei que ainda não estás preparado, falta-te material. Vai a Espanha e encontra lá um certo Vladimir. Ele indicar-te-á que momentos interessantes deves incluir no livro».

E Semionov escreveu realmente a continuação das aventuras de Stirlitz. Só que o romance "Dezassete Momentos de Primavera" de modo algum foi o primeiro romance sobre o agente soviético Isaev-Stirlitz. E Julian Semionov nunca declarou que com esse romance pretendia concluir a sua saga de espionagem. Esse romance foi o terceiro da série sobre Isaev-Stirlitz. Foi publicado em 1969. E o romance seguinte, "Bomba para o Presidente", apareceu já em 1970, e a ação decorria nos anos 60 do século XX, mas não em Espanha, e sim em Berlim Ocidental.

Verdade que, curiosamente, um dos personagens episódicos de "Bomba para o Presidente" era o búlgaro Pavel Kochev, estudante de doutoramento do professor de história moscovita Maxim Maximovich Isaev, antigo Stirlitz. E no romance "Variante Espanhola", publicado em 1973, a ação decorre realmente em Espanha e um dos personagens episódicos chama-se Kurt Vang. Por isso não se pode excluir que o encontro com Vanga se tenha refletido na obra de Julian Semionov.

A sua visita a Vanga Julian Semionov nem perante a família a divulgou. A filha do escritor, Olga, testemunha: «O pai dizia que a curiosidade do escritor é semelhante à curiosidade feminina. Não tanto acreditava nas predições como queria conhecer mais um novo fenómeno paranormal. Com Vanga, que eu saiba, o pai esteve apenas uma vez. Na Rússia conhecia os extrasensíveis Safonov, Globa e Djuna. E uma vez recebeu na dacha uma adivinha espanhola — antiga namorada de Fidel Castro. Foi ela que previu que o pai não chegaria à velhice».

O operador de cinema Alexander Karmen recordava as suas conversas com Julian Semionov sobre Vanga e afirmava que o escritor esteve várias vezes com a vidente búlgara: «Agora tudo era diferente. Algo nele se quebrara, tornara-o cauteloso e prudente. Onde estava a causa dessa cautela que completamente expulsara a antiga ousadia e loucura sem freio de Semionov, que muitos condenavam e à qual eu invejava secretamente?

Após alguma hesitação, não me contive e perguntei-lhe: "Porque começaste a ter medo da velocidade? Não foi alguma adivinha que te disse? Ou estiveste com Vanga?"

Que ele visitava a vidente búlgara eu sabia, e há muito queria falar com ele sobre isso. E aqui parecia que o próprio destino me levava ao tema.

Julian respondeu não imediatamente. Olhava em silêncio e distraidamente as paisagens que passavam. Mas o isco que lhe lançara não passou despercebido.

— Com Vanga estive, e mais de uma vez — cinco minutos depois, inesperadamente, como se a conversa não tivesse sido interrompida, disse ele disse. — Contou-me muitas coisas interessantes.

Para me desculpar da pergunta que claramente não lhe agradara, perguntei-lhe, para mudar de assunto, se falara com ela sobre os nossos assuntos de Estado.

— Provavelmente já ouviste — sem tirar os olhos da janela lateral, disse ele —, Vanga não gosta de fazer prognósticos políticos. Todos sabem e procuram não a importunar com isso. Mas eu sou "não todos". A mim é obrigatório meter o nariz onde os outros não ousam. Pois perguntei-lhe uma vez…

— E o que te disse ela? — não me contive.

— Pois estou a lembrar-me — disse Julian. — Enfim, talvez não literalmente, mas a frase dela soou mais ou menos assim: "Vão mudar

quatro chefes e depois virá o caos". Pois penso: já mudaram dois — Brezhnev, Andropov… Quem serão os dois que faltam?

Chegou a minha vez de ficar calado. Que podia eu dizer então! Na verdade, a morte de Andropov podia trazer caminhos completamente diferentes para a situação política (a conversa decorria em Lima um dia após a morte de Andropov, quando ainda não se conhecia quem seria o sucessor. — B.S.). Como me dissera o próprio Julian numa das nossas anteriores conversas em Moscovo, no Kremlin podiam prevalecer forças que se indignavam mesmo com as tímidas mudanças na vida sócio-política que apareceram com Andropov, aquelas que davam esperança de mudanças, ou melhor, abordagens "não standard" à resolução de problemas nacionais e internacionais que marcaram o seu curto período como secretário-geral. Mas tudo podia correr de outra maneira. Afinal, não era por acaso que se dizia no povo que Andropov preparava o terreno para mudanças grandes e radicais, que sob a sua asa se formavam políticos de novo tipo, aqueles que viriam substituir os esclerosados entrincheirados no Kremlin.

A mim, pessoa há muitos anos "desligada da realidade soviética", da cozinha política onde se cozinhavam todos estes bolos, era difícil fazer prognósticos.

Julian, que sempre se distinguira pela capacidade de montar paciências políticas, voltou a fechar-se em si…»

Na vez seguinte que falaram de Vanga foi alguns dias depois: «De manhã ele levantou-se como se nada fosse, deu um passeio até ao mar, andou pela água. Não se banhou, resmungando que "não trouxera calções de banho". "Vamos antes nadar rápido para esses famosos ilhéus e ver o teu 'candelabro'", disse ele. Ao pequeno-almoço, em vez de café, bebeu chá e tinha muita pressa para não perder o barco.

O passeio durou umas três horas. O mar estava calmo, o sol brilhava e os prazeres do encontro com os ilhéus e a sua fauna foram muitos. Julian, que tinha medo de enjoar, sentia-se contudo muito bem. O gigantesco "candelabro" impressionou-o pela simplicidade e inexplicabilidade. E foi aí que voltámos à conversa sobre Vanga. E "chegámos" a ela de forma completamente inesperada.

Esperando que passasse a primeira impressão da contemplação do "candelabro", contei a Julian como uma vez viera aqui com a intenção de fotografar este misterioso desenho e vira mesmo por cima dele, igualmente

grande, “gravada” na encosta da montanha a palavra “ODESSA”. Como se descobriu depois, a inscrição fora feita pelos nossos marinheiros do Mar Negro de um navio que estava no cais de carga local. Não me atrevi a fotografar tal maravilha. Ouvindo o meu relato, Julian encolheu-se todo, ficou pequeno e desprotegido.

— Que tens? — perguntei, sem ligar a mudança dele ao que acabara de ouvir, pensando que simplesmente enjoara ou a pressão subira novamente.

«Não consigo ouvir isso — disse ele, abatido. — Como se pode profanar uma santidade! É o mesmo que sujar a Bíblia, cagar no Hermitage diante da Madona de Leonardo da Vinci, atirar para a fogueira um manuscrito de Lev Tolstoi, de Heine. Não sei…»

Realmente sentiu-se mal. Todo o encanto da nossa viagem desmoronou e eu amaldiçoava-me por ter aberto a boca. Então, querendo sinceramente mudar de tema, perguntei-lhe:

— Diz-me, quando estiveste com Vanga, não lhe perguntaste pela sorte da Sala de Âmbar, onde procurá-la?

Perguntei e logo percebi que voltara a meter os pés pelas mãos.

Julian ficou ainda mais sombrio, calou-se longamente e carrancudo, agarrado ao corrimão e fingindo observar as redondezas. Depois, sem tirar os olhos da costa, perguntou secamente:

— Para que queres saber isso? — O tom inesperadamente pesado e distante da sua voz fez-me ficar alerta. Percebi que pisara terreno minado ou batera a uma porta proibida. Mas recuar já era tarde.

— Já te disse: para poupar na busca e, enfim, saber finalmente o seu destino.

E então respondeu:

— Para saber que foram os nossos soldados e oficiais que a saquearam?! Dos mesmos bárbaros que escreveram aqui a palavra sagrada para nós “ODESSA”, mas com ela profanaram uma santidade peruana? Não, obrigado! — Disparou tudo isso de rajada, num só fôlego. E, virando-se bruscamente, calou-se.

Fiquei mal. Compreendia: mesmo que Julian, virando-se, tivesse como que cortado o fio da nossa conversa, ainda se podia voltar ao tema um pouco mais tarde, quando a onda explosiva passasse e ele voltasse a descongelar. Mas como é terrível às vezes abrir a porta para o desconhecido e, para não nos defrontarmos atrás dela com uma verdade

cruel, abrasadora ou com uma solução demasiado primitiva de um mistério que nos atormenta há muito, preferi não só não pegar na maçaneta dessa porta, mas nem sequer bater nela.

Em geral, a reação de Semionov às minhas perguntas não tinha necessariamente de ser uma revelação. Saía como na impressão fotográfica: o papel fora exposto por um flash instantâneo, mas, para saber o conteúdo do quadro, ainda era preciso revelá-lo. E fazê-lo era assustador.

Sobre a Sala de Âmbar não voltámos a falar. Nem no Peru, nem depois em Moscovo…

De manhã ouvimos na rádio que o secretário-geral "elegera" Chernenko. E esta notícia afastou completamente todos os outros temas.

Julian estava em estado de choque, praguejava, dava as mãos à cabeça, agarrava a cabeça. E eu, observando a reação dele, pensava que, se Vanga lhe tivesse revelado "o segredo da Sala de Âmbar" e se essa solução fosse a que me pareceu após a conversa com ele, certamente a reação teria sido igualmente desesperada como à eleição de Chernenko: desmoronavam esperanças e fé no bom senso das pessoas, dominava e desarmava a sensação de completa impotência perante a força cega que punha perante o facto de um vandalismo sem sentido, injustificável».

Este testemunho parece desmentir a opinião amplamente difundida de que Julian Semionov perguntou a Vanga onde estava a Sala de Âmbar. Mas é preciso ter em conta que as recordações de Karmen sobre Julian Semionov foram publicadas muitos anos após a morte tanto de Vanga como do criador de Stirlitz, que ela sobreviveu três anos. Nessa altura já se provara que a Sala de Âmbar, levada no outono de 1941 de Tsarskoye Selo para Königsberg, perecera num incêndio em abril de 1945 no Castelo Real, onde estava guardada. O incêndio fora provocado pelos soldados soviéticos que ocuparam o castelo e que, alegres por a guerra estar a acabar, beberam muito, depois beberam mais e depois alguém adormeceu com o cigarro aceso na mão.

Esta versão era certamente conhecida do memorialista e podia influenciar as suas recordações. Não por acaso o barão Eduard Falz-Fein, que fundara com Julian Semionov o Comité Internacional de Busca da Sala de Âmbar, confessava: «Procurámos 20 anos, gastámos em expedições pelo mundo inteiro somas incríveis, reunimos um arquivo gigantesco, para depois saber que a sala ardeu. Mas anunciei um prémio de 500 mil dólares a quem a encontrar. Os vigaristas de todos os cantos do mundo ainda hoje

me chateiam: “Sei onde está a Sala de Âmbar, preciso de dinheiro para as buscas”. Respondo: “Encontras — recebes”. E o dinheiro ainda está no banco».

Note-se que as predições de Vanga, apesar de a vidente supostamente procurar poupar os sentimentos dos clientes, na sua maioria parecem bastante sombrias. E o relato de Karmen sobre Julian Semionov e Vanga transmite precisamente essa atmosfera sombria, que por vezes dava motivo aos seus adversários para a chamar “bruxa” e considerá-la expressão não de forças luminosas, mas de forças das trevas. Em geral, a Vanga simpatizavam sem reservas as pessoas que eram misticamente inclinadas e acreditavam em extrassensíveis e outros fenómenos sobrenaturais. Julian Semionov pertencia a esse número.

A Vanga atribuem também uma predição muito exata sobre o destino do diplomata sueco Raoul Wallenberg. Em 1944, em Budapeste, salvou da morte dezenas de milhares de judeus húngaros, emitindo-lhes passaportes suecos temporários. Em janeiro de 1945, quando o Exército Vermelho ocupou a parte de Budapeste onde se encontrava o diplomata sueco, Wallenberg e o seu motorista Langfelder foram presos e enviados para a URSS. Desde então nada se soube com certeza do destino destas duas pessoas. Segundo uma versão, morreram nos campos de Estaline. Existia também uma suposição completamente fantástica de que Wallenberg fugira para a América Latina, mudara de nome e vivera longa e feliz vida com documentos falsos. Pouco antes da sua morte, Vanga recebeu uma fotografia do diplomata. Olhando-a atentamente e segurando-a nas mãos alguns minutos, disse que ele já não estava vivo (nessa altura ninguém duvidava disso sem ela).

Depois Vanga precisou: por ordem pessoal de Beria fora preso e lançado num dos campos de Estaline, onde logo ele e o motorista foram executados. Na realidade, no verão e outono de 1947 Wallenberg e o motorista foram realmente mortos (muito provavelmente envenenados). Só que a prisão fora ordenada por Estaline, não por Beria, e a liquidação deles por ordem de Estaline foi feita não por Beria, mas pelo então ministro da Segurança do Estado Viktor Abakumov. Note-se também que a 22 de dezembro de 2000 o então Procurador-Geral da Federação Russa Vladimir Ustinov assinou a decisão de reabilitação de Wallenberg e do seu motorista Vilmos Langfelder.

Em 1994 Vanga terá previsto: «No início do século XXI a humanidade livrar-se-á do cancro. Chegará o dia em que o cancro será acorrentado com "correntes de ferro"». Explicou estas palavras assim: «O medicamento contra doenças oncológicas deve conter muito ferro». Considerava também que inventariam um medicamento contra a velhice. Fá-lo-iam com hormonas de cavalo, cão e tartaruga: «O cavalo é forte, o cão resistente e a tartaruga vive muito». Provavelmente, quando chegar a hora, os fervorosos admiradores de Vanga dirão que também estas profecias se confirmaram.

Vanga terá também adivinhado a Mikhail Gorbachev e a Boris Yeltsin. Não se sabe o que previu aos grandes deste mundo, mas ganhou publicidade o caso com outro ator soviético, Vyacheslav Tikhonov, que se encontrou com Vanga em 1979. Ela perguntou ao ator: «Porque não cumpriste o desejo do teu amigo Yuri Gagarin? Antes do seu último voo veio a tua casa e disse: "Não tenho tempo, mas peço-te muito: compra um despertador e põe-no na tua secretária. Que o relógio me lembre!"» Após estas palavras Tikhonov sentiu-se mal, tiveram de lhe dar valeriana. Ao recuperar, confirmou que fora mesmo assim como a profetisa dissera, mas, abalado pela morte de Gagarin, simplesmente se esquecera de comprar o relógio…

Como se sabe, a 27 de março de 1968, durante um voo de treino num avião a jato perto da aldeia de Novoselovo, distrito de Kirzhach, oblast de Vladimir, morreu o primeiro cosmonauta Yuri Alekseevich Gagarin. Oficialmente as causas da morte de Gagarin e do seu companheiro nunca foram definitivamente determinadas. Pilotava o avião de treino MiG-15UTI juntamente com o seu instrutor, o coronel Vladimir Sergeevich Seregin. O relatório da comissão estatal sobre esta tragédia permaneceu durante muitas décadas classificado, o que gerou os mais diversos rumores. E ainda hoje os materiais da investigação não foram publicados.

A comissão concluiu que a tripulação, devido à mudança da situação aérea durante o voo, realizou uma manobra brusca e saiu da camada de nuvens em mergulho praticamente vertical. Apesar das tentativas dos pilotos de trazer a aeronave para voo horizontal, o avião colidiu com o solo e a tripulação morreu. Durante a investigação não foram detetadas avarias ou falhas técnicas. A análise química dos restos e do sangue dos pilotos não revelou substâncias estranhas, o que desmente os rumores amplamente difundidos de que os pilotos estavam bêbados. Contudo, as razões pelas

quais o avião de Gagarin e Seregin entrou em saca-rolhas nunca foram estabelecidas. Entre as versões consideradas — desvio de um balão-sonda meteorológico ou de outro avião, com possível entrada no seu esteira, bem como erro de pilotagem. Segundo o grupo de peritos liderado por Sergei Mikhailovich Belotserkovsky, desviando-se de um avião desconhecido, o avião de Gagarin e Seregin entrou em saca-rolhas plano. Estando na camada de nuvens, os pilotos não puderam avaliar corretamente a altitude do voo.

Segundo o cosmonauta Alexei Leonov, em resultado da desclassificação dos documentos da comissão de investigação, esta versão confirmou-se plenamente: na zona de voo de Gagarin e Seregin encontrava-se sem autorização outro avião: Su-15 (segundo outras fontes — Su-11. — B.S.), que realizava voo do aeródromo de Zhukovsky. Neste caso o piloto violou o regime, desceu até à altitude de 450 metros — e eu sei isso porque falei com testemunhas — em pós-combustão foi para o seu escalão e a distância de 10-15 metros, nas nuvens, passou junto ao avião de Gagarin, virando-o e lançando-o em espiral profunda a 750 km/h. O avião (de Gagarin) fez um volta e meia e na saída (do saca-rolhas) colidiu com o solo». Segundo S.M. Belotserkovsky, "para se salvarem faltaram-lhes apenas 150 metros de altitude e um segundo e meio».

Outro cosmonauta, Vladimir Aksionov, expôs outra versão da morte de Gagarin, que lhe fora comunicada logo nos primeiros dias após a tragédia pelo Herói da União Soviética, piloto de ensaio de mérito, membro da comissão estatal de investigação da catástrofe Sergei Anokhin. Segundo Vladimir Viktorovich, «naquele dia trágico (…) tive de me vestir para os voos na mesma sala que Yuri Gagarin, passar pelo mesmo médico o exame pré-voo necessário e receber informações meteorológicas do mesmo meteorologista». As condições meteorológicas nesse dia não eram ideais para voos, mas no geral o tempo permitia voar. Aksionov recorda: «A nebulosidade nesse dia era invulgar: o bordo inferior de nuvens quase contínuas estava a cerca de 600 metros do solo.

Depois, até aos 4000 metros, a nebulosidade era densa, com pequenos clareamentos. Acima do bordo superior não havia nuvens: céu limpo e muito boa visibilidade. Mostraram-nos até fotografias do bordo superior tiradas de um avião de reconhecimento meteorológico». A última mensagem de Gagarin e Seregin foi que tinham concluído a tarefa de voo, realizada acima do bordo superior da nebulosidade, ou seja, a mais de 4

quilómetros. Na opinião de Aksionov, nesse momento os pilotos acabavam de sair da figura final e continuavam o voo a velocidade reduzida, mas ainda a altitude considerável. Precisavam de descer e atravessar a camada de nuvens. Aksionov, ele próprio engenheiro-mecânico, afirma: «A descida da zona de pilotagem pode ser feita de diferentes modos: ou em espiral descendente em vários círculos, ou fazendo uma cambalhota com saída do mergulho em direção ao aeródromo. O segundo modo — descida intensiva por cambalhota — é usado por muitos pilotos que precisam de concluir rapidamente a tarefa e ceder o avião a outros pilotos. E nesse dia devia voar ainda o cosmonauta Yevgeny Khrunov, por isso havia motivos para a descida mais rápida».

Considera que Gagarin e Seregin se atrasaram dois ou três segundos na saída do mergulho e inesperadamente entraram na camada de nebulosidade contínua. Mas podiam haver outras causas não ligadas a erro dos pilotos: aumento da altitude e densidade da nebulosidade ou altitude inicial insuficiente para a cambalhota do MiG-15. Vladimir Viktorovich supõe que «a causa da catástrofe pode ter sido a complicada situação meteorológica com o bordo superior da nebulosidade contínua a cerca de 4 quilómetros e o inferior a apenas 600 metros do solo; subestimação pelos pilotos, sobretudo por Vladimir Seregin, da complexidade da situação meteorológica existente, bem como a entrada inesperada dos pilotos em nebulosidade contínua a alta velocidade em regime de descida intensiva e, em consequência, a impossibilidade de pilotagem estável por instrumentos. Outra causa da catástrofe foi a falta de altitude desde o bordo inferior das nuvens até à saída do avião do mergulho». Note-se que a versão Aksionov-Anokhin também não exclui a versão de aproximação perigosa com outro avião como causa da catástrofe.

Possivelmente o avião ainda podia ser salvo, mas Gagarin e Seregin na realidade não eram pilotos experientes. Gagarin, nos sete anos após o voo espacial, voara apenas 77 horas. E Seregin, embora tivesse um bom número de horas de voo, testava sobretudo equipamento de rádio de bordo e tinha pouca experiência de pilotagem superior, especialmente em situações não standard.

Ao entrar inesperadamente em nebulosidade densa a alta velocidade sem funcionamento estável dos instrumentos de orientação espacial, em primeiro lugar do horizonte artificial, o avião pode ser sugado para uma espiral descendente profunda, e em tentativas intensivas de subir o avião

pode entrar em saca-rolhas de velocidade. Segundo os dados oficiais da investigação, o avião com Gagarin e Seregin, após sair das nuvens, ia quase verticalmente para o solo a cerca de 700 km/h. A essa velocidade o MiG-15 percorreu os 600 metros que restavam até ao solo em apenas três segundos.

Aksionov considera que não havia nenhum outro avião perto do avião de Seregin e Gagarin: «A ausência de tentativas de ejeção tanto por Gagarin como por Seregin, bem como de tentativas de estabelecer contacto rádio, pode explicar-se pelo facto de a entrada em nebulosidade ter sido inesperada para eles e depois ambos tentarem encontrar saída da situação criada. Se a situação de emergência estivesse ligada a alguma causa externa, os pilotos teriam imediatamente comunicado isso por rádio». Mas, rigorosamente falando, as gravações das conversas de Seregin e Gagarin com o solo no seu último voo ainda não foram publicadas, e não sabemos se comunicaram ou não a presença súbita de um avião ou sonda diante deles.

Aksionov sublinha que pilotagem vertical num avião pesado MiG-15 UTI é tarefa bastante complexa, pois «no ponto mais baixo da execução de figuras e cambalhotas as velocidades do avião são quase máximas — cerca de 700 km/h. Num MiG-15 em descida intensiva é perfeitamente possível ultrapassar alguns centenas de metros ou mesmo um quilómetro».

A propósito, a investigação da morte de Gagarin foi feita não só pela comissão estatal, mas também por uma comissão do KGB. Verificava se a morte de Gagarin não fora consequência de um atentado. A comissão detetou muitas violações no trabalho dos serviços de terra, mas excluiu um atentado como causa da catástrofe.

Segundo os dados da comissão estatal, cerca de um minuto antes da colisão Gagarin estava em estado completamente normal: a fala era calma, pausada. Devia fazer uma curva com descida, na ausência de visibilidade do horizonte natural. Depois algum acontecimento inesperado levou a que o avião ficasse em regime supercrítico em posição de mergulho íngreme.

Isso podia ser consequência de: desvio de outro avião, balão-sonda ou bando de aves; entrada na esteira de avião que passou; entrada em corrente ascendente vertical de ar ou mesmo rajada horizontal de vento. Podia haver combinação de quaisquer dois dos eventos indicados, ou talvez dos três. Informações erróneas sobre a altura das nuvens em combinação com indicações erróneas do altímetro criaram nos pilotos uma ideia errada sobre a margem de altitude e tempo de que dispunham para sair do mergulho.

Além disso, durante o voo as condições meteorológicas foram piorando gradualmente. Dados imprecisos sobre o tempo foram fornecidos na preparação pré-voo, o voo do avião de reconhecimento meteorológico atrasou-se. À catástrofe contribuiu também o facto de, no fim do voo, o MiG-15 UTI de Gagarin e Seregin ter sido perdido o contacto, em seu lugar o controlador de voo seguia no ecrã radar outro avião, possivelmente aquele mesmo Su-11 que foi uma das causas da catástrofe. O erro só foi descoberto 12 minutos após a catástrofe.

Esta confusão foi provocada pelo facto de, devido a avaria do equipamento, não funcionarem os dispositivos fotográficos para filmar os ecrãs das estações radar, o que dificultava o acompanhamento da posição dos aviões, e o rádio-altímetro de terra avariara-se. O controlador de voos não tinha informação completa sobre os aviões que descolavam e estavam no ar, e o horário previsto de descolagem de alguns deles fora alterado sem o seu conhecimento. Isso também podia levar à tragédia.

A comissão concluiu que os pilotos não tentaram ejetar-se. Na opinião do piloto de 1.ª classe I.B. Kacharovsky, «…não é difícil imaginar a situação. Seregin, avaliando a situação, como comandante da tripulação dá ordem a Gagarin para ejetar-se. Mas este, sabendo que, segundo as condições técnicas, deve ser o primeiro o instrutor, lembra-lho. Gagarin compreende que, salvando a própria vida, põe em perigo a vida do professor e amigo. Cada um deles pensa não em si, mas no camarada, insistindo que seja o outro a abandonar primeiro o avião. E dispunham apenas de uns 15 segundos. Que tenha sido assim, não tenho dúvidas». Quando, saindo das nuvens, a tripulação se orientou, já era tarde para ejetar-se. No caso de Gagarin se ejetar primeiro, Seregin já não teria hipóteses de abandonar a cabina. Ambos os pilotos só se salvavam se o instrutor se ejetasse primeiro.

Mas Seregin queria a todo o custo salvar Gagarin e este não quis abandonar o camarada a uma morte certa. É que a segunda cabina, do instrutor, no MiG-15 UTI foi instalada à custa da redução do primeiro tanque de combustível do fuselage. Ambas as cabinas estavam equipadas com conjunto completo de instrumentos e cadeiras de ejeção. O canopy da cabina dianteira abria para o lado e o da cabina do instrutor deslizava para trás; na ejeção ambas as partes do canopy deviam ser largadas. Neste caso a ejeção ocorria em dois tempos: primeiro o instrutor, depois o piloto em

formação, pois se o piloto em formação se ejetasse primeiro, o instrutor depois já não conseguiria abrir o canopy.

Segundo S.M. Belotserkovsky, «na situação criada, a tripulação, aparentemente, ainda esperava dominar a situação ou ejetar-se mais tarde. Os pilotos baseavam-se nos dados recebidos sobre a altura das nuvens. O único instrumento a que podiam recorrer era o altímetro barométrico. Mas em descida intensiva do avião as suas indicações atrasam-se (dão dados de altitude exagerados). Isso ocorre devido à inércia do volume de ar nos tubos e instrumentos.

Este facto é conhecido dos pilotos, mas podiam não ter em conta que na sparka com duas cabinas e conjuntos de instrumentos este efeito quase duplicava. Experiências de laboratório que realizámos já nos anos 90 mostraram que o erro podia atingir 300-400 metros».

Participantes da investigação: pilotos S. A. Mikoyan, A.I. Pushkin, S.V. Petrov, cosmonautas G.S. Titov, A.A. Leonov, cientistas e engenheiros de aviação S.M. Belotserkovsky, A.V. Mayorov, P.G. Sigov e A.M. Sosunov — publicaram em 1989 no jornal "Aviação Civil" um artigo onde afirmavam que «nos últimos segundos do voo após saída das nuvens… as ações dos pilotos devem ser consideradas como ótimas: em regime supercrítico ($\alpha = 20°$ com sobrecarga de 10-11 vezes) pilotaram o avião sem rolar nem derrapar, "espremeram" da técnica tudo o possível, tentando tirar do mergulho o avião e evitar a colisão com o solo».

E como Vanga comentou a morte de Gagarin? Afirmava que Gagarin não morreu, mas foi levado vivo para o céu, ou por mundos superiores ou por extraterrestres. Muitas vezes acontece que o corpo de uma pessoa famosa que nunca se conseguiu encontrar provoca uma multitude de rumores e interpretações erradas. Aconteceu o mesmo com o primeiro cosmonauta. Vanga viu que antes da catástrofe no avião pilotado por Gagarin e Seregin penetraram de alguma forma extraterrestres. Foram eles que levaram o primeiro cosmonauta da Terra para junto deles e agora ele lá vive em perfeita saúde, olhando para os terráqueos a dezenas e centenas de anos-luz de distância. Mas, quem sabe, talvez Gagarin volte um dia a visitar a Terra.

Segundo o conhecido escritor e poeta Sergei Vladimirovich Mikhalkov, Vanga disse-lhe sobre Gagarin o seguinte: «…A nossa Terra é visitada por seres de um planeta chamado Vamfim. O equipamento instalado nas naves espaciais será o primeiro a captar os seus sinais. Mas

entrarão em contacto direto com as pessoas apenas daqui a duzentos anos. Honrem a memória de Gagarin. Ele está onde deve estar — dirige no cosmos os vossos cosmonautas…»

Mikhalkov recordava: «A 22 de agosto de 1979 escrevi: "Há já vários dias que estou sob a impressão da visita a Vanga — a vidente da cidade de Petrich. O seu nome é conhecido em toda a Bulgária e além-fronteiras. Capacidade extraordinária e difícil de explicar de perscrutar o passado de uma pessoa, ver o seu presente e futuro — fenómeno único! Esta capacidade manifestou-se em Vanga em 1941, quando uma vez, durante uma tempestade, foi levantada do solo por um redemoinho e cegada por um raio.

Atualmente Vanga está ao encargo do Estado, recebendo salário de investigadora científica. A receção de visitantes é regulamentada e registada. As forças da ordem recorrem à sua ajuda, pois ela pode não só indicar o paradeiro de uma ou outra pessoa, mas até prever que em tal dia e a tal hora, num determinado lugar, será feita uma passagem ilegal da fronteira. Vários escritores estrangeiros famosos, os americanos Joey Cheever, William Saroyan, o italiano Alberti e o nosso clássico russo Leonid Leonov foram recebidos por Vanga. As suas profecias deixaram-nos abalados.

Após uma conversa com Todor Zhivkov e o escritor búlgaro Lyubomir Levchev, decidi a todo o custo visitar Vanga. Antes disso recomendara ao meu filho Andrei que se encontrasse com Vanga, o que ele fez a caminho de Moscovo para Paris. O filho contou-me brevemente esse encontro. Dificilmente Vanga podia conhecer a vida pessoal do meu filho, assim como os seus planos e intenções.

Contudo, disse-lhe que ele ia para a América, que seria "estrela" se se dedicasse à arte e de modo algum à política. Mencionou-me a mim e à minha mulher, dizendo que Andrei tinha bons pais.

Todas as suas predições até hoje se cumpriram. Andrei foi para a América, realizou vários filmes artísticos interessantes, tornou-se um realizador de cinema com nome mundial. Dedica-se à arte e não à política"».

Penso que o facto de Andrei Mikhalkov-Konchalovsky ir para a América e querer lá tornar-se "estrela" não era segredo. E as pessoas de Vanga, nos vários dias que decorreram entre a notícia da visita dele e a própria visita, podiam ter-se informado disso. E, claro, Vanga procurava

agradar ao cliente e confirmou de bom grado que os seus sonhos se realizariam. E não elogiou os pais por acaso — como potenciais clientes futuros.

E assim aconteceu. Sergei Mikhalkov descreveu assim a sua visita a Vanga: «Cheguei à cidade de Petrich, na fronteira com a Jugoslávia, às 11 horas da manhã acompanhado pela tradutora Maria. Vanga estava avisada da minha chegada, esperava-me numa pequena sala de receção sentada numa cama coberta por um tapete. A casita onde vive está cheia de flores, que Vanga adora, tal como adora brinquedos de crianças e sabonete perfumado. Veio connosco também a sobrinha dela. A mãe dela, irmã carnal de Vanga, está sempre presente na receção de visitantes. É preciso lembrar que Vanga é completamente cega. E ao mesmo tempo — vê o que é inacessível à visão humana:

— Ó, este russo vai viver muito tempo! — exclamou Vanga quando eu entrei na sala.

Já só esta exclamação tirou-me a tensão com que vinha para um encontro tão invulgar».

Esta exclamação, note-se, era perfeitamente natural. Mikhalkov sénior era na altura um velho vigoroso e saudável, e porque não havia de viver muito tempo! E o principal: se Vanga se enganasse e o pobre morresse em breve, certamente não teria tempo de lhe apresentar qualquer reclamação.

Sergei Mikhalkov contava: «Ouvira dizer que, recebendo visitantes e entrando em transe, Vanga com a sua visão interior vê ao lado do interlocutor as almas dos seus entes queridos que apareceram.

— Vejo a tua mãe — pronunciou Vanga. — Está atrás de ti, está zangada contigo por teres deixado de comemorar o dia do teu nascimento. Tens obrigatoriamente de comemorar o dia do teu nascimento. É o teu número de sorte. (Realmente dois anos seguidos não comemorara o dia do meu nascimento.) Tens um filho Andrei. Falei com ele — continuou Vanga. — Quer ir da Rússia para a América. Diz-lhe que não faça política.

— Ele não quer deixar a Rússia — objetei.

— Querem-no pessoas que agora são mais fortes do que ele — respondeu Vanga.

— E quem? — perguntei.

— A mulher de Andrei — disse Vanga decididamente. — Apareceu Pyotr — continuou ela. — Alto, bonito, olhos grandes. Morreu há muito. Quem é para ti?

— Parece que é o meu tio…

— Conheceste o teu avô? — perguntou Vanga. — Ele também está aqui. Era militar. Tenente-coronel… Louco… Agora está saudável e faz-te continência. (O meu avô, pai do meu pai, capitão de estado-maior reformado, morreu em 1916, louco. Sofria de melancolia negra após a morte da mulher amada.) Tens dois irmãos e uma irmã — continuou Vanga —, um irmão sofreu muito, foi operado quatro vezes, e a tua irmã agora está aqui…

— Não tenho irmã — disse eu.

— Estou a vê-la — repetiu Vanga.

— Não tenho irmã…

— E quem é então esta menininha? — exclamou Vanga irritada. — É a tua irmã!

E lembrei-me de que realmente tivera uma irmã que morrera aos cinco anos.

— Aqui apareceu outro Pyotr e ao lado dele o irmão dele. Quem são para ti?

Naquele momento não consegui perceber que se tratava de dois irmãos: Pyotr Petrovich e Maxim Petrovich Konchalovsky…

— Tiveste um amigo chamado Bayan. Ele também veio aqui.

— Não tive um amigo assim…

— Mas estou a vê-lo — disse Vanga.

E novamente lembrei-me de que tivera um amigo próximo chamado Bayan.

— Como distingues os vivos dos mortos? — perguntei.

— Os vivos estão de pé na terra e os defuntos são transparentes… E flutuam no ar — explicou Vanga. — Estiveste recentemente na América — continuou ela —, em Nova Iorque e outras cidades. Vives segundo a razão, não tens nada a temer. Não gostas de dinheiro, vives limpo. Continua a viver assim como vives, não mudes nada bruscamente, tudo correrá por si… Falaste com Brezhnev, fala outra vez.

— É difícil — notei.

— Isso não tem importância. Ele falará contigo se quiseres. Fala com ele… O teu pai morreu cedo. Alguma vez fez comércio? (Confesso que nos primeiros anos da revolução o pai dedicara-se a negócios comerciais.) A nossa Terra é visitada por seres — mudou de tema Vanga —, de um planeta chamado Vamfim. O equipamento instalado nas naves espaciais

será o primeiro a captar os seus sinais. Mas entrarão em contacto direto com as pessoas apenas daqui a duzentos anos. Honrem a memória de Gagarin. Ele está onde deve estar — dirige no cosmos os vossos cosmonautas. E tu vive segundo a razão e faz o bem às pessoas…

Vanga falava comigo abertamente e sem rodeios, tocando também aspetos pessoais e íntimos da minha vida. Tudo o que dizia correspondia à realidade.

É espantoso como esta mulher búlgara cega podia penetrar tão exatamente na vida de outra pessoa…

Depois vi-me ainda três vezes com Vanga. Recebia-me de bom grado, dava conselhos práticos. Depois diziam-me que quase com ninguém falara tanto tempo…

Tudo o que me previu cumpriu-se ou está a cumprir-se…»

Saber a genealogia dos Mikhalkov não era difícil, e depois era questão de técnica.

E a outro escritor, menos conhecido, Valentin Mitrofanovich Sidorov, a vidente comunicou sobre o destino do primeiro cosmonauta uma versão algo diferente: «Gagarin sofreu morte de fogo e tornou-se Iniciado. Agora está no seu corpo celestial. A sua alma vive e brilha como uma estrela».

Convenhamos que estas duas versões não são totalmente compatíveis entre si, ou melhor dizendo, contradizem-se diretamente. Uma coisa é existir vivo e saudável, por assim dizer, no seu corpo físico, num planeta bem real, ou seja, que representa um corpo físico real, mesmo que muito distante da Terra. E outra coisa completamente diferente é o primeiro cosmonauta ter abandonado o seu corpo terreno e passado para algum "corpo celestial". E ainda por cima após "morte de fogo" Gagarin teria começado a brilhar como uma estrela.

Evidentemente, Vanga e as pessoas do seu círculo não mantinham registo diário sistemático das predições e profecias feitas por Vanga e, muito menos, as sistematizavam por figuras históricas concretas. A própria Vanga, evidentemente, não se lembrava de todas as suas declarações sobre os mesmos acontecimentos e figuras históricas. Daí os frequentes desencontros que, em caso de publicação, minavam a fé nas capacidades clarividentes e proféticas de Vanga.

Se Vanga realmente possuísse a capacidade de reproduzir exatamente acontecimentos de que em princípio não podia ter sido testemunha, teria de descrever as particularidades da catástrofe, como exatamente caiu o avião,

o que provocou a catástrofe. Contudo, para inventar uma imagem minimamente verosímil da catástrofe, Vanga simplesmente não tinha a formação necessária. Toda a sua educação, recebida na Casa dos Cegos, dificilmente correspondia mesmo ao nível do ensino primário. Tanto mais que na época soviética não se comunicavam pormenores da morte de Gagarin, assim como o facto de que os restos de Gagarin e Seregin foram cremados pouco após serem descobertos, que Gagarin na realidade morrera noutro lugar e noutra hora.

Entre as versões havia o assassinato de Gagarin pelo KGB, verdade que não se percebia muito bem com que objetivo, assim como a sua morte duas semanas antes da catástrofe do avião com Seregin, durante um voo para a Lua. Realmente, nessa altura sobrevoava a Lua uma sonda espacial soviética não tripulada. Na verdade, com o impacto do avião no solo a grande velocidade e o incêndio subsequente, dos corpos de Gagarin e Seregin pouco restou e não tinha sentido mostrá-los ao público para não assustar o povo. Vanga (ou, o que é mais verosímil, as pessoas do seu círculo) talvez tivessem ouvido falar da versão de que Gagarin morrera quando voava para a Lua e prolongaram o seu voo até ao mítico planeta Vamfim.

A propósito, nesse nome contém-se a palavra mito, se lido ao contrário. Talvez assim algum dos ajudantes de Vanga tenha decidido pregar uma partida ao ingénuo Mikhalkov? Em qualquer caso, enviar Gagarin ou para o astral ou para extraterrestres era mais simples do que inventar uma versão verosímil da catástrofe. Só que onde foi parar o instrutor de Gagarin, Seregin, Vanga não resolveu. Ele claramente não encaixava na imagem harmoniosa do rapto de Gagarin por extraterrestres.

Claro que as capacidades invulgares da profetisa búlgara eram constantemente postas em dúvida, desmascaradas e ridicularizadas. E o escritor Leonid Leonov uma vez censurou-a: «Porque não previu a morte da minha mulher?» Vanga respondeu surpreendida: «Como não previ? Enviei-te uma lembrança — uma chávena de café. Só uma». Sobre a morte Vanga procurava sempre falar na linguagem de Esopo.

Eis o que escreveu sobre o fenómeno de Vanga o conhecido crítico literário Zdravko Petrov. No número de 24-30 de julho de 1975 o jornal "Sofia News" publicou o seu artigo "Búlgara — profetisa". Dizia-se lá:

«Até ao outono de 1972 não dava particular importância ao facto de que numa pequena cidade, Petrich, mesmo junto à fronteira grega, vivia

uma profetisa viva que atraía a atenção de todos os búlgaros. Desde cedo até tarde à porta da sua casa aglomeram-se pessoas. Ela fala de onde estão os parentes desaparecidos, esclarece casos criminais, faz diagnósticos médicos, revela vestígios do passado. A propriedade mais espantosa do seu dom consiste em que explica o presente e penetra no futuro. E as suas profecias não têm caráter fatal. A experiência ensinou-a a ser cautelosa nas suas predições. Nem tudo o que é possível se torna realidade. Se usarmos o termo de Hegel "realidade difusa", usado por ele para explicar a probabilidade como categoria filosófica, é exatamente esse que deve ser aplicado ao que Vanga prevê. Sobre algumas coisas fala com precisão espantosa.

Assisti a uma "sessão" na sua casa e fui testemunha de como pediu a um dos seus "pacientes" que lhe desse o relógio (normalmente os visitantes trazem um pedaço de açúcar) para o apalpar. Ele admirou-se de que precisasse de tal objeto e ela disse-lhe o seguinte: "Dá-me o teu relógio, não é o relógio que seguro, é o teu cérebro"…

Cheguei a Petrich por puro acaso. Decidi dar-me uma pequena pausa e fiquei lá alguns dias. O meu encontro com esta mulher de 60 anos do povo, dotada do dom da profecia e de um sentido de humor fora do comum, tornou-se um dos acontecimentos mais notáveis da minha vida.

Na verdade, nem sequer pensava submeter-me a nenhuma sessão. Pelos vistos Vanga sentiu este meu estado ainda nas primeiras horas da minha estadia em Petrich, porque depois disse ao meu amigo advogado: "Ele não veio para eu lhe dizer alguma coisa, mas mesmo assim disse-lhe". E desatou a rir com a sua gargalhada característica.

Mas a parte mais interessante desta história ainda agora começa.

O amigo que me apresentou a Vanga tinha carro e propôs às irmãs que após o almoço fôssemos dar uma volta fora da cidade. Parámos na aldeia de Samuilovo, perto da qual se conservam as muralhas da fortaleza do czar Samuel — objeto de investigações arqueológicas e restauro. No carro quase todo o tempo calei-me, trocando apenas um par de frases com o amigo. Chegados ao local, subimos ao muro da fortaleza e pudemos observar as escavações. Vanga não podia disfrutar da paisagem pitoresca e ficou no carro com a irmã. Falavam de qualquer coisa e eu passeava pelo prado. De repente, quando estava a 7-8 metros dela, começou a falar. Era completamente óbvio que as suas palavras se dirigiam exatamente a mim. Abalou-me com a primeira frase: "O teu pai Negr está aqui". E eu, como

Hamlet, fiquei diante do espírito do meu pai. Que podia dizer? O pai morrera há 15 anos. Vanga pôs-se a conversar com ele, mencionando pormenores tais que fiquei petrificado.

Não me lembro do que senti então, mas, segundo testemunhas, parecia terrivelmente excitado, uma palidez mortal cobria-me o rosto. Vanga repetiu várias vezes que o meu pai estava diante dela, embora ainda hoje não saiba em que projeção o via: no passado, presente ou futuro; até apontou com a mão na direção dele. Para ela o tempo não existia de forma fragmentada — passado, presente, futuro —, mas como um fluxo homogéneo. Pelo menos assim me parece.

Entretanto, disse-me que o pai falava do Domingo de Ramos — Tsvetnitsa, que eu tinha um nome ligado a alguma flor — Tsvyatko ou Zdravko. Confirmei que me chamava Zdravko. Depois disse que o meu pai falava turco. Era advogado de profissão, mas trabalhara como professor de economia política e direito civil no liceu turco em Shumen até 9 de setembro de 1944.

Depois Vanga pôs-se a falar dos meus tios. Nomeou dois. Sobre o meu terceiro tio, que morrera em circunstâncias trágicas, fui eu mesmo que lhe falei. Vanga declarou que na base do seu assassinato estava uma traição. Surpreendeu-me imenso também que perguntasse quem na nossa família chamavam Matei. Respondi que era o nome do meu avô. Tinha cinco anos quando o enterraram. Desde então passaram 40 anos. Donde podia ela saber o nome dele?

Regressando de Petrich a Sófia, contei este caso aos amigos sem esconder o meu espanto. Perguntaram-me se, estando diante de Vanga, pensara no avô. Respondi que era impossível, pois mesmo em Sófia raramente menciono o nome dele, porque quase não restam parentes que se lembrem dele. E os meus amigos nem sequer conhecem o nome dele. Vanga disse que o avô fora bom homem, o que corresponde plenamente ao que eu sabia dele pelos familiares.

Vanga falou dos meus parentes uns 10-15 minutos. Disse que a minha sobrinha, que entrara na universidade, fizera uma escolha errada. Mencionou pormenores quotidianos, por exemplo que eu comprara um radiador avariado. Depois aconselhou-me a estar mais ao sol. (Realmente não gosto de sol forte.) Caso contrário teria de coxear apoiado numa bengala. Disse: “Que o sol seja o teu Deus”. E depois acrescentou que eu tinha dois cursos superiores (“duas cabeças”, como se expressou).

Os presentes intervieram dizendo que eu fizera especialização em Moscovo e ela perguntou o que era isso.

Depois começou a contar que via soldados alinhados diante dela, soldados do czar Samuel — figura trágica na história búlgara. Como se sabe, foram cegados por Basílio II, cognominado por isso o Matador de Búlgaros. Vanga perguntou-me quem os cegara, de que nacionalidade era a pessoa que dera tal ordem. Estava tão atordoado que esqueci completamente a que dinastia imperial pertencia Basílio II.

Depois o meu amigo admirou-se de como eu, que conhecia tão bem a história bizantina, pudera esquecer a origem do imperador. Provavelmente impressionou-me o facto de ela penetrar num passado tão remoto. Noutra vez Vanga perguntou-me quem eram os bizantinos. Contou que uma vez, estando na igreja da cidade de Melnik, ouvira vozes: "Somos bizantinos". Vira pessoas com roupas de brocado e restos de termas romanas debaixo da terra. Da história sabe-se que vários altos dignitários bizantinos foram realmente exilados da império para Melnik. Falava também de outras figuras históricas.

Uma vez falámos da sua capacidade de ver o passado e o futuro. O tempo todo entre nós decorria uma conversa extraordinária. Vanga começou a falar da morte. Todos fixávamos o olhar no seu rosto. Evidentemente tinha visões. Contou vários casos em que sentira a morte. Do marido e que vira o momento exato da sua morte. Depois descreveu como uma vez no quintal cozinhavam compota de ameixas e a morte "sussurrou" entre os ramos das árvores. Tudo isso soava como uma balada. Vanga falava da morte como de uma mulher com cabelos belos e fartos. Tinha a sensação de que diante de mim não estava uma vidente, mas uma poeta».

O ingénuo crítico literário não suspeitava que na semana ou mais que o amigo levou a organizar-lhe o encontro com Vanga, os ajudantes da vidente estudaram cuidadosamente a sua biografia, por isso Vanga demonstrou conhecimento espantoso dos seus parentes. E de caminho inventaram o truque com os bizantinos, sabendo do interesse de Zdravko Petrov por esse tema.

Krasimira Stoyanova recordava: «A morte… Esta hóspede terrível e indesejada que corta o fio da nossa vida. Mas, segundo Vanga, é a projeção do nosso "eu" nalgumas dimensões ainda incompreensíveis para nós.

Uma vez veio ter com Vanga uma jovem mulher de Sófia. Vanga virou-se de repente para ela e perguntou: "Onde está o teu amigo?" — e a mulher respondeu que ele se afogara havia vários anos. Vanga descreveu-o, notando que via o morto como vivo e falava com ele, ele até lhe fazia perguntas: "Ei-lo, levantou-se diante de mim, alto, moreno, tem sinais no rosto e um pequeno defeito na fala". A mulher confirmou o que dissera. Vanga: "Diz-me: ninguém tem culpa da minha morte. Eu próprio caí na água. Fiquei muito assustado porque não sei nadar… O coração rebentou. Dobrou-me ao meio… Pergunta pelas suas coisas e relógio. Nomes e pergunta por vários amigos e parentes. Aconselha a sua amada que passado algum tempo case e garante que a escolha dela será feliz".

Um cientista espanhol, professor, conta como a mãe cuidara dele com ternura enquanto vivera, mas passara toda a vida na pobreza. Vanga interrompe-o e diz: "Espera, eu conto-te como foi… No leito de morte disse-te: 'Não tenho nada para te legar, mas dou-te o antigo anel de família. E como ficarás sozinho — que ele te ajude e guie na vida!'"

O professor espantado confirmou que fora exatamente assim. "Então — perguntou-lhe Vanga —, o que aconteceu a esse anel?" O espanhol explicou que, já sendo um cientista conhecido, numa saída ao campo o anel escorregara do dedo e caíra num rio. Procurara-o muito tempo mas não conseguira encontrá-lo.

— Que fizeste, homem! Cortaste a ligação com a tua mãe!

O cientista envergonhado confessou que tal pensamento lhe passara pela cabeça, porque após perder o anel deixara de ter sorte, mas como cientista materialista afastava tais pensamentos.

Durante a inundação em Skopje os pais perderam o filho único. E decidiram que se afogara. Vieram perguntar a Vanga. E Vanga (caso contado por ela mesma) disse-lhes: "Não chorem, porque tantos dias lhe foram dados. A criança realmente não está entre os vivos. Mas procuram o cadáver no sítio errado. Está mais abaixo, na grande curva do rio. Lá crescem árvores grandes e o corpo enredou-se nas raízes, de um lado sobressai a sua mãozinha. Se eu fosse agora — encontrava imediatamente o lugar. Ei-lo, vejo-o como vivo. Diz-me: 'Vamos, levo-te ao lugar'".

Passado algum tempo, parentes dos pais vieram ter com Vanga e transmitiram-lhe que o cadáver da criança fora encontrado exatamente no lugar que ela indicara.

Casos destes — milhares, mas não posso enumerar todos, e o tema é muito triste.

Mas Vanga move-se não só no reino dos mortos. Abraça com o pensamento também o renascimento de cidades inteiras. Tomemos, por exemplo, Melnik (é uma cidade na oblast de Blagoevgrad, no município de Sandanski, famosa pelo seu vinho; Melnik é a cidade mais pequena da Bulgária, tem apenas 390 habitantes. — B.S.). "Aqui — diz Vanga —, cada erva, cada pedrinha, cada palmo de terra — é santuário. Venho a este lugar com prazer, aqui descanso como em nenhum outro.

Carrego-me de força, energia e inspiração. Sento-me numa pedra qualquer e apetece-me ficar em silêncio. E que ninguém me incomode. Tudo o que me rodeia fala comigo — as pedras, as ruínas, os montes. A cidade conta-me a sua história desde a mais profunda antiguidade: vejo pessoas mortas há muito, templos e casas destruídos que existiram há milhares de anos".

Uma vez viemos novamente aqui com a irmã Lyuba, e ela trazia o seu primeiro neto, um bebé de seis meses. De repente, como se fosse a própria alma dele, disse-me: «Olha, minha irmã, para Melnik. E tu és como ele». Fiquei muito perturbada e chorei muito tempo.

Porque — como Melnik? Tão vazia e solitária como ele, ou com uma história tão antiga como esta cidade? Não sei. Até hoje não consigo decifrar estas palavras.

No início dos anos 70 Vanga tinha um forte desejo de vir a Melnik e aí receber os seus numerosos visitantes, porque considerava que nesses lugares desceria sobre ela a inspiração e poderia contar muitas coisas interessantes. Mas uma prática destas numa cidade tão pequena estava ligada a uma multitude de problemas organizativos e o seu pedido não foi satisfeito. Realmente é pena, porque quem sabe o que nos poderia ter contado!

E um caso tão interessante.

Em 1983 o realizador N.P. partilhou com Vanga os seus planos de filmar um filme sobre Orfeu. A ideia deste filme acalentava-a há muito. Vanga respondeu que o filme não resultaria, porque a conceção estava fundamentalmente errada. Disse (a conversa foi gravada numa fita magnética que guardo):

— O dom de Orfeu não vem do céu, vem da terra. Encosta o ouvido à terra e canta. E os animais selvagens param e ouvem-no, mas não

entendem. Orfeu é terreno. Tocava numa folha de salgueiro, num ramo de salgueiro, na casca do olmo, na casca da faia e do carvalho. Deitava-se na terra e escutava, e a terra soava para ele. Orfeu canta juntamente com a terra.

Onde quer que vá, toca em qualquer árvore, e os passarinhos cantam-lhe, e o céu dá-lhe, e escreve na terra, e ele, passando, lê e torna a cantar.

— Bem — virou-se para o realizador —, tu descreves-o como um esfarrapado, e tu vês-o? Para mim Orfeu é assim: em farrapos, uma criança muito infeliz… Depois passa como um rapaz por barbear, cabelo comprido, unhas grandes… E canta sempre. Todas as vozes lhe dá a terra.

Não sei porquê, atrás dele vai Samuel…

Quando entro em transe, vejo estas imagens, mas ninguém me fez tais perguntas e para mim não era interessante. Mas quando penso: «Meu Deus, o que não houve no mundo!»

Com o maior prazer Vanga fala de flores. Percebe-as como seres vivos, e os madrugadores podem vê-la percorrer o seu belo canteiro de flores junto à casa em Petrich.

Na localidade de Rupite também para diante de cada flor, acaricia-a com ternura, rega-a e sussurra-lhe qualquer coisa. Afirma que as flores lhe contam muitas coisas.

E aqui há algo de inexplicável. Quando vem ter com Vanga um visitante cujo parente próximo morreu há pouco, do contacto com a morte recente ela sente-se mal, pode até desmaiar. E nesses casos diz sempre: «Porque não trouxeram um vaso com uma flor? A informação sobre o ente querido que inconscientemente evocam com a vossa presença transmite-se às flores e elas salvam-me».

Vanga não gosta de ramos e diz: «É o mesmo que mãozinhas cortadas de crianças, a flor deve estar viva».

A irmã Lyubka recorda que uma manhã Vanga pediu-lhe que saísse para as pessoas que esperavam junto à casa e trouxesse uma mulher (indicou o nome), florista de Sófia. Quando Lyubka perguntou donde sabia que lá estava tal visitante, Vanga respondeu: «Estes "brincos" acabaram de me sussurrar isso. Veio perguntar-me pelo filho desajeitado. Chama-a, eu digo-lhe!»

Sobre flores falou longamente também com o escritor soviético Leonid Leonov em 1980. Disse-lhe que o seu magnífico jardim lhe provocava inveja: sabia que ele também sabia comunicar-se

maravilhosamente com as flores e elas davam-lhe inspiração; ajudavam-no a escrever livros. Censurou-o por ter oferecido o filodendro que estava em casa dele ao Sindicato dos Escritores, dizendo que arranjasse imediatamente outro, pois essa planta também era para ele fonte de inspiração criativa.

Sobre flores, plantas e ervas Vanga conversou também com o conhecido pintor indiano Svetoslav Roerich. Quando ele lhe perguntou sobre ervas medicinais, Vanga notou: «É outro tema grande para conversa. O mundo começou com ervas e com ervas terminará. Mas as ervas de um país curam apenas as pessoas que lá vivem. Assim está predeterminado. Que cada um se cure com as suas ervas».

Pois bem, o interesse de Vanga por Melnik pode explicar-se pelo facto de a 5 quilómetros desta famosa cidade búlgara se encontrar o famoso Mosteiro de Rojen, um dos maiores mosteiros ortodoxos da Bulgária.

Uma multitude de predições feitas por Vanga a pessoas famosas ou sobre o destino de pessoas famosas não valem mais do que as suas versões da morte do primeiro cosmonauta da Terra Yuri Gagarin. Dizia-se, por exemplo, que em Sófia Vanga previra sete meses antes das eleições a Indira Gandhi que voltaria a ser primeira-ministra. Aqui, pelo menos, há alguma lógica — em Sófia, ao contrário de Petrich ou Rupite, Indira Gandhi esteve. As predições trágicas de Vanga relativamente à família Gandhi também se terão cumprido.

Como se sabe, Indira Gandhi foi assassinada a 31 de outubro de 1984 pelos seus próprios guarda-costas sikhs, vingando-se de ela ter ordenado às tropas o assalto ao principal santuário dos sikhs — o Templo Dourado em Amritsar. O filho dela Rajiv também foi assassinado a 21 de maio de 1991 durante a campanha eleitoral em resultado de um atentado terrorista levado a cabo por uma kamikaze da organização terrorista "Tigres de Libertação do Tamil Eelam". Supostamente Vanga previu também todos estes acontecimentos. Só que o problema é que todas estas predições foram tornadas públicas já depois de os acontecimentos previstos terem ocorrido.

O mesmo se pode dizer da lenda de que Vanga previu muito antes das eleições presidenciais de 1976 nos EUA que Jimmy Carter seria presidente, mas apenas por um mandato. A propósito, o próprio Carter, tal como outros líderes políticos mundiais, nunca se encontrou com Vanga nem, salvo raras exceções, esteve na Bulgária. Por isso os ajudantes de Vanga costumavam afirmar que se encontraram com certos misteriosos representantes das

grandes personalidades. As personalidades notáveis que realmente se encontraram com Vanga eram quase exclusivamente da Bulgária e da Rússia.

E a predição mais conhecida relativa à Rússia foi registada pelo escritor e poeta soviético e russo Valentin Mitrofanovich Sidorov, seguidor do ensino de Nikolai Roerich, em 1979: «Tudo derreterá como gelo, só uma coisa ficará intocada — a glória de Vladimir, a glória da Rússia. Foi sacrificado demasiado. Ninguém poderá parar a Rússia. Tudo varrerá do seu caminho e não só se conservará, mas tornar-se-á senhora do mundo».

Em julho de 1979 Lyudmila Zhivkova, filha do líder comunista da Bulgária Todor Zhivkov, organizou a Sidorov o primeiro encontro com a vidente. Mas não foi em Petrich, mas em Sófia, para onde Vanga foi especialmente trazida, evidentemente a pedido de Lyudmila Zhivkova. E este e os encontros seguintes decorreram em ambiente de confidencialidade e ninguém perturbava as conversas. Sidorov pensava que ninguém os podia ouvir. Só Lyudmila estava presente como tradutora, e ainda a irmã de Vanga, Lyubka, sua companheira constante.

Quanto a ninguém os poder ouvir, honestamente, não tenho a certeza que tinha Valentin Mitrofanovich. Os serviços especiais búlgaros podiam facilmente colocar "bichos" no quarto onde Vanga recebia o hóspede russo, e isso podia ser feito com o conhecimento de Lyudmila Zhivkova. Quem sabe, não aparecerão com o tempo materiais sobre Vanga dos arquivos da segurança do Estado búlgara.

Valentin Sidorov reparou imediatamente na expressão "maliciosamente bondosa" do rosto de Vanga, que de modo algum era estragada pelas órbitas vazias. Recebeu o visitante com ruído e alegria, acrescentando um certo elogio que Sidorov, evidentemente por modéstia, preferiu não citar.

Sidorov recordava: «Devo dizer que os nossos encontros com a avó Vanga tinham um caráter especial, estritamente confidencial. Em primeiro lugar, não eram em Petrich — a essa cidade nunca consegui ir (a cidade onde vivia Vanga chama-se Petrich, não Petrichi. — B.S.) —, mas em Sófia, para onde, interrompendo a receção da interminável fila de pessoas, Vanga vinha especialmente. Conversávamos com a avó Vanga como que em condições de alguma conspiração, completamente isolados do mundo exterior. Ninguém perturbava a nossa conversa. Nada nos limitava no tempo.

Em segundo lugar, participante obrigatória das nossas conversas era Lyudmila Zhivkova, que assumira as funções de tradutora. Sim, sim, exatamente ela. Filha de Todor Zhivkov. Presidente do Comité de Cultura, por outras palavras — ministra da Cultura do país. Membro do Politburo do CC do partido comunista búlgaro. Disso, naturalmente, muitos sabiam. Mas poucos sabiam então que Lyudmila Zhivkova era seguidora do ensino espiritual Agni Yoga e considerava a sua tarefa principal afirmar os princípios deste ensino na vida.

Segundo Lyudmila Zhivkova, tudo nela começou — e aqui pode ver-se certa analogia com a avó Vanga — com um acidente infeliz. Sofreu um acidente de viação. Primeiro ameaçava-a a morte, depois — a perda da visão. Ao recuperar a consciência, descobriu que o mundo à sua volta aparecia invertido. Os esforços dos médicos — e, naturalmente, trataram-na médicos de primeira classe — não deram resultado. Então Lyudmila dedicou-se à autocura. Com a ajuda de exercícios iogues especialmente calculados para os olhos, recuperou a visão normal. Verdade que para isso foram necessários vários meses e uma colossal concentração de vontade e paciência. Mas foram dias não só de ressurreição física. Foram também dias de ressurreição espiritual. Da crise que a pusera na fronteira entre a vida e a morte, Lyudmila saiu outra pessoa.

Doravante uma disciplina interior rigorosíssima, em certo sentido semelhante à militar, determinava completamente o estilo do seu comportamento. Encontrando em receções oficiais Lyudmila Zhivkova, elegantemente vestida, exalando perfume parisiense, dificilmente alguém suspeitaria a que regras ascéticas estava submetida a sua vida. Ninguém, exceto os próximos, sabia a que regime severo se condenara. Dieta vegetariana, leite fervido. Dias obrigatórios que se sucediam constantemente em que era excluída completamente a comida. Tal regime é uma prova para uma pessoa que está em solidão e assim mais ou menos desligada de estímulos externos. Mas é evidente que é uma prova dupla para quem por necessidade deve estar no meio da abundância de comida, no turbilhão dos acontecimentos, no foco atento dos meios de comunicação social…

Lyudmila considerava que após o abalo físico e o abalo interior que o acompanhou abriram-se nela aqueles centros invisíveis que na Índia chamam chakras. Mas dava-se conta também de que a abertura dos centros era apenas metade da tarefa que tinha pela frente, e a segunda metade, não

menos, talvez até mais importante — a purificação dos centros. Das fontes espirituais esotéricas que Lyudmila estudara exaustivamente, não podia deixar de saber o perigo que representava esse trabalho. Na prática, significa lidar com fogo que a qualquer momento pode tornar-se incontrolável e até mortífero. Mas Lyudmila estava fatalisticamente segura das suas forças. Lembro-me como me dizia: "Afinal nasci sob a constelação de Leão. E o meu signo é fogo. Por isso pode dizer-se que o fogo é o meu elemento natal".

Naturalmente, Lyudmila considerava seu dever usar todas as possibilidades que lhe davam a sua posição e os seus altos cargos para realizar a sua supertarefa espiritual. Contudo, essas possibilidades não eram ilimitadas. As instalações dogmáticas travavam qualquer iniciativa, e mesmo a ela era necessário agir com certa cautela (ai de mim! nem sempre o conseguia) e por etapas. Lyudmila supunha — e supunha, muito provavelmente, com toda a razão — que a alavanca de Arquimedes capaz de virar a consciência das pessoas tinha hipóteses de se tornar o programa cultural, se lhe dessem o correspondente conteúdo espiritual».

Lyudmila Zhivkova nasceu a 26 de julho de 1942. Por formação era historiadora de arte, especialista em arte e cultura búlgara, obteve no Universidade de Moscovo o grau de candidata a ciências históricas. Em 1971 Lyudmila foi nomeada vice-presidente do Comité de Amizade e Relações Culturais com Países Estrangeiros e vice-presidente do Comité de Cultura e Arte. Em 1973 sofreu um grave acidente de viação que mudou a sua vida e reforçou o interesse por ensinamentos esotéricos. Desde 1975 e até ao fim dos seus dias Lyudmila Zhivkova foi presidente do Comité de Cultura e Arte com categoria de ministra, deputada da Assembleia Nacional e membro do Politburo.

Foi também presidente da Comissão Nacional de Coordenação e do bureau operativo para a organização da celebração dos 1300 anos do Estado Búlgaro. Lyudmila Zhivkova dedicou muita atenção ao estudo e popularização do legado criativo da família Roerich (1978 foi declarado na Bulgária "Ano Roerich"), encontrou-se e colaborou com S.N. Roerich. Por iniciativa dela foram organizadas a Assembleia Infantil Internacional "Bandeira da Paz" sob os auspícios da UNESCO, a construção do complexo "Sino" em Sófia, dezenas de milhares de centros culturais, bibliotecas, museus e galerias. Nos últimos anos manifestou interesse significativo pela filosofia oriental, incluindo o ensino "Agni-Yoga" criado

por Nikolai e Elena Roerich. Após 1973 Lyudmila visitou repetidas vezes Vanga. O interesse da filha do chefe do partido e do Estado por coisas esotéricas pouco compatíveis com o marxismo provocava suspeitas entre os funcionários do partido e os quadros da segurança do Estado búlgara. Na direção da União Soviética também olhavam com cautela para a filha de Zhivkov. O general do KGB da URSS Filipp Bobkov recordava: «Os búlgaros… falavam do prejuízo que causava ao prestígio do partido o comportamento de Lyudmila Zhivkova».

Em 1973 Vanga tornou-se amiga próxima de Lyudmila Zhivkova. Esta amizade durou até à morte de Zhivkova em 1981. A amizade começou após o grave acidente de viação que L. Zhivkova sofreu em 1973. Então o marido dela, Ivan Slavkov, telefonou a Vanga e disse que vinham ter com ela pedir ajuda. Vanga pediu que lhe trouxessem qualquer coisa de Lyudmila. Trouxeram uma mala e Vanga confirmou que Lyudmila estava a ser tratada corretamente e a memória lhe voltaria. Durante o período de reabilitação as visitas de Lyudmila a Vanga tornaram-se regulares e entre elas surgiu amizade.

Lyudmila Zhivkova apresentou Vanga a alguns ocultistas notáveis. Foi assim que Vanga conheceu pessoas como Svetoslav Roerich e Satya Sai Baba, guru neohindu e multimilionário. Por vezes afirmam que Vanga avisara previamente a filha do chefe dos comunistas búlgaros do inevitável acidente de viação que, dizem, depois ocorreu. Contudo, isso contradiz diretamente as afirmações de que foi exatamente o acidente de viação que se tornou a causa do conhecimento de Lyudmila Zhivkova com Vanga. Já o pai dela, Todor Zhivkov, parece que não acolhia muito bem o conhecimento da filha com a vidente. Pelo menos, nunca visitou Vanga. Corriam rumores de que Vanga era visitada por alguns líderes dos países socialistas da Europa de Leste, mas nomes concretos não eram indicados.

Quando Svetoslav Roerich visitou Vanga, ela terá dito: «…O teu pai era simplesmente um homem não terreno. Era também pintor, mas algo muito maior. Todas as suas pinturas são as suas visões. Tens de continuar a obra dele».

Lyudmila Zhivkova morreu a 21 de julho de 1981 de hemorragia cerebral, cinco dias antes de fazer 39 anos. Provavelmente fizeram-se sentir as consequências do acidente de 1973. Segundo a conclusão da comissão médica, a morte ocorreu por "forte sobrecarga… em resultado de súbita hemorragia cerebral". Contudo corriam rumores de que fora eliminada por

funcionários da segurança do Estado búlgara ou soviética. Ambas estas versões parecem absurdas. Assim matar a filha do Secretário-Geral do CC do PCB e Presidente do Conselho de Estado da Bulgária nem os serviços especiais soviéticos nem os búlgaros o fariam. Mais lógico seria então eliminar o próprio Todor Zhivkov, se de repente se tornasse incómodo no Kremlin. Mas ele governou tranquilamente após a morte da filha ainda 10 anos e foi derrubado em resultado da "revolução de veludo" de 1989.

Lyudmila Zhivkova, claro, tinha influência significativa na política búlgara, mas essa influência nunca foi predominante. E para os adversários búlgaros e soviéticos de Lyudmila não havia qualquer sentido matá-la. Isso, sem dúvida, provocaria a ira e repressões do seu poderoso pai.

Valentin Sidorov recordava: «Os contactos com o mundo invisível eram para Vanga uma realidade inabalável. Não fazia segredo disso, nem podia fazê-lo, quando todas as suas informações — por vezes pouco conhecidas, outras vezes completamente desconhecidas — as recebia, segundo a sua própria confissão, dali.

Queixava-se:

— Às vezes durmo apenas uma hora por dia. Os espíritos não me deixam em paz. Sacodem-me, acordam-me. Dizem: "Levanta-te. É hora de trabalhar".

Vanga há muito é vegetariana estrita. Mas acontece que dias inteiros não sente necessidade de comida. Limita-se a água, não fervida, gelada — outra não gosta. E o que é espantoso: com isso não sente a mínima fadiga. Sente um afluxo de vigor. Quem sabe, não será isso resultado da comunicação com o mundo invisível, que em certas condições pode dar uma recarga energética invisível.

Segundo a descrição de Vanga, os espíritos são transparentes e incolores ("como água num copo"). Mas ao mesmo tempo brilham ("como calor num forno"). Comportam-se como pessoas. Sentam-se. Andam. Riem. Choram.

Ultimamente repetem uma e a mesma coisa: "Não temam. O mundo já não vai à perdição".

Vanga explicou porque gosta de se encontrar comigo:

— Contigo vêm espíritos. Muitos-muitos espíritos. Na maior parte não os conheço. São os que viveram ainda antes de Lenine e que estão acima de Lenine.

Uma vez disse-me que sentia a presença de Nikolai Roerich. Não me contive da tentação de verificar mais uma vez o dom clarividente de Vanga. Perguntei:

— E de que cor são os olhos de Roerich?

O facto é que muitos — eu sabia — por qualquer razão consideram que os olhos dele eram castanhos ou pretos. Mas Vanga respondeu imediatamente e sem erro:

— Azuis-azuis.

Após uma pequena pausa acrescentou:

— Mais exatamente: celestiais. Como os de Cristo…

Vanga contava de que modo sabe da morte próxima de uma ou outra pessoa.

— Vejo ao lado dele um homem alto com um rosto maravilhosamente belo. Mas dele emana frio, como de uma montanha de gelo. Quando vem ter comigo uma pessoa acompanhada deste companheiro — ele não o vê, mas eu vejo —, compreendo que os dias dela estão contados. Mas dizer-lhe isso diretamente não tenho direito».

Na primeira conversa Sidorov não fez perguntas, e a vidente começou ela própria a conversa. A primeira pergunta: «E tu estiveste em Leninegrado?» — surpreendeu o escritor, e Vanga sublinhou que ele devia obrigatoriamente estar nessa cidade pelo menos 3-4 vezes por ano. «Logo que se apresente a possibilidade — vai imediatamente a Leninegrado. Lá esperam-te não só os vivos, mas também os mortos», declarou ela. O escritor reparou na forma de tratamento — só “tu”, na categoricidade da formulação das suas perguntas e respostas.

Às vezes permite-se imprecisões, mas logo a rir corrige-se. Não tolera astúcia, mentira.

Vangeliya manifestou grande interesse pela obra do hóspede moscovita, aconselhou Valentin Mitrofanovich a escrever poemas e alegrou-o com o facto de que “tem muito conhecimento, e terá ainda mais”. Mas é necessário obrigatoriamente transmiti-los às pessoas. Aconselhou a trabalhar mais ao ar livre, no jardim ou no bosque, ainda melhor — junto a um rio. Recomendou dedicar-se à criação com calçado leve, porque o pesado “atrapalha o céu”.

Praticamente todas as predições de Vanga eram tão vagas e permitiam as mais diversas interpretações como as predições do Oráculo de Delfos ou

de Michel Nostradamus. Isso permitia, em caso de necessidade, adaptar as predições dela a acontecimentos concretos que já tinham ocorrido.

Por exemplo, as suas palavras: "A glória de Vladimir, a glória da Rússia". Não é claro de que Vladimir se trata? Em primeiro lugar vem à mente o príncipe Vladimir o Santo, batizador da Rus. Mas na Rússia houve outros governantes com esse nome. Houve, por exemplo, Vladimir Ilyich Lenine (Ulyanov), o líder dos bolcheviques, criador da Revolução de Outubro. E há o Presidente da Rússia Vladimir Vladimirovich Putin. E ainda Vanga tinha uma predição pouco compreensível, datada de 1988: «Virá o Oitavo e assinará a paz definitiva…»

Alguém supunha que se tratava do ano 2008 e da operação russa de "constrangimento da Geórgia à paz". E alguém supôs que se referia à Rússia como último membro da "Grande Sete", transformando-a em "oito". Ou trata-se de algum futuro "oitavo governante" (não se percebe de quem e como contar), que fará da Rússia senhora do mundo? Espaço para a fantasia ilimitado. E ainda Vanga previa: «Em 2018 os comboios voarão em fios do sol. A extração de petróleo cessará, a terra descansará». Pois bem, falta esperar muito pouco, uns três-quatro anos. E eis ainda profecias relativas à Rússia: «A Rússia emagrecerá e voltará a ocupar o seu lugar», «Na Rússia nascerão muitas pessoas novas que conseguirão mudar o mundo». Em princípio aplicam-se a quaisquer acontecimentos históricos futuros.

O sociólogo Velichko Dobriyanov, que investigou o fenómeno de Vanga, afirma que de 99 mensagens analisadas por ele da vidente 43 eram adequadas, 43 alternativas (ambíguas) e 12 inadequadas. Isso significa que a percentagem de "acertos" telepáticos da avó Vanga era de 68,3 (segundo outras fontes, 70-80 %). Na opinião dos seguidores de Vanga, este resultado é alto e de modo algum cabe nos limites da teoria da probabilidade. Na realidade o número de casos investigados por Dobriyanov é demasiado pequeno para se poder falar de qualquer regularidade estatística.

O professor Velichko Dobriyanov do Instituto de Sugestologia de Sófia (sugestologia — ciência da aplicação da sugestão no ensino. — Red.) durante muitos anos levou protocolos de conversas com Vanga, fez numerosas gravações magnéticas. E no final publicou o livro "Investigação Quantitativa do 'fenómeno Vanga'", onde notava: «No total em 18 conversas com visitantes foram registadas em Vanga 823 mensagens. Delas

445 verdadeiras, 288 alternativas (ambíguas) e 90 erradas. Segundo estes dados foi calculado o coeficiente generalizante de comunicação telepática — CTC, ou seja, leitura de pensamentos dos visitantes por Vanga. Em média é igual a 0,7».

0,7 é um coeficiente muito grande, provando que Vanga não podia obter informação por quaisquer métodos comuns.

Para avaliar o significado da grandeza do CTC, o professor apresentou os resultados de dois experimentos especiais. Neles, em vez de Vanga, conversaram com os visitantes duas mulheres — com visão e com experiência de adivinhação (por cartas, pela mão ou outro modo), mas não possuindo as capacidades de Vanga. Pois nelas o CTC era apenas 0,2.

Mais alto era o CTC em Vanga nas conversas sobre temas familiares-médicos, especialmente quando se falava da morte de pessoas próximas do interlocutor. Isso, a propósito, é exatamente a informação que mais facilmente se pode obter por vias indiretas.

O professor também experimentou com "mentirosos" — pessoas que preparava conscientemente para enganar Vanga. E em todos os casos com os "cossacos infiltrados" ela desmascarava-os com segurança e surpreendente rapidez. Como os experimentos eram conduzidos por uma pessoa que era claramente admirador de Vanga e em contacto estreito com o seu círculo, saber de antemão quem era o "mentiroso" não era difícil.

Assim, por exemplo, um destacado político, logo nas primeiras réplicas, tentou fazer-se passar por vendedor de vinho. Vanga disse-lhe imediatamente: «Tu não serves para comércio!» e na conversa seguinte sublinhou várias vezes que "não gostava do trabalho dele" e que ele "devia falar com as pessoas" (o que era exatamente o que fazia profissionalmente). Note-se que as frases de Vanga nesta conversa soam suficientemente vagas e claramente não chegam a um desmascaramento direto.

No final, o crédulo Dobriyanov chegou a uma conclusão inequívoca: «Vanga pode realizar comunicação telepática mesmo sem perguntas indutoras. As suas mensagens telepáticas corretas não são simplesmente produto da combinação de perguntas… Quem sabe, talvez a telepatia seja uma espécie de atavismo que nos ficou como herança da evolução da pré-história humana! Afinal, nos seres vivos ainda hoje se observam múltiplas formas diversas de comunicação, a maioria das quais não estudadas, e as estudadas revelam uma "sabedoria" (finalidade) espantosa da evolução da matéria».

Durante as investigações Dobriyanov levava protocolos das conversas com Vanga e fazia gravações magnéticas. Foi o primeiro a quem Vanga permitiu usar gravador. Velichko Dobriyanov morreu em 1993 com 67 anos. Vanga sobreviveu-lhe três anos.

Vanga tornou-se a primeira vidente que apoiava o governo comunista búlgaro e o governo, por sua vez, começou a apoiá-la. A vidente tornou-se uma das principais atrações turísticas da Bulgária. Mantinha nas pessoas a fé nos milagres, distraía-as das dificuldades da vida. E isso convinha perfeitamente ao governo. Além disso, Vanga era macedónia e a atenção à sua pessoa permitia, mesmo que de forma velada, manter a atenção à "questão macedónia", que Sófia não tinha possibilidade de levantar abertamente, seguindo a política da URSS de preservação da intangibilidade das fronteiras na Europa. Na Bulgária foi criado o Instituto de Sugestologia e Parapsicologia sob a direção do doutor Georgi Lozanov, onde trinta colaboradores acompanhavam e, na medida do possível, confirmavam as profecias de Vanga.

Lozanov e os seus colegas acreditavam sinceramente que naquela mulher aparentemente comum se escondia um mistério místico da natureza ainda não desvendado. Alguns admitiam seriamente que pelo menos parte das suas capacidades fenomenais estava no facto de que na coroa da cabeça de Vanga até idade avançada não se fechara a fontanela, que respirava como num recém-nascido. Através desse "canal", diziam, se realizava a sua ligação com o cosmos, com a razão universal.

Em geral, o objeto da sugestologia são as sugestões e o seu impacto no ser humano. O objetivo principal do professor Lozanov era revelar os recursos do cérebro humano e, a nível prático, usar os resultados obtidos para uma assimilação mais bem-sucedida de conhecimentos, por exemplo no estudo de línguas estrangeiras, o que se chama sugestopedia.

O efeito placebo, conhecido também como "efeitos não específicos", é um fenómeno em que os sintomas do paciente podem melhorar com um tratamento ineficaz ou falso apenas porque o paciente acredita que vai melhorar ou que o tratamento o ajuda, independentemente da opinião da medicina. Vanga, sem dúvida, produzia o efeito placebo, pois pela força da sugestão curava aquelas doenças que tinham natureza neurótica.

O fenómeno de Vanga foi colocado numa ampla base comercial. Em Petrich foi construído um hotel especial para quem vinha ter com a vidente búlgara. Nos anos 70 do século XX recebia cerca de 100 mil pessoas por

ano. Calcula-se que em 55 anos de atividade, desde 1942, mais de um milhão de visitantes passaram pela famosa búlgara, mas a esmagadora maioria foi nos últimos 25 anos da sua vida. Só nos anos 70 Vanga adquiriu realmente fama em toda a Bulgária. E foi então que na União Soviética se soube da "avó Vanga".

Vanga vivia em enorme tensão, passando por si as desgraças e doenças dos outros e acumulando um enorme volume de informação recolhida pelos seus ajudantes, necessária para predições mais ou menos exatas do passado e futuro dos seus clientes. Vanga queixava-se muitas vezes de que tinha o dia de trabalho mais longo da Bulgária: «Sou a seguir aos vermes, só eles trabalham mais do que eu». Aos visitantes parecia que os seus olhos cegos "liam" não só o destino do próprio visitante, mas também o destino dos seus próximos, colegas e amigos. A pessoa para ela era fonte de notícias sobre o seu meio, incluindo parentes já falecidos.

Os admiradores consideravam que ela decifrava códigos informativos secretos. Alguma coisa Vanga exprimia em palavras, outra deixava aos clientes imaginar sozinhos. Dizia que os pensamentos e visões do passado e do futuro passavam demasiado depressa para conseguir fixá-los. Mas havia também aquilo que "não era permitido" dizer, que ela mesma, por razões morais, não queria transmitir aos visitantes.

Vanga não queria anunciar a morte próxima dos seus clientes ou dos seus familiares. Assim a vidente justificava o facto de se exprimir, como regra, em alusões vagas. Supostamente há uma verdade demasiado terrível para ser transmitida às pessoas. Havia visitantes que Vanga expulsava. Os devotos explicavam tal comportamento pouco afetuoso pelo facto de ela não conseguir estabelecer contacto com eles porque algo no destino deles permanecia pouco claro para ela, ou fazia-o para não lhes dizer a terrível verdade. Na realidade Vanga, que sem dúvida era muito boa psicóloga, sentia bem as pessoas que não acreditavam nas suas capacidades sobrenaturais e pretendiam desmascará-la, fazendo, a par de perguntas bastante inocentes, perguntas provocatórias bem disfarçadas destinadas a obrigá-la a responder errado. Tais pessoas Vanga procurava afastar para mais seguro. Mas nem sempre conseguia identificar os céticos, alguns realmente conseguiam desmascará-la.

O caminho para Petrich tornou-se internacional (embora a esmagadora maioria dos turistas estrangeiros fosse da URSS) e não se cobriu de ervas até ao último ano de vida da vidente. E a própria Vanga foi sempre "não

viajante". As autoridades búlgaras tinham medo de deixar sair para o estrangeiro o "património nacional". Não a deixaram ir nem a Paris, onde queria visitar a catedral de Notre-Dame, nem mesmo à bastante confiável Moscovo.

Vanga sonhava visitar a Praça Vermelha, o Kremlin e falar com Gorbachev, cuja chegada ao poder teria previsto seis anos antes. O conhecido vidente e telepata soviético Wolf Messing apresentava as suas capacidades como fenómeno científico, o que lhe permitia não conflituar com a ideologia marxista. Mas Messing era muito mais culto do que Vanga e podia fazer atuações públicas, enchendo salas. Contava histórias muito convincentes sobre os seus encontros com grandes pessoas, de Einstein a Estaline, e casos divertidos e instrutivos da sua vida. Ditou mesmo a uma gravadora as suas memórias completamente fantásticas.

Wolf era suficientemente culto para trabalhar praticamente sem ajudantes (bastava-lhe a mulher-assistente). Vanga não possuía os conhecimentos e formação necessários e a sua doença, a cegueira, não a predispunha a longas viagens. Messing, embora como Vanga fosse "não viajante" para fora da URSS, pelo menos percorreu quase toda a União Soviética. E antes da Segunda Guerra Mundial vivera na Polónia e viajara para outros países europeus. Vanga passou a maior parte da vida no Petrich búlgaro, onde lhe chegou a fama.

E antes disso a sua experiência de vida limitava-se à macedónia Strumica e à Casa dos Cegos de Zemun. Por isso recebia os visitantes quase sempre em casa e, como regra, um a um. Sessões de massas não fazia. E para elaborar o guião e textos das profecias trabalhava junto a Vanga toda uma equipa de ajudantes. Em grande parte Vanga tornou-se uma marca da moda sob a qual trabalhava uma empresa de pessoas hábeis e empreendedoras sob a proteção de funcionários estatais, pois o empreendimento trazia bom rendimento ao Estado socialista.

A fila para Vanga estava marcada com um ano de antecedência (embora, claro, existisse forma de marcar por cunha, pagando uma pequena gorjeta às pessoas do seu círculo; e as "pessoas necessárias", várias "VIP", passavam sem fila, mas mesmo assim marcavam data não menos de uma semana após o pedido). As autoridades búlgaras puseram em série as suas sessões, quase emitiam "senhas de entrada". A visita à profetisa para búlgaros e cidadãos dos países do campo socialista custava 100 levs (cerca de dois dólares), para estrangeiros da Europa Ocidental e outros países com

moeda forte — 50 dólares. Verdade que turistas do Ocidente com Vanga eram comparativamente poucos.

Pela primeira vez os funcionários dos serviços especiais búlgaros nem deixavam "estrangeiros capitalistas" aproximar-se dela, mas em breve a necessidade de moeda forte venceu o medo de diversões ideológicas.

Assim, em 1966, indo contra a ideologia comunista, o governo búlgaro colocou a atividade de Vanga numa base comercial. Foi-lhe atribuído o estatuto de telepata e um salário de funcionária bem paga, segundo os padrões búlgaros da altura — 200 dólares por mês. Além disso, deram-lhe dois secretários que analisavam os "pedidos de receção". Vanga tinha também outros ajudantes.

A própria profetisa trabalhava como sempre: tratava pessoas e previa o seu destino.

A 3 de outubro de 1967 o acesso de visitantes a Vanga foi oficialmente permitido. Aceitou o estatuto de funcionária estatal, começou a receber salário mensal e deram-lhe um motorista. Antes Vanga recebia as pessoas gratuitamente, aceitando apenas diferentes presentes.

Em 1967 Vanga, segundo as suas palavras, "entrou" ao serviço do Estado. Dizem que nos anos 70 recebia até 120 pessoas por dia. Nos últimos anos profetizava apenas a dez-quinze visitantes, gastando com cada um três-quatro minutos. Só em 1976 foi visitada por 102 mil pessoas.

Segundo as declarações dos seus seguidores, Vanga possuía a capacidade de determinar as doenças das pessoas com grande precisão e prever o seu destino futuro. Muitas vezes encaminhava para curandeiros ou médicos que podiam ajudar essas pessoas, e muitas vezes esses curandeiros nem conhecia e falava deles assim: em tal cidade vive tal pessoa. À pergunta da sobrinha Krasimira Stoyanova: «Falas com espíritos?» seguiu-se a resposta: «Vêm muitos e todos diferentes. Aqueles que vêm e estão sempre ao lado, compreendo-os».

Não excluo que os curandeiros para os quais Vanga encaminhava os seus clientes, por sua vez, enviassem os seus pacientes para ela. Uma espécie de cooperativa de videntes e curandeiros.

Krasimira Stoyanova define assim as capacidades curativas da tia: «Vanga nunca contradiz a medicina oficial e reconhece os seus sucessos em todas as áreas. Nesse sentido as recomendações que dá reforçam mais do que negam os métodos clássicos de tratamento. Mas considera que o uso excessivo de medicamentos é prejudicial, pois assim se fecha a porta pela

qual a natureza com a ajuda das ervas penetra no organismo humano e restabelece o equilíbrio perturbado no organismo doente».

A sobrinha recorda: «Tinha 16 anos quando uma vez em nossa casa em Petrich Vanga falou comigo. Só que não era a voz dela, nem ela própria era ela — era outra pessoa que falava pela boca dela. As palavras que ouvi não tinham nada a ver com o que falávamos antes. Como se outra pessoa tivesse intervindo na nossa conversa. A voz pronunciou: "Ei-nos, vemos-te…", e depois foi-me contado pormenorizadamente tudo o que eu fizera durante o dia até aquele momento. Fiquei simplesmente petrificada de terror. Estávamos só as duas no quarto. Pouco depois Vanga suspirou e disse: "Uf, as forças largaram-me" e como se nada fosse voltou à conversa anterior.

Perguntei-lhe porque começara de repente a contar-me o que eu fizera durante o dia, mas respondeu-me que não dissera nada. Contei-lhe o que ouvira e ela repetiu: "Oh, essas forças, as pequenas forças que estão sempre comigo. Mas há também as grandes, os seus chefes. Quando decidem falar pela minha boca, sinto-me mal, e depois fico o dia inteiro como partida. Talvez queiras vê-las? Estão prontas a mostrar-se-te." Fiquei extremamente abalada e gritei alto que não queria».

Sobre extraterrestres Krasimira informou que guardava uma espécie de questionário a que a tia respondera. E mostrou excertos.

Pergunta: Haverá encontro com representantes de outras civilizações?

Resposta: Sim. Daqui a 200 anos.

Pergunta: É verdade que visitam a Terra aquelas naves extraterrestres que chamam tão primitivamente "discos voadores"?

Resposta: Sim, é verdade.

Pergunta: De onde vêm?

Resposta: De um planeta que eles chamam Vamfim. Assim, pelo menos, me soa esta palavra pouco habitual. Este planeta é o terceiro a contar do planeta Terra. Dizem: "Prepara-se um grande acontecimento". Mas o que é esse acontecimento, não explicam.

Pergunta: É possível por desejo dos terráqueos o contacto com os habitantes do planeta misterioso? Com a ajuda de meios técnicos ou, talvez, por via telepática?

Resposta: Os terráqueos aqui são impotentes. O contacto realizam-no conforme o seu desejo os nossos hóspedes».

O terceiro planeta a contar da Terra é Mercúrio, se contarmos na direção do Sol, e só nesse caso se considerarmos a Terra o primeiro planeta. Se contarmos os planetas a partir do Sol, o terceiro a contar da Terra será Júpiter, se considerarmos a Terra o primeiro, e Saturno se considerarmos Marte o primeiro. Mas nem Mercúrio, nem Júpiter, nem Saturno servem absolutamente para o surgimento de vida em qualquer forma.

Vanga fingia falar com certos espíritos do além ou almas de pessoas mortas. Provavelmente há muito acreditava nisso. Segundo o testemunho de K. Stoyanova, «só às vezes não conseguíamos entender porque a nossa tia empalidecia, porque de repente se sentia mal e da sua boca saía inesperadamente uma voz que nos impressionava pela força, timbre pouco habitual, palavras e expressões que não havia no vocabulário habitual de Vanga… E de repente falou comigo com uma voz desconhecida, que me fez correr arrepios pela espinha. Disse literalmente o seguinte: "Sou a alma de Joana d'Arc. Vim de longe e dirijo-me para Angola. Lá agora corre muito sangue e devo ajudar a estabelecer a paz lá".

Após uma curta pausa Vanga continuou com a mesma voz: "Não acuseis esta alma de nada. Ela não é vossa. Não é de ninguém. Disso é testemunha a progenitora (nossa mãe — Lyubka), que a carregou no ventre quando a carregava no leito de morte. Então num instante a alma dela voou e no corpo entrou outra alma. A tua progenitora recuperou para continuar a sua vida terrena. Mas agora a alma dela já não vos é parente, a vós, filhos, e não vos pode reconhecer".

Nova curta pausa e Vanga continua: "A tua progenitora deve visitar Notre-Dame de Paris, onde deve passar a noite em vigília de oração — assim vos serão revelados os mistérios do mundo que vos rodeia"». Na opinião dos teólogos ortodoxos que criticam Vanga, «todo este discurso é bastante fantástico. Claro apenas que ela aderiu a uma conceção estranha ao ensino cristão sobre a possibilidade de uma alma entrar num corpo alheio». Nesse aspeto Vanga e os seus mentores aproximavam-se do budismo e outras religiões orientais, onde parte importante é a fé na transmigração de almas não só de pessoas, mas também de animais.

Das declarações de Vanga pode concluir-se que estava próxima de teósofos como Helena Blavatsky e Nikolai Roerich. K. Stoyanova contou assim a chegada a Vanga do escritor Leonid Leonov em janeiro de 1988: «Vanga estava então inspirada e falava de acontecimentos decisivos para o

país dele. Estabeleceu ligação com a há muito falecida vidente de origem russa — Helena Blavatsky. Realmente ouvimos coisas espantosas.

Somos testemunhas de acontecimentos decisivos. Dois dos maiores líderes do mundo apertaram as mãos um ao outro. Mas passará ainda muito tempo, muita água correrá, até vir o Oitavo — ele assinará a paz definitiva no planeta».

Ao mesmo tempo não há dados de que Vanga alguma vez tenha lido as obras de Roerich e Blavatsky. Mas, claro, sobre o seu conteúdo podia ter-lhe falado pormenorizadamente a mesma Lyudmila Zhivkova, que sem dúvida as conhecia.

E a irmã de Vanga, Lyubka, recordava sobre Lyudmila Zhivkova: «Lyudmila tornou-se seguidora de um ensino espiritual que pregava o desenvolvimento do homem através da cultura. Muito mais tarde li que este ensino se chama "Agni-Yoga". Lyudmila chamava Vanga a Sófia quando vinham hóspedes de alta posição que também professavam este ensino».

K. Stoyanova cita ainda outra profecia de Vanga, da qual se conclui que a vidente (ou os seus sábios ajudantes) comparava o seu dom com a ciência: «Virá o tempo dos milagres, a ciência fará grandes descobertas na área do imaterial. Em 1990 seremos testemunhas de descobertas arqueológicas espantosas que mudarão radicalmente as nossas ideias sobre os mundos antigos. Todo o ouro escondido virá à superfície da terra, mas a água esconder-se-á».

E ainda Vanga advertia: «Em breve virá ao mundo o ensino mais antigo. Perguntam-me: "Em breve virá esse tempo?" Não, não em breve. A Síria ainda não caiu!» Mais tarde interpretaram-no como predição da atual guerra civil na Síria entre o regime do presidente Bashar al-Assad e os seus adversários.

Como "trabalhava" ela? Sobre isso a própria Vanga dizia assim: «Quando está diante de mim uma pessoa, à volta dela reúnem-se todos os parentes falecidos. São eles mesmos que me fazem perguntas e respondem de bom grado às minhas. O que ouço deles transmito aos vivos…»

Vozes do mundo além-túmulo ouviam também as pessoas que estavam com ela: um sussurro fininho ou surdo. Dizem que algumas mães se sentiam mal quando reconheciam as vozes dos seus filhos mortos.

Pois bem, aqui não há nada de surpreendente. Às pessoas que acreditavam no seu dom começava a parecer que na presença de Vanga

ouviam as vozes dos seus parentes e próximos há muito mortos, tomando por elas o mínimo rumor.

«Chamando-se cristã ortodoxa, Vanga na realidade de modo algum o era — consideram com razão os representantes da Igreja Ortodoxa Russa. — Reconhecia a reencarnação, logo era pagã». Claro que ortodoxa no sentido canónico Vanga não era. As suas crenças não correspondiam aos cânones de nenhuma das confissões cristãs. Antes o seu ensino, se é que se pode falar de um ensino minimamente coerente e elaborado, representava uma síntese de diferentes ramos do cristianismo com religiões orientais, incluindo budismo e hinduísmo, assim como com os ensinamentos de Blavatsky e Roerich.

Contudo, apesar da sua evidente não canonicidade, e talvez exatamente graças a ela, Vanga era extremamente religiosa — celebrava todas as festas religiosas, cumpria os jejuns. Em frente da sua casa em Rupite, com as suas poupanças e donativos das pessoas, Vanga em 1994 construiu a igreja ortodoxa de Santa Paraskeva (Petka), assim chamada em honra da sua mãe. As abóbadas da igreja branca como a neve foram pintadas pelo conhecido artista búlgaro Svetlin Rusev. Mas as relações dela com a igreja continuavam tensas, pois a igreja não reconhecia profetas autoproclamados.

Por isso os representantes da Igreja Ortodoxa Búlgara recusaram consagrar a igreja de Santa Petka, motivando-o com a não canonicidade tanto da arquitetura do edifício como das imagens murais. Os habitantes locais simplesmente chamam à igreja “o templo”, sem especificar a sua pertença eclesiástica. Segundo o reitor da igreja de S. Miguel Arcanjo em Varna, Vanga «realmente construiu com os seus meios um templo que foi pintado por um dos conhecidos artistas búlgaros. Mas ele claramente experimentava pela primeira vez na pintura eclesiástica, pelo que resultou algo horrível, no sentido direto da palavra».

Outra opinião tem a antiga seguidora de Vanga Nadezhda Dimova. Afirmava: «Vanga ficava muito magoada pelo facto de as pessoas não acreditarem em Deus, viverem sem consciência, fazerem obras não agradáveis a Deus, injustas. Recebeu com dor na alma o cisma da igreja búlgara. Por isso o sonho de toda a sua vida era a construção de um templo que unisse os crentes; e acalentava este sonho há mais de vinte anos. Vanga dizia que construir o templo não seria ela, nem o governo, nem o fundo com o seu nome, mas o próprio povo. Lembremos que os que vinham pedir

conselho reparavam na caixinha que estava na mesa. Lá ela punha dinheiro "para o templo", por isso a construção foi feita com os seus próprios meios. "Construo não uma igreja, mas um caminho para Deus", gostava de repetir.

Finalmente a 17 de outubro de 1991 começou a construção do templo. Krasimira Stoyanova conta com que entusiasmo a tia se lançou na realização do sonho acarinhado: escolheu pessoalmente o lugar, participou na colocação dos alicerces. Mas o fundo de Vanga decidiu transferir a construção para outro lugar. Quando a construção foi concluída, as autoridades eclesiásticas recusaram consagrar o templo e com a notícia disso dos olhos cegos da vidente correram rios de lágrimas. Os habitantes locais começaram a ameaçar que destruiriam o edifício e então os clérigos cederam: em 1994 consagraram o altar, onde repousam as relíquias de S. Kharlampiy. A consagração foi feita pelo canónico metropolita de Nevrokop Natanael.

Interessante a pergunta: e porque recusavam consagrar o templo? É que fora construído não segundo os cânones cristãos. Realmente, a arquitetura do edifício é não tradicional: os arquitetos decidiram que tinham chegado novos tempos em que já não havia lugar para templos medievais. Os dirigentes do fundo afirmavam que se construía "uma igreja europeia universal". O aspeto exterior do edifício provocava perplexidade: edifício branco, telhado branco plano… Nisto Krasimira vê uma troça à tia, considerando que de modo algum assim ela imaginava a sua criação. Para pelo menos dar à igreja um aspeto canónico-ortodoxo, os habitantes locais trouxeram uma multitude de ícones que ainda hoje adornam e santificam os espaços interiores. O templo tem o nome da santa búlgara Petka — este nome em russo soa como Paraskeva. Exatamente assim, como sabemos, se chamava a mãe de Vanga.

As imagens da vidente e quadros da sua vida ocupam o lugar principal na decoração interior do templo. Muitas pessoas puseram toda a alma, habilidade e esforço para que o espaço parecesse invulgar e belo. É o conhecido artista búlgaro Svetlin Rusev, que trabalhou vários meses no retrato da vidente, e o entalhador em madeira Grigor Paunov, e o escultor Krum Damyanov, sem falar da numerosa legião de carpinteiros, pedreiros, pintores…

Para muitos turistas e peregrinos o templo parece símbolo de pureza e santidade exatamente pela cor branca como a neve. Provoca divergências também o facto de as paredes estarem adornadas com retratos de Vanga;

até correm rumores de que a construção do templo acelerou a morte da profetisa. Afinal, segundo uma crença que vem da profundidade dos séculos, nem a sombra da pessoa que com os seus meios construiu o templo deve cair nas suas paredes.

Enfim, as disputas não se calaram e alguns representantes do clero até têm medo de pronunciar o nome de Vanga, pois consideram-na bruxa. Mas o tempo suavizou um pouco as divergências e agora a igreja de Santa Petka é um dos lugares preferidos de visita de turistas, fazem-se lá casamentos e batizados — exatamente entre dois retratos: de Vanga e de Jesus Cristo. Considera-se que batizar uma criança junto à imagem de Vanga significa garantir-lhe uma vida feliz. Ela, embora não tivesse filhos próprios, em vida tornou-se madrinha de mais de cinco mil rapazes e raparigas não só da Bulgária, mas também de outros países.

As suas duas casitas — em Petrich e Rupite — Vanga legou ao Estado e o testamento fez em nome do doutor Napoleonov, o decano da vida pública de Petrich. O doutor dispôs dos bens imóveis e propriedade como ela queria e recordava repetidas vezes as suas palavras: «O homem vem a este mundo pobre, pobre também parte».

Primeiro o KGB búlgaro olhava com desconfiança e suspeitas para os dotes de Vanga, mas depois, decidindo que era melhor tirar proveito da colaboração com a vidente e curandeira, os chekistas até começaram a protegê-la. Isso, claro, não significa que Vanga se tenha tornado uma banal "dedo-duro". Mas no seu círculo havia certamente agentes da segurança do Estado búlgara (e talvez até do KGB soviético) que faziam relatórios da informação mais interessante que os ajudantes de Vanga recolhiam sobre os seus clientes. Não se exclui que o KGB búlgaro também ajudasse a recolher essa informação.

Segundo Krasimira Stoyanova, «olhavam para ela como uma pessoa que difundia superstições, acreditava em Deus, adivinhava… Tudo isso de modo algum agradava aos comunistas, pois contradizia o seu ateísmo… Mais tarde, em 1966-1967, na rádio local troçavam constantemente dela, publicavam materiais contra ela, nos jornais o seu retrato era como o da Baba Yaga — com vassoura, boquilha, gato preto…

Apesar disso, a sua fama crescia. As pessoas vinham ter com ela de todos os cantos da Bulgária, dos países vizinhos, até da América, Canadá, França, Inglaterra… Os comunistas compreendem que é impossível parar isso… E fixaram o preço do bilhete de entrada…

Cada um que vinha ter com Vanga pagava 10 levs pela entrada e os estrangeiros pagavam o dobro… (provavelmente era o preço inicial. Depois aumentaram-no. — B.S.). Recebia 80-100 pessoas por dia… Imaginem o lucro que Vanga trazia ao orçamento da república — eram milhões de levs…» (se forem verdadeiros os dados de que Vanga recebeu mais de 1 milhão de visitantes, a soma total deve ultrapassar 100 milhões de levs. — B.S.).

É interessante que, inicialmente, os milicianos que faziam guarda junto à casa de Vanga estivessem fardados, mas muito depressa os mandaram vestir à civil, para não incomodarem as pessoas.

«Vanga foi, sem dúvida, agente do Departamento de Segurança do Estado e colaborou com os serviços secretos de 1971 a 1984», afirmava a jornalista búlgara Svetoslava Tadarakova, que realizou uma investigação exaustiva sobre toda a vida de Vanga e até fotografou os oficiais da segurança do Estado diretamente ligados a ela. Mas, neste caso, a curandeira foi, muito provavelmente, colocada perante o facto de um controlo incessante por parte da segurança do Estado.

E as relações com os tchekistas nem sempre foram tranquilas. Disso dá testemunho a rusga inesperada que fizeram à casa dela em setembro de 1974. Só a intervenção pessoal de L. Jivkova acalmou a situação. K. Stoyanova testemunha: «Em 1974 fizeram uma rusga à casa dela. Rasgaram tudo, confiscaram, para que não houvesse nenhum criptograma. Decidiram que, como a visitavam tantas pessoas e lhe traziam presentes, era possível que ela servisse de caixa de correio para espionagem. Nessa altura as relações com a Jugoslávia estavam tensas» (como, aliás, ao longo de todo o século XX).

A jornalista búlgara Nadejda Dimova descreve assim essa rusga: «A 20 de setembro de 1974, milicianos invadiram a casa da vidente, já então amplamente conhecida. Deitaram o cereal ao chão, partiram a louça, reviraram o armário da roupa branca, destruíram tudo o que lhes aparecia à frente. O que procuravam? Evidentemente, provas materiais da atividade de espionagem da dona da casa. Naquela época, a Bulgária tinha relações tensas com a Jugoslávia, o país natal dela.

É perfeitamente compreensível que fosse de lá que vinha a maior parte dos aflitos que a procuravam. As autoridades decidiram então desmantelar o "ninho de espiões". Esse assalto quase lhe custou a vida a Vanga. Ao entrar no quarto e "ver" as terríveis consequências do saque, caiu

desmaiada logo à entrada. Levaram-na para o hospital com o diagnóstico de "enfarte". Quando se curou, disse aos familiares que não voltaria para casa enquanto não pintassem as paredes de branco e voltassem a pintar as janelas e as portas. Ao regressar, constatou-se o desaparecimento de muitas coisas. Eram sobretudo presentes de inúmeros visitantes, pequenos objetos queridos do coração.

Com o dom que o destino lhe dera, não lhe teria sido difícil descobrir os nomes dos ladrões e lançar-lhes um castigo. No entanto, estava longe de ter esse pensamento e também não se afligia particularmente com o roubo. A única coisa de que tinha pena era o rádio transistor "Sokol", fabricado na União Soviética, do qual quase nunca se separava. Mas nem mesmo ao ladrão de um objeto tão precioso Vanga pensava em vingar-se, confiando na vontade de Deus. Não duvidava de que, mais cedo ou mais tarde, o ladrãozinho se arrependeria e lhe devolveria o rádio. E assim aconteceu. Passados nada menos de 15 anos, um dos autores do saque entrou no quintal dela:

— Perdoa-me, por amor de Deus, e fica novamente com o rádio! Não me trouxe felicidade, pelo contrário: tenho cancro, e todas as outras desgraças vêm daquele meu ato de então.

— Eu não guardo rancor, quem te perdoa é Deus — é Ele que te castiga, não eu.

A própria vidente considerava o roubo um dos pecados mais graves. A conhecida ginasta búlgara Neshka Robeva, sua amiga, contou um caso curioso. Um dia, Vanga ia a caminho de um mosteiro e, pelo caminho, desceu-lhe uma meia. Secava ao sol, num muro, o saco de alguém. A mulher que acompanhava Vanga tirou discretamente um fio fino do saco e prendeu-lhe a meia. Quando Vanga chegou à igreja, parou. Disse que não podia entrar ali porque tinha roubado algo alheio. Depois de devolverem o fio infeliz ao seu lugar, Vanga entrou no templo.»

O ieromonaco Vissarion Zografski afirma: «Essa colaboração estreita (e, em certa medida, forçada) de Vanga com o Departamento de Segurança do Estado é a premissa lógica e explica muito bem o conteúdo de um ato notarial de testamento público de Vanga, feito no final desse período, a 6 de setembro de 1984, que mais tarde provocou fortes protestos dos herdeiros de Vanga, que tentaram, sem sucesso, contestá-lo em tribunal. Nesse ato consta que "em sinal de gratidão e respeito pelo Partido Comunista Búlgaro e pelo poder popular, em agradecimento pelo cuidado e

atenção que me foram dedicados, lego ao Estado búlgaro toda a minha propriedade (imóveis, móveis, depósitos bancários em dinheiro e valores), tudo o que possuo. Em relação ao testamento, o meu desejo — a critério dos órgãos estatais competentes — é que a minha residência, situada na cidade de Petrich, na rua Opulchenska n.º 10, juntamente com os objetos que nela se encontram, seja transformada em museu, e que com os meios dos depósitos bancários e outros valores seja criado um lar infantil com o meu nome".»

E como encontrou Vanga o lugar do seu último refúgio? Pouco depois da morte do marido, Vanga decidiu mudar de residência e começou a escolher o local onde lhe seria mais cómodo receber os visitantes. Encontrou-o não longe de Petrich. No vale de Rupite, entre as cidades de Sandanski e Petrich, foi construída uma pequena casa para a profetisa, onde ela recebia os visitantes e descansava no quarto ao lado.

Segundo Krasimira Stoyanova, «a irmã de Vanga, Lyubka, fala da localidade de Rupite:

— Este lugar, que ela não abandona há tantos anos, atrai-a muito, e eu não consigo perceber porquê. Mas ela sabe! A mim, pessoalmente, este lugar oprime-me, deprime-me, e o mesmo acontece com muitas outras pessoas. Mas Vanga diz que ali ouve "vozes" que lhe contam muitas coisas. E ali, onde está a casinha dela, segundo as palavras dela, fica o centro que liga os santuários que existiam nas proximidades ainda na Antiguidade.»

Krasimira Stoyanova escreve: «Especialmente para Z. M., uma médica da URSS que desejava encontrar-se com Vanga, esta estabeleceu contacto e falou-lhe dos curandeiros da Antiguidade e dos seus métodos de tratamento. Ao partir, a mulher, estupefacta, perguntou-me: "Mas como é possível, de onde pode ela saber os nomes de curandeiros há muito mortos?"»

Ao conhecido historiador búlgaro N. G., Vanga contou detalhadamente a vida nas nossas terras no século XII, como se estivesse a ler um texto escrito. O próprio cientista observou depois que ela relatara factos que lhe eram desconhecidos, embora fosse considerado especialista dessa época.»

Vanga diz que sobre nós vela um enorme OLHO que vigia todos os nossos atos. «Ninguém nem nada pode esconder-se! — declara ela. — Não

pensem que podem fazer tudo o que vos passar pela cabeça, não, não podem, ninguém é livre.»

Evidentemente, nenhum especialista em história poderia saber o que Vanga inventava. Mas ela, ou melhor, os seus ajudantes, sabendo previamente que iria receber um médico ou um historiador, podiam facilmente fornecer-lhe com antecedência o material necessário para que ela surpreendesse os visitantes com os seus conhecimentos de medicina antiga ou de história medieval búlgara. Enfim, como atriz não era má.

«Ela falava com os mortos — recorda a sobrinha de Vanga, Krasimira Stoyanova. — Dizia que começava a sentir a presença deles por um ardor na ponta da língua. Depois, como se uma nuvem envolvesse o seu cérebro. E, passados alguns minutos, deixava completamente de reagir ao mundo real.

Vanga fazia mentalmente perguntas às almas dos defuntos, e elas respondiam-lhe. Mas se os espíritos não tinham resposta, então acudia em seu auxílio uma voz estranha, longínqua. Inumana. Como se viesse pelo telefone. O desconhecido falava ora muito alto — a ponto de lhe zumbir os ouvidos a Vanga —, ora tão baixo que ela tinha de pedir várias vezes que repetisse.»

«Quando tenho uma pessoa à minha frente, todos os seus parentes falecidos reúnem-se à volta dela — dizia Vanga. — Para eles, eu sou a porta de entrada neste mundo.»

«Querem que explique o que faço? Como se explica isso, quando é obra das mãos de Deus? O meu dom vem de Deus. Ele tirou-me a visão, mas deu-me outros olhos com que vejo o mundo — tanto o visível como o invisível…»

Em 1981, Vanga anunciou que a Terra «estava sob estrelas muito más, mas no ano seguinte seria povoada por novos "espíritos". Eles trarão bondade e esperança.»

Nadejda Dimova afirma: «Pela boca de Vanga, os defuntos contavam: lá onde agora habitam não há nem paraíso nem inferno, nem esquecimento nem abismo. É também um mundo inteiro, mas completamente diferente do da Terra. Além disso, ao chegar lá, o morto inicialmente nem sequer nota grande diferença e pensa que está vivo. "Mas onde estão os meus filhos, os meus familiares e amigos?" — grita ele, chama-os, tenta chegar até eles — mas eles não ouvem. E é precisamente a impossibilidade de os ver, de comunicar com eles como antes, que torna real a perceção da

própria morte. A própria Vanga não temia a morte e, quando lhe perguntavam como a imaginava, respondia que para cada pessoa ela é como essa pessoa a vê. Para uns aparece sob a forma tradicional — uma velha com uma foice —, para outros — uma bela jovem de cabelos soltos, para terceiros — um rapaz loiro e bondoso…

Na sua opinião, o corpo humano, tal como tudo o que é vivo, decompõe-se, mas uma parte, chamada alma, é imortal. Ela continua a viver e a desenvolver-se mesmo depois da morte, para atingir um nível mais elevado.

Tudo o que rodeava a profetisa — montanhas, serranias, plantas, animais, aves, pedras, estrelas — era percecionado pelos seus extraordinários órgãos dos sentidos, dava-lhe informação. Ela repetia muitas vezes que a natureza inanimada não existe, tudo à nossa volta está vivo, é preciso apenas saber escutar os sinais. Evidentemente, para a esmagadora maioria dos mortais comuns isso está fora de alcance, tal como poucos de nós se interrogam sobre o sentido da existência.

Segundo Vanga, não se pode violar a harmonia do espaço, negligenciar as leis do cosmos. Mesmo a mais pequena infração pode levar a consequências fatais e irreversíveis.

Assim, em 1981 ela advertia as pessoas de que em breve apareceriam na Terra novas doenças até então desconhecidas. Pessoas completamente saudáveis, que nunca tinham estado doentes, podiam de repente sentir-se tão mal que desmaiavam na rua. No entanto, essa situação pode ser corrigida, porque está ao alcance do poder humano.»

Na verdade, uma previsão dessas qualquer um de nós pode fazer sem erro. Como se sabe, os vírus e as bactérias mutam, e aparecem constantemente novos tipos de doenças, até então desconhecidas, contra as quais ainda não existem medicamentos. Penso que pessoas instruídas poderiam perfeitamente explicar a Vanga que se podia fazer tranquilamente esse tipo de profecia, porque era irrefutável.

Dimova reproduz ainda as seguintes profecias de Vanga: «Nos anos 60, Vanga predisse que os comprimidos seriam feitos de algas e que se generalizariam em todo o mundo. Esse medicamento é conhecido por todos nós, chama-se spirulina, e os médicos dizem que o futuro da farmacologia pertence às algas. Já as plantas, na opinião dela, não têm um futuro muito luminoso — muitas desaparecerão com o tempo, e as primeiras serão a cebola, o pimento e o alho. Depois virá o desaparecimento gradual das

abelhas e, consequentemente, do regime alimentar da humanidade desaparecerão os produtos milagrosos da apicultura.

Quanto ao futuro próximo, que para nós é o presente, as perspetivas que Vanga desenha não são nada animadoras. As cidades ruirão com terramotos, inundações, furacões. Os que vivem injustamente estarão "por cima", a criminalidade aumentará, não haverá conta de ladrões e prostitutas. Virão tempos difíceis, as pessoas dividirão-se em grupos por crença. Quem tem ouvidos — não ouvirá, quem tem olhos — não poderá ver. Aqui Vanga insinuava que as pessoas se isolarão e se afastarão umas das outras. Apelar ao bom senso delas, à voz da consciência, será inútil, cada um "por si". Muito poucos enriquecerão, e todos os outros empobrecerão. E essa situação agravará-se ainda mais.

Mas nem tudo é tão sombrio: as pessoas acabarão por livrar-se dos sofrimentos e serão felizes, se mudarem a si mesmas. As receitas da vidente são simples: não roubar, não mentir, viver segundo a consciência. No futuro, a ciência fará muitas descobertas que mudarão radicalmente a nossa visão de muitas coisas.

Os arqueólogos farão escavações e descobrirão a cidade mais antiga, os historiadores estudarão a cultura, o modo de vida e o quotidiano do povo dela, os médicos ocupar-se-ão da investigação dos métodos de tratamento. Tudo isso permitirá à ciência moderna dar um grande passo em frente…

O ouro virá à superfície, e a água irá embora. Como entender isto e de onde vêm essas informações — ainda não conseguimos decifrar. Talvez essa imagem tenha aparecido diante do seu olhar interior em visões, mas o mais provável é que pela sua boca falassem mensageiros celestiais.»

Na verdade, todas essas predições são um conjunto de banalidades tiradas de revistas populares. Aliás, medicamentos à base de algas faziam-se muito antes dos anos 60 do século passado, como não deixam de fazer-se hoje e continuarão a fazer-se no futuro. E a profecia sobre o ouro e a água pode ser interpretada como quisermos — quer em termos de aquecimento global, quer em termos da chegada de uma nova era glacial.

Em julho de 1969, os astronautas americanos pisaram pela primeira vez a superfície do nosso satélite noturno — a Lua. Nessa altura, Vanga passou esse facto em silêncio, e só oito anos depois, numa conversa com jornalistas, disse mais ou menos o seguinte: «Foi muito interessante observá-los da Terra. Mas eles não viram nem a milésima parte do que eu vi lá.» Ora provem lá o que foi exatamente que Vanga viu na Lua!

Nadejda Dimova afirma, ingenuamente (ou, pelo contrário, muito astuciosamente): «Possuindo um dom tão incrível, ela poderia perfeitamente viver numa casa menos modesta e juntar muito dinheiro "para um dia negro". Mas ninguém poderia suspeitar Vanga de ganância ou avareza. Muitos notaram que o dinheiro que lhe davam ia imediatamente para o mealheiro que estava ao lado — "para o templo". E a nós apelava para que não nos apegássemos aos bens materiais: eles só nos são necessários para garantir o indispensável a nós e aos nossos filhos. E o dinheiro a mais é um mal que dificilmente trará felicidade a alguém. Estes mandamentos ecoam os bíblicos, o que lhes confere um peso e uma importância particulares.»

O já referido cientista búlgaro, professor Georgi Lozanov, observou Vanga durante um quarto de século e registou mais de 7000 casos de predições dela que se cumpriram. Chegou à conclusão de que o "acertar" de Vanga ia além de coincidências aleatórias e atingia 80 %.

Um papel importante no reconhecimento oficial de Vanga, em meados dos anos 60, foi desempenhado precisamente pelo Instituto de Sugestologia da Academia de Ciências da Bulgária, dirigido por Lozanov. Mas o que provam realmente as investigações dos seus colaboradores, que inquiriram milhares de visitantes, gravaram centenas de sessões de Vanga em gravador e alegadamente encontraram mais de 7 mil casos de "acertos diretos", o que representa cerca de 80 % da amostra? Receio desiludir os admiradores de Vanga, mas sou obrigado a informar-vos, com pesar: as investigações do professor Georgi Lozanov não provam absolutamente nada.

Com base nos referidos estudos, não é possível tirar conclusões categóricas. O próprio professor Georgi Lozanov, que morreu na Bulgária a 6 de maio de 2012 com 85 anos, nunca se arriscou, até ao fim da vida, a declarar que tinha desvendado a natureza das previsões de Vanga. Por um lado, parecia tentar manter uma atitude crítica em relação às predições de Vanga, mas, por outro, considerava que a percentagem de acertos da adivinha ultrapassava largamente a probabilidade de acontecimentos aleatórios.

Contudo, Lozanov nunca explicou por que razão Vanga conseguia prever com tanto sucesso acontecimentos do passado e do futuro sobre os quais, supostamente, não deveria ter qualquer informação. Aliás, muita coisa se explica pelo facto de Georgi Lozanov beneficiar da proteção da própria Lyudmila Jivkova. Após a morte dela, a sua posição piorou

consideravelmente. Até à revolução de 1989, não o deixavam sair do país. E em 1984, Lozanov foi demitido do cargo de diretor do Instituto de Investigação Científica de Sugestologia do Ministério da Educação Nacional da Bulgária, passando no ano seguinte a dirigir o muito mais modesto centro "Sugestologia e Desenvolvimento da Personalidade" da Universidade de Sófia. Em 1991, o Instituto de Sugestologia criado por Lozanov em 1966 foi simplesmente encerrado, e em 1993 Lozanov viu-se obrigado a emigrar para a Áustria.

Eis o que Lozanov dizia sobre Vanga e as investigações a ela associadas:

«…Vanga foi objeto de investigação do nosso instituto. Submeti a verificação algumas das suas predições. Contestei a aceitação crédula das suas predições, a sua receção acrítica. Considerava que era preciso investigá-la, tal como a outros dotados pela natureza em todo o mundo. Mandava os meus colaboradores gravar as suas sessões. Com o tempo, fizemos muitas gravações que, mais tarde, em rusgas, ficaram na milícia.

Nunca critiquei pessoalmente Vanga nem nunca disse que ela era uma charlatã. Era uma mulher do povo que acreditava nas suas predições. Houve até muitos casos em que acertava. Se rejeitava alguma coisa, era para evitar a tempestade que pairava sobre ela. Quando me exigiram um parecer sobre se ela acertava ou não, escrevi sobre os dados, que se conservam nos arquivos estatais. Nessa altura disse a Todor Jivkov que Vanga nem sempre acertava. Mas disse-lhe também que, se ele acertasse em alguma coisa 5 vezes, eu 8 vezes, ela acertaria 12 vezes. As predições dela não se cumprem com garantia fatal, mas, ainda assim, ela acerta em muito mais casos do que nós.»

Pois, a capacidade de Vanga acertar em determinados acontecimentos muito mais frequentemente do que as pessoas comuns explica-se facilmente.

Se alguma predição exige escolher entre duas alternativas (e a esmagadora maioria das predições de Vanga eram exatamente assim), com uma escolha aleatória e um número suficientemente grande de predições, a percentagem de acertos será de qualquer modo 50 %. Por exemplo, se alguém perguntasse à profetisa: «A minha irmã casar-se-á nos próximos cinco anos?» No entanto, esse indicador é fácil de aumentar com alguns fatores. Em particular, algumas perguntas — que, aliás, podem ser feitas por "agentes infiltrados" — na verdade implicam uma taxa de acerto de

100 %. Por exemplo, uma afirmação como: «As relações da Rússia com a Índia dependerão das relações da Rússia com a China». O mais importante é que os ajudantes tinham tempo e material suficientes para, sabendo mais sobre os seus clientes (inclusive através dos questionários que as pessoas preenchiam para Lozanov), ajudar Vanga a demonstrar maravilhas de antevisão, especialmente no que toca a parentes dos clientes e factos das suas biografias.

Já as predições sobre o futuro eram feitas de forma tão vaga e com uma temporalidade tão indefinida que uma verificação rigorosa era, em princípio, impossível. E, para concluir, mesmo uma taxa de acerto de 80 % para uma verdadeira vidente é um mau resultado. Se uma pessoa possui realmente uma capacidade sobrenatural de prever o passado e o futuro, a taxa de acerto das predições deveria ser, senão 100 %, pelo menos 99,99 %. E as pessoas que deliberadamente provocam uma predição errada, uma vidente verdadeira deveria, aparentemente, desmascará-las de imediato e expulsá-las com vergonha. Mas, na realidade, como veremos mais adiante, Vanga caía frequentemente nesse tipo de desinformação e quase nunca conseguia descobri-la. Quanto aos seus admiradores, naturalmente, só se lembravam das predições que se cumpriam.

Merece atenção especial a relação da nossa heroína com a linguagem obscena, ou, mais simplesmente, com o palavrão, que na Bulgária é praticamente o mesmo que na Rússia. Segundo relatos de admiradores de Vanga, um dia visitou-a um professor de filosofia russo que se queixou de que os estudantes não se coibiam absolutamente de expressões grosseiras, as suas bocas, nas palavras dele, "jorravam imundícies", independentemente de estarem presentes professores ou raparigas. Aliás, até estas últimas por vezes soltavam "palavrões".

Segundo esse professor anónimo, após a sua comunicação, Vanga até mudou exteriormente: o rosto empalideceu e adquiriu uma expressão dura, pouco habitual nela. Indignada, disse que uma "palavra podre" a fazia sentir algo de repugnante, nojento, como se a tivessem borrifado com vómito. Ainda em criança aprendera uma antiga invocação búlgara e, desde então, sempre que ouvia um palavrão, recitava-a, dirigindo assim a sua maldição ao autor do palavrão.

Para não ficar por palavras vãs, pronunciou a própria maldição em antigo búlgaro (não se percebe, porém, donde conheceria o professor russo

o antigo búlgaro — ou eslavo eclesiástico). Traduz-se mais ou menos assim:

— Onde quer que estejas, o que quer que faças, seja em família ou no trabalho — em todo o lado ouvirás apenas linguagem obscena, palavrões repugnantes. Mal abras a boca, dela, como víboras, sairão palavrões. E quando casares, tanto a tua mulher como os teus filhos não conhecerão outras palavras senão palavrões. Não haverá entre vós outra linguagem! E que os teus pais ouçam as tuas palavras imundas, porque outras não saberás dizer!

Que Vanga não tolerasse palavrões é perfeitamente crível. O que já é verdade é que maldições terríveis por infrações, no fundo, insignificantes. Isso não encaixa muito bem na imagem tradicional de Vanga como pessoa bondosa e compassiva. E uma maldição tão terrível ela lançava a toda a gente que começasse a dizer palavrões. Segundo as suas palavras, o efeito era exatamente o que ela pretendia: depois disso, o autor de palavrões já não conseguia exprimir-se com palavras "normais". É verdade que era impossível verificar essa afirmação. O professor, estupefacto, exprimiu dúvidas quanto à correção de tais ações, ao que Vanga respondeu:

— Terrível e desumano? — sim! Mas pensa tu mesmo, que vida espera o autor de palavrões? Que filhos terá e como viverá em sociedade? As minhas maldições não têm nada a ver com isso, ele próprio deve compreender que de um cano de esgoto não correrá água com cheiro a rosas!

É verdade que o valente professor não se arriscou a testar em si mesmo a eficácia da maldição anti-palavrões. E que lhe custaria fazer uma experiência limpa: dizer um palavrão na presença da grande vidente e experimentar na pele a força da maldição. Não, teve medo de que depois disso não conseguisse falar, digamos, em linguagem civilizada!

PREVISÕES E MORTE

Vanga tornou-se famosa principalmente pelas suas previsões de eventos mundiais importantes, sobretudo políticos, que alegadamente se cumpriram. Muitas das suas predições diziam respeito à Rússia e aos russos, na maioria personalidades muito conhecidas.

Os admiradores de Vanga afirmam que ela foi visitada várias vezes por emissários de Boris Iéltsin. A profetisa dava de boa vontade

prognósticos políticos que, no entanto, não eram divulgados na altura. Aos homens de Iéltsin dizia: «Sim, fizeram muitas asneiras. Mas criticam Gorbatchov sem razão. Ainda hão de lembrar-se de como era bom com ele.»

Nos últimos anos de vida, Vanga, segundo afirmações do seu círculo, encontrou-se com toda uma série de políticos, intelectuais e figuras artísticas búlgaras. Por várias vezes esteve com Vanga o escritor soviético Leonid Leonov, que acreditava sem reservas em tudo o que a vidente lhe dizia. Em janeiro de 1991, Leonid Maksimovitch pediu ao seu amigo búlgaro, o professor Dimitar Filippov, que entregasse uma carta a Vanga. Nela falava do romance «Piramida», que Leonov começara a escrever ainda em 1939. Não estava satisfeito com o resultado e já pensava em destruir o manuscrito quase pronto. Vanga, ao receber a carta, respondeu: «O romance está concluído, só é preciso fazer alguns acrescentos. Que Leonov se isole durante 40 dias na sua dacha, onde desce sobre ele a inspiração e se estabelece a ligação com o céu. Será publicado e traduzido para muitas línguas.»

E ainda o advertiu: «Logo que terminares o teu romance, morrerás.» Mas pouco depois o escritor recebeu outra carta da Bulgária: «Conseguirás publicar o teu romance, e ele terá fama internacional.» Em abril de 1994 saiu o primeiro tomo do romance e, no verão desse mesmo ano, após a celebração do 95.º aniversário, Leonid Leonov faleceu. Só que os originais dessas cartas nunca foram tornados públicos. Além disso, segundo outros dados, a troca de cartas entre Leonov e Vanga ocorreu não em 1991, mas em 1989.

Krasimira Stoyanova escreveu que no encontro com o escritor Leonov «Vanga estava então inspirada e falou de acontecimentos decisivos para o país dele. Estabeleceu ligação com a há muito falecida vidente de origem russa — Helena Blavatsky. Ouvimos realmente coisas surpreendentes.» Contou também a visita de Vanga pelo filho dos Roerich — Svyatoslav: «Quando Svyatoslav Roerich visitou Vanga, ela disse-lhe: "O teu pai não foi apenas um pintor, foi também um profeta inspirado. Todos os seus quadros são intuições, predições. Estão cifrados, mas um coração atento e sensível indicará ao espectador a chave."»

Aliás, segundo o mesmo Dimitar Filippov, Vanga declarou na sua presença: «O socialismo regressará, mas com outra face. Na primeira quarto do século XXI haverá novamente a União Soviética, mas

renovada… A prosperidade da Bulgária só é possível em união com a Rússia — ela é a nossa mãe. A Rússia sempre foi e será uma grande potência. Escrevam sobre Marx, sobre Lenine, os jovens devem conhecê-los. Porque hão de ter vergonha deles?» Penso que o distinto professor simplesmente atribuiu à profetisa as suas próprias opiniões políticas.

Esteve também com Vanga o escritor e poeta soviético e russo Evgueni Evtouchenko, ainda mais famoso do que Leonid Leonov. Segundo testemunhas oculares, a velhinha não foi muito cerimoniosa com ele: «Que espécie de escritor és tu! Cheiras a barril! Sabes muito e serves para muito, mas porque bebes e fumas tanto?» Ainda advertiu o poeta amoroso: «Moderação, é precisa moderação! Tanto no amor como no casamento — moderação!» Mas, mais uma vez, de todas essas predições só sabemos pelo círculo de Vanga, e não pelo próprio Evtouchenko.

Muitas declarações e profecias de Vanga sobre os mais diversos temas foram registadas pela sobrinha Krasimira Stoyanova. Aqui estão algumas delas:

«O futuro pertence às pessoas boas, e elas viverão num mundo maravilhoso que agora nos é difícil imaginar…»

«A alma não morre. Apenas as almas das pessoas más se tornam rancorosas, e não as chamam ao céu. Não se reencarnam. Só regressam à terra as almas mais boas e melhores.»

«Não invejem nada, chorai a minha vida, porque o fardo que carrego é insuportável. Não desejeis demasiado — não podereis pagar…»

Vanga, segundo a garantia dos seus seguidores, via países distantes e mundos estranhos, sabia da existência de outras civilizações e comunicava com os seus representantes, e por isso acreditava: «No cosmos encontrarão vida — dizia a profetisa —, e tornar-se-á claro como a vida apareceu na Terra.» Ora, opiniões desse tipo estão amplamente difundidas tanto entre cientistas como entre o grande público. Só que talvez tenhamos de esperar um milhão de anos por essa confirmação. Ou talvez nunca encontrem vida fora da Terra, e o nosso planeta seja o único habitado no Universo. Vanga também falava do futuro, embora supostamente o fizesse com relutância.

A. L. Dvorkin, nas suas memórias, relata o caso com o metropolita Nafanail, que foi convidado por Vanga a sua casa, pois ela tinha transmitido através dos seus que precisava de conselho. Mas depois de o metropolita visitar Vanga com um crucifixo-relicário contendo uma partícula da Vera Cruz do Senhor, de repente ela interrompeu-se e, com

voz mudada — baixa, rouca —, disse com dificuldade: «Alguém entrou aqui. Que ele atire imediatamente ISSO para o chão!» «O que é "isso"?» — perguntaram os presentes, atónitos, a Vanga. Mas ela gritou furiosamente: «ISSO! Ele tem ISSO nas mãos! ISSO impede-me de falar! Por causa DISSO não vejo nada! Não quero que ISSO esteja na minha casa!» — gritava a velha, batendo com os pés e balançando-se. Os opositores ortodoxos de Vanga interpretam este episódio como possessão demoníaca dela.

Em 1995, Vanga pediu por telefone à jornalista Boyka Tsvetkova, com quem era amiga há muito, que fosse visitá-la. Eis o que ela anotou:

«Vanga: Lembras-te da agitação com os extraterrestres?

Boyka: Lembro, mas eles não apareceram.

V.: Chegaram, só que não foi nessa altura, foi ontem à noite, e pararam à porta — tão bonitos, esbeltos.

B.: Ficaste com medo?

V.: Eh… de que hei de ter medo? Foi tão bom, falámos, e eles desapareceram.

B.: Alguém mais os viu?

V.: Quem os havia de ver, vieram ter comigo. A menos que a Vitka (Ретровska — ajudante de Vanga. — B.S.) também os tenha visto, ela não deixa escapar nada.»

Atribuem a Vanga várias predições, muitas vezes contraditórias entre si. Existem afirmações sem confirmação documental de que Vanga previu a morte de Estaline, o desmembramento da URSS, o acidente na central nuclear de Chernobyl, a vitória de Boris Iéltsin nas eleições presidenciais de 1996, o afundamento do submarino russo «Kursk» e os atentados de 11 de setembro. No início de 1993, Vanga terá dito que a URSS renasceria na primeira quarto do século XXI e que a Bulgária faria parte dela. E após o acidente na central de Fukushima, falou-se de uma catástrofe nuclear iminente, alegadamente prevista por Vanga na seguinte profecia: «Em resultado da queda de precipitações radioativas no hemisfério Norte não ficará nem animais nem vegetação.»

É verdade que há testemunhos completamente opostos, também com referência a pessoas que alegadamente conheciam Vanga de perto. Afirma-se que ela nunca, nem por insinuação, previu o afundamento do submarino «Kursk», nem a morte de Estaline, nem a vitória de Iéltsin nas eleições presidenciais, nem outros eventos mundiais significativos. E que a maioria

das notícias sobre predições desse tipo são pura mitologia. São conhecidos numerosos casos em que o que se atribui a Vanga na realidade não se cumpriu. Por exemplo, ela terá previsto que na final do campeonato do mundo de futebol de 1994 se defrontariam "duas equipas cujo nome começa pela letra "B"", mas, de todos os países cujo nome começa pela letra "B", só o Brasil chegou à final, enquanto a Bulgária perdeu com a Itália nas meias-finais e ficou em quarto lugar. Vanga terá previsto que a Terceira Guerra Mundial começaria em novembro de 2010 e terminaria em outubro de 2014. Felizmente, até agora não houve Terceira Guerra Mundial. Mas outros amigos próximos de Vanga afirmam que ela nunca previu nem o início da Terceira Guerra Mundial nem o fim do mundo.

Há informações de que muitos políticos russos demonstraram interesse pelas profecias de Vanga. Alguns deles terão ido visitá-la incógnitos, por exemplo Leonid Ilyich Brejnev. Alegadamente, mal entrou na casinha dela, perguntou: «Sabes quem eu sou?», ao que ela respondeu com ironia: «Sim, sei, és um grande chefe.» Os autores desta lenda nem sequer pensaram em como seria possível Brejnev chegar secretamente à Bulgária, e muito menos a Petrich em segredo. A sua guarda e séquito eram pouco menores do que a população da cidade. Mas a maioria dos poderosos, dizem, não ia pessoalmente, enviava os seus representantes autorizados, que deviam conversar com a vidente em nome deles e por incumbência deles e depois transmitir o que ela dissera.

Alegadamente já em Rupite vieram emissários de Zyuganov, Jirinovski, Yavlinski, Lebed, Lujkov. Só a Mikhail Gorbatchov e aos seus não foi possível encontrar-se com Vanga, embora ela tivesse previsto o colapso da sua carreira política. Em julho de 1989, numa conversa com jornalistas, Vanga terá declarado: «Podem ter a certeza, Gorbatchov subirá ainda mais.» E, de facto, oito meses depois, a 15 de março de 1990, o III Congresso Extraordinário dos Deputados do Povo elegeu Mikhail Sergueievitch Presidente da URSS. Só que até hoje não foi possível encontrar publicações desse prognóstico datadas de 1989.

E ainda, alegadamente durante o governo de Gorbatchov, Vanga convencia os seus visitantes russos de que o criticavam sem razão. «Ainda hão de lembrar-se de como era bom com ele» — assim terminou uma das conversas. Só que a avó Vanga não sabia russo, e poucos turistas russos sabiam búlgaro (macedónio). Não é crível que, mesmo na perestroika, se

arriscassem a ter conversas políticas tão abertas com ela através de intérprete.

Iéltsin, devido à extrema ocupação, não pôde visitar pessoalmente Vanga, mas mandou várias vezes os seus emissários, nomeadamente o assessor de imprensa Sergei Medvedev; é verdade que Medvedev não revelou o conteúdo das conversas, dizendo apenas que Vanga desejava muito encontrar-se com Iéltsin e previu que ele seria obrigatoriamente eleito para um segundo mandato.

De facto, a 12 de abril de 1996, numa entrevista ao jornal nova-iorquino «Novoe Russkoe Slovo», Vanga declarou que Iéltsin venceria as eleições e também afirmou que o regresso dos comunistas não ameaçava a Rússia. Mas nessa altura a poderosa campanha propagandística e o recurso administrativo tornavam a vitória de Iéltsin o desfecho mais provável. E, como se sabe, a 3 de julho de 1996 Iéltsin venceu na segunda volta. Em todo o caso, Vanga não arriscava nada. Se se tivesse enganado, dificilmente Iéltsin ou Medvedev teriam protestado publicamente.

Pouco antes da visita de Iéltsin a Espanha, Vanga transmitiu aos emissários do presidente que ele acabaria… debaixo da faca do cirurgião. E, de facto, pouco depois precisou de uma operação urgente ao coração. Mas os rumores sobre a doença de Boris Nikolaievitch circulavam há muito, e o círculo de Vanga podia conhecê-los.

E em 1989 Vanga terá profetizado: «Medo! — cairão os irmãos americanos, ser-lhes-ão bicados por aves americanas, correrá em rio sangue inocente. E dos arbustos uivarão lobos.» Alegadamente lembraram-se desta profecia após os atentados de 11 de setembro de 2001.

Interpretou-se no sentido de que as aves de ferro eram os aviões dirigidos por terroristas islâmicos suicidas contra os arranha-céus do World Trade Center, onde morreram milhares de pessoas. E como esses edifícios estavam lado a lado e eram parecidos, chamavam-lhes irmãos ou gémeos. E arbusto (em inglês bush) era o apelido do então presidente americano, George Bush Júnior. Só que onde entram aqui os lobos? Na realidade, a profecia citada de Vanga, mesmo que tenha sido feita, poderia aplicar-se a inúmeros atentados e catástrofes, e não só nos EUA ou no Canadá, mas também na América Latina.

Segundo a opinião do ieromonaco Vissarion Zografski, a respeito de Vanga podem fazer-se duas conclusões principais: «Primeiro, Vanga não é charlatã (o que foi também testemunhado pelo grupo do dr. Lozanov), ou

seja, ela encontra-se realmente em contacto com uma fonte sobrenatural de informação. E segundo, essa fonte não é Deus, porque Ele, sendo omnisciente, não admite sequer os mais pequenos erros. São João Crisóstomo também confirma que os verdadeiros profetas não se enganam, não dizem uma vez coisas verdadeiras e outra vez coisas falsas; neles tudo é verdadeiro.»

Disto podemos concluir que o professor Lozanov e a ciência ateia oficial não conseguem explicar o "fenómeno" Vanga. A ciência mostra-se impotente neste caso, pois não consegue abarcar o mundo espiritual e ocupa-se antes de mais com o mundo material, visível. As raízes do "fenómeno" Vanga são espirituais e, por isso, serão analisadas com métodos espirituais, com base no ensinamento de Cristo.» Na sua opinião, «em relação à atividade da adivinha Vanga, mostramos claramente a enorme diferença entre a alta espiritualidade dos santos e o êxtase oculto de pessoas possuídas por demónios.

Na santidade cristã há uma comunicação livre e cheia de graça entre Deus e o homem, ao passo que na possessão ocultista (entrada em transe) há escravização da alma humana, um amarrar invisível do homem pelos demónios, uma coação grosseira da vontade humana. Os demónios não podem apoderar-se completamente do corpo humano, apenas dominam parcialmente algumas das suas funções, e daí resulta o efeito de as pessoas possuídas falarem com "vozes alheias" ou até emitirem sons como animais (num dos livros sobre Vanga há uma descrição muito exata desse efeito: a "santa" ruge como um cão, quebra ossos e ameaça fazer mal aos que a rodeiam).

As consequências morais de possessões demoníacas deste tipo podem ser — acessos frequentes de ira, fúria, impaciência, grosseria, seguidos de grande cansaço psíquico, dores de cabeça, depressão, etc.»

Bem, quanto à fiabilidade e representatividade dos dados apresentados por Georgi Lozanov sobre as capacidades de Vanga, já falámos disso. E as versões de possessão dela por "forças das trevas" valem tanto como as ideias de uma "Vanga santa". Na minha opinião, a pobre velhinha cega, ingênua, dotada de rica imaginação e de certo talento artístico, foi usada por pessoas astutas e empreendedoras que, segundo os padrões do campo socialista, ganhavam com ela um bom dinheiro. E a própria Vanga depressa acreditou nos seus poderes sobrenaturais.

Uma história curiosa aconteceu em 1983, quando o conhecido realizador de cinema búlgaro Pavel Pavlov foi ter com Vanga. Partilhou com a vidente o plano de fazer um filme sobre Orfeu a descer ao inferno. Mas Vanga avisou o realizador de que nada lhe sairia disso, porque ele estava a tratar mal o lendário cantor. Na opinião de Vanga, «o dom de Orfeu não vem do céu, vem da terra. Encostava o ouvido à terra — e cantava. E os animais selvagens paravam e escutavam-no, mas não compreendiam. Orfeu é um homem terreno. Não tocava lira, tocava folhas de salgueiro e flauta de salgueiro, usava para tocar também a casca do olmo, do faia e do carvalho. Deitava-se na terra, e a própria terra soava para ele.

Orfeu cantava juntamente com a terra. Por onde quer que passasse, todas as árvores ajudavam o seu toque, e os passarinhos cantavam com ele. Sentia-se bem precisamente na terra e com as criaturas terrenas. Já aos sons divinos do céu era surdo…»

Após um breve silêncio, Vanga voltou a dirigir-se ao realizador: «… Bem, tu como o vês? Vais mostrá-lo esfarrapado? Para mim, Orfeu é assim: uma criança infeliz com roupa rota… Ei-lo que passa diante de mim: um rapaz por barbear, por cortar, com as unhas crescidas… Ele canta o tempo todo, a terra dá-lhe todas as vozes. Por isso está tão desgrenhado e desleixado.

Orfeu não vem do céu… Não sei por que razão o segue Samuil… Quando entro em transe, vejo tudo isso, mas nunca ninguém me tinha feito tais perguntas… Mas quando estou sentada assim e vejo tudo isso, penso: "Meu Deus, o que não houve no mundo!.."»

Com base neste episódio, os críticos ortodoxos de Vanga concluem que ela coloca acima o dom recebido da terra do que o dom descido do céu e, consequentemente, também o seu dom é de natureza subterrânea e está ligado aos anjos caídos que foram precipitados do céu.

Um dia, Vanga terá violado a proibição tácita que ela própria se impusera: não influenciar o curso da história e não falar de acontecimentos anteriores à humanidade contemporânea. Não só respondeu a uma pergunta sobre civilizações antigas, como ajudou a sobrinha Krasimira Stoyanova e os amigos desta a entrar em contacto com representantes das civilizações mais antigas, claramente de origem extraterrestre. E eles intervieram, impedindo mudanças globais.

Krasimira Stoyanova recordava: «As pessoas procuram Vanga com as perguntas, problemas e pedidos mais incríveis. É engraçado, mas vêm ter com ela até os adeptos do "Sportloto"… para consultar que números devem marcar para ganhar um prémio chorudo. Vêm caçadores de tesouros. Alguns trazem documentos e mapas antigos, pensando que basta Vanga pegar-lhes para logo se orientar e indicar-lhes o lugar exato onde estão escondidos os tesouros.

A essas pessoas Vanga expulsa com indignação, pois não reconhece "dinheiro fácil" e detesta os adoradores de lucros rápidos. Ora, um dia veio ter com a minha mãe, em Rupite, um homem: pedia que convencessem Vanga a recebê-lo. Mostrou à mãe uma folha amarrotada com dez linhas de sinais escritos, ou melhor, muito desajeitadamente copiados, semelhantes a hieróglifos. No topo da folha havia uns rabiscos, como se os tivesse feito uma criança. O homem disse que eram mapas antigos.

Eu ouvia a conversa deles de soslaio, com irritação crescente, porque tínhamos de partir urgentemente para Petrich.

E o hóspede explicava longamente à mãe que já tinha mostrado o mapa a cientistas em Sófia, mas ninguém conseguira decifrá-lo. Até lhe disseram que era claramente uma mistificação — simplesmente uns sinais absurdos alinhados, que não se pareciam com escrita, nem moderna nem antiga. O nosso hóspede indesejado decidiu que só Vanga conseguiria decifrar o mapa e indicar onde estava enterrado o enorme tesouro.

A minha mãe sabia que Vanga não gostava de receber esse tipo de pessoas e aconselhou o hóspede a desistir do encontro. Ele insistiu, e de repente a mãe teve pena dele: para meu grande espanto, ouvi-a explicar ao hóspede que a filha dela, ou seja eu, tinha estudado hieróglifos e talvez conseguisse decifrar os misteriosos caracteres. Como toda a mãe, claramente sobrestimava as minhas modestas capacidades.

O insistente caçador de tesouros aproximou-se de mim — eu estava sentada num banco junto à casinha de Vanga — e contou novamente toda a história com todos os pormenores.

Eu mal o escutava e apenas olhei de relance a folha amarrotada que me entregou. Onde já se viu! Como havia eu de decifrar o texto, se os meus conhecimentos de árabe e de escrita hieroglífica antigo-turca eram bastante escassos — não, aquela escrita indecifrável não era para mim. Embora os especialistas de Sófia talvez tivessem razão: muitos sinais pareciam

hieróglifos árabes, mas entre eles havia outros completamente incompreensíveis, que lembravam pequenas figuras geométricas.

Sim, logo percebi que não podia ajudar em nada e, ainda assim, decidi copiar o texto para voltar a mostrá-lo em Sófia a especialistas sérios que, quem sabe, conseguissem desvendar a misteriosa escrita.

O caçador de tesouros ficou muito contente e combinámos que ele voltaria algum tempo depois para saber o resultado.

Confesso que logo me esqueci dele e da nossa conversa, pois desde o início estava convencida de que se tratava de qualquer coisa sem sentido. Lembro-me de que fomos com a mãe a Petrich, fizemos as compras, resolvemos os nossos assuntos e, depois do almoço, voltámos novamente a Rupite. Foi então que Vanga me chamou ao quarto onde costumava descansar: disse que tinha ouvido do que falávamos com o caçador de tesouros. Ficou algum tempo em silêncio, pensativa, e de repente falou com segurança e em voz alta:

— Aqui não se trata de nenhuma parvoíce. É um documento importante, mas não é para qualquer um — este texto não é para os dentes de hoje, ninguém o conseguirá ler atualmente. Tanto o texto como o mapa foram copiados já muitas vezes: de geração em geração as pessoas tentam desvendar o segredo do texto. Mas ninguém consegue decifrá-lo. E neste documento não se fala de modo algum de tesouros escondidos, mas de uma escrita antiga, até agora desconhecida do mundo.

Hieróglifos iguais estão gravados no lado interior de um caixão de pedra, escondido profundamente na terra há muitos milhares de anos. E mesmo que as pessoas encontrem por acaso o sarcófago, não conseguirão ler os caracteres. Lá há tanta coisa interessante — está contada a história do mundo, como ele era há dois mil anos e como será daqui a mais dois mil anos.

Este sarcófago foi escondido na nossa terra por pessoas vindas do Egito. Foi assim: seguia um caravan de camelos, acompanhado por guerreiros e os seus comandantes superiores, além de numerosos escravos. Ao chegarem às nossas terras, pararam para um longo descanso e, numa certa noite, os escravos começaram a cavar um buraco profundo. No buraco foi colocado a carga misteriosa — o sarcófago — e o buraco foi rapidamente tapado com terra. Os que fizeram o trabalho foram mortos, todos até ao último. Este segredo foi regado com rios de sangue inocente; o

segredo aguarda a sua hora para ser revelado, decifrado pelas pessoas; a mensagem com milhares de anos é inestimável, pertence à humanidade.

Eu escutava Vanga e não acreditava nos meus próprios ouvidos. Seria possível tal milagre — a existência de uma escrita até agora desconhecida, endereçada às gerações futuras dois milénios à frente? Conhecendo Vanga, não posso deixar de acreditar nela, mas esta história pareceu-me mais do que inverosímil.

Quando me coube ir a Sófia, mostrei a minha cópia da escrita aos colegas, e todos confirmaram que o texto era ilegível, que os bocados não encaixavam. Deixei de pensar nele e, um dia, rasguei e deitei fora a folha.

Passado algum tempo, voltámos a falar, eu e Vanga, sobre o mapa e o "tesouro" escondido. Sentia-se que a Vanga achava interessante falar sobre o assunto. Tive a impressão de que ela própria se surpreendia com as palavras que pronunciava.

— Hoje nem os mais sábios dos sábios, os professores dos professores, decifrarão o mapa nem encontrarão o sarcófago. Ainda não chegou a hora.

— Mas talvez valha a pena procurar? — perguntei eu. — Se soubéssemos para onde ir, eu e os meus amigos estamos prontos a partir para o fim do mundo. Tu sabes onde procurar?

Vanga não respondeu. Depois vieram outras pessoas, ela falou com elas, mas reparei que virava muitas vezes o rosto na minha direção; parecia-me que escutava algo que nós não ouvíamos, que olhava para o invisível para nós.

Quando voltámos a ficar a sós, Vanga, concentrada, falou devagar e distintamente, como se lesse num livro.

— Vejo montanhas, o lugar fica nas montanhas, nas montanhas…

Eu tinha a sensação de que a própria Vanga estava agora em qualquer lugar nas montanhas e contava com detalhes surpreendentes o que via: erva miúda e dura, pedrinhas, veredas. E mais adiante — uma rocha afiada como dente de fera.

— Ireis até essa rocha — disse a tia. — Ireis a 5 de maio. Perguntei por que razão exatamente nesse dia?

— Por causa da posição dos corpos celestes — respondeu ela. — O mais importante pode ver-se à luz da lua e também ao nascer do sol.

Depois deu a entender que não queria falar mais sobre o assunto.

De resto, eu não compreendi muito bem o que queria dizer com a última frase. Aliás, nós, os seus familiares, estávamos habituados a não fazer perguntas a mais. Os amigos receberam com entusiasmo a minha ideia e, na manhã de 4 de maio, estávamos prontos para a "viagem". Ao meio-dia partimos.

O passeio pelos montes era mais deprimente do que agradável. Houve momentos em que, duvidando do sucesso da nossa empresa, eu propunha regressar à cidade, mas os amigos não aceitaram. Para nosso grande espanto, já na segunda metade do dia estávamos no lugar. Vanga descrevera-o com tanta exatidão e pormenor que era simplesmente impossível enganarmo-nos. Vimos também a rocha afiada como dente de fera que fechava o lado norte de uma pequena clareira, vimos debaixo dos pés as pedrinhas miúdas e a erva dura como se fosse feita de arame. A terra aquecida pelo sol parecia muito pacífica, no ar limpo das montanhas esvoaçavam borboletas, as folhas das grandes árvores frondosas brilhavam ao sol.

Mais para o fim da tarde, o céu escureceu de repente, caiu uma chuvada tão forte que, ao fim de uma hora, estávamos encharcados até aos ossos. Nem a tenda de lona nos salvou, a água entrou até dentro dos sacos com comida e roupa de reserva. A chuva caiu durante cerca de duas horas, depois parou tão subitamente como começara, mas o céu continuou nublado e sombrio. Escureceu. Acendemos uma grande fogueira para nos aquecermos e secarmos. E tão bem nos sentimos junto ao fogo que decidimos passar ali a noite toda.

Assim, os cinco sentámo-nos junto à fogueira, a escuridão engoliu tudo em redor, o silêncio extraordinário zumbia nos ouvidos, e parecia que no mundo, além de nós, já não havia mais ninguém; não me saía da cabeça a ideia de que tínhamos vindo ali em vão, que com aquele céu nublado não veríamos nem lua nem sol. Sentia gatos a arranhar a alma, não tinha vontade de pensar em nada, os olhos simplesmente colavam-se. Tanto eu como os meus companheiros dormitávamos junto à fogueira que se ia apagando.

Pela manhã o céu clareou, instalámo-nos ao pé da rocha e começámos a aguardar impacientemente os primeiros raios de sol.

Não sei por que razão nos colocámos exatamente ali; provavelmente porque tínhamos feito uma "descoberta" na véspera: na superfície da rocha,

à altura dos nossos rostos, havia três depressões do tamanho e forma de um pires. Formavam um triângulo equilátero cuja ponta indicava a terra.

Passou meia hora, mas nada de interessante aconteceu. O sol subia lentamente. E de repente um raio de sol iluminou o dente aguçado da rocha, desceu, chegou ao triângulo e deslocou-se lentamente da esquerda para a direita, exatamente pelas depressões da rocha. Observámos esse fenómeno durante cerca de vinte minutos, depois toda a rocha se iluminou de repente com uma luz solar intensa. Não sei se foi um jogo casual dos raios na rocha ou se fomos testemunhas de algum fenómeno interessante, mas o facto é que a 5 de maio um raio de sol desenhou na rocha um triângulo que alguém antes de nós tinha notado (e marcado!). Deram-nos um sinal.

Todo o dia discutimos o que acontecera, examinámos a rocha, os círculos que formavam o triângulo, e aguardávamos impacientemente a noite para ver o que nos mostraria a "irmãzinha" do sol — a lua. E à noite voltou a chover. Outra vez chuva. Outra vez ficámos encharcados até aos ossos e secámos junto à fogueira, olhando desanimados para o céu carrancudo e hostil. Ainda assim, sentimo-nos melhor do que na véspera. Acreditávamos em Vanga e esperávamos um milagre. Mais para a meia-noite ocupámos o nosso posto junto à rocha. E o que aconteceu? As nuvens começaram a dissipar-se gradualmente, meia hora depois apareceram estrelas no céu e pouco depois saiu a lua.

De repente um raio de lua — nem percebemos de onde veio — repetiu o jogo de luz do raio solar. Tocou o cume da rocha, depois, tocando várias vezes as depressões da rocha, durante quinze minutos descreveu da esquerda para a direita um triângulo com a ponta virada para a terra, e depois desapareceu. Ficámos imóveis a dois ou três metros da rocha escura, e ninguém ousava dizer uma palavra. Suponho que todos pensávamos o mesmo: seria casual esse jogo de luz na rocha ou nos dois casos existia alguma regularidade?

Mas o mais incrível estava ainda para vir.

Passados alguns minutos, o lado sul liso da rocha, junto ao qual estávamos, começou a brilhar com uma luz cinzento-clara, como um ecrã de televisão. E num instante no "ecrã" apareceram duas figuras. Eram enormes e ocupavam todo o espaço luminoso. A parte lisa da rocha tinha cerca de 5 metros de altura e 3–4 metros de largura. As figuras viam-se tão nítidas e destacavam-se de forma tão relevada que parecia que a qualquer momento se separariam da rocha e viriam ao nosso encontro. Foi

impressionante, ficámos literalmente petrificados com o que víamos e… não há que o negar, também com medo…

Lembro-me tão bem dessas figuras que não as esquecerei enquanto viver. À esquerda na rocha, em primeiro plano, víamos um homem idoso, ou melhor, um ancião, que estava de pé em toda a sua altura. Tinha cabelos compridos até aos ombros e uma túnica longa. A mão esquerda estava caída, e na direita, estendida para a frente, segurava um objeto — redondo, parecido com uma bola, mas não era uma bola, era antes algum aparelho desconhecido.

Em segundo plano, mais alto e à direita, havia outra figura. Não sei porquê, mas lembrou-me um faraó. Um homem jovem, sentado num trono com as pernas juntas, as mãos nos braços do assento. Na cabeça tinha um chapéu alto, com algo semelhante a antenas de ambos os lados.

O "ecrã" brilhou durante bastante tempo, por isso pudemos observar e memorizar bem as figuras. Depois a rocha "apagou-se", e tudo em redor mergulhou na escuridão. Em lado nenhum havia o mais pequeno indício de luz, por isso os efeitos luminosos simplesmente não podiam ter origem em lado algum.

Quando recuperámos e, iluminando com a lanterna, olhámos para o relógio, verificámos que tínhamos observado a estranha cena durante cerca de vinte minutos.

Em silêncio fomos para as tendas, como que por comando começámos a arrumar apressadamente a bagagem e, na escuridão total, iluminando o caminho com a lanterna, tropeçando em raízes e pedras, rapidamente e em silêncio seguimos para casa. Duas horas depois víamos as primeiras luzes da cidade.

Sentindo alívio pela proximidade das pessoas, de repente começámos a falar todos ao mesmo tempo. Verificou-se que todos os cinco tínhamos visto o mesmo… Será que foi um psicose coletiva? Mas nós nem sabíamos por que estávamos ali junto à rocha, e muito menos nos poderia passar pela cabeça o que iríamos ver. Lembrei-me da frase de Vanga: «Tendes de observar os primeiros raios do sol e da lua».

Como somos parentes, alguém poderia pensar que eu estava psicologicamente preparada para algum acontecimento, mesmo sem saber exatamente qual. Bem, e os outros? Éramos diferentes em idade, formação e convicções. E das "visões" de Vanga relacionadas com a colocação por extraterrestres de duas esculturas nem me lembrei nessa altura. E hoje

também não me lembraria se não tivesse encontrado as minhas anotações deixadas na biblioteca ainda em 1979. Portanto, de sugestão não pode tratar-se. Então o que foi aquilo? E por que razão Vanga nos mandou exatamente para aquele lugar?

No dia seguinte fui ter com Vanga e contei-lhe tudo pormenorizadamente. Ela achou tudo aquilo interessante, mas absteve-se de comentários.

O que vimos não nos deixa em paz até hoje. Fomos ainda várias vezes lá de manhã e à noite, mas nunca mais vimos nada. Decidimos não contar a ninguém esse caso extraordinário, quase fantástico. Lembro-me das palavras de Vanga: «Virá o tempo dos milagres, a ciência fará grandes descobertas na área do imaterial. Em 1990 seremos testemunhas de descobertas arqueológicas espantosas que mudarão radicalmente as nossas ideias sobre os mundos antigos. Todo o ouro escondido virá à superfície da terra, mas a água desaparecerá. Assim está predestinado».

Acredito profundamente no que Vanga disse sobre as futuras descobertas da ciência moderna. Espero também que um dia ela me dê, a mim e aos meus amigos, a chave para o estranho enigma que marcou a nossa vida com um toque do sobrenatural e que mudou tão categoricamente as nossas ideias sobre o mundo real. O que é real no mundo e o que é irreal? E onde fica a fronteira entre eles, se é que existe?

Não sei se conseguirei encontrar resposta para estas perguntas. Não sei se conseguirei compreender o que representa o fenómeno Vanga.

Mas, sem nos apressarmos a olhar para o futuro, voltemos ao presente e ouçamos o que mais nos poderia dizer sobre a nossa terra, sobre o nosso tempo, a minha sábia Vanga. Recorda a minha mãe:

— Foi em 1948. Vanga disse-me: «Guarda as minhas palavras, agora nos Balcãs está inquieto, mas chegará o dia em que todas as capitais balcânicas se darão as mãos — a mão de ajuda e de amizade. Os grandes dirigentes de Sófia e Bucareste, Atenas e Ancara reunir-se-ão, conversarão calma e dignamente para encontrar o caminho do entendimento mútuo.»

A previsão feita por Vanga há 40 anos parece-me interessante. Afinal, começa a cumprir-se. Quando me sentei a escrever este livro, em Belgrado começava a reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos países balcânicos. Discutia-se lá os caminhos para alcançar relações de boa vizinhança e uma paz duradoura.

Vanga repete:

— Lutar pela paz não é necessariamente com armas na mão. Se inspirares nas pessoas pensamentos bons — darás um passo sério para alcançar a paz. Muitos dirigentes de diversos países dirigiram os seus esforços precisamente nessa direção. Não há outra saída. É preciso tratar-se uns aos outros com bondade e amor para nos salvarmos. Salvarmo-nos todos. Juntos. Se não compreendermos esta verdade simples com a nossa razão, as incansáveis leis do cosmos forçar-nos-ão a compreendê-la. Mas então será tarde, e a iluminação custar-nos-á demasiado caro.

A minha anotação de 1987, registada das palavras de Vanga:

— As pessoas inventam novas leis — cosem roupa de novo modelo. Mas ainda passará muito tempo antes que criemos um tecido forte. Precisamos não de roupa artificial, mas natural, que exale calor. Sim, não passará apenas um ano até que apareça um homem alto, um estrangeiro, esse sim será um bom cortador e bom alfaiate…

E outra anotação, datada de janeiro de 1988:

— Somos testemunhas de acontecimentos decisivos. Dois dos maiores dirigentes do mundo deram-se as mãos para provar que se pode e deve dar o primeiro passo para alcançar a paz universal. Mas ainda passará muito tempo, muita água correrá, até que venha o Oitavo — ele assinará a paz definitiva no planeta.

Se excetuarmos agora as frases cujo sentido não nos é totalmente claro («virá o Oitavo» — quem é, de que país ou de que planeta?), só podemos admirar a capacidade de Vanga se exprimir numa linguagem poética tão bela.

Imaginemos por um instante quanto de surpreendente e em que forma requintada nos poderia ela contar se tivesse recebido a tempo uma educação e formação dignas da sua alma sensível e do seu belo coração. Mas tudo acontece como deve acontecer.

… Percorri um caminho difícil até chegar a estas páginas. Guiada por um amor puro e sincero, procurei espreitar juntamente convosco o mundo enigmático cujo nome é Vanga, mostrar a própria Vanga tal como ela é na realidade, falar do amplo leque dos seus interesses, do seu caráter moral digno de imitação, da sua alta moral humana, e também da sua difícil missão de nos indicar o caminho para o bem, o amor e a fraternidade.

Volto a citar as suas palavras: «Fui colocada aqui e meço rigorosamente um tempo determinado da minha permanência na terra. Estendo a mão aos desesperados e indico-lhes para onde devem ir».

«Não será esse o único caminho que nos conduz ao futuro luminoso? Não será esse o nosso destino terreno, estender a mão aos desesperados?» E ainda: «É preciso ser bom e amar-se uns aos outros para nos salvarmos! O futuro pertence às pessoas boas, elas viverão num mundo maravilhoso que agora nos é difícil sequer imaginar».

Quanta esperança e confiança nos transmite Vanga! Nestes dias inquietos é especialmente reconfortante ouvir que a vida na Terra não perecerá, porque «virá o tempo do trabalho inspirado, do amor e da fraternidade entre todas as pessoas do planeta». É à ela, à vida bela e única, que Vanga serve já há longos meio século. Podemos acreditar nela, porque ela nos convence diariamente da veracidade das suas previsões. Guiada pelo seu dom incrível, Vanga supera da forma mais categórica todo o nosso ceticismo, desconfiança e rejeição. Seríamos mais pobres sem Vanga, precisamos do seu dom, apesar da nossa incompreensão.

Afinal, é necessário que tenhamos com quem partilhar os segredos mais íntimos, que saibamos que nos escutam e compreendem, que acreditemos que nos amam de todo o coração apenas por existirmos neste mundo, e que alguém se compadece da nossa dor, para termos a certeza de que a eterna e sábia mãe natureza nos envia através da sacerdotisa cega Vanga a sua mensagem mais importante — a vida na terra não perecerá, ela é necessária ao futuro!»

Quanto ao misterioso tesouro, pode dizer-se que os enigmas na folha eram realmente rabiscos fantásticos, e de modo algum escrita de uma antiga civilização extraterrestre. E como o tesouro, naturalmente, nunca foi encontrado, também não há provas da vinda de extraterrestres. Já a psicose coletiva dos companheiros de Vanga é algo bastante provável. Todos estavam exaltados e ansiavam por um milagre, e nessas condições os milagres costumam acontecer. E as palavras sobre o ouro que com o tempo sairá da terra soam como consolo para os caçadores de tesouros mal-sucedidos. Aliás, isso, tal como outras profecias citadas por K. Stoyanova, soa de forma tão indeterminada que é aplicável a uma enorme quantidade de acontecimentos e, por isso, em princípio não verificável.

Da sua visita a Vanga recordava o correspondente especial da revista russa «Ogonëk», Dmitry Dimov: «… Ao longo de mais de quarenta anos, ela própria se transformou numa lenda semelhante a um pergaminho desbotado. E agora é quase impossível dizer com certeza o que na sua vida

foi real e o que foi imaginado ou inventado pelas pessoas que acreditavam em Vanga.

Acumularam-se inúmeras histórias sobre Vanga: das mais assustadoras às mais engraçadas. Contam, por exemplo, que um dia vieram ter com ela adeptos de futebol. Foi precisamente na véspera do jogo decisivo em Blagoevgrad. E do resultado da equipa local "Belasitsa" dependia a sua posição no grupo "A". Vanga mandou fazer um grande bolo em forma de campo de futebol, e os pasteleiros da cidade trabalharam nele a noite toda. Quando tudo ficou pronto, pegou numa faca e cortou-o ao meio. Não sei se foi isso que decidiu o resultado do jogo, mas o resultado foi realmente de empate — zero a zero. Noutra ocasião, a vidente previu a vitória sobre o "Levski Spartak".

O redator-chefe da revista literária «Plamya», Georgi Konstantinov, que por sinal é um parente afastado de Vanga, jurava-me que foi ele próprio testemunha de uma previsão dela. Aconteceu num casamento. No auge da festa, Vanga de repente começou a preparar-se para ir para casa. Georgi correu a procurar o motorista dela, que duas horas antes tinha visto na rua, convidara para a mesa, mas ele recusara, alegando que de qualquer modo não bebia.

Contudo, Vanga travou-o, explicando que era inútil procurar: o motorista, dizia ela, estava deitado, bêbado como um cacho. E deu o número da casa e o apartamento. Nesse momento organizaram uma expedição de salvamento. Chegaram ao endereço indicado. "E o que pensas tu? — exclamava Georgi. — Realmente, lá estava o amigo já quentinho. Acontece que, enquanto andava perto do restaurante, encontrou um velho camarada do exército com quem talvez não se visse há vinte anos. E lavaram bem a cabeça a esse reencontro. Com a falta de hábito, deixou-o completamente fora de combate."»

Mas se todas essas histórias parecem mais anedotas e, se quisermos, podemos encontrar-lhes alguma explicação — o motorista abstémio podia ter avisado a passageira cega da sua saída, e quanto ao jogo de futebol funcionou a intuição comum —, alguns dos prognósticos de Vanga simplesmente chocam. Segundo as suas palavras, previu a derrota da Alemanha na Grande Guerra Patriótica e os acontecimentos checoslovacos de 1968, avisou com antecedência a filha do primeiro-secretário do CC do PCB, Lyudmila Jivkova, de uma inevitável catástrofe automóvel. E assim aconteceu realmente. Um dos clássicos da literatura soviética contou-me

que em 1974 Vanga aconselhou-o a ter cuidado com o fogo. E pouco depois o fogo queimou completamente grande parte da sua preciosa biblioteca.»

Dmitry Dimov tem razão ao dizer que as lendas sobre Vanga já são impossíveis de distinguir da realidade, a verdade do mito. O que parece mais ou menos verosímil soa a anedota, como a história dos adeptos de futebol. Evidentemente, as previsões de Vanga feitas segundo o princípio da alternativa coincidiam muito frequentemente com a realidade e por isso eram recordadas. Já os erros, exceto por alguns céticos, ninguém se lembrava. Quanto à veracidade das suas previsões históricas e dos episódios da sua biografia relacionados com isso, como o encontro com Hitler, já tivemos oportunidade de verificar.

E eis o que recordou sobre Vanga em 1983 o publicista Andrei Smirnov: «Junto à casa de Vanga estavam cerca de dez carros. Pouco depois apareceu um homem idoso que tomou o seu lugar na guarita junto ao portão da casa. Rapidamente formou a fila dos recém-chegados. Eram cerca de vinte (mais de duas dezenas por dia Vanga já não recebia — pesavam-lhe os anos, embora antes pudesse receber até uma centena de pessoas).

Todos pagaram 10 levs (na altura — 10 rublos) e receberam um recibo. Eu, como estrangeiro, paguei o dobro. O meu lugar na fila acabou por ser o sétimo… Esperámos. Cerca de uma hora depois saiu de casa uma velhinha — pequena, bastante cheia, vestida com asseio. Parecia um pouco mais nova do que os seus então 72 anos. Acompanhada por uma mulher qualquer, passou para o anexo e começou o atendimento.

Na fila comigo estavam maioritariamente mulheres, quase sempre com lágrimas nos olhos (quem vai a Vanga sem motivo sério?). Aliás, avisaram-me que os simples curiosos, assim como os que não acreditam nas suas capacidades extraordinárias, Vanga descobre-os imediatamente e expulsa-os sem cerimónias.

Finalmente chegou a minha vez. Entrei, cumprimentei e sentei-me à pequena mesa redonda em frente da dona da casa. Ela era a própria calma, com o olhar cego, cabelos grisalhos cobertos por um lenço, voz alta e algo rouca. Junto à mão tinha um telefone.

Na véspera tinham-me avisado que para a visita devia preparar um pedaço de açúcar que tivesse passado a noite debaixo da minha almofada. Era precisamente o açúcar que, de alguma forma, permitia a Vanga

estabelecer contacto invisível com o visitante. Eu tinha o açúcar comigo. Segurando-o na mão, Vanga começou a falar…

Para dar ao leitor uma ideia da maneira de Vanga comunicar, transcrevo quase literalmente a nossa primeira conversa.

— Estás saudável como um carvalho… como um lobo… — começou a vidente. — Então por que vieste?

Expliquei que gostaria de fazer algumas perguntas sobre os meus familiares.

— Tens de cuidar da tua mãe — disse Vanga —, do teu pai não pensas…

— Sim, ele morreu — confirmei.

— Sei que morreu. Agora vejo-o ao teu lado, está a pensar em ti — e Vanga apontou com a mão o lugar onde, na opinião dela, estava nesse momento a alma do meu pai (o conhecido poeta búlgaro Lyubomir Levchev contou-me que um dia perguntou a Vanga como era que ela distinguia com tanta exatidão os nomes das pessoas vivas dos nomes dos mortos; resposta dela: «Vejo os mortos a pairar acima da terra»).

Tendo nomeado com bastante exatidão a profissão do meu falecido pai, continuou:

— Porque vais ter com ele sem velas nem flores?

Fiquei calado, encolhendo os ombros, sem perceber o que ela queria dizer. Só alguns dias depois me lembrei de que, quando estive de férias em Moscovo, ao apressar-me para o cemitério, realmente não tive tempo de comprar flores, e velas nunca levara à campa.

— A tua mãe chama-se Maria?

— Não, Larisa.

— Estranho… — murmurou Vanga. Ao regressar mais tarde a Sófia, telefonei a Moscovo e contei à minha mãe a viagem a Petrich, mencionando também a confusão com o nome dela. Acontece que a minha mãe foi inicialmente registada como Maria, e só dois meses depois lhe mudaram o nome. E Vanga continuou a falar da mãe:

— Ela tem de se operar até ao fim do ano, tudo correrá bem…

E assim foi: a operação correu bem, e nos prazos indicados por Vanga.

Acertou também bastante bem no diagnóstico do meu avô, disse quanto tempo lhe restava de vida e em que circunstâncias morreria. Depois, perguntando pelo filho, disse:

— Vejo que terás ainda um filho. Se for filha, deves chamar-lhe Anya ou Elenushka. Mas aqui (apontou com o dedo para a mesa) está escrito "Anya".

Onze anos depois, depois de me ter divorciado e criado uma nova família, nasceu-me realmente uma filha. Chamámos-lhe, como queria Vanga, Anya. Mas o mais espantoso é outra coisa: quando fui ao registo civil levantar a certidão de nascimento, na mesa, como que especialmente para mim, estavam os Santos do dia.»

Deve dizer-se que, segundo testemunhos gerais, ela cumpria escrupulosamente todas as festas e jejuns da Igreja. Tornou-se famosa também como curandeira habilidosa, usando amplamente receitas da medicina popular. Assim, um dos seus visitantes sofreu durante longos anos de hemorroidas, e a medicina oficial não conseguia ajudá-lo. Já Vanga mandou-o procurar folhas de visco branco que cresce em pinheiros (é uma planta parasita cujas sementes se colam à casca de várias árvores e só ali podem crescer, morrendo se caem na terra). Era preciso lascar pedacinhos dos seus ramos, depois deixar em infusão numa chávena com água e beber a infusão de manhã.

As hemorroidas desapareceram como por encanto. Bem, talvez tenhamos aqui uma história real. Algumas ervas e plantas realmente ajudam nas hemorroidas. Só que é difícil acreditar na impotência da medicina oficial. Não é assim tão terrível e incurável — as hemorroidas.

A irmã mais nova de Vanga, Lyubka, recorda: «Quando éramos pequenas e tínhamos malária, Vanga curava-nos assim: punha ao sol um recipiente de esmalte limpo com um ovo de galinha fresco e 200 gramas de vinagre de vinho puro. Na manhã seguinte a casca do ovo dissolvia-se. Então Vanga batia bem a mistura e dava-nos a beber em jejum.» E o remédio, claro, funcionava. Talvez porque acreditavam na sua eficácia milagrosa. Ou talvez porque o médico receitara quinino.

Vanga propunha também remédios para intoxicações. Assim, a alguém envenenado por peixe aconselhava dissolver num copo de água uma colher de sopa de mástika (vodca de anis) e beber imediatamente.

Krasimira Stoyanova testemunha a eficácia desta receita: «Uma vez eu própria me intoxiquei com carpa recheada e senti-me muito mal. Passei a noite a vomitar, e na manhã seguinte desmaiei mesmo na escada. Vanga gritou-me que bebesse imediatamente anis, senão morria. Cinco minutos depois já me sentia melhor, e gradualmente tudo passou.»

Vanga sublinhava especialmente a importância do centeio na alimentação humana, destacando a sua utilidade em comparação com o trigo, e ensinava os responsáveis agrícolas: «…É preciso semear muito centeio, as pessoas devem comer pão de centeio para preservar a saúde e sobreviver. Nos nossos tempos o centeio tem grande significado.»

Pois bem, estamos perante a representação popular tradicional da excepcional utilidade do centeio. Mas nem a influência nem a autoridade de Vanga foram suficientes para que na Bulgária o centeio substituísse o trigo como cultura cerealífera principal.

Além disso, Vanga recomendava beber com mais frequência chá de ervas e reduzir a quantidade de gorduras na alimentação. Na sua opinião, quem se sente saudável deve ir reduzindo gradualmente a proporção de pratos de carne na dieta e, no fim, renunciar completamente à carne. Pelo menos uma vez por semana, segundo Vanga, a pessoa deve comer centeio cozido e beber água pura.

Ela própria não fumava e combatia ativamente esse hábito, coincidindo totalmente com a medicina oficial. Vanga afirmava que o tabaco é um assassino que age com certeza e mata a sangue-frio. Ao mesmo tempo, reconhecia o álcool em doses moderadas como benéfico para a saúde. Assim, antes das refeições recomendava beber no máximo 20–30 gramas de rakia para abrir o apetite, melhorar a digestão e também para desinfeção.

Ainda aconselhava mover-se mais e trabalhar. Conselho sensato, pois a vida sedentária não traz nada de bom. Era desejável deitar-se cedo — às 22 horas — e recomendava também levantar-se cedo — às 5–6 horas da manhã. Enfim, é o horário tradicional da vida camponesa, especialmente na época de maior trabalho. E de acordo com as conceções camponesas tradicionais, Vanga assegurava que era precisamente nessas horas que o corpo e o cérebro descansavam melhor, os nervos se acalmavam e a tensão muscular diminuía.

Elevou a limpeza a culto e, enquanto as forças lho permitiram, arrumava a casa com muito cuidado. Aconselhava não se lavar com água muito quente e usar sabão caseiro.

Recomendava ainda ingerir em pequenas quantidades argila, pois a argila alegadamente fornece ao organismo substâncias minerais. Referia dados de cientistas segundo os quais, na análise das fezes de pessoas que ingeriam argila, se verificava a ausência desses minerais na argila. Isso

indicaria supostamente que as substâncias tinham sido absorvidas pelo organismo. E esses minerais são vitais, pois o organismo utiliza-os na formação de novos tecidos, ossos, dentes, sangue, sendo por isso necessários às crianças em fase de crescimento, razão pela qual não se lhes deve negar a possibilidade de beber água com argila.

Na opinião de Vanga, todos os anémicos, os que sofrem de doenças linfáticas, os que têm carência de minerais, as amas de leite e as nodriças devem beber constantemente essa água. A gota, a aterosclerose, a diabetes, doenças da pele, do sangue, do fígado, da vesícula biliar, dos rins e muitas outras Vanga recomendava tratar ingerindo argila.

Deve dizer-se que o tratamento com argila praticado por Vanga é puro charlatanismo. Em pequenas quantidades, a ingestão de argila é absolutamente inútil, mas pelo menos inofensiva. Já se for tomada com frequência, mesmo em doses pequenas, há risco de intoxicação do organismo por minerais. E o efeito do tratamento com argila é pura e simplesmente o efeito placebo.

As principais apreensões de Vanga estavam ligadas à crise ecológica mundial: «Não se deixem levar por adubos químicos, a natureza já sufoca com eles. Chegará o dia em que da face da terra desaparecerão diversas plantas silvestres e cultivadas, animais. Os primeiros a desaparecer para sempre da mesa serão a cebola, o alho, o pimento. Os apiários ficarão sem abelhas. O leite tornar-se-á amargo. Em breve surgirão doenças desconhecidas das pessoas. As pessoas cairão nas ruas, adoecerão sem causa aparente. Até os que nunca adoeceram adoecerão gravemente. Mas a catástrofe geral pode ser evitada, tudo está nas vossas mãos.

A avareza deve desaparecer o mais rapidamente possível, é uma qualidade terrível que pode destruir o futuro luminoso. O futuro pertence às pessoas boas, que viverão num mundo tão belo que agora nos é difícil sequer imaginar.»

Estes apelos situam-se perfeitamente na linha dos movimentos ecológicos modernos, que apelam ao regresso à natureza e à renúncia às tentações da "sociedade de consumo".

Aos visitantes da Rússia, Vanga dizia repetidamente: «Não existe força capaz de quebrar a Rússia. Ela desenvolver-se-á, crescerá e fortalecer-se-á.» Aqui é preciso notar que a opinião de que as previsões de Vanga eram demasiado sombrias parece fortemente exagerada. Se ela falasse apenas do sombrio, dificilmente acorreria a ela um fluxo

inesgotável de visitantes — quem quer ouvir coisas más! Pode ter-se a certeza de que, na esmagadora maioria dos casos, Vanga procurava dizer às pessoas aquilo que elas próprias queriam ouvir dela. Aos russos falava da grandeza e da prosperidade futura da Rússia. Aos americanos, provavelmente, dizia algo otimista sobre a América.

Krasimira Stoyanova regista o seguinte diálogo:

«— Se vês uma desgraça próxima ou a morte de uma pessoa, podes fazer algo para evitar a desgraça?

— Não — respondeu ela —, nem eu nem ninguém pode fazer nada.

— E se forem problemas ou até uma catástrofe que ameacem uma cidade inteira, um estado, pode preparar-se algo com antecedência?

— É inútil.

— A sorte de uma pessoa depende da sua força moral interior, das suas capacidades físicas? Pode influenciar-se o destino?

— Não. Cada um seguirá o seu caminho, e apenas o seu.

— Mas então para que servem as previsões, se nada se pode mudar?

— Aliviam a transição das pessoas para uma existência mais consciente…»

E eis o que conta sobre Vanga a sua, digamos, colega — o vidente profissional Vassili Mikhailovich Varlamov, que foi assistente de Vanga e viveu na Bulgária de 1990 a 1995: «Foi em 1990. A Associação de Curandeiros Populares enviou-me para estudar tratamento com ervas junto de curandeiros búlgaros. No fim do curso decidi abrir caminho até Vanga e oferecer-lhe um presente — um ícone e uma taça. Cheguei à casa, e havia uma fila enorme… Nem sequer ver Vanga a deitar num balde os pedaços de açúcar que os visitantes lhe traziam (segundo a vidente, o açúcar cristalizava a energia da pessoa e, pegando nele, ela penetrava no mundo interior do "paciente") era realista. Mas de repente apareceu um homem que gritava: "Há aqui algum russo vidente?" Eu, por precaução, disse: "Há!" Levaram-me até Vanga. Ela pergunta em russo: "Como venerais o pacificador?"…

Logo percebi que se referia a Andrei Sakharov, que estava exilado em Gorki (hoje Nizhni Novgorod). Vanga apreciou que eu tivesse percebido. Falámos sobre Sakharov. E então ela propôs: "Queres ficar comigo?" Fiquei sem chão! Nem sonhar podia com tamanha sorte…

Na casa de Vanga não morei. Aluguei um apartamento na localidade de Rupite. Vanga enviava-me pacientes cujos problemas podiam ser

resolvidos por um vidente menos poderoso. Além de mim, ajudavam-na mais dois videntes, um deles de Riga. Todos os dias telefonava a Vanga e, se ela tivesse tempo livre, ia visitá-la.

Segundo ele, o horário diário de Vanga mantinha-se inalterável. Levantava-se às nove da manhã. Lavava-se com água de poço, tomava o pequeno-almoço com vegetais ou papas de aveia, bebia sumo de bétula. Depois recebia pacientes. Depois das seis da tarde jantava — peixe cozido, ovos cozidos e vegetais. Em seguida conversava com familiares e amigos ou manuseava os souvenirs que lhe traziam de todo o mundo. Vanga gostava especialmente de brinquedos. Toda a casa estava cheia de bonecas. Vanga acariciava-as e chorava baixinho. Muitas vezes ia banhar-se na cascata, pois para recuperar as forças precisava de "água viva", não da torneira.»

Varlamov descreveu assim o comportamento de Vanga durante uma sessão: «Quando Vanga entrava em êxtase profético, até o ar em redor se enchia de descargas elétricas — continua Vassili Mikhailovich. — Fui testemunha de uma das suas últimas previsões. Referia-se à própria Vanga. Já depois da morte dela começaram a dizer que ela teria previsto que na Bulgária nasceria uma menina com a sua alma. Mas não foi bem assim. Perante mim, Vanga disse que se tinha comunicado com a alma da sua mãe falecida. E essa alma habita na catedral de Notre-Dame em Paris. A mãe disse-lhe que Vanga renasceria uma segunda vez em França. E que essa menina também teria uma deficiência física. A data aproximada do nascimento — 2005.»

Segundo Varlamov, Vanga não o ensinou a vidência: «Como se pode ensinar coisas para as quais ela tinha capacidade? Perante mim contou a uma mulher onde morrera o sobrinho dela e onde estava o corpo — errou apenas numa letra de um riacho desconhecido noutro país!»

Segundo Varlamov, dois anos antes da morte Vanga declarou que ele já tinha cumprido a sua missão: «Disse que na minha terra precisavam de mim, e que para ela "o fluxo em breve secaria". Na altura não ousei perguntar o que queria dizer, mas agora percebo que Vanga pressentia a própria morte.»

Note-se que não há outras provas de que Varlamov tenha sido assistente de Vanga durante cinco anos além do seu próprio relato. Mas pode ter-se a certeza de que pelo menos visitou várias vezes a vidente e a observou na vida quotidiana. Já a previsão sobre a menina em França a

quem teria passado o dom profético de Vanga não é ainda possível verificar. E Varlamov não traz nada de novo sobre Vanga em comparação com outros testemunhos, apesar de ele próprio alegadamente possuir capacidades extrassensoriais.

Mas demos finalmente a palavra aos céticos. Yuri Gorni, artista russo que se apresenta no palco com experiências psicológicas e membro da Comissão de Combate à Pseudociência e Falsificação de Investigações Científicas junto do Presidium da Academia Russa de Ciências, afirmava: «Chegar à vidente era realmente difícil: os encontros com ela eram regulados pelas autoridades. Em regra, mesmo quem obtinha autorização para um encontro tinha de esperar pelo menos uma semana pela audiência. Porquê? Suponho que durante essa semana procuravam fornecer-lhe o máximo de informação sobre o cliente. Esse procedimento era estabelecido para todos, independentemente do estatuto.

Apesar disso, Vanga recebeu muitos dos nossos compatriotas — cientistas conhecidos, jornalistas e políticos. Falavam da vidente em termos extremamente elogiosos. A exceção foi talvez apenas o conhecido jornalista e diplomata Aleksandr Bovin, que contou que Vanga, infelizmente, não acertou rigorosamente nada nem no seu passado, nem no presente, nem, como se viu pouco depois, no futuro próximo. Até à previsão de que em 1973 a URSS introduziria tropas no Chile, o que na altura, francamente, parecia um disparate absoluto. Aliás, a Todor Jivkov Vanga previu uma longa e feliz vida no poder, embora admita que prever o contrário ela, por razões compreensíveis, não pudesse…

Um jornalista meu conhecido, cujo nome não direi por razões que ficarão claras mais abaixo, também obteve autorização para encontrar-se com Vanga.

Combinámos previamente algumas perguntas de controlo que ele devia fazer à vidente. Tal como todos os outros visitantes, ao chegar à Bulgária soube que só seria recebido por Vanga uma semana depois.

Nesse período de ócio forçado telefonou-me. Perguntei-lhe o que pretendia fazer nesse tempo. “Visitar pontos de interesse”, respondeu. Além disso, os anfitriões hospitaleiros que o ajudaram a marcar o encontro convidaram-no para uma sauna finlandesa.

O teste que, inesperadamente para ele (e, confesso, também para mim), lhe propus provocou riso e alguma indignação no meu conhecido. Realmente, parecia um pouco estranho. Propus-lhe que, antes de ir à sauna,

colasse com adesivo parte do escroto. Quanto a eventuais perguntas, recomendei que não respondesse. Simplesmente desse a entender que não queria falar sobre o assunto.

Uma semana depois realizou-se o tão esperado encontro com a vidente. É preciso dizer que Vanga descreveu com bastante exatidão o que acontecera com o meu conhecido no passado, o que, aliás, não era muito surpreendente: trata-se de uma pessoa conhecida, em uma semana qualquer astrólogo mediano conseguiria saber da sua vida. Mas quanto à previsão do futuro houve um contratempo desagradável.

"Na trabalho tudo correrá bem — disse mais ou menos Vanga (é preciso alegrar o visitante com alguma coisa para adoçar a pílula amarga seguinte. — B.S.), — mas as relações pessoais não se comporão de forma totalmente feliz. Infelizmente, problemas graves nos órgãos reprodutores não lhe permitirão criar uma família completa."

O meu conhecido contou depois o esforço que lhe custou conter o riso…»

Num outro artigo, Yuri Gorni revelou o nome desse conhecido — o jornalista do «Pravda» Vladimir Ivanovich Sudakov, que, aliás, mais tarde propagandearia a atividade do aventureiro e vigarista declarado Grigori Grabovoi. O caso que aconteceu a Sudakov com Vanga prova de forma inequívoca que Vladimir Ivanovich percebia perfeitamente que Grabovoi era um vulgar vigarista e o propagandeara exclusivamente por interesses lucrativos. E provavelmente também mal continha o riso quando os ingénuos pagavam somas consideráveis a Grabovoi pela promessa de ressuscitar os seus entes queridos dentre os mortos. E entre esses infelizes enganados por um vigarista profissional estavam as mães de Beslan, cujos filhos morreram no conhecido atentado terrorista à escola na Ossétia do Norte…

Na opinião de Gorni, Vanga era "controlada pelos ideólogos locais e pelos serviços secretos da Bulgária e seus colegas. Por isso escolhiam para "tratamento" pessoas conhecidas, de grande envergadura: dos escritores L. Leonov e S. Mikhalkov, do ator popular V. Tikhonov, do académico N. Bekhtereva, do presidente Todor Jivkov, do presidente Kirsan Ilyumjinov, do jornalista do jornal "Pravda" Vl. Sudakov, e também centenas de outras pessoas conhecidas e milhares pouco conhecidas. Todos eles, em regra, ficavam impressionados com a perspicácia de Vanga, especialmente o presidente búlgaro, a quem ela contou um episódio de há meio século da

sua vida, quando ele sobreviveu e os amigos morreram. Mas esse episódio não era recordado apenas por Todor Jivkov, mas também pelos serviços secretos que lhe estavam anteriormente confiados."

Vladimir Sudakov descreve assim o seu encontro e o de Grabovoi com Vanga: «A grande vidente baba Vanga, em casa de quem eu e Grigori Petrovich Grabovoi fomos hóspedes pouco antes da sua morte, preparou-se especialmente para esse encontro.

Baba Vanga, que convidara Grigori Petrovich para uma conversa na sua propriedade na aldeia de Rupite, certamente suspeitava de que talento se apresentaria aos seus olhos cegos. Não foi uma "competição". Para que não interpretassem assim o encontro de dois "grandíssimos iniciados", Vanga expulsou da casa todos os jornalistas exceto a redatora da Televisão Nacional Búlgara Valentina Genkova, que fez a tradução do diálogo. Por feliz coincidência, na mesa ficou o meu gravador.

"Em vidas passadas carregaste pesos, depois reencarnaste como Mestre", foi essa a definição que baba Vanga deu do destino reencarnacional de Grabovoi.

Em Sófia interpretaram de formas diferentes essa visão do passado. Uns afirmavam que o "carregador" se torna mestre se carrega o dom espiritual de Deus, outros imaginavam que a presença de "mestria" na linhagem talvez explicasse a capacidade de Grabovoi ver clarividentemente o interior da técnica, ver aviões por dentro. A mim parece-me mais convincente a seguinte analogia. Cristo carregou a sua cruz até ao Gólgota, portanto também ele pode ser chamado carregador, evidentemente em sentido figurado, pois o pesado fardo simbolizava os pecados e males humanos, pelos quais o Filho de Deus aceitou a morte; e depois, após a Ascensão e a manifestação da Trindade, por toda a terra correu a fama dele como mestre, o que neste caso se pode entender também como a mais alta avaliação do mestria com que Jesus orientava e orienta as pessoas no caminho da retidão, do amor e da simplicidade.

E ainda. Se seguirmos a história das sociedades secretas, dos zoroastrianos aos primeiros cristãos, o sentido da palavra "Mestre" resume-se praticamente em todos ao seguinte: "Aquele que traz a luz" (dao — "luz" e "sabedoria", daer — "brilhar", deus — "divindade"). Os primeiros hierarcas cristãos — aqueles que traziam a luz do amor, da criação e da vida eterna às pessoas, "iluminavam-nas".

Quanto a Cristo, sendo filho de carpinteiro, já só por isso pode ser considerado Mestre.

Compreendo que as paralelas históricas devem ser tomadas objetivamente, pois as conclusões especulativas são subjetivas. E eis que baba Vanga ergueu a voz a Grigori Grabovoi, ao saber dos numerosos testemunhos de cura de doentes com cancro em quarto grau: "Tu és Jesus!"… E ainda assim a lógica puramente terrena sugere a admissão: não importa quem foi a pessoa em encarnações anteriores, o essencial é que, se conseguiu elevar o seu karma, foi exclusivamente graças à própria honestidade, pureza interior, aspiração a objetivos benéficos.

Apresento o testemunho protocolar da conversa dos dois videntes, escrito de próprio punho pela redatora da Televisão Nacional Búlgara Valentina Genkova, que foi a única testemunha presencial e tradutora da conversa de Grabovoi com Vanga depois de esta ter pedido a todos os jornalistas que saíssem da sala.

"Declaro que Grabovoi Grigori Petrovich realizou realmente uma conversa com Vanga — a profetisa da Bulgária — a 27 de outubro de 1995 das 11h30 às 12h20. Foram examinadas questões relativas ao perigo nuclear-ecológico no planeta, ao prolongamento da vida humana, à possibilidade de não morrer, bem como à unificação das religiões.

Por Grabovoi foram colocadas questões sobre as quais Vanga expôs a sua opinião, nomeadamente que Grigori Petrovich, possuindo qualidades fenomenais, deve obrigatoriamente continuar a tratar pessoas e alargar os domínios de aplicação das suas capacidades. Deve trabalhar na Rússia, de onde partirá a difusão dos resultados para todos os países do mundo. Dentro de 20 anos alcançará aquilo com que sonha. No início da conversa Vanga estava confusa com os pensamentos ousados de Grabovoi, mas gradualmente ganhou confiança…"»

O "desconcerto" de Vanga, dotada do dom da vidência, é compreensível: ela "viu" que Grigori Grabovoi alcançaria no futuro a salvação de tudo e de todos. Durante inteiros 50 minutos baba Vanga dedicou ao hóspede russo. Parece que foi o primeiro visitante que ousou não só falar com a grande vidente em pé de igualdade, mas até discutir com ela.

Assim, um jovem de Sófia começou a implorar a Vanga e a Grabovoi que curassem a sua filha de dois anos com cancro no cérebro. "À tua criança restam 20 dias de vida!" — disse a profetisa. Ao que Grabovoi

replicou: “De qualquer modo é preciso salvar, mesmo que reste uma mínima hipótese. Não se pode permitir que uma pessoa simplesmente saia da vida.” Esta conversa ocorreu, repito, a 27 de outubro. A menina, condenada à morte, está viva até hoje. Grigori Petrovich realizou uma sessão à distância para a criança, corrigiu a fórmula do seu sangue.

Com profundo respeito pela grande baba Vanga, de modo algum gostaria que o leitor me entendesse mal. Não houve nenhum “debate” sobre se a criança sobreviveria ou não; discutir sobre vida e morte é de todo inadequado e pecaminoso. A discussão entre Vanga e Grabovoi teve carácter de princípio. Grigori Petrovich mostrava que qualquer informação negativa pode ser mudada para melhor. Acontece que Grabovoi, na vidência, não conhece limites. Foi uma sensação a resposta de Grabovoi, durante a conferência de imprensa búlgara, sobre o futuro da central nuclear de Kozloduy, à qual auguram uma catástrofe: “Uma explosão do reator nuclear não ameaça nos próximos dois anos.

O único que é necessário até ao fim desses dois anos é realizar manutenção preventiva no sistema de refrigeração.” Tudo o que Grabovoi previu cumpriu-se. Dois anos depois, no jornal oficial “Rossiyskaya Gazeta” n.º 18 (1878) de 30 de janeiro de 1998, na rubrica “Sensation silenciosa”, foi publicada a notícia “As catástrofes de amanhã são canceladas”. Nela é apresentado o facto, certificado ao mais alto nível estatal, de deteção por Grigori Grabovoi de um defeito na central nuclear de Kozloduy na Bulgária que poderia levar a uma avaria equivalente a muitos Chernobyls. A catástrofe que Grabovoi conseguiu evitar era perigosa para o mundo inteiro: cálculos científicos mostraram que, com tal explosão nuclear, a proximidade sob a central de camadas subterrâneas com elevada condutividade elétrica levaria ao surgimento de um escoamento de vácuo que sugaria a atmosfera da Terra.

Esse escoamento, devido à alta velocidade do fluxo de partículas, até ao ano 2000 teria dispersado o planeta numa nuvem de pó, e parar tal processo de destruição com meios técnicos modernos seria impossível. Por evitar catástrofes globais realmente possíveis Grigori Grabovoi foi repetidamente premiado por governos e organizações públicas de muitos países.

Já ao deixar a hospitaleira casa na aldeia de Rupite, ele visitou o templo ortodoxo construído com o dinheiro de baba Vanga. E colocou junto aos ícones exatamente dez velas.

Dez meses depois Vanga já não existia. Foi uma coincidência casual? Mas afinal nada no mundo acontece por acaso, a "casualidade" é apenas uma necessidade não conhecida.

Nas revelações de Grigori Grabovoi: "Após a palavra — a eternidade do ser".

Isto pode significar que a ação da vida é no desenvolvimento eterno.»

Note-se que o facto de Vanga não ter desmascarado um vigarista consumado que tirava dinheiro às pessoas pela suposta ressurreição dos seus familiares é, por si só, uma prova séria de que Vanga não possuía nenhum dom profético. Recordo que a 7 de julho de 2008 o Tribunal de Taganski em Moscovo considerou Grigori Grabovoi culpado de fraude em larga escala e condenou-o a 11 anos de prisão numa colónia de regime geral. Mais tarde, uma instância superior reduziu a pena para 8 anos, e já a 21 de maio de 2010 ele foi libertado condicionalmente, tendo cumprido pouco mais de quatro anos. Aliás, em 2005 Grabovoi previu erradamente que não seria preso.

Em essência, Vanga não estava muito longe de Grabovoi, embora não se possa chamar-lhe vigarista profissional. Pelo menos não extorquia dinheiro pelos seus serviços, vivia de um salário modesto, cobrava dos visitantes uma taxa fixa e bastante moderada, e a muitos visitantes ajudava realmente, curando-os de males neuróticos. Mas o que aproximava Grabovoi e Vanga era que ambos, deve dizer-se, representavam com bastante talento o papel de videntes, não possuindo na realidade capacidades extraordinárias.

E se Grabovoi inventava ele próprio os guiões das suas previsões, tendo formação superior (em 1986 formou-se na faculdade de matemática aplicada e mecânica da Universidade Estatal de Tashkent na especialidade "mecânica"), a Vanga era ajudada nisso por numerosos assistentes. Além disso, ao contrário de Vanga, Grabovoi possuía fortes capacidades hipnóticas.

Krasimira Stoyanova conservou as seguintes anotações das suas perguntas a Vanga e das respostas dela:

«À minha pergunta se vê rostos concretos — imagens, representação externa, quadro, ambiente —, respondeu: sim.

— Em que período de tempo: passado, presente, futuro? Vanga respondeu que em todos os períodos. Para ela isso não tem importância.

— E a visão é esquemática, apenas como informação sobre a personalidade ou algo concreto? Resposta: tanto como informação como algo concreto.

— Existe um "código" próprio da pessoa que ajuda a reconhecer o fio da sua vida? — Não houve resposta.

— Durante as sessões, como surge a representação do futuro de uma pessoa concreta: vê apenas os acontecimentos significativos ou passa diante dela toda a sua vida como num filme? — Vê a vida dele como num filme.

— Lê pensamentos? — Sim.

— A que distância? — Não tem importância.

— Lê pensamentos de estrangeiros e em que língua chega a informação? — Sim. Geralmente ouve uma voz. Não há barreiras linguísticas para ela.

— Pode obter informação para um período indicado ou em resposta a uma pergunta colocada? — Sim.

— Durante emissões de rádio pode o que ouve adquirir "imagem visual"? — Não. Raramente ouve rádio.

— A força da sua vidência depende da gravidade dos problemas colocados ou da força da personalidade com quem fala? — De ambos.

— E ela própria depende do estado psíquico da personalidade ou do estado de saúde dela nesse momento? — Não.

— Se for predita a uma pessoa determinada alguma desgraça ou mesmo a morte, pode ela evitá-la? — Não, não pode — nem essa pessoa nem Vanga.

— E se se tratar de um grupo de pessoas, de uma povoação, de uma cidade, de um país? — Não.

— O caminho de vida de cada pessoa depende da "força da personalidade do indivíduo" e pode ser alterado? — Não, cada um segue um caminho estritamente predeterminado.

— Como determina o problema principal, vital, do visitante? — Aparece uma "imagem" e ela ouve uma "voz".

Sente que o seu dom de vidência está programado por forças superiores? — Sim.

— Por quais? — Não respondeu.

— Como as percebe? — Mais frequentemente como "voz".

— Vê-as? — Sim. Figuras transparentes — como a pessoa vê o seu reflexo na água.

— Pontos luminosos no ar também são reflexo delas? — Sim.

— Podem materializar-se? — Não.

— Por desejo de quem — delas ou de Vanga — se pode entrar em contacto com elas? — Geralmente por desejo delas.

— Pode esclarecer-se diversas questões sobre elas através do recurso dela a elas? — Não. Difícil. Respostas muito vagas.

— A ligação é unilateral, ou seja, por desejo delas? — Na maioria das vezes — sim.

— A pessoa consiste num simbiose de vários corpos ligados entre si: etérico, físico, mental? — Sim.

— Como vê uma pessoa falecida — como imagem, conceito ou algo diferente? — Vê "imagem" e ouve "voz".

— Durante o contacto com um falecido, este manifesta algum interesse ou apenas responde às perguntas? — Tanto responde como faz perguntas.

— A personalidade conserva-se após a morte? — Sim.

— Como Vanga percebe a morte? — Apenas como o fim físico.

— Existe reencarnação das almas? — Não respondeu.

— O que é mais forte — a ligação familiar ou a espiritual? — Mais forte a ligação espiritual.

— Existem uniões de inteligência de ordem superior? — Sim.

— Qual a origem dessa ordem superior: do cosmos, de civilizações mais antigas na Terra ou do futuro da Terra? — Do cosmos.

— Existiram anteriormente na Terra grandes civilizações? — Sim.

— Quantas? — Não respondeu.

— Pode a civilização humana ser percebida como a infância da inteligência? — Sim.

— Existe no Universo inteligência no mesmo grau de desenvolvimento que a nossa civilização? — Não respondeu.

— Realizar-se-á o encontro com representantes de outra civilização? — Sim.

— Há na atmosfera terrestre "discos voadores"? — Sim.

— De onde vêm? — De um planeta que na língua deles se chama "Vamfim", ou pelo menos ela ouve assim, e esse planeta é o terceiro a contar da Terra. — Não houve mais explicações.

— Realizou-se contacto bilateral (telepático ou outro) com eles? — Não, — são eles que entram em contacto.»

Salta à vista que, se as perguntas da sobrinha são bastante desenvolvidas, as respostas de Vanga são extremamente lacónicas, na esmagadora maioria reduzindo-se a um simples "sim", mais raramente "não", ou concordância com uma das variantes de resposta propostas na pergunta. Na prática, Krasimira obtinha de Vanga apenas confirmação das suas próprias ideias.

O psicólogo Vladimir Levi descreveu assim o seu encontro com Vanga: «No início dos anos oitenta estive na Bulgária em consulta. Por feliz acaso, um amigo do meu paciente tinha a possibilidade de me levar à grande vidente, à clarividente Vanga — normalmente havia filas de anos para ela…

Chegámos à pequena cidade fronteiriça de Petrich, onde Vanga vivia e recebia. O companheiro avisou-me que na véspera do encontro, ao deitar-me, devia colocar dois pedaços de açúcar debaixo da almofada. Não perguntei porquê — já sabia: os curandeiros populares de aldeia frequentemente exigem o mesmo dos seus paroquianos — o açúcar durante a noite absorve supostamente o conteúdo da alma…

Isso despertou-me algum cepticismo, mas ainda assim dormi conscienciosamente sobre o açúcar. Decidi não perguntar nada a Vanga, ir simplesmente conversar, falar, e depois logo se via…

De manhã, a caminho do encontro, embrulhei os pedaços de açúcar num papel, meti ao bolso e, além disso, levei um enorme ramo de flores que na véspera me tinham oferecido num encontro com professores locais; o ramo também passou a noite junto à minha cabeceira…

E eis-nos em casa de Vanga, numa pequena casa de madeira, num quarto apertado onde não havia nada além de um divã, algumas cadeiras e um grande caixote do lixo.

Diante de mim uma velhinha insignificante, minúscula, com um rosto que não fica na memória. A cabeça coberta por um lenço. Nos olhos cataratas. Olha, como é próprio dos cegos, um pouco para o lado… Mantém-se muito direita, de costas direitas. Movimentos imprevisíveis, bruscos — vê-se que obedecem a impulsos internos…

E uma voz de moça, alta, cantante, que parece não sair daquele corpinho seco, mas de qualquer lugar lá de cima, do céu mais próximo…

Logo senti uma leveza extraordinária e uma calma surpreendente. Como se ali estivesse toda a vida, e como se não tivesse corpo — apenas

um arrepio com “pele de galinha” entre as omoplatas lembrava a sua existência…

Coloquei nas pernas de Vanga o meu açúcar juntamente com o ramo de flores. O açúcar ela atirou com desdém, e o ramo começou a apalpar em silêncio…

Finalmente fala claramente (em búlgaro, havia uma tradutora, mas compreendia-se assim mesmo):

— Vejo Elena… Vejo Maria… Quem são?..

E responde ela própria:

— É a tua mãe… E avó… As tuas mulheres falecidas vieram contigo através destas flores…

A minha mãe chamava-se Elena, e a avó — Maria. Vanga não podia saber isso de lado nenhum, exceto… Nos minutos seguintes tornou-se-me claro que ela comunicava com a alma da mãe, com a alma viva — e agora, e ao longo de toda a vida dela:

— A tua mãe nasceu não na Rússia… Ouço… Ouço fala francesa…

A mãe nasceu na Bélgica, em Antuérpia, na infância ouvia à sua volta flamengo e francês, a avó e o avô falavam francês… E isso Vanga não podia saber de maneira nenhuma, e eu próprio não me lembrava há não sei quanto tempo, quase esquecera…

— A mãe pede-te que nunca vás a Leninegrado…

Em Petersburgo eu até então ia frequentemente, lá tenho muitos parentes e amigos… Porque de repente?.. Na humidade de Petersburgo, é verdade, adoecia um par de vezes… Mas nunca mais, jamais?!

Não esclareci nada e o pedido da mãe, transmitido através de uma mediadora em quem não posso deixar de acreditar, cumpro obedientemente até agora.

— A mãe pede que deixes de fumar… Que faças dieta… Cuida do estômago!..

E então Vanga, a velhinha pouco letrada, pronunciou um termo médico que não se sabe de onde lhe era conhecido — “pâncreas” — pâncreas.

Realmente não me era permitido fumar por muitas razões. E tudo certinho quanto ao estômago: não sem ajuda do envenenamento crónico pelo nicotina tive duas vezes pancreatite, da qual quase fui para o outro mundo.

E houve ainda vários pedidos e perguntas cuidadosas que apenas a mãe me poderia fazer…

Depois Vanga falou por si:

— Em breve trabalharás muito com crianças. E dominarás duas novas ciências…

Não sei se foi sugestão ou pela lógica da vida — cumpriu-se: cada vez mais passei a receber crianças, escrevi o livro "Criança não padrão", depois do qual o fluxo de crianças e pais se tornou uma enxurrada…

Quanto às "duas ciências", ainda não sei exatamente o que se queria dizer. Após esse encontro avancei no tocar piano e na composição musical, lancei um disco compacto. E comecei a levar mais a sério a poesia…

Houve depois outro encontro, quando já fui eu que ajudei Vanga, como médico, com dores de cabeça. E ainda um caso de ligação telepática, não se pode chamar de outra forma, com ela… Aproximadamente meio ano depois da viagem à Bulgária, em Moscovo, no inverno, durante dez dias a metade direita do meu rosto doía-me terrivelmente. Pensava que era nevralgia, constipação, tentei tratar — sem resultado.

E eis que por acaso bati com a colher num dente — e percebi: do dente… Há uma dor de dente traiçoeira assim, difusa, que não se reconhece logo.

Corri para o médico. O dente teve de ser extraído urgentemente.

Volto para casa — na caixa do correio uma carta da Bulgária. Escreve Belyana, a tradutora que estava com Vanga (trocámos endereços):

"Vladimir, ontem estive com a Avó (assim chamavam Vanga os seus. — V.L.), e ela de repente lembrou-se de si e entrou em contacto consigo. Manifestou preocupação com o estado dos seus dentes. A Avó disse que deve tratar urgentemente dos seus dentes, ir ao médico…"

Olhei para a data de envio. A carta vinha exatamente há dez dias. Guardo-a como documento de milagre…»

Pela confissão de Vladimir Levi, o encontro com Vanga convenceu-o de que «existe o Grande Lá — existe o Todo-Ser, mesmo que numa forma para nós-aqui incompreensível. Existe ligação entre os que partiram e os vivos, tudo continua… Quando se sabe isso, a inevitabilidade da morte aceita-se facilmente como CONTINUAÇÃO DA VIDA NO TODO.

Quando se compreende o Caminho da Eternidade para a Eternidade como super-tarefa vital — o valor principal torna-se a alegria do conhecimento, o êxtase do espírito. E o valor da saúde e dos outros bens

torna-se relativo e de serviço: sim, é bom — mas como fim em si mesmo é absurdo».

Temos diante de nós o relato de alguém que passou a acreditar. Nem por um momento reflete que ele — pessoa bastante conhecida e não era assim tão difícil saber da sua genealogia. E durante a semana ou mais que esperou pelo encontro com Vanga, os amigos seguramente levaram-no à sauna para se vaporizar e aos restaurantes mais do que uma vez — para tomar um ou dois copos de rakia ou vinho, onde em conversas de coração aberto se podia saber tudo sobre a família e as doenças.

E depois também se podia soprar à velhinha iletrada Vanga a palavra esquisita "pâncreas". E se Levi se queixou de dor de dentes, eis já motivo para a carta. E se não se queixou, avisar quanto aos dentes era muito útil. Pois no início dos anos 80 Vladimir Lvovich já passava largamente dos quarenta (nasceu em 1938), e nessa idade a esmagadora maioria das pessoas já tem problemas sérios com os dentes. E que uma dor de dente pode repercutir no rosto é coisa bem conhecida, e nada de sobrenatural nisso há.

Mais de meio milhão de visitantes cruzaram o limiar da casa de Vanga de 1941 a 1995, quando a doença a prendeu ao leito e deixou de receber.

Em abril de 1992 Vanga profetizou: «Não vejo desgraça para a Bulgária! Nem pólvora nem sangue! Que os búlgaros vivam e prosperem e não percam a esperança! Somos uma tribo heroica. Tudo superaremos! Não há guerra nem haverá. Tudo se arranjará. E terramotos não se esperam. Mas Sófia espera tempos difíceis… A Bulgária resistirá, porque os búlgaros são um povo trabalhador. Não briguem, não se zanguem, amem-se uns aos outros. O principal é que no povo viva a fé e o amor.»

Mas algo semelhante diziam e escreviam então publicamente dezenas e centenas de políticos, publicistas e filósofos búlgaros. Diziam não porque soubessem com exatidão que assim seria, mas para expressar a sua fé no povo búlgaro e apoiar o povo e a si próprios numa época difícil de transição do passado comunista para o futuro pós-comunista. E a versão de que os distúrbios começados na província sérvia do Kosovo entre albaneses poderiam alastrar à Macedónia e obrigar a Bulgária a entrar em guerra não era tomada a sério por nenhum político búlgaro ou mundial da altura.

Nada melhores são outras previsões-apelos: «Fortalecer a fé em Deus, amai-vos uns aos outros e sede mais bondosos, pois sem isso nada

conseguireis. Embora com dificuldade, o mau na Bulgária cede lugar ao bom. Não vos apresseis.

O céu sabe melhor em que ordem devem suceder os acontecimentos. Lá há outras leis e causas»; «A Bulgária espera provações duras, porque somos ateus!»; «As pessoas não acreditam em Deus nem na união, por isso sofrem no pecado»; «Não é um dia, não são dois, já são cinquenta e três anos (desde que sentiu o dom profético. — B.S.) que não há paz na minha alma. Mas digo-vos — só o bem pode vencer o mal. A bondade é a graça de Deus. Sede sábios, não acrediteis em discursos loucos! Assim salvareis-vos mais rapidamente. Vivemos em tempos difíceis. Irmãos e irmãs estão separados. Unamo-nos para nos preservarmos para um destino melhor»; «Um só Deus, um só soberano, um só povo búlgaro — eis o que é preciso!»; «A política é coisa delicada: hoje assim, amanhã de outra forma… As mulheres não têm lugar na política»; «"Azuis", "vermelhos", "verdes" — se os diferentes partidos se unirem, no país reinará a prosperidade».

Qualquer pessoa de bom senso, não pertencente aos fãs zombificados de Vanga, não encontrará nada de único nem de genial neste conjunto de chavões e banalidades.

Ou a sua previsão após a vitória dos socialistas (ex-comunistas) nas eleições parlamentares de 1994: «Nos próximos três anos tudo mudará.» Para prever tal mudança de política não é preciso ter sete palmas de testa.

Boyko Tsvetkova recordava assim os últimos dias de Vanga: «Vanga sabia tudo sobre si própria. Há ainda 4 anos chamou-me e disse que tinha cancro da mama, mas pediu que não dissesse a ninguém. A pedido de Vanga os seus familiares reuniram um consílio médico dos principais especialistas. Mas Vanga recusou a operação, aceitava apenas comprimidos analgésicos.

Vanga esteve consciente até aos últimos minutos da sua vida. Não teve morte clínica. E só foi internada no hospital 9 dias antes da morte, onde não recebeu ninguém exceto os seus familiares.

Vanga e Dimitar tiveram dois filhos adotivos. Uma menina que adotaram quando tinha um ano, e um rapaz chamado Mitko. Atualmente Dimitar Volchev é procurador da cidade de Petrich; esteve com a sua mãe adotiva até aos últimos minutos da vida dela.

No sábado, 10 de agosto, à noite disse-me: “Vemo-nos pela última vez. Amanhã às 10 horas e 10 minutos já não estarei aqui. Não venhas mais. Não quero que me vejas morta”.

Diziam que o cérebro de Vanga foi retirado por cientistas para investigação, mas não foi assim. Nem sequer houve autópsia. Por testamento de Vanga, ninguém tocou no seu corpo.

Vanga legou que a sepultassem à direita da igreja em Rupite. Essa igreja branca em honra da sua mãe Vanga construiu com o seu dinheiro. Por isso todas as histórias de que a herança de Vanga era 100 milhões de dólares são mexericos.

Um dia Vanga viu a sua mãe na imagem de um faraó que a convidou para Notre-Dame. Mas Vanga não foi autorizada a sair para o estrangeiro. E só muitos anos depois dessa visão um jovem búlgaro trouxe a Vanga de presente de Notre-Dame uma cruz de ouro e um Evangelho. Vanga perguntou-lhe: “Porque não te confessaste na catedral?” Ele respondeu que teve vergonha, pois fala mal francês. Ao que Vanga replicou: “Teriam compreendido na mesma. Era a minha mãe que queria falar contigo”.

— Após a morte os órgãos de informação comunicaram que Vanga transmitiu o seu dom a uma menina francesa de 10 anos…

— Vanga sabia quem herdaria o seu dom, mas nunca falou disso. Vanga não tinha discípulos. Considerava que esse dom é dado apenas por Deus. Mas podia ensinar as pessoas muitas outras coisas que sabia fazer perfeitamente.

Quando lhe perguntava: “Madrinha, como cozinhas?” — respondia que alguém batia na tampa da panela e contava o que e quando pôr. Vanga adorava grandes ceias com muita gente. Cozinhava de forma surpreendentemente saborosa, adorava cantar e conversar… E assim foi na sua casa até aos últimos dias.»

Um mês antes da morte Vanga terá anunciado a data exata da sua morte. Realmente morreu às 10 horas e 10 minutos da manhã de 11 de agosto de 1996 de cancro da mama direita, sem permitir que a operassem. Aliás, dificilmente teria sobrevivedo à operação. Quando Vanga já estava no hospital em estado muito grave, pressentindo a morte que se aproximava, dizia: «quando eu for para baixo…» Todo o seu património transmitiu ao Estado.

Um dia Vanga declarou: em França vive uma menina a quem transmitirá as suas capacidades — quando morrer, essa menina de dez anos

ficará cega. Mas antes de morrer mudou de ideias: «Deus deu-me estas capacidades, e Deus decidirá a quem as transmitir. De mim nada depende».

E pouco antes da sua morte Vanga dançava ruchenitsa (dança popular búlgara) num casamento.

Vanga aceitou a morte com um sorriso. Exatamente à meia-noite de 10 de agosto de 1996 os médicos constataram uma melhoria súbita do estado da doente profetisa (fenómeno, note-se, bastante comum antes do fim, quando o organismo mobiliza as últimas forças e atinge uma curta melhoria antes da morte). Segundo palavras da sobrinha, Vanga pediu um copo de água e pão, depois quis que a banhassem. «Agora estou em ordem», disse ela.

Pelas nove da manhã Vanga comunicou que tinham vindo buscá-la os espíritos de parentes falecidos há muito. A vidente parecia falar com eles, fazia movimentos como se acariciasse alguém na cabeça…

No seu testamento à humanidade Vanga escreveu: «Estou doente e em breve partirei de vós. Não brigueis sem mim, reconciliai-vos. Não tenhais inveja de mim em nada, chorai antes a minha vida, pois o meu fardo foi insuportável. Não desejeis demasiado — não podereis pagar por isso. Volto a dizer-vos: não sejais egoístas, não tenhais inveja, sede melhores, mais bondosos, amai-vos uns aos outros».

Ao seu funeral vieram mais de 15 000 pessoas, o que para aqueles lugares foi um acontecimento sem precedentes. Pela última vez vieram expressar-lhe respeito o então presidente Jelyu Jelev, o candidato a presidente Petar Stoyanov, o então embaixador russo na Bulgária Aleksandr Avdeev, membros do governo, deputados, corpo diplomático, jornalistas. Estava em pleno a campanha eleitoral, e os políticos apressaram-se a marcar presença num evento de massas que seria obrigatoriamente mostrado na televisão. Mas isso não anula o facto de dezenas de milhares de compatriotas considerarem sinceramente Vanga uma santa, o que ela, evidentemente, nunca foi.

A 5 de maio de 2008 foi aberto na casa de Vanga em Petrich um museu dedicado a ela, e a rua onde fica a sua casa em Petrich tem o nome de Vanga. Um dos jardins de infância na aldeia de Rupite também tem o seu nome. E em fevereiro de 2011 o vigário arquiepiscopal da cidade de Petrich, o padre Angel Kochev, propôs mesmo a canonização de Vanga, mas não encontrou compreensão na hierarquia ortodoxa búlgara. Hoje

lembram-se de Vanga principalmente em dois países — na Bulgária e na Rússia.

E literalmente a 11 de março de 2014 chegou a notícia de que, 17 anos após a morte de Vanga, a sua casa na aldeia de Rupite foi restaurada e será aberta aos visitantes. Isso aconteceu na Anunciação. A 25 de maio de 2014 foi celebrado um moleben, após o qual todos os interessados puderam visitar a casa da aldeia com três divisões. Na casa de Vanga, cuja visita é gratuita, foram colocadas cópias dos objetos e coisas mais valiosas, pois os originais ficaram no museu de Petrich. Assim, agora já existem dois museus dedicados à vidente búlgara.